

Alistair MacLean



Os Canhões de Navarone

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Alistair MacLean

Os Canhões de Navarone

Tradução de **Mariza Murray**

Título original:

The Guns of Navarone

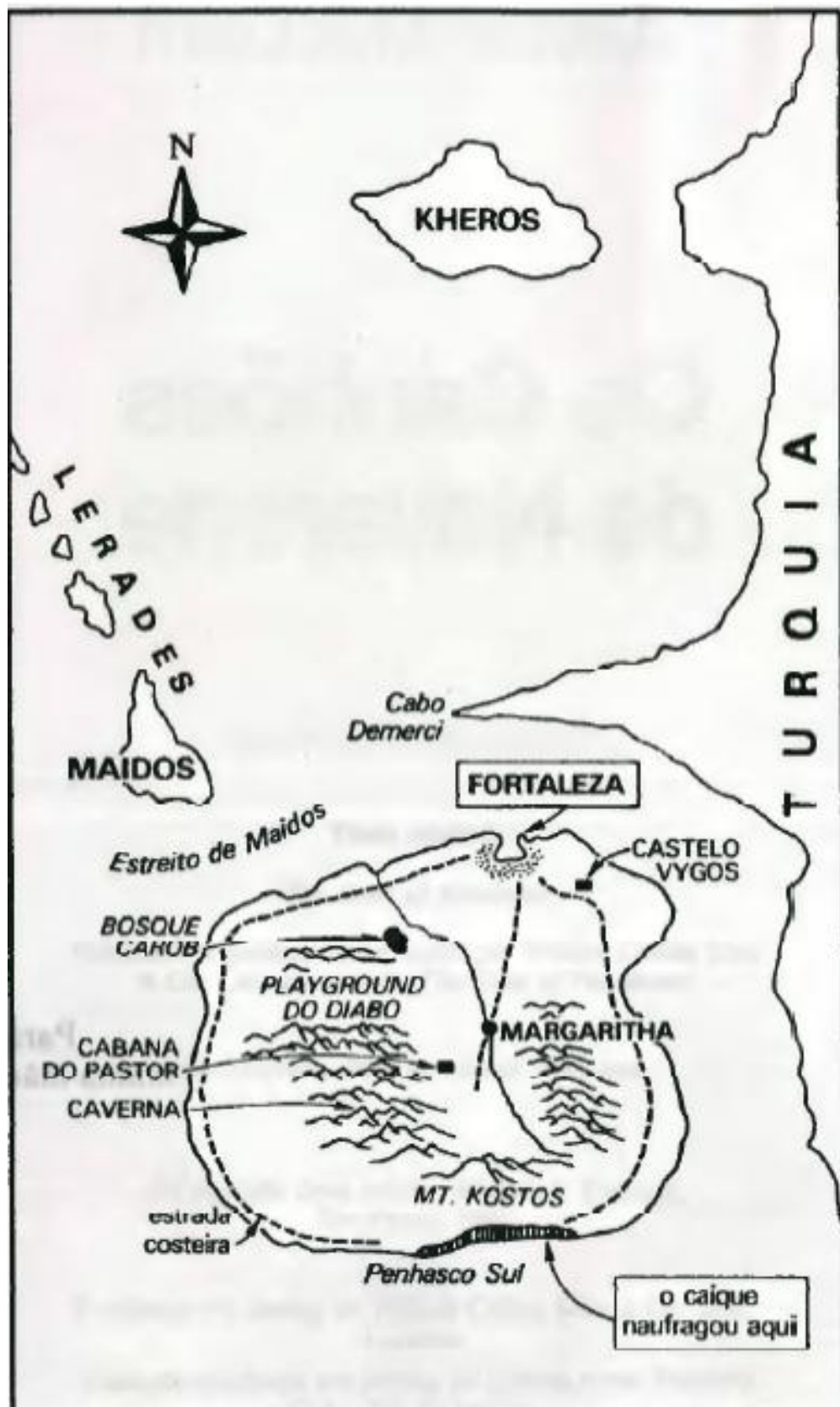
Publicado originalmente em inglês por William Collins Sons
& Co. Ltd. sob o título *The Guns of Navarone*.

© Copyright 1957, by Alistair MacLean.

©Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural,
São Paulo, 1984.

Publicado sob licença de William Collins Sons & Co. Ltd.,
Londres.

Tradução publicada sob licença da Editora Nova Fronteira S.A.,
Rio de Janeiro.



I

Prelúdio — Domingo

De 1 às 9 horas.

O fósforo raspou ruidosamente o metal oxidado da cabana de ferro ondulado e acendeu-se em chispas numa claridade luminosa. Tanto o som áspero como o brilho repentino pareceram estranhos na quietude da noite no deserto. Mecanicamente, os olhos de Mallory seguiram o rastro brilhante que o fósforo deixava rumo ao cigarro que se destacava sob o bigode aparado do capitão de grupo, viram a luz deter-se a poucos centímetros do rosto, viram também a súbita rigidez daquela face, o olhar vazio de um homem perdido na escuta. Logo o fósforo desapareceu, pisado na areia do aeroporto.

— Ouço-os —, disse o capitão de grupo, em voz baixa. — Ouço-os chegar. Cinco minutos, nada mais. Esta noite não tem vento. Aterrissarão na pista número dois. Vamos, vamos esperá-los na sala de interrogatórios.

Fez uma pausa, olhou para Mallory com ar interrogativo e pareceu sorrir. Mas a escuridão era enganadora. Em sua voz não havia bom humor.

— Contenha sua impaciência, jovem. Só mais um pouquinho. Esta noite as coisas não andaram muito bem. Você terá suas respostas, creio que um tanto cedo demais.

O capitão girou sobre os calcanhares e dirigiu-se para as construções atarracadas que apenas se recortavam contra a pálida escuridão um pouco acima da linha do horizonte.

Mallory encolheu os ombros e seguiu-o mais lentamente, colocando-se no passo do terceiro membro do grupo, um tipo gordo e sólido, que andava gingando. Mallory perguntou-se com azedume quanto tempo de prática necessitara Jensen para adquirir aquele jeito de marinheiro. Trinta anos de mar, sem dúvida — e Jensen os havia vivido dia por dia —, era uma garantia suficiente para que um homem gingasse daquele jeito; mas não era essa a questão.

Para o capitão James Jensen, D.S.O. e R.N. — como um brilhante e bem-sucedido chefe de Operações Subversivas no Cairo — o disfarce, a intriga, a dissimulação e a imitação eram a razão de viver. Como estivador e agitador levantino, havia ganho o respeito dos trabalhadores portuários desde Alexandreta até Alexandria. Como cameleiro, passara para trás toda a possível competição beduína; e nenhum mendigo exibira chagas mais patéticas e reais nos mercados e bazares do Oriente. Esta noite, no entanto, representava somente um marinheiro simples e franco. Ia vestido de branco dos pés à cabeça e a luz das estrelas arrancava brilhos suaves dos galões dourados dos ombros e do boné.

Seus passos ressoavam uníssonos sobre a areia endurecida e batiam com força ao pisar a pista de concreto. A apressada silhueta do capitão do grupo já quase desaparecera. Mallory respirou profundamente e virou-se para Jensen.

— Diga-me, senhor, que significa tudo isso? Por que tanto segredo? E por que me meteram, a mim, nesta confusão?! Santo Deus, ontem mesmo me tiraram de Creta com um aviso de oito horas! Disseram que eu tinha um mês de licença. E o que aconteceu?

— Bem — murmurou Jensen —, o que aconteceu?

— Aconteceu que essa licença não existe — disse Mallory, amargamente. — Nem sequer uma noite de sono. Só horas inteiras

no quartel-general do S.O.E., respondendo a uma série de perguntas idiotas sobre a escalada dos Alpes meridionais. Depois tiraram-me da cama à meia-noite, dizendo que eu tinha que me encontrar com o senhor, e me fizeram atravessar esse maldito deserto, durante horas e horas, levado por um escocês louco, cantando canções de bêbado e me fazendo outro montão de perguntas ainda mais idiotas.

— Sempre achei que era um dos meus disfarces mais eficientes — declarou Jensen, presunçoso. — Achei a viagem das mais divertidas.

— Um dos seus... — Mallory parou consternado com a lembrança do que dissera ao velho e embriagado capitão escocês, que dirigia o veículo oficial. — Lamento de verdade, senhor. Nunca imaginei...

— Claro que não! — Jensen o interrompeu vivamente. — Era de esperar que não. Só queria ter certeza se você era a pessoa adequada para a missão. Agora tenho certeza. Já tinha antes de tirá-lo de Creta. Mas não entendo de onde tirou essa idéia de licença. A sanidade do S.O.E. tem sido freqüentemente posta em dúvida, mas nem em sonhos ocorreu-nos enviar um hidro para que um oficial passasse um mês de farra, gastando suas energias nos bordéis do Cairo — terminou secamente.

— Ainda não sei...

— Paciência, amigo, paciência... como acabou de aconselhar nosso capitão do grupo. O tempo é infinito. Esperar e continuar esperando... é a razão de ser do Oriente.

— Mas um total de quatro horas de descanso em três dias não é! — protestou Mallory. — E foi todo o descanso que tive...! Aí vêm eles!

Obedecendo ao reflexo automático produzido pelo brutal esplendor dos faróis de aterrissagem, os dois levantaram os olhos. O fecho de luz se perdia na escuridão. Em menos de um minuto, o pesado avião de bombardeio descera e manobrava perto dele. A pintura cinzenta de camuflagem da fuselagem posterior e das aletas parecia uma peneira de tão furada pelas balas e bombas de canhão; a ponta da asa estava em tiras e o motor exterior do lado

direito avariado e encharcado de óleo. O vidro da cabina estava quebrado e estilhaçado em vários lugares.

Durante algum tempo, Jensen contemplou os orifícios e as cicatrizes do avião avariado. Depois sacudiu a cabeça e afastou o olhar.

— Quatro horas de descanso, capitão Mallory! — disse suavemente. — Quatro horas. Começo a achar que pode considerar-se afortunado por ter descansado tanto.

A sala de interrogatórios, intensamente iluminada por duas lâmpadas potentes, era incômoda e sem ventilação. O mobiliário consistia de alguns mapas e cartas geográficas gastas pelo uso, umas vinte cadeiras, também muito usadas, e uma mesa grande, sem verniz. O capitão de grupo, ladeado por Jensen e Mallory, estava sentado atrás dela, quando a porta se abriu abruptamente e entrou a primeira tripulação, piscando ante a inesperada violência da claridade. Eram precedidos por um piloto forte, de cabelos escuros e carregando o capacete e o casaco de couro na mão esquerda. Levava enfiado até a nuca um gorro típico dos Anzac^{1} e a palavra "Austrália" destacava-se em esmalte branco, nas ombreiras caqui. Com a testa franzida, sem pronunciar palavra ou pedir licença, sentou-se diante deles, tirou um maço de cigarros e riscou um fósforo na mesa. Mallory olhou furtivamente para o capitão de grupo. Este pareceu conformar-se. Até sua voz parecia resignada.

— Senhores, apresento-lhes o chefe da esquadrilha, Torrence. E acrescentou sem necessidade: — É australiano.

Mallory teve a impressão de que o capitão de grupo esperava que isso explicasse certas coisas, inclusive a atitude do capitão da esquadrilha, Torrence.

— Dirigiu-se o ataque desta noite sobre Navarone. Bill, os cavalheiros aqui presentes, o capitão Jensen, da Marinha Real, e o capitão Mallory, do Grupo de Longo Alcance do Deserto, têm um interesse especial em Navarone. Como foram as coisas hoje?

— Navarone! Então é por isso que estou aqui, pensou. Navarone! Já a conhecia, ou melhor, já conhecia de nome! Assim como todos que haviam servido em qualquer época no

Mediterrâneo oriental; uma fortaleza inexpugnável e sinistra, de ferro, em frente à costa turca, fortemente defendida — segundo se dizia — por uma guarnição mista de alemães e italianos; umas das poucas ilhas do Egeu na qual os aliados não tinham conseguido estabelecer uma missão, quanto mais recapturá-la durante a guerra...

Percebeu que Torrence estava falando, a voz pesada, lenta, de raiva controlada.

— Um horror — disse Torrence. — Uma matança. Um verdadeiro suicídio.

Bruscamente parou de falar e ficou contemplando o vazio, os lábios apertados, através da fumaça de seu cigarro.

— Mas gostaríamos de voltar de novo — prosseguiu. — Eu e os rapazes. Só mais uma vez. Estávamos comentando isso ao regressar.

Mallory percebeu um murmúrio de vozes ao fundo, uma espécie de grunhido de aprovação.

— Gostaríamos de levar o cara que idealizou essa missão, e jogá-lo de bordo a dez mil pés de altura, sobre Navarone, sem pára-quadras.

— Foi tão ruim assim, Bill?

— Foi. Não tínhamos nada a nosso favor. Em primeiro lugar tivemos o tempo contra nós. Os sujeitos do Serviço Meteorológico erraram como sempre.

— Anunciaram bom tempo?

— Sim. Bom tempo. Dez décimos sobre o alvo — disse Torrence amargamente. — Tivemos que descer a mil e quinhentos pés. Não que fizesse diferença. Teríamos mesmo que baixar mais ainda e logo subir: aquele penhasco oculta o alvo por completo. Seria o mesmo que atirar uma chuva de folhetos pedindo que explodissem seus malditos canhões... Além do mais, têm a metade dos canhões antiaéreos do sul da Europa concentrados num vetor estreito de 50 graus. O único por onde se aproximar do alvo, ou de qualquer lugar perto do alvo. Russ e Conroy levaram bala logo de saída. Não chegaram à metade do caminho para o porto. Não tiveram a menor chance.

— Já sei, já sei. — O capitão de grupo concordou gravemente.
— Já ouvimos isso. O rádio estava recebendo bem... E McIlveen? Foi derrubado ao norte de Alexandria?

— Foi. Mas ele se arranja. O avião ainda estava flutuando quando passamos por cima. A balsa estava boiando e o mar parecia um lago. Ele se arranja — repetiu Torrence.

O capitão de grupo mais uma vez concordou e Jensen puxou-lhe a manga.

— Posso fazer umas perguntas ao chefe da esquadrilha?

— Naturalmente, capitão. Não precisa pedir licença.

— Obrigado. — Jensen olhou o corpulento australiano e esboçou um sorriso. — Só uma perguntinha. Não tem vontade de voltar lá?

— Claro que não! — grunhiu Torrence.

— Por quê?

— Porque não acredito em suicídio. Porque não acredito em sacrificar inutilmente gente boa. Porque não sou Deus e não posso fazer o impossível. — Na voz de Torrence havia um tom decisivo que traduzia convicção e não admitia discussão.

— Você diz que é impossível? — persistiu Jensen. — Isto é muito importante.

— Minha vida também. E a vida de meus companheiros. — Torrence indicou-os, sacudindo o polegar sobre o ombro. — É impossível. Pelo menos é impossível para nós. — Passou a mão cansada pelo rosto. — Talvez com hidro Dornier, equipado com essas novas bombas deslizantes de controle remoto... Não sei. Sei que com nosso material não temos a menor chance. Não — acrescentou amargamente —, a não ser que se pudesse carregar um Mosquito cheio de TNT e jogá-lo em vôo picado a quatrocentos pés de altura sobre a boca da caverna onde estão os canhões. Assim há sempre uma possibilidade.

— Obrigado, Torrence... e a todos vocês. — Jensen levantou-se. — Sei que fizeram o que puderam e que ninguém poderia ter feito mais. Sinto muito... Capitão de Grupo?

— Já irei ter com os senhores. — Fez sinal para que o oficial da Inteligência, que estivera sentado atrás deles, ocupasse seu

lugar e dirigiu-se pela porta lateral, até suas próprias acomodações. — Bem, o negócio é esse. — Tirou o selo de uma garrafa de Talisker, e pegou uns copos. — Terá de aceitá-lo como definitivo, Jensen. A esquadrilha de Bill Torrence é a mais antiga e a de mais experiência que temos na África hoje em dia. Gente acostumada a destruir o poço de petróleo de Ploesti e achar que é uma moleza. Se alguém podia ter levado a cabo com sucesso a missão dessa noite, esse alguém era Bill Torrence, e se diz que é impossível, creia-me, capitão Jensen, é porque é mesmo.

— Sim — disse Jensen contemplando sombrio o líquido cor de âmbar, no copo que segurava em sua mão. — Sim, já sei. Quase que já sabia antes, mas não podia ter certeza nem arriscar-me a errar... É uma lástima que uma dúzia de homens tivesse que morrer, para demonstrar que eu tinha razão... Agora só nos resta um recurso.

— Só um recurso — repetiu o capitão de grupo. Levantou o copo e com um movimento de cabeça acrescentou: — Boa sorte em Kheros!

— Boa sorte em Kheros! — repetiu Jensen por sua vez. Seu rosto estava sério.

— Ouçam! — Mallory implorou. — Estou completamente perdido. Alguém pode me explicar...

— Kheros — interrompeu Jensen. — Essa é a sua deixa, jovem. O mundo é um palco, filho, e é aqui que você deixa os bastidores dessa pequena comédia. — O sorriso de Jensen não era alegre. — Lamento que tenha perdido os dois primeiros atos, mas não perca o sono por causa disso. Não se trata de um papel secundário. Você será a estrela, agrade-lhe ou não. É assim. Kheros, Terceiro Ato, Cena 1. Entra em cena o capitão Keith Mallory.

Nenhum dos dois pronunciara uma palavra nos últimos dez minutos. Jensen guiava o grande Humber oficial com a mesma eficiência tranqüila que caracterizava tudo quanto fazia: Mallory ainda estava inclinado sobre o mapa que tinha sobre os joelhos, um mapa do Almirantado, em escala grande, do Egeu meridional, iluminado por uma luz ligada ao quadro do automóvel, estudando a

área das Esporadas e do Dodecaneso do norte, fortemente enquadrados com lápis vermelho. Por fim, esticou-se e sentiu um arrepio. Até no Egito as noites de novembro eram frias demais para serem confortáveis. Olhou para Jensen.

— Creio que já o decorei, senhor.

— Esplêndido! — exclamou Jensen com os olhos fixos na faixa cinza serpenteante do poeirento caminho que os longos jatos brancos dos faróis perfuravam na escuridão do deserto. Os faróis subiam e desciam constantemente, hipnoticamente, ao compasso das molas sobre o esburacado caminho. — Esplêndido! — repetiu. — Agora volte a examiná-lo e imagine-se destro da cidade de Navarone; naquela baía quase circular ao norte da ilha. Diga-me, o que veria dali?

Mallory sorriu.

— Não preciso voltar a examiná-lo. A umas quatro milhas para o leste, veria a costa turca curvando-se para o norte e para o oeste em um ponto quase ao norte de Navarone — um agudíssimo promontório, pois a costa superior se curva para leste. Cerca de dezesseis milhas de distância, ao norte, além desse promontório — o cabo Demirci, não? — e quase paralela a ela veria a ilha de Kheros. Finalmente, a seis milhas a oeste, a ilha de Maidos, a primeira do grupo das Leradas; estendem-se umas cinquenta milhas para noroeste.

— Sessenta! — Jensen concordou. — Você tem boa vista, amigo. Você tem coragem e experiência, e uma pessoa não sobrevive dezoito meses em Creta sem esses atributos. Tem também uma ou duas qualidades especiais que mencionarei depois. — Fez uma pausa breve e balançou a cabeça lentamente. — Só desejo que tenha sorte... toda a sorte possível. Deus sabe que vai precisá-la.

Mallory esperou ansioso, mas Jensen ficou ensimesmado. Passaram-se três minutos, talvez cinco, e só se ouvia o barulho dos pneus, o rumor abafado do potente motor. De repente, Jensen mexeu-se e começou a falar lentamente, sem contudo tirar a vista do caminho.

— Hoje é sábado, ou melhor, o amanhecer de domingo. Há mil e duzentos homens na ilha de Kheros, mil e duzentos soldados britânicos, que morrerão, serão feridos ou feitos prisioneiros até sábado próximo. A maior parte será morta. — Pela primeira vez olhou para Mallory e sorriu, um sorriso breve, um sorriso que era quase uma careta e que logo sumiu. — O que se sente quando se tem mil vidas na mão, capitão Mallory?

Durante uns segundos Mallory contemplou o rosto impassível de Jensen. Depois afastou o olhar e voltou a examinar o mapa. Mil e duzentos homens em Kheros. Mil e duzentos homens que esperavam a morte. Kheros e Navarone, Kheros e Navarone. Como era aquele verso, aquele refrão que aprendera há vários anos, naquele pequeno vilarejo, nas estâncias de ovelhas nos arredores de Queenstown? Chimborazo, era isso. “Chimborazo e Cotopaxi, vocês roubaram meu coração.” Kheros e Navarone tinham o mesmo som, o mesmo resplendor indefinível, o mesmo feitiço novelesco que se apodera de um homem e nele se incrusta. Kheros e... quase furioso sacudiu sua cabeça e tratou de concentrar-se. As peças do quebra-cabeça começavam a encaixar, mas muito lentamente.

Jensen rompeu o silêncio.

— Você se lembra que há dezoito meses atrás, depois da queda da Grécia, os alemães haviam-se apoderado de quase todas as ilhas das Esporadas; os italianos, está claro, tinham já em seu poder quase todo o Dodecaneso. Então começamos a estabelecer missões, gradualmente, nestas ilhas, geralmente com seu pessoal na vanguarda, ou seja, o Grupo de Longo Alcance do Deserto, ou o Serviço Especial de Barcos. Em setembro último, havíamos voltado a conquistar quase todas as ilhas maiores, exceto Navarone. Era uma posição demasiado difícil para tomar, portanto passamos ao largo. Trouxemos algumas guarnições e, além disso, forças de batalha. — Sorriu para Mallory. — Você estava em sua caverna nas montanhas Brancas, mas lembra-se como os alemães reagiram?

— Violentamente?

Jensen concordou.

— Exatamente. Para dizer a verdade, muito violentamente. A influência política da Turquia, nesta parte do mundo, é impossível

de ser superestimada, e sempre foi sócia em potencial, tanto para o Eixo, como para os Aliados. A maioria dessas ilhas está a umas milhas apenas da costa turca. A questão de prestígio, de restaurar a confiança na Alemanha era urgente.

— E então?

— Colocaram todo seu peso na balança: tropas pára-quedistas, tropas transportadas por via aérea, brigadas de montanhas escolhidas, hordas de Stukas — ouvi dizer que limpavam a frente italiana de bombardeiros para dedicá-los a essas operações. Seja como for, jogaram tudo. Em poucas semanas, perdemos mais de dez mil homens e todas as ilhas foram reconquistadas, exceto a de Kheros.

— E agora chegou a vez de Kheros?

— Sim. — Jensen tirou dois cigarros do maço e ficou calado, até que Mallory os acendeu e jogou o fósforo pela janela, para o pálido reflexo do Mediterrâneo, ao norte do caminho costeiro. — Sim, Kheros está em jogo. Nada poderá salvá-los. Os alemães têm superioridade aérea absoluta no Egeu.

— Mas... mas como é que você sabe que será esta semana?

Jensen suspirou.

— Meu filho, a Grécia é um viveiro de agentes aliados. Só na área de Atenas e Pireu temos mais de duzentos e...

— Duzentos?! — Mallory interrompeu incrédulo. — O senhor disse...

— Disse — confirmou Jensen sorridente. — Uma mera bagatela, asseguro-lhe, comparado com os vastos bandos de espões que circulam livremente entre nossos anfitriões no Cairo e em Alexandria. — Ficou sério novamente. — De qualquer maneira, nossa informação é exata. Uma armada de lanchas zarpará do Pireu ao amanhecer de quinta-feira e irá de ilha em ilha, através das Cicladas, nelas só se abrigando durante a noite. — Sorriu. — Uma situação curiosa, não lhe parece? Não nos atrevemos a mexer-nos durante o dia, pois seremos bombardeados. Os alemães não se atrevem durante a noite. Verdadeiras ondas dos nossos torpedeiros e barcos M.T.B. e canhoneiras patrulham o Egeu ao escurecer. Os torpedeiros se retiram para o sul antes do amanhecer e os barcos

pequenos se refugiam nos rios das ilhas. Mas não podemos impedi-los de avançar. Chegarão lá sábado ou domingo e sincronizarão seu desembarque com as primeiras tropas transportadas por via aérea; há montões de Junkers 52S esperando nos arredores de Atenas. Kheros não agüentará nem dois dias.

Ninguém que escutasse a voz cuidadosamente casual de Jensen e seu tom de absoluta sinceridade deixaria de acreditar em suas palavras.

E Mallory acreditou. Durante quase um minuto, manteve a vista fixa no reflexo do mar, no feérico traço prateado das estrelas reluzindo na sua superfície escura e plácida. Subitamente, virou-se para Jensen.

— Mas... a Marinha, senhor? Retirada! Certamente a Marinha...

— A Marinha — interrompeu gravemente Jensen — não está preparada. Já está farta do Mediterrâneo oriental e do Egeu, farta de pôr o pescoço já bastante castigado, dia após dia, para que o cortem... e tudo para nada. Destroçaram-nos dois couraçados, oito cruzadores — quatro postos a pique — e cerca de uma dúzia de torpedeiros perdidos... Isso sem falar no número incalculável de barcos menores que perdemos. E para quê? Já disse... para nada. Para que o nosso Alto Comando se divirta brincando de “pega ladrão”, e “quem é o dono dessa prenda”, com seus adversários de Berlim. Uma grande brincadeira para todos os interessados, exceto é claro para os mil soldados e marinheiros que se afogaram no transcurso do jogo; os dez mil ou mais soldados ingleses, australianos e hindus que sofreram e morreram nessas mesmas ilhas... e morreram sem saber por quê.

As mãos de Jensen estavam brancas no volante, seus lábios apertados num ricto amargo. Mallory ficou surpreso, quase chocado, ante a veemência e a profundidade de sentimentos; era tão diferente do normal... Ou talvez fosse normal, talvez Jessen soubesse muito mais sobre o que estava acontecendo.

— O senhor disse mil e duzentos homens? — Mallory perguntou em voz baixa. — O senhor disse que havia mil e duzentos homens em Kheros?

Jensen olhou-o rapidamente e afastou novamente a vista.

— Sim. Mil e duzentos homens. — Suspirou. — Você tem razão, meu filho, você tem razão, naturalmente. Estou falando demais. Claro que não podemos abandoná-los ali. A Marinha fará o que puder. Que representam dois ou três torpedeiros a mais? Perdão, amigo, perdão, já estou outra vez falando demais... Escute, escute com atenção...

— Tirá-los dali requer uma operação noturna. Durante o dia não há a mais remota possibilidade; não com duzentos ou mais Stukas esperando vislumbrar um torpedeiro da Marinha Real. Terão que ser torpedeiros; os transportes e outros barcos são demasiado lentos. E de modo algum podem ir ao norte pela ponta setentrional das Leradas; nunca regressariam com segurança, antes do amanhecer. É uma viagem grande demais.

— Mas as Leradas são compostas por uma fileira enorme de ilhas — disse Mallory. — Os torpedeiros não poderiam passar...

— Entre duas delas? Impossível. — Jensen sacudiu a cabeça. — Todas aquelas águas estão minadas até a alma. Cada canal. Não podemos passar nem com um barco salva-vidas.

— E o canal Maidos-Navarone? Está também cheio de minas, não é?

— Não, este está limpo. É de águas profundas. E não se pode minar águas profundas.

— Então é essa a rota que temos de seguir, não é mesmo? Quer dizer, do outro lado são águas territoriais turcas e nós...

— Iríamos pelas águas territoriais turcas amanhã, e em plena luz do dia, se nos trouxesse alguma vantagem — disse Jensen secamente. — Os turcos sabem disso e os alemães também. Mas sendo tudo igual, pegaremos o canal ocidental. É um canal mais limpo, uma rota mais certa... e não representa nenhuma complicação internacional.

— Tudo sendo igual?

— Os canhões de Navarone. — Jensen fez uma pausa grande e logo repetiu lentamente, sem expressão, como alguém repetiria o nome de um inimigo antigo e temido. — Os canhões de Navarone. Tornam tudo igual. Eles cobrem as entradas do norte de ambos os

canais. Poderíamos tirar os homens de Kheros esta noite... se pudéssemos silenciar os canhões de Navarone.

Mallory permaneceu calado. Agora ele vai entrar no assunto, pensou.

— Esses canhões não são comuns — continuou Jensen, falando tranqüilamente. — Nossos técnicos navais dizem que seus canos têm nove polegadas. Eu acho que são mais uma versão do 210 mm que os alemães estão usando na Itália. Nossos soldados os detestam e os temem, mais que a tudo no mundo. É uma arma perigosa; seu obus é muito lento no vôo e terrivelmente eficaz. De qualquer maneira — continuou com determinação — seja como for, não demoraram mais do que cinco minutos para eliminar o *Sybaris*.

Mallory concordou lentamente.

— O *Sybaris*? Acho que ouvi...

— Um cruzador de oito polegadas que enviamos há uns quatro meses para se entender com os hunos. Mera formalidade, um exercício de rotina, pensamos. Arrebentaram com o *Sybaris*. Só restaram dezessete sobreviventes.

— Santo Deus! — exclamou Mallory espantado. — Não sabia...

— Há dois meses organizamos um ataque anfíbio em grande escala contra Navarone. — Jensen nem sequer ouvira a interrupção. — Comandos, Comandos de Marinha Real e o Serviço Especial de Barcos de Jellicoe. Sabíamos que havia menos de cinquenta por cento de possibilidades. Navarone é praticamente um sólido rochedo por todos os lados. Mas esses eram homens muito especiais, provavelmente a melhor tropa de assalto do mundo. — Jensen ficou silencioso, durante quase um minuto, e logo continuou lentamente. — Foram esfaqueados. Quase todos massacrados. Finalmente, duas vezes nesses últimos dez dias — há muito que sentimos esse ataque sobre Kheros se aproximando —, mandamos pára-quedistas sabotadores: homens do Serviço Especial de Barcos. — Ergueu os ombros com desânimo. — Sumiram.

— Sem mais nem menos?

— Sem mais nem menos. E hoje então foi a cartada do jogador desesperado. — Jensen riu, levemente e sem alegria. — Na

sala de interrogatórios, fiquei bem calado lá esta noite, posso lhe afirmar. Eu era o “cara” que Torrence e seus rapazes queriam atirar do ar em Navarone. Não os condeno. Mas tive que fazê-lo. Não havia outro remédio. Sabia que era inútil, mas tinha que fazê-lo.

O gigantesco Humbler começava agora a reduzir sua velocidade, rodando silenciosamente, entre as choças e as cabanas alinhadas ao longo da estrada oriental de Alexandria. O céu que se estendia diante dele começava a tingir-se com os primeiros tons cinzentos da falsa aurora.

— Não creio que eu seja grande coisa como pára-quedista — disse Mallory com sinceridade. — Para falar com franqueza, nunca vi um pára-quedas.

— Não se preocupe — disse Jensen rapidamente. — Não terá de usá-lo. Você irá a Navarone pelo caminho mais duro.

Mallory esperou esclarecimento, mas Jensen emudeceu e dedicou toda sua atenção em evitar os enormes buracos que começavam a marcar o caminho. Depois de um certo tempo, Mallory perguntou:

— E por que eu, capitão Jensen?

O sorriso de Jensen foi apenas perceptível na escuridão cinzenta. Fez o volante virar violentamente para evitar uma cratera e voltou a acertar a direção.

— Está com medo?

— Claro que estou. Não quero ofendê-lo, capitão, mas sua maneira de falar assusta qualquer um... Mas não era isso que quis dizer.

— Sei que não era. É o meu humor perverso... Por que você? Você reúne condições especiais, meu rapaz, tal como já disse antes. Fala grego como um grego. Fala alemão como um alemão. É um sabotador habilíssimo, um organizador de primeira. Dezoito meses sem um erro nas montanhas Brancas de Creta são demonstração convincente de sua aptidão para sobreviver em território inimigo. — Jensen riu. — Ficaria surpreso com a ficha que tenho de você.

— Não, não me surpreenderia — falou Mallory com sinceridade. — E — acrescentou — sei de pelo menos três outros oficiais que possuem as mesmas condições.

— Há outros, sim — concordou Jensen. — Porém não há outros Keith Mallory. Keith Mallory — repetiu com ênfase. — Quem não ouviu falar de Keith Mallory nos dias felizes e tranquilos de antes da guerra? O melhor alpinista, o melhor escalador que a Nova Zelândia já conheceu! E dizer Nova Zelândia quer dizer o mundo! A mosca humana, o escalador do inescalável, o alpinista dos penhascos verticais e dos precipícios impossíveis. Toda a costa sul de Navarone — prosseguiu Jensen animadamente — se resume num vasto e impossível precipício. Não há um só lugar para agarrar.

— Compreendo — murmurou Mallory. — Compreendo mesmo. “Irá a Navarone pelo caminho mais duro.” Foi o que disse.

— Exato — concordou Jensen. — Você e seu grupo; só mais quatro. Os alegres Alpinistas de Mallory. Escolhidos a dedo. Cada um, um especialista no ramo. Vai conhecê-los amanhã... ou melhor, esta tarde.

Continuaram avançando em silêncio durante dez minutos. Depois viraram à direita na área das docas, sacudidos pelas pedras do calçamento da rua Souers, rodaram na direção da praça Mohamed Ali, passaram em frente à Bolsa e dobraram à direita para Sherif Pasha.

Mallory observou o homem ao volante. A luz intensa lhe permitia ver seu rosto mais claramente agora.

— Onde vamos, capitão?

— Ver o único homem do Oriente Médio que nesse momento pode lhe dar alguma ajuda. O Senhor Eugene Vlachos, de Navarone.

— O senhor é um homem valente, capitão Mallory. — Eugene Vlachos retorcia nervosamente os bigodes negros, longos e pontiagudos. — Valente e louco, eu diria, mas acho que não posso chamar de louco um homem que se limita a obedecer ordens. — Seus olhos abandonaram o grande croqui que estava em cima da mesa, à sua frente, e procuraram o rosto impassível de Jensen.

— Não existe outro meio, capitão? — perguntou em tom de súplica.

Jensen sacudiu a cabeça, lentamente.

— Há outros. Tentamos todos. Todos fracassaram. Este é o último.

— Então ele tem que ir?

— Há mais de mil homens em Kheros, senhor Vlachos.

Vlachos inclinou a cabeça em silenciosa aceitação e logo sorriu amarelo para Mallory.

— Ele me chama “senhor”. A mim, um pobre hoteleiro grego. O capitão Jensen, da Marinha Real, me chama de “senhor”. Isto faz um velho se sentir bem. — Parou, olhou vagamente o espaço, seus olhos apagados e cansados, o rosto cheio de ternura pelas recordações. — Um velho, capitão Mallory, um velho agora, um homem pobre e triste. Mas nem sempre fui assim, nem sempre. Antigamente eu era moço e rico e feliz. Tinha uma propriedade linda, cem milhas quadradas da terra mais maravilhosa que Deus criou para que os olhos das suas criaturas aqui embaixo se extaciassem! E como amava essas terras! — Riu abertamente e passou a mão por seus espessos cabelos grisalhos. — Ora! Como vocês costumam dizer, suponho que tudo depende dos olhos do dono. “Uma terra maravilhosa”, eu disse, “aquela amaldiçoada rocha” como o capitão Jensen a descreve, quando não estou por perto. — Sorriu diante do súbito embaraço de Jensen. — Mas nós dois lhe damos o mesmo nome: Navarone.

Espantado, Mallory olhou para Jensen. Este concordou.

— A família Vlachos é dona de Navarone há várias gerações. Há dezoito meses tivemos que tirar o senhor Vlachos dali, com toda pressa. Os alemães não estavam muito satisfeitos com sua espécie de colaboração.

— Foi, como se diz, num abrir e fechar de olhos — Vlachos assentiu. — Tinham preparado para mim e para meus dois filhos dois calabouços especiais em Navarone... Mas chega de falar na família Vlachos. Só queria que soubesse, jovem, que passei quarenta anos em Navarone e quase quatro dias — disse apontando para a mesa — fazendo esse mapa. Pode fiar-se completamente nele e nas minhas informações. É claro que podem ter mudado muitas coisas, mas há as que não mudam nunca. As montanhas, as baías, as passagens, as cavernas, as estradas, as

casas e, acima de tudo, a própria fortaleza; tudo isso permaneceu inalterável durante séculos, capitão Mallory.

— Compreendo, Senhor Vlachos — disse Mallory, dobrando o mapa cuidadosamente e guardando-o na sua túnica. — Isso sempre facilita as coisas. Muito obrigado.

— É pouca coisa, Deus sabe disso. — Os dedos de Vlachos tamborilaram um momento sobre a mesa. Logo pousou seus olhos em Mallory. — O capitão Jensen me informou que a maioria de vocês fala grego perfeitamente, que se vestirão como lavradores gregos e que levarão documentos falsos. Acho ótimo. Trabalharão, como dizem, por conta própria.

Fêz uma pausa e logo continuou dizendo com grande sinceridade:

— Por favor, não tente conseguir ajuda da gente de Navarone. Deve evitar isso a todo o custo. Os alemães são cruéis. Eu sei. Se alguém o ajudar e se descobrirem, destruirão não só a ele, mas a todo o povoado, com seus homens, mulheres e crianças. Não seria a primeira vez. E voltará a acontecer.

— Aconteceu em Creta — afirmou Mallory com calma.

— Já vi com meus próprios olhos.

— Exatamente. — Vlachos concordou. — E o povo de Navarone não tem nem habilidade nem experiência para operações de guerrilha. Não tiveram a oportunidade; a vigilância alemã tem sido particularmente severa em nossa ilha.

— Prometo... — começou Mallory. Vlachos levantou a mão.

— Um momento. Se se tratar de um caso desesperado, realmente desesperado, há duas pessoas a quem pode recorrer. Sob o primeiro olmo da praça da cidade de Margaritha, na embocadura do vale situado a umas três milhas ao sul da fortaleza, encontrará um homem chamado Louki. Tem sido o administrador de minha família há vários anos. Louki já ajudou os ingleses antes, o capitão Jensen pode confirmar, e pode confiar-lhe sua vida. Tem um amigo, Panayis; este, também, já foi útil em ocasiões anteriores.

— Obrigado. Não esquecerei. Louki e Panayis e Margaritha — o primeiro olmo da praça.

— E o senhor recusará qualquer outra ajuda, capitão? — perguntou Vlachos com ansiedade. — Louki e Panayis, só esses dois — suplicou.

— Tem a minha palavra, senhor. Além disso, quanto menos souberem, mais seguro para nós e para seu povo. — Mallory estava surpreso com a veemência do velho.

— Assim o espero, assim o espero. — Vlachos suspirou profundamente.

— O senhor se preocupa desnecessariamente. Ninguém nos verá — prometeu confiante. — Ninguém nos verá e não veremos ninguém. Só vamos atrás de uma coisa: os canhões.

— Ah, os canhões... aqueles horríveis canhões. — Vlachos sacudiu a cabeça. — Mas suponha que...

— Por favor, não se preocupe — insistiu Mallory com tranqüilidade. — Não causaremos danos a ninguém... e muito menos aos seus ilhéus.

— Que Deus o acompanhe esta noite! — murmurou o velho. — Que Deus o acompanhe esta noite. Só desejava poder ir também.

II

Domingo à Noite

Das 19 às 2 horas.

— Café, capitão?

Mallory mexeu-se e gemeu, lutando para sair das profundezas do sono em que o esgotamento o prostrara. Aprumou-se com dificuldade, apoiando-se contra o encosto de seu assento de armação metálica e se perguntou, mau humorado, quando a Força Aérea se resolveria a estofar essas geringonças diabólicas. Acabou de acordar, e seus olhos cansados automaticamente focalizaram o mostrador luminoso de seu relógio de pulso. Eram sete horas. Só sete horas — dormira duas horas apenas. Por que não o deixaram dormir em paz?

— Café, capitão?

O jovem artilheiro aéreo ainda esperava pacientemente a seu lado com a tampa invertida de caixa de munições, servindo-lhe de bandeja para as xícaras.

— Desculpe, rapaz, desculpe — Mallory lutou para sentar-se, pegou uma das xícaras do líquido fumegante e cheirou-a

apreciadamente. — Obrigado. Sabe, isto cheira a café de verdade.

— E é, senhor. — O artilheiro sorriu com orgulho. — Temos uma cafeteira de filtro na cozinha.

— Têm uma cafeteira de filtro na cozinha! — Mallory sacudiu a cabeça com incredulidade. — Puxa vida, os rigores da guerra na Força Aérea! — Voltou a reclinar-se, sorveu o café com enorme prazer e suspirou satisfeito. Logo a seguir já estava de pé e olhou pela janela que se achava a seu lado, enquanto o café quente salpicava a esmo seus joelhos descobertos. Olhou para o artilheiro e gesticulou incrédulo diante da paisagem montanhosa e escura que se descortinava lá embaixo.

— Que raio se passa aqui? Tínhamos que chegar horas depois do escurecer... e o sol apenas se pôs. Será que o piloto...?

— Isto é Chipre, capitão. — O artilheiro sorriu. — No horizonte se pode ver o monte Olimpo. Quando vamos a Castelrosso, quase sempre fazemos um grande L sobre Chipre. É para escapar à observação. E isso nos afasta bastante de Rodes.

— Para escapar à observação! — O forte sotaque transatlântico vinha da cadeira do outro lado da passagem. Quem falara estava jogado — não existe palavra mais adequada — em seu assento e seus joelhos ossudos ultrapassavam o nível do queixo. — Santo Deus! Para escapar à observação! — repetiu maravilhado. — "Ls" sobre Chipre. Vinte milhas de Alexandria por barco, para que ninguém na terra nos visse saindo de avião. E o que acontece? — Ergueu-se com dificuldade no assento, arriscou um olho na base da janela e deixou-se cair novamente, visivelmente esgotado pelo esforço. — E o que acontece? Eles nos empacotam num ferro-velho pintado da cor mais branca que já se viu, com visibilidade garantida a cem milhas de distância, até para um cego; ainda mais agora que está escurecendo.

— Protege contra o calor — esclareceu o jovem artilheiro na defensiva.

— O que me preocupa não é o calor, meu filho. — A voz soava mais cansada e mais lúgubre que nunca. — Gosto do calor. Não gosto é desses obuses antipáticos e dessas balas que ventilam um

homem nos lugares errados. — Ainda que parecesse impossível, deixou sua espinha dorsal deslizar mais uma polegada no assento, fechou os olhos fatigados e pareceu adormecer num instante.

O jovem artilheiro balançou a cabeça com admiração e sorriu para Mallory.

— Está muito preocupado, não é verdade, capitão?

Mallory riu enquanto o jovem desaparecia na cabina de controle. Sorveu seu café lentamente e voltou a contemplar a figura adormecida, do outro lado do corredor. A feliz despreocupação era magnífica: o cabo Dusty Miller, dos Estados Unidos, e mais recentemente das Forças de Longo Alcance do Deserto, seria um bom elemento para se ter à mão.

Olhou em volta para os outros e sentiu-se satisfeito. Todos seriam úteis. Dezoito meses em Creta desenvolveram nele um sentido infalível para julgar a capacidade de um homem de sobreviver no tipo de luta irregular na qual ele mesmo estivera metido há tanto tempo. De estalo apostaria na capacidade de sobrevivência daqueles quatro homens. Ao escolher um time destacado, o capitão Jensen enchera-o de orgulho. Ainda não conhecia todos, pelo menos pessoalmente. Mas estava a par das fichas detalhadas que Jensen tinha de cada um deles. Eram tranqüilizadoras, para dizer o mínimo.

Existiria, talvez, uma leve dúvida quanto a Stevens? Mallory olhou-o com atenção, enquanto contemplava a figura juvenil e loura, que olhava com avidez por baixo da resplandecente asa branca do Sunderland. O tenente Andy Stevens, R.N.V.R., fora escolhido para essa empresa por três razões. Dirigiria a embarcação que os levaria a Navarone; era um alpinista de primeira, com várias escaladas importantes em seu favor; e era produto da seção clássica de uma universidade moderna, um gregófilo quase fanático, com tanto domínio do grego antigo como do moderno; e havia passado suas duas últimas férias, antes da guerra, como guia turístico em Atenas. Mas era jovem, absurdamente jovem, pensou Mallory ao olhá-lo, e a juventude podia ser perigosa. Muitas vezes fora fatal na luta de guerrilhas nas ilhas. O entusiasmo, o fogo, o ardor da juventude não bastavam; ou, mais precisamente, era até

desvantagem. Não era uma guerra de toques de cometa e máquinas barulhentas, de lutas de peito descoberto entre o clamor da batalha: era uma guerra de paciência, resistência e estabilidade, de astúcia, habilidade e cautela; atributos raros na juventude... Mas dava a impressão de que aprenderia com rapidez.

Mallory voltou a olhar de soslaio para Miller. Não havia dúvida, Dusty Miller já aprendera tudo há muito tempo. Dusty Miller num corcel branco, cometa aos lábios... Não, sua imaginação afastou tal incongruência. Não parecia um Sir Lancelot. Dava a impressão de já ter vivido um bocado e de não possuir mais ilusões.

De fato, há quarenta anos que o cabo Miller andava pelo mundo. Californiano de nascença e por descendência, três partes irlandês e uma parte centro-europeu, vivera, lutara e tivera mais aventuras, no quarto de século precedente, que a maioria dos homens em uma dezena de vidas. Trabalhara nas minas de prata em Nevada, nos túneis do Canadá e nos poços de petróleo de todo o mundo e achava-se na Arábia Saudita quando Hitler atacou a Polônia. Um dos seus mais remotos antepassados maternos vivera em Varsóvia, nos princípios do século; uma afronta suficiente para o sangue irlandês de Miller. Tomara o primeiro avião disponível para a Inglaterra e mentira para poder ser admitido na Força Aérea, na qual, para imenso desgosto seu e por causa de sua idade, foi relegado à torre posterior de um Wellington.

Seu primeiro vôo operacional foi o último. Dez minutos depois de levantar vôo do campo de Menidi, nos arredores de Atenas, em uma noite de janeiro de 1941, uma falha no motor levou-os a um final ignominioso num arrozal situado a umas milhas a noroeste da cidade. Passara o resto do inverno tinindo de raiva numa cozinha de Menidi.

Em princípios de abril, Miller, sem dizer a ninguém, renunciou à Força Aérea e se encaminhava para a fronteira albanesa, para tomar parte na luta ao norte, quando tropeçou em alemães que se dirigiam para o sul. Conforme Miller contou depois, chegou a Nauplion dois quarteirões na frente da divisão Panzer mais próxima, foi evacuado pelo transporte *Slamat*, afundou, recolhido pelo destróier *Wryneck*, afundou e finalmente chegou a Alexandria, num

velho barco grego com o firme propósito de nunca mais voar ou navegar. Alguns meses mais tarde, trabalhava com umas forças de longo raio de ação, atrás das linhas inimigas na Líbia.

Era, pensou Mallory, a antítese absoluta do tenente Stevens. Stevens, jovem e ardente, entusiasta, correto e imaculadamente vestido; Miller, amarrotado, encurvado e com uma aversão quase patológica a isso de lavar e esfregar. Caía-lhe bem o apelido de "Dusty" (Empoeirado). Dificilmente poderia existir maior contraste. E, ao contrário de Stevens, Miller jamais escalara uma montanha em sua vida, e as únicas palavras gregas que sabia não figuravam nos dicionários. Ambos os fatos careciam de importância. Miller fora escolhido por uma única razão. Sendo um gênio em explosivos, manhoso e frio, exato e mortal na ação, era considerado pela Inteligência do Oriente Médio no Cairo como o mais perfeito sabotador da Europa Meridional.

Atrás de Miller estava sentado Casey Brown. Baixo, moreno e troncado, o suboficial telegrafista Brown era de Clydeside e em tempo de paz engenheiro de instalação e provas de um famoso construtor de iates de Gareloch. O fato de ser um artífice de sala de máquinas, nato e feito sob medida, fora tão óbvio que a Marinha, cegamente, colocara-o nas Comunicações. A má sorte de Brown foi a boa sorte de Mallory. Brown seria o maquinista do barco que ia levá-los a Navarone e manteria a comunicação com a base. Ainda tinha outra qualidade: era um guerrilheiro de primeira. Veterano do Serviço Especial de Barcos, fora condecorado com a D.C.M. e a D.S.M., por suas proezas no mar Egeu e na costa da Líbia.

O quinto e último membro do grupo estava sentado diretamente atrás de Mallory. Mallory não precisava virar para vê-lo. Já o conhecia, conheci-o melhor do que ninguém nesse mundo, melhor do que conhecia sua mãe. Andréa, seu tenente durante aqueles intermináveis dezoito meses em Creta, o corpulento Andréa de riso sonoro e contínuo, de trágico passado, com quem havia comido, vivido e dormido nas cavernas, abrigos de rochas e abandonadas choças de pastores, enquanto eram perseguidos sem cessar, por patrulhas e aviões alemães; aquele Andréa se transformara no seu *alter ego*, em seu *doppelganger*: olhar para

Andréa era como olhar-se num espelho... Não havia a menor dúvida sobre a razão porque Andréa os acompanhara. Não estava ali porque era grego, com um profundo conhecimento da língua dos ilhéus, dos seus costumes e modo de pensar; nem sequer por entender-se às mil maravilhas com Mallory, se bem que todas essas coisas contassem. Achava-se entre eles pela proteção e segurança que proporcionava. Com sua paciência ilimitada, tranqüilo, bárbara e tremendamente rápido, apesar de seu volume, e com um passo felino que explodia numa frenética ação, Andréa era a perfeita máquina de guerra; a apólice de seguros do grupo contra o fracasso.

Mallory mais uma vez olhou pela janela e logo sacudiu a cabeça, aprovando com imperceptível satisfação. Jensen não poderia ter escolhido melhor, mesmo que tivesse peneirado todo o Mediterrâneo. Logo ocorreu-lhe que Jensen fizera exatamente isso. Há quase um mês que Miller e Brown foram chamados a Alexandria. E quase outro tanto que a licença de Stevens chegara a Malta a bordo do cruzador. E se a sua máquina de carregar baterias não tivesse caído por aquele barranco, nas montanhas Brancas, e o cansado correio do posto de escuta mais próximo não tivesse demorado uma semana para percorrer cinqüenta milhas de montanhas cobertas de neve e patrulhadas pelo inimigo e mais cinco dias para encontrá-los, ele e Andréa teriam chegado a Alexandria quinze dias antes. O alto conceito em que Mallory tinha Jensen aumentou ainda mais. Homem de larga visão e que planejava de modo perspicaz, era evidente que Jensen já tinha seu plano pronto, inclusive antes da primeira das duas fracassadas aterrissagens dos pára-quadistas em Navarone.

Eram oito horas e quase totalmente escuro dentro do avião, quando Mallory levantou-se e encaminhou-se para a cabina de controle. O capitão, com o rosto envolto na fumaça de um cigarro, estava tomando café. O co-piloto cumprimentou-o preguiçosamente com a mão ao vê-lo aproximar-se e deu um olhar aborrecido para a cena à sua frente.

— Boa tarde — saudou Mallory por sua vez. — Incomoda-se se eu entrar?

— Será sempre bem-vindo ao meu escritório — garantiu-lhe o piloto. — Não precisa pedir licença.

— Pensei que estivesse ocupado... — Mallory parou e contemplou novamente aquela cena de hábil inatividade. — Quem dirige seu avião? — perguntou.

— George. O piloto automático. — Apontou com a xícara de café para uma caixa preta e chata, cujo contorno confuso era pouco visível na quase total escuridão. — Um tipo trabalhador que comete menos erros do que o cérebro cansado que se supõe em guarda... Deseja algo, capitão?

— Sim. Quais foram suas instruções para esta noite?

— Só a de deixá-los em Castelrosso quando estivesse bem escuro. — O piloto fez uma pausa e acrescentou com franqueza: — Não entendo nada. Um aparato enorme só para cinco pessoas e umas duzentas libras de equipamento. Principalmente para Castelrosso. Principalmente de noite. O último aparelho que chegou aqui de noite não fez outra coisa senão descer. Obstrução submarina... não sei o que foi. Dois sobreviventes.

— Eu sei. Ouvei falar. Sinto muito, mas eu também cumpro ordens. E quanto ao resto, esqueça. Estou falando sério, esqueça. Lembre à sua tripulação que não devem falar. Nunca nos viram.

O piloto concordou mal-humorado.

— Já nos ameaçaram com a Corte Marcial — disse. — Qualquer um diria que temos nas mãos uma guerra espantosa.

— E temos... Deixaremos duas malas no avião. Vamos à terra com outras roupas. Haverá alguém esperando para recolher nossa roupa velha quando você voltar.

— "*Roger*". E boa sorte, capitão. Tratando-se de segredos oficiais ou não, acho que vai precisar dela.

— Se é assim, pode nos dar uma boa despedida — sorriu Mallory. — Deposite-nos inteirinhos em terra, está bem?

— Pode ficar tranqüilo, irmão — disse o piloto firmemente. — Pode ficar em paz. Não se esqueça de que eu também estou nesse hidro.

O barulho dos grandes motores do Sunderland ainda ressoava em seus ouvidos, quando a pequena lancha a motor surgiu bufando

suavemente na escuridão e encostou no casco brilhante do avião. Não se perdeu tempo, nem se falou uma palavra. Os cinco homens e seu equipamento foram transferidos em um minuto. Outro minuto e a lancha já roçava o áspero quebra-mar de pedras de Castelrosso. Duas cordas saíram girando na escuridão, foram colhidas no ar e amarradas rapidamente por mãos eficientes. No meio dos barcos, a escada de ferro coberta de escamas de oxido, escondida no meio das pedras, estirou-se pela escuridão estrelada. Quando Mallory chegou, ao final, uma figura humana surgiu na penumbra.

— Capitão Mallory?

— Sim.

— Sou o capitão Briggs, da Marinha. Mande seus homens esperarem aqui, está bem? O coronel deseja vê-lo.

A voz nasal, peremptória em sua afetação, estava longe de ser cordial. Por dentro de Mallory, uma lenta irritação começou a agitar-se, mas não disse nada. Briggs parecia um homem que gostava de sua cama, de seu gim, e talvez sua visita tardia o estivesse afastando das duas coisas. A guerra era um inferno.

Dez minutos depois estavam de volta e uma terceira pessoa vinha atrás deles. Mallory olhou os três homens que se encontravam na ponta do embarcadouro, identificou-os, e logo olhou à volta outra vez.

— Onde está Miller? — perguntou.

— Aqui, chefe, aqui. — Miller grunhiu, abandonou o apoio do poste de madeira e ficou de pé com esforço. — Estava descansando, chefe. Recuperando-me, se é que assim posso dizer, dos rigores da viagem.

— Quando todos estiverem realmente prontos — disse Briggs com azedume —, Matthews os acompanhará a seus alojamentos. Matthews, você ficará à disposição do capitão. São ordens do coronel. — O tom de Briggs sugeria com toda a clareza que as ordens do coronel eram uma grande bobagem. — E não se esqueça, capitão: o coronel disse duas horas.

— Eu sei, eu sei — disse Mallory cansado. — Estava presente quando ele disse. Era a mim que ele se dirigia, lembra-se? Bem, rapazes, se já estão prontos...

— E nosso equipamento, capitão? — Stevens perguntou.

— Deixe-o aí. Pronto, Matthews, quer nos mostrar o caminho?

Matthews levou-os ao longo do embarcadouro. Depois subiram em fila indiana por uma série interminável de empinados e gastos degraus, sem que suas solas de borracha fizessem o menor barulho na pedra. Ao chegarem em cima, viraram abruptamente para a direita, desceram por uma alameda estreita e tortuosa que desembocava num corredor, subiram um lance de degraus de madeira velha e Matthews abriu a primeira porta do corredor superior.

— Aqui estamos, capitão. Esperarei no corredor aí fora.

— É melhor esperar embaixo — aconselhou Mallory.

— Não quero ofendê-lo, Matthews, mas quanto menos souber, melhor.

Seguiu os outros para dentro da habitação e fechou a porta atrás de si. Encontravam-se num quarto pequeno, mal arrumado, com grossas cortinas. Uma mesa e meia dúzia de cadeiras ocupavam a maior parte do espaço. No canto mais afastado, gemeram as molas de uma cama quando o cabo Miller atirou-se nela com prazer.

— Oba! — murmurou admirado, com as mãos entrelaçadas na nuca. — Um quarto de hotel! Como em casa. Um pouco despido, sem dúvida. — Pareceu ocorrer-lhe uma idéia. — Onde é que vocês vão dormir?

— Não dormiremos — Mallory respondeu brevemente. — Nem você tampouco. Antes de duas horas, cairemos fora. — Miller gemeu. — Vamos, soldado — continuou Mallory implacável —, ponha-se de pé.

Miller gemeu mais uma vez, balançou suas pernas pela borda da cama e olhou para Andréa com curiosidade. O corpulento grego estava examinando detalhadamente a habitação, puxando as fechaduras, revirando os quadros, esquadrinhando atrás das cortinas e debaixo da cama.

— O que é que esse aí está fazendo? — perguntou Miller. — Procurando poeira?

— Procurando aparelhos ou microfones — esclareceu Mallory. — Essa é uma das razões porque Andréa e eu estamos vivos há tanto tempo. — Meteu a mão no bolso da túnica de seu velho e escuro uniforme de batalha, sem galões nem insígnias, tirou uma carta geográfica e o mapa que Vlachos lhe dera, desdobrou-os e estendeu-os diante de si. — Coloquem-se todos ao redor da mesa. Sei que nas duas últimas semanas estavam estourando de curiosidade, fazendo uma centena de perguntas. Pois bem, eis aqui as respostas. Espero que lhes satisfaçam. Permitam-me que lhes apresente... a ilha de Navarone.

O relógio de Mallory marcava exatamente onze horas quando ele se refestelou em sua cadeira, dobrou e guardou o mapa e a carta, olhou com expressão zombeteira para os quatro rostos pensativos em volta da mesa.

— Bem, senhores, aí está. Fantástico, não é mesmo? — acrescentou, sorrindo com ironia. — Se fosse um filme, minha primeira frase seria: alguma pergunta, amigos? Mas deixaremos isso de lado, porque não lhes poderia dar nenhuma resposta. Sabem tanto quanto eu.

— Um quarto de milha de pedra íngreme de quatrocentos pés de altura e ele chama de única falha nas defesas. — Com a cabeça inclinada sobre a lata de fumo, Miller enrolou com mãos hábeis um cigarro longo e fino. — É uma loucura, chefe. De minha parte, não posso nem subir uma escada sem cair! — Lançou para o ar, grandes e acres baforadas de fumo. — É suicídio. Essa é a palavra que eu procurava. Suicídio! Aposto um dólar contra mil como não chegamos nem a cinco milhas de distância desses malditos canhões!

— Um contra mil, não é? — Mallory olhou para ele sem falar por um longo tempo. — Diga-me, Miller, que possibilidades você oferece aos rapazes que estão em Kheros?

— É — concordou Miller fortemente. — É, os rapazes em Kheros. Já tinha me esquecido deles. Não faço outra coisa a não ser pensar em mim e nesse maldito penhasco. — Olhou esperançoso por cima da mesa para o corpulento Andréa. — Ou talvez Andréa me carregue. É bem grandalhão.

Andréa não contestou. Tinha os olhos semicerrados e seus pensamentos pareciam estar a milhas de distância.

— Ataremos seus pés e suas mãos e o içaremos na extremidade de uma corda — disse Stevens sem piedade. — Vamos arrumar uma corda bem resistente — acrescentou descuidado. As palavras e o tom eram jocosos, mas a preocupação que se refletia em seu rosto as desmentia. Afora Mallory, só Stevens compreendia as dificuldades técnicas, quase insuperáveis, de escalar um penhasco cortado a pique, desconhecido e na escuridão. Olhou para Mallory inquisitivamente. — Vai subir sozinho ou...

— Desculpe-me, por favor. — Andréa subitamente inclinou-se para a frente, sua voz profunda e cavernosa, falando um inglês idiomático e correto que aprendera no seu longo convívio com Mallory. Estava rabiscando num pedaço de papel. — Tenho um plano para escalar o penhasco. Eis aqui o gráfico. Acha-o viável, capitão?

Estendeu o papel para Mallory. Este olhou-o, dissimulou seu espanto, recuperou-se em seguida, tudo isso num instante.

No papel não havia nenhum plano. Só duas palavras em letras grandes: "Continue falando".

— Entendi — disse Mallory pensativo. — Realmente muito bom, Andréa. O plano tem possibilidades muito concretas. — Virou o papel e levantou-o para que os outros pudessem lê-lo. Andréa já se levantara e aproximava-se da porta com seu andar felino. — Engenhoso, não é, cabo Miller? — prosseguiu Mallory. — Isto pode resolver muitas dificuldades nossas.

— Sim. — A expressão do rosto de Miller não se alterara nem um pouco. Seus olhos continuaram semicerrados atrás da cortina de fumaça de seu cigarro que ardia entre seus lábios. — Pode resolver o problema, Andréa; pode até me içar incólume também. — Riu simulando tranquilidade, enquanto se concentrava em colocar a carga de uma automática que aparecera magicamente em sua mão esquerda, um cilindro de forma curiosa. — Mas não entendi bem essa frase engraçada e esse ponto...

Tudo terminou em dois segundos, literalmente. Com enganadora despreocupação, Andréa abriu a porta com uma das

mãos e com a outra agarrou uma forma que se defendia com ardor, arrastando-a para o quarto e fechando a porta, num movimento perfeitamente sincronizado. Foi tão rápido quanto silencioso. Durante um segundo o bisbilhoteiro, um levantino escuro de rosto afilado, vestido com uma camisa branca demasiado grande para ele e calças azuis, manteve-se ereto, imóvel, piscando rapidamente por causa da luz forte. Logo, passada a surpresa, sua mão desapareceu debaixo da camisa.

— Cuidado! — A voz de Miller soou cortante ao mesmo tempo que levantava a pistola e a mão de Mallory fechava-se sobre ela.

— Olhe! — disse Mallory baixinho.

Os que permaneciam ao redor da mesa vislumbraram um raio de aço azul que se elevava para trás convulsivamente e uma mão armada de um punhal descendo com maligna rapidez. E logo, de uma maneira incrível, mão e punhal ficaram detidas no ar, a brilhante ponta a poucas polegadas do peito de Andréa. Ouviu-se um repentino grito de agonia e o sinistro estalo dos ossos do pulso, quando o gigantesco grego apertou com força e logo depois Andréa já segurava a lâmina entre o indicador e o polegar. Havia recolhido o punhal com o terno cuidado de um pai que salva de si mesmo um filho amado porém irresponsável. O punhal mudou de rumo e procurou a garganta do levantino, enquanto Andréa sorria amavelmente, ante os olhos negros e aterrorizados.

Miller respirou longa e profundamente. Era meio suspiro, meio assobio.

— Bem — murmurou. — Suponho que Andréa já fez isso antes.

— É de se supor que sim — imitou-o Mallory. — Vamos examinar melhor a prova A, Andréa.

Andréa trouxe o prisioneiro para perto da mesa dentro do círculo de luz. O sujeito parou olhando-os. Era um tipo magro, com uma cara de fuinha e olhos negros apagados pela dor e pelo medo. Com sua mão esquerda massageava a mão direita machucada.

— Há quanto tempo acha que ele estava escutando aí fora, Andréa? — perguntou Mallory.

Andréa passou sua grande mão pelos cabelos espessos, negros e ondulados, rajados de cinza nas têmporas.

— Não tenho certeza, capitão. Pareceu-me ouvir um ruído como o de pés que se arrastavam faz dez minutos, mas pensei que meus ouvidos me pregavam peças. Depois, faz um minuto, pareceu-me ouvir outra vez o mesmo ruído. Assim é que temo...

— Dez minutos, hein? — Mallory concordou pensativamente, depois olhou para o prisioneiro. — Qual o seu nome? — perguntou asperamente. — Que faz aqui?

Não houve resposta. Só o olhar e o silêncio taciturno ao qual se seguiu um grito de dor quando Andréa deu-lhe um safanão na cabeça.

— O capitão fez uma pergunta — Andréa disse repreendendo-o. Golpeou novamente, agora com mais força. — Responda ao capitão.

O desconhecido começou a falar excitado, muito rapidamente, gesticulando que nem um louco, com ambas as mãos. Suas palavras eram incompreensíveis. Andréa suspirou e cortou aquela torrente de palavras apertando sua mão esquerda ao redor daquele pescoço fino.

Mallory olhou interrogativamente para Andréa. O gigante sacudiu a cabeça.

— Acho que é curdo ou armênio, meu capitão. Mas não compreendo.

— Eu também não — admitiu Mallory. — Fala inglês? — perguntou de repente.

Os olhos negros e cheios de ódio olharam-no em silêncio. Andréa voltou a golpeá-lo.

— Fala inglês? — repetiu Mallory implacável.

— Inglês? Inglês? — Encolheu os ombros e estendeu as palmas das mãos abertas, num velhíssimo gesto de incompreensão. — Inglês! Nah!

— Disse que não fala inglês — esclareceu Miller.

— Talvez não e talvez sim — disse Mallory baixo. — A única coisa que sabemos é que estava ouvindo e que não podemos nos

arriscar. Há muitas vidas em jogo. — Sua voz endureceu repentinamente e seu olhar tornou-se mau e implacável. — Andréa!

— Meu capitão!

— Já tem o punhal. Use-o bem e rápido. Entre as omoplatas.

Stevens gritou horrorizado e virou a cadeira ruidosamente ao levantar-se.

— Santo Deus, o senhor não pode...

Conteve-se a tempo ao ver com espanto o prisioneiro atirando-se através do quarto, jogando-se num canto distante, um braço levantado em rígida defesa e um pânico irrazoável pintado em suas feições. Stevens voltou-se lentamente, viu o sorriso de triunfo no rosto de Andréa e um princípio de compreensão no rosto de Brown e Miller. Subitamente sentiu-se completamente idiota. Caracteristicamente, Miller foi o primeiro a falar.

— Ora, ora! Qué acham? É bem possível, afinal de contas, que fale inglês.

— É possível que sim — admitiu Mallory. — Uma pessoa não fica durante dez minutos com o ouvido colado no buraco da fechadura, se não entende uma palavra do que se fala... Por favor, Brown, quer chamar Matthews?

Uns segundos depois o sentinela aparecia na porta.

— Matthews, traga o capitão Briggs aqui, por favor, — pediu. — Imediatamente.

O soldado hesitou.

— O capitão Briggs já se recolheu, senhor. Deu ordens estritas para não ser molestado.

— Meu coração sangra pelo capitão Briggs e seu sono interrompido — disse Mallory com azedume. — Já dormiu mais em um dia do que eu numa semana. — Olhou para seu relógio e as espessas sobrancelhas desenharam uma linha reta sobre seus olhos castanhos. — Não temos tempo a perder. Traga-o aqui imediatamente. Compreendeu? Imediatamente.

Matthews bateu continência e saiu correndo. Miller pigarreou e estalou a língua tristemente.

— Eses hotéis são todos iguais — disse. — As coisas que acontecem... não se pode acreditar nem em seus próprios olhos.

Lembro-me que estava uma vez numa Convenção em Cincinnati...

Mallory sacudiu a cabeça cansado.

— Você está com a idéia fixa de hotéis, cabo. Isto aqui é um estabelecimento militar e estes aposentos são dos oficiais do Exército.

Miller dispunha-se a falar, mas mudou de opinião. O americano era perspicaz. Havia gente com quem se podia brincar e com quem não se podia. Essa era uma missão quase desesperada, Miller sabia, de importância vital, porém suicida na sua opinião. Mas começava a compreender por que haviam escolhido, para dirigi-la, esse neozelandês de pele bronzeada.

Ficaram sentados em silêncio e logo a porta abriu-se. Todos levantaram os olhos. Sem o quepe e com um lenço de seda branco no pescoço em lugar de colarinho e gravata, apareceu Briggs. O branco contrastava de modo estranho com o pescoço e o rosto vermelhos. Já estavam bastante vermelhos, quando Mallory o vira na sala de despachos do coronel; pressão sangüínea alta e boa vida, supusera Mallory. As tonalidades mais escuras agora presentes corriam por conta, provavelmente, de uma indignação errônea. Um olhar para seus olhos coléricos, peixes brilhantes de azul pálido num mar vermelho, bastaria para confirmar o que já era evidente.

— Isto é demais, capitão Mallory! — A voz era furiosa, o tom alto e mais anasalado que nunca. — Não sou o sentinela de plantão, entende? Tive um dia muito duro e...

— Guarde os detalhes para a sua biografia — disse Mallory secamente — e dê uma olhada nesse cara que está no canto.

A cara de Briggs tornou-se ainda mais carrancuda. Entrou no quarto com os punhos fechados de raiva e deteve-se repentinamente, ao descobrir a figura encolhida e desgrenhada, que ainda se achava abaixada no canto da sala.

— Santo Deus! — exclamou. — Nicolai!

— Conhece-o?

Era mais uma afirmação do que uma pergunta.

— Claro que o conheço! — bufou Briggs. — Todo mundo o conhece. Nicolai é o rapaz da nossa lavanderia.

— Da lavanderia! Será um de seus deveres passear à noite pelos corredores, escutando pelos buracos das fechaduras?

— Que quer dizer?

— O que disse. — Mallory estava com muita paciência. — Nós o pegamos escutando atrás da porta.

— Nicolai? Não acredito!

— Cuidado, moço — grunhiu Miller. — Vê lá quem está chamando de mentiroso. Nós todos vimos.

Briggs olhou fascinado para a boca negra de uma pistola que se mexia negligentemente em sua direção, engoliu em seco e olhou rapidamente para o outro lado.

— E daí, se o pegaram? — perguntou com um sorriso forçado. — Nicolai não fala uma palavra em inglês.

— Pode ser que não — disse Mallory secamente.

— Mas entende muito bem — acrescentou levantando as mãos. — Não tenho a intenção de discutir a noite toda e além disso não tenho tempo. Quer fazer o favor de prender esse homem, deixando-o incomunicável, pelo menos durante a próxima semana? É assunto vital. Seja espião ou simples curioso, sabe demais. Passada essa data, faça com ele o que quiser. Meu conselho é que o ponha para fora de Castelrosso a pontapés.

— Seu conselho! — Briggs recuperou sua cor habitual e com ela sua coragem. — Quem você pensa que é para me dar conselhos ou ordens, capitão Mallory? — Com ênfase exagerada na palavra capitão.

— Então peço-lhe por favor — disse Mallory cansado. — Não posso explicar, mas é muito importante. Há centenas de vidas...

— Centenas de vidas! — Briggs imitou-o, caçoando. — Melodrama e estupidez! — exclamou rindo desagradavelmente. — Sugiro que o reserve para sua biografia de capa e espada, capitão Mallory.

Mallory levantou-se, deu uns passos ao redor da mesa e deteve-se a pouca distância de Briggs. Seus olhos castanhos o fixavam num olhar glacial.

— Eu poderia falar com o seu coronel. Mas estou cansado de discutir. Você fará o que estou dizendo ou vou diretamente ao

quartel-general da Marinha para falar pelo radio-telefone com Cairo. E se o fizer — prosseguiu —, juro que você zarpará para a Inglaterra no primeiro navio, e mais ainda, irá na coberta com as tropas.

Suas últimas palavras pareciam ressoar no pequeno quarto durante um tempo interminável. O silêncio era intenso. E logo, com a mesma rapidez que havia surgido, a tensão desapareceu, e o rosto de Briggs, agora curiosamente limpo de manchas brancas e vermelhas, tornou-se brando e sombrio, acusando sua derrota.

— Bem, bem — disse. — Estas ameaças estúpidas são desnecessárias... Se ele representa tanto para você. — A intenção de brincar, de remendar a sua dignidade atingida, resultava patética, pela sua transparência. — Chame os guardas, Matthews.

O barco-torpedeiro, suas grandes máquinas estranguladas a meia velocidade, abaixava e levantava, abaixava e levantava com monótona regularidade, ao enfrentar o grande e suave ondular do mar, em direção do noroeste. Pela centésima vez, naquela noite, Mallory olhou seu relógio.

— Estamos atrasados? — perguntou Stevens. Mallory concordou.

— Deveríamos ter entrado diretamente nesta joça ao sair do Sunderland. Houve um contratempo.

Brown resmungou.

— Posso apostar que foi avaria de máquinas. — Seu sotaque de Clydeside era pronunciado.

— Acertou — Mallory ergueu a vista surpreendido. — Como soube?

— Isso sempre acontece com esses malditos motores M.T.B. — voltou a resmungar Brown. — Temperamentais como estrelas de cinema.

Durante algum tempo reinou silêncio na pequena e escura cabina, silêncio só quebrado, de vez em quando, pelo barulho dos copos. A Marinha cumpria sua tradicional hospitalidade.

— Se estamos atrasados — observou Miller —, por que o comandante não acelera a marcha? Disseram-me que esses

calhambeques alcançam uma velocidade de quarenta a cinquenta nós.

— Você já está verde — comentou Stevens com pouco tato. — Nota-se logo que nunca esteve num M.T.B., com mar forte.

Miller ficou quieto durante um momento. Percebia-se que tentava esquecer seus problemas particulares.

— Capitão?

— Que é? — respondeu Mallory, sonolento. Achava-se estirado ao comprido, num estreito sofá, com um copo vazio na mão.

— Sei que não é da minha conta, mas... o senhor teria cumprido a ameaça que fez ao capitão Briggs?

Mallory riu.

— Não é de sua conta mesmo, mas... não, cabo, não teria cumprido. Não teria, porque não conseguiria. Não tenho autoridade para isso. E nem sabia se havia ou não radiotelefone em Castelrosso.

— Sei. Eu suspeitava disso. — O cabo Miller esfregou o queixo barbudo. — E se ele tivesse engrossado, que teria feito então, chefe?

— Teria matado Nicolai — disse Mallory tranqüilamente. — Se o coronel me falhasse não haveria outra alternativa.

— Também sabia disso. Acredito realmente que o mataria. Começo a crer que temos uma possibilidade de sucesso... Mas quase desejo que o tivesse liquidado... Junto com o pequeno Lord Fauntleroy. Não gostei da expressão do velho Briggs quando saiu por aquela porta. Mesquinha não é a palavra. Parecia querer matá-lo, naquela hora. O senhor espezinhou seu orgulho, chefe... e a um tipo como ele, só importa o orgulho.

Mallory não respondeu. Dormia profundamente. O copo caía de sua mão. Nem sequer o barulho dos motores a toda a força, enquanto entravam no calmo canal de Rodes, penetraria no insondável abismo de seu sono.

III

Segunda-Feira

Das 7 às 17 horas.

— Meu caro amigo, você me deixa completamente sem sem graça. — Com seu mata-moscas de cabo de marfim, o oficial deu, displicentemente, um golpe na sua perneira imaculada, e apontou com a sua desdenhosa, porém reluzente, biqueira do sapato, para o velho barco de dois mastros e largo calado, amarrado de popa ao ainda mais velho e dilapidado cais de madeira sobre o qual se achavam. — Estou realmente envergonhado. Asseguro-lhe que os diretores de Rutiedge e Companhia estão acostumados ao que há de melhor.

Mallory disfarçou um sorriso. O major Rutiedge, quanto à anotação e sotaque, demonstrava ser de Buffs, Eton e Sandhurst, com seu bigode milimetricamente aparado, e vestido em Saville Row na perfeição do corte de seu uniforme caqui; achava-se tão fora de lugar, na selvagem beleza dos rochedos e arborizados rios serpenteantes, que sua presença ali parecia inevitável. Era tal a segurança do major, tão dominante sua majestosa indiferença, que era o rio, afinal de contas, que parecia estar fora de lugar.

— Parece mesmo já ter visto melhores dias, acho eu — confessou Mallory. — No entanto, major, é exatamente o que desejamos.

— Não consigo compreendê-lo. Na verdade não posso compreendê-lo. — Com um irritado, porém bem calculado golpe do mata-moscas, o major derrubou um inofensivo inseto que passava. — Andei fornecendo todo tipo de embarcações nesses últimos oito ou nove meses, barcos, lanchas, iates, barcos de pesca, tudo, porém nunca ninguém pediu barquinho mais velho e arrebitado que pudesse encontrar. E deu trabalho para achá-lo, posso lhe garantir. — Uma expressão de dor passou pelo seu semblante. — O pessoal sabe que não costumo lidar com essa espécie de traste.

— Que pessoal? — perguntou Mallory com curiosidade.

— Ah, esses das ilhas. — Com um gesto vago, Rutledge apontou para norte e oeste.

— Mas... são terras inimigas...

— Igual a esta. A gente tem que fixar seu quartel-general em algum lugar — explicou Rutledge com paciência. De repente seu rosto se alegrou. — Olha, amigo, já tenho exatamente o que quer. Um barco para evitar a observação e a investigação. Isto foi o que Cairo insistiu para que eu achasse. Que tal um alemão, em perfeito estado? Seu proprietário é muito cuidadoso. Na nossa terra me dariam dez mil libras por ele. Trinta e seis horas. Um amigo meu em Bodrum...

— Bodrum? — perguntou Mallory. — Bodrum? Mas isso é na Turquia, não é?

— Turquia? Bem, sim, realmente acho que é lá — confessou Rutledge. — A gente tem que receber as coisas de algum lugar, é claro — disse na defensiva.

— De qualquer maneira, muito obrigado — disse Mallory, sorridente — mas esse é exatamente o que queremos. Além do mais não podemos esperar.

— A responsabilidade é toda sua! — exclamou Rutledge levantando as mãos, dando-se por vencido. — Mandarei dois homens colocarem seu equipamento a bordo.

— Preferimos fazer isso nós mesmos, major. É... bem, trata-se de uma carga muito especial.

— De acordo — concordou o major. — Chamam-me Rutledge, o "mundo". Vão partir breve?

Mallory olhou o relógio.

— Dentro de meia hora, senhor.

— Querem ovos com *bacon* e café, dentro de dez minutos?

— Muito obrigado. — Mallory sorriu. — Aceitamos com prazer.

Virou-se, andou lentamente até a extremidade do cais. Respirou profundamente, saboreando o ar cheio de aromas de uma madrugada do Egeu. O gosto salgado do ar do mar, o perfume da madressilva, a fragrância delicada porém picante da menta, tudo sutilmente misturado num todo embriagador, indefinível e inesquecível. De ambos os lados, as empinadas ladeiras, ainda verdes e brilhantes com os pinheiros, castanheiras e azevinho, se estendiam pelos pastos acima e, trazidos pela suave brisa perfumada, o som distante, melodioso, dos sinos das cabras, música nostálgica, obcecante, autêntico símbolo da paz que o Egeu já não conhecia.

Quase sem sentir, Mallory sacudiu a cabeça e dirigiu-se mais rapidamente para a extremidade do cais. Os outros ainda estavam sentados, no mesmo lugar onde o torpedeiro os havia deixado antes do amanhecer. Como de costume, Miller achava-se estendido ao comprido, com o chapéu caído sobre os olhos, para proteger-se dos raios dourados do sol nascente.

— Lamento ter que incomodá-los, mas zarpamos dentro de meia hora. O café será servido daqui a dez minutos. Vamos carregar as coisas para bordo. — Virou-se para Brown. — Talvez queira dar uma olhada na máquina.

Brown pôs-se de pé e olhou sem entusiasmo para o barco descascado e estragado pelo tempo.

— Tem razão, senhor. Mas se a máquina está nas mesmas condições desse maldito traste...

Balançou a cabeça preocupado e saltou com agilidade para dentro do barco.

Mallory e Andréa seguiram-no, recolhendo o equipamento que os outros iam entregando. Primeiro guardaram uma caixa cheia de roupas velhas, depois os víveres, o fogão de pressão, o combustível, as pesadas botas, os cravos, as marretas, os machados de rocha e os rolos de corda com centro de aço, para

escalar; e depois, com mais cuidado, o aparelho receptor-transmissor e o gerador com sua máquina antiquada. Seguiram-se as armas: duas Schmeisser, dois Bren, uma Mauser e um Colt, e uma caixa cheia de estranha porém cuidadosamente selecionada mistura de lanternas, espelhos, vários documentos de identidade e por último algo inacreditável: garrafas de Hock, Moselle, *ouzo* e *retsima*.

Finalmente, com extraordinário cuidado, colocaram na proa duas caixas de madeira, uma verde, tamanho médio e com um cinto de metal, a outra pequena e preta. A verde continha alto explosivo: TNT, amatoí e várias bananas de dinamite, além de granadas, fulminantes de pólvora de algodão e mangueiras de lona; num canto da caixa havia um saco de pó de esmeril, outro de pó de vidro e um pote de potassa, hermeticamente fechado. Esses três últimos elementos tinham sido incluídos na possibilidade de Dusty Miller encontrar uma oportunidade de demonstrar seu talento raro de sabotador. A caixa preta continha só detonadores, de percussão e elétricos, detonadores tão sensíveis que podiam explodir ao simples contato de uma pena.

A última caixa havia sido guardada quando a cabeça de Casey Brown apareceu na escotilha das máquinas. Examinou lentamente o mastro maior, que se elevava acima de sua cabeça, e com a mesma lentidão virou-se para a proa, para examinar o mastro da frente. Evitando que seu rosto expressasse qualquer emoção, olhou para Mallory.

— Temos velas para esses mastros, capitão?

— Suponho que sim. Por quê?

— Porque só Deus sabe o quanto vamos necessitá-las! —

Brown respondeu desanimado. — “Talvez queira dar uma olhada nas máquinas”, disse o senhor. Mas isso não é sala de máquinas. É um maldito depósito de ferro velho! E o pedaço de ferro velho maior e mais enferrujado é o que segura o eixo da hélice. E que pensa que é? Uma geringonça, um Kelvin de dois cilindros, quase de fabricação caseira... de trinta anos atrás. — Brown sacudiu a cabeça, desesperado, seu rosto refletindo o desgosto que só um engenheiro de Clydeside demonstra ao ver alguém abusar de uma

máquina querida. — Há anos que está caindo aos pedaços, senhor. O lugar está coalhado de remendos de peças sobressalentes. Em Gallowgate vi montões de sucata que pareciam palácios comparados com isto.

— O major Rutledge assegurou-me que até ontem ainda funcionava — disse Mallory suavemente. — De qualquer maneira, vamos tomar café em terra firme. Lembre-me de pegar uma porção de pedras pesadas, quando voltarmos, está bem?

— Pedras! — Miller olhou para ele horrorizado. — A bordo dessa chaleira? Para quê?

Mallory concordou sorrindo.

— Mas essa maldita charanga já está afundando! — protestou Miller. — Para que as pedras?

— Espere e verá.

Três horas mais tarde, Miller viu. O barco navegava lenta, porém firmemente para o norte, num mar cristalino, sem vento, a menos de uma milha da costa da Turquia, quando tristemente acabara de fazer um embrulho de seu uniforme azul e o atirara com pesar por cima da borda. O embrulho arrastado por uma pesada pedra, das que haviam levado para bordo, desapareceu num segundo.

Mal-humorado, Miller olhou-se num espelho colocado na parte dianteira da casa do leme. Afora a faixa violeta escura que levava enrolada na sua cintura fina e um jaleco caprichosamente bordado com seu antigo resplendor felizmente desbotado, o resto de seu traje era totalmente negro. Um par de botas de cano alto e de cordões pretos, bombachas pretas e casaco preto. Até seus cabelos tinham sido pintados de preto. Estremeceu e virou-se.

— Graças a Deus que as crianças de minha cidade não podem me ver agora! — disse com sinceridade. Deu um olhar crítico para os outros, vestidos, com ligeiras variações, como ele. — Bem, talvez, afinal de contas, eu não esteja tão mal assim... Por que essa mudança tão rápida, chefe?

— Contaram-me que você já esteve duas vezes atrás das linhas alemãs, uma vestido de lenhador e a outra de mecânico. —

Mallory, por sua vez, atirou seu uniforme por cima da borda. — Bem, agora está vendo como se veste um navaronês elegante.

— Referia-me à dupla mudança. Uma no avião e outra agora.

— Oh, compreendo. Uniformes caqui do Exército e brancos da Marinha em Alexandria, azuis de batalha em Castelrosso e roupas gregas agora? É que pode ter havido algum espião — e é quase certo que havia — em Alexandria, Castelrosso ou na ilha do major Rutledge. E mudamos da lancha para o avião, para o M.T.B., para o barco. Cobrindo o rastro, cabo. Não podemos arriscar.

Miller concordou, seus olhos se pousaram nas roupas que jaziam a seus pés, enrugou a testa com espanto, abaixou-se e arrastou as roupas brancas que atraíram sua atenção. Logo levantou a grande e volumosa vestimenta para examiná-la.

— Para usarmos quando passarmos pelos cemitérios locais, suponho. — Falava com grande ironia. — Disfarçados de fantasmas.

— Camuflagem — esclareceu Mallory sucintamente. — Casacos de neve.

— O quê?

— Neve. Aquela coisa branca. Existem montanhas bastante altas em Navarone e talvez tenhamos que passar por elas. Portanto... casacos de neve.

Miller ficou como que aturdido. Sem dizer nada, estirou-se a fio comprido sobre a coberta, acomodou a cabeça e fechou os olhos. Mallory olhou sorridente para Andréa.

— Retrato de um homem pegando sua quota de sol, antes de lutar com os desertos árticos... Não é má idéia. Talvez você deva dormir também. Eu montarei guarda por duas horas.

O barco continuou sua marcha paralela ao litoral turco durante cinco horas, ligeiramente a noroeste e raramente a mais de duas milhas da costa. Descansado e se aquecendo sob o ainda ameno sol de novembro, Mallory permanecia sentado entre as muradas da proa que enquadravam o céu e o horizonte. No centro do barco, Andréa e Miller dormiam. Casey Brown continuava resistindo a todas as tentativas para arrancá-lo da sala de

máquinas. De vez em quando — muito de vez em quando — saía para respirar um pouco de ar fresco, mas os intervalos entre suas aparições iam aumentando progressivamente à medida que se concentrava mais e mais no estado do velho Kelvin, regulando sua errada lubrificação a gotas, e ajustando constantemente a tomada de ar; sendo engenheiro, dos pés à cabeça sentia-se infeliz diante do estado da máquina; estava também sonolento e doía-lhe a cabeça, já que a estreita escotilha mal lhe proporcionava ventilação.

Sozinho na casa do leme, desusado atributo num barco tão pequeno, o tenente Andy Stevens via a costa turca deslizar lentamente. Como os olhos de Mallory, os seus moviam-se sem parar, mas não de maneira tão controlada. Passavam da costa para a carta de navegação; da carta para as ilhas que se achavam adiante, a bombordo, ilhas cuja posição e relação entre si mudavam continuamente e enganadoramente, ilhas que surgiam do mar pouco a pouco e se definiam através da bruma de refração azulada; das ilhas para a velha bússola de álcool que se balançava de maneira quase imperceptível sobre desgastados aros de suspensão e da bússola para a costa novamente. De vez em quando, esquadrihava o céu ou lançava uma rápida olhada ao horizonte através de um arco de 180 graus. Mas havia uma coisa que seus olhos sempre evitavam. O rachado espelho manchado de moscas fora pendurado na casa do leme, novamente, mas era como se seus olhos e o espelho fossem dois pólos magnéticos opostos; não se atrevia a olhá-lo.

Doíam-lhe os antebraços. Fora substituído duas vezes do leme, mas mesmo assim doíam-lhe de maneira espantosa. Suas mãos finas e bronzeadas deixavam ver os nós embranquecidos ao apertar a roda do leme. Tentou várias vezes relaxar seus músculos, a tensão que atava a musculatura de seus braços; mas como se possuíssem vontade independente, suas mãos voltavam a apertar a roda. Também tinha um estranho sabor em sua boca ressequida, um gosto ácido e salgado e embora bebesse algumas vezes da jarra a seu lado aquecida pelo sol, o sabor e a secura continuavam. Não podia ver-se livre delas, assim como não podia se livrar

daquela bola retorcida e apertando suas entranhas sobre o plexo solar, ou o estranho e incontrolável tremor que de vez em quando se apoderava de sua perna direita.

O tenente Andy Stevens tinha medo. Nunca entrara em ação antes, mas não era esse o motivo de seu temor. Não era a primeira vez que tinha medo. Tivera medo toda sua vida, até onde podia alcançar sua memória... e sua memória alcançava longe até seus primeiros dias de pré-universitário, quando seu pai, o famoso Sir Cedric Stevens, o mais célebre explorador e alpinista de seu tempo, o havia atirado na piscina de sua casa dizendo-lhe que era a única maneira de aprender a nadar. Ainda podia lembrar-se como havia lutado e engolido água para chegar até a borda da piscina do outro lado, tomado de pânico e desespero, com a boca e o nariz entupidos pela água, e a boca do estômago amarrada e apertada por aquela dor desconhecida e aterrorizante que chegaria a conhecer tão bem com o correr dos anos; lembrava-se como seu pai e seus dois irmãos maiores, corpulentos, joviais e com nervos de aço como o próprio Sir Cedric, haviam enxugado as lágrimas de riso dos olhos e o empurraram de novo...

Seu pai e seus irmãos... durante a sua vida escolar, tinha sido sempre assim. Os três haviam tornado sua vida insuportável. Eram tipos robustos, fortes, gostavam do ar livre, adoravam o templo do atletismo e da forma física, não podiam compreender que houvesse alguém no mundo que não sentisse prazer em atirar-se de um trampolim de cinco metros de altura, em saltar os obstáculos de uma caçada, em escalar os rochedos de um pico distante ou manobrar um barco numa tormenta. Haviam-no obrigado a fazer tudo isso, falhara com frequência, e seus irmãos e seu pai nunca entenderam como temia esses esportes violentos nos quais se sobressaíam; não eram homens cruéis, mas apenas estúpidos. E assim, ao simples medo físico que às vezes sentia, se acrescentava o medo do fracasso e da zombaria, com seu conseqüente ridículo. E como fora um menino muito sensível e temia o ridículo sobre todas as coisas, chegara a temer que pudesse provocá-lo. Por fim, chegara a temer o próprio medo, e foi precisamente um desesperado esforço para dominar esse duplo medo o que o induziu

a dedicar-se — entre os quinze e vinte anos — a escalar montanhas. Por fim, chegara a ser bom nisso, adquirindo tal reputação que seu pai e seus irmãos o respeitavam como a um igual, parando assim de ridicularizá-lo. Mas o medo não cessara; aumentava com o que se nutria, e, com freqüência, no meio de uma escalada especialmente difícil, estivera a ponto de matar-se por causa de um incontrolável e irracional terror. Mas sempre conseguira dissimulá-lo ou ocultá-lo. Como agora. Estava tentando dominar, ocultar aquele medo. Temia falhar, não estava seguro de corresponder ao que dele se esperava; tinha medo do medo e acima de tudo estava desesperadamente com medo de que os outros descobrissem e vissem que tinha medo.

O surpreendente e incrível azul do Egeu; a suave e brumosa silhueta das montanhas de Anatólia contra o límpido azul do céu; a entemecedora e mágica mistura de azuis e violetas, de púrpuras e anis, das ilhas banhadas pelo sol que passavam preguiçosamente ao lado, agora quase no foco; o iridescente encrespar da água acariciada pela brisa suave que, carregada de aromas, acabava de surgir do sudeste; a pacífica cena da ponte, o tranqüilizador e interminável zunzum do velho motor Kelvin... Tudo era paz e quietude, satisfação, calor e languidez, e parecia impossível que alguém pudesse ter medo. Naquela tarde o mundo e a guerra estavam muito longe...

No entanto era possível, afinal de contas, que a guerra não estivesse tão longe. Chegavam alguns respingos de constantes lembranças. Por duas vezes, um avião Arado alemão voara sobre eles, descrevendo círculos, e um Saboya e um Fiat, voando juntos, haviam modificado suas rotas e descido para examiná-los, afastando-se de novo, satisfeitos com o que viram; tratando-se de aviões italianos, provavelmente com base em Rodes, eram boas as possibilidades de que fossem pilotados por alemães, que tinham prendido seus aliados até então em Rodes e os colocaram em campos de concentração, depois da rendição do governo italiano. De manhã passaram a meia milha de um barco alemão; ia com a bandeira alemã, coalhado de canhões sobre a popa e a proa. Na primeira hora da tarde, uma lancha rápida alemã passara tão perto

deles que o barco se balançara violentamente na marola produzida. Mallory e Andréa ergueram os punhos e praguejaram alto e fluentemente amaldiçoando os sorridentes marinheiros na cobertura. Mas não tentaram fazer-lhes mal nem detê-los. Nem os britânicos nem os alemães hesitavam em violar a neutralidade das águas turcas, mas, em cumprimento de um convênio tácito entre cavalheiros, as hostilidades entre barcos e aviões que passavam eram quase desconhecidas. Como representantes de países em guerra, numa capital neutra, seu comportamento variava de uma cortesia rígida e impecável a uma marcada indiferença.

Estes eram então os respingos, as visitas e cruzamentos, na realidade inofensivos, de barcos e aviões inimigos. As outras recordações de que aquilo não era paz e sim ilusão, algo efêmero e quebradiço, eram mais permanentes. Os ponteiros de seus relógios se moviam lentamente e cada tique-taque os aproximava mais e mais da grande muralha de pedra, a apenas oito horas de distância, e que teria de ser escalada de qualquer maneira: e naquele momento, quase em linha reta, e a menos de cinquenta milhas de distância, podiam ver os hostis e dentados picos de Navarone, destacando-se no horizonte nebuloso e elevando-se escuros contra o céu azul de safira, desolados, remotos e estranhamente ameaçadores.

Às duas e meia da tarde o motor parou. Parou bruscamente, sem aviso prévio de interrupção ou falha no pistão. Um momento antes, o rumor compassado e tranqüilizador; no seguinte, o silêncio súbito, inesperado, opressivo e dominador por seu absolutismo.

Mallory foi o primeiro a chegar na escotilha.

— Que aconteceu, Brown? — perguntou. A ansiedade aguçava-lhe a voz. — A máquina arrebentou?

— Não de todo, senhor. — Brown estava inclinado sobre a máquina e sua voz soava fracamente. — Eu mesmo acabo de pará-la. — Levantou-se, ergueu-se pesadamente pela escotilha e sentou-se na cobertura com os pés pendurados, aspirando grandes lufadas de ar fresco. Sob a pele tostada, seu rosto estava muito pálido.

Mallory olhou-o detidamente.

— Parece que levou o maior susto de sua vida.

— Não é isso. — Brown sacudiu a cabeça. — Durante as últimas horas, fui lentamente envenenado naquele maldito buraco. Agora é que eu me dou conta disso. — Passou a mão pela sobancelha e gemeu. — Parece que minha cabeça vai estourar, senhor. O monóxido de carbono não é muito saudável.

— Um escape?

— Sim. Mas é algo mais que um escape. — Apontou para o motor. — Está vendo aquele tubo que segura a bola de ferro sobre o motor... o refrigerador de água? É fino como um papel e há horas que deve estar pingando por cima da aba inferior. Há um minuto atrás explodiu e fez um grande buraco. Chispas, fumaça e chamas de seis polegadas de altura. Tive de parar o motor na mesma hora, senhor.

Mallory concordou numa lenta compreensão.

— E agora? Pode consertá-lo, Brown?

— Nem em sonhos, capitão. — Seu movimento de cabeça era significativo. — Teria que soldá-lo. No entanto, no ferro velho há um sobressalente. Enferrujado até a alma, tão velho como o que está posto. Tentarei utilizá-lo.

— Eu ajudo — ofereceu-se Miller.

— Obrigado, cabo. Quanto tempo acha que levará para consertá-lo, Brown?

— Só Deus sabe. Duas ou quatro horas. Quase todos os troços e ferros estão colados pela ferrugem. Terei que lixá-los ou serrá-los e procurar outros para substituí-los.

Mallory não disse nada. Voltou-se pesadamente e juntou-se a Stevens que abandonara o timão e estava inclinado sobre o monte de velas. Olhou inquisitivamente para Mallory, quando este chegou a seu lado.

— Vamos tirá-las e içá-las. Brown disse que talvez leve quatro horas para consertar a avaria. Andréa e eu faremos o possível para ajudar.

Duas horas mais tarde, ainda com o motor avariado, achavam-se bastante distantes das águas territoriais, perto de uma grande ilha, situada a umas oito milhas a ONO. O vento cálido e sufocante havia retrocedido e soprava para este, que se escurecera

preunciando temporal e só com a catita e a bujarrona, as duas únicas velas que encontraram, ajustadas no mastro grande, não podiam colocar-se a favor do vento. Mallory decidira dirigir-se para a ilha, onde o risco de serem observados era bem menor que em mar aberto. Olhou ansiosamente seu relógio e fixou seu olhar mal-humorado na costa turca que se afastava. Esquadrinhou a linha escura formada por mar, terra e céu, na direção leste.

— Andréa! Você está vendo...

— Estou, meu capitão. — Andréa estava a seu lado.

— Um barco a três milhas. Vem diretamente na nossa direção.

— Diretamente na nossa direção — repetiu Mallory.

— Diga a Miller e Brown que venham aqui.

Quando todos estavam reunidos, Mallory entrou logo no assunto.

— Vão nos deter e investigar — disse rapidamente.

— Se não me engano é aquele barco grande que passou por nós esta manhã. Só Deus sabe como foram informados. Virão cheios de suspeitas. E não vai ser uma inspeção de luvas de pelica, nem de mãos nos bolsos. Estarão armados até os dentes e dispostos a fazer barulho. Não haverá meias medidas. Quero que entendam bem isso. Ou nos afundam ou nós os afundamos. Não podemos resistir a uma inspeção, principalmente com o equipamento que levamos a bordo. — E acrescentou com suavidade: — Não vamos jogar esse equipamento no mar.

Explicou rapidamente seus planos. Stevens, olhando pela janela da casa do leme, sentiu o antigo aperto na boca do estômago e notou que o sangue desaparecia de seu rosto. Agradeceu a proteção da casinhola, que ocultava a parte inferior de seu corpo; aquele familiar tremor na sua perna voltara. Até sua voz fraquejava.

— Mas capitão, capitão...

— Sim, sim, o que é, Stevens? — Apesar de apressado como estava, Mallory deteve-se ao ver o rosto pálido, assustado, e as unhas sem cor cravadas no parapeito da janela.

— Não... não pode fazer isso, senhor! — A voz tinha um tom asperamente gutural, sob o fio cortante da tensão. Durante um instante, sua boca mexeu-se sem articular um som, depois apressou-se a dizer: — Será uma matança, senhor ... simples assassinato!

— Cala a boca, rapaz! — resmungou Miller.

— Basta, cabo! — Mallory ordenou com voz cortante. Olhou demoradamente para o americano, depois seu olhar frio caiu sobre Stevens. — Tenente, para dirigir uma guerra com êxito, temos que colocar o inimigo em desvantagem, não lhe dando nenhuma possibilidade de salvar-se. Ou nós os matamos ou eles nos matam. Ou nós os afundamos ou eles nos afundam... junto com os nossos mil e duzentos homens de Kheros. A coisa é simples assim, tenente. Não chega a ser nem um caso de consciência.

Durante alguns segundos Stevens ficou olhando para Mallory em absoluto silêncio. Dava-se conta vagamente de que todo o mundo estava com os olhos nele. Naquele instante odiava Mallory e o teria morto. Odiava-o porque... subitamente percebeu que o odiava pela impiedosa lógica de suas palavras. Baixou o olhar para suas mãos crispadas. Mallory, o ídolo de todos os jovens alpinistas e escaladores da Inglaterra de antes da guerra, cujas fantásticas façanhas tinham sido manchetes de primeira página de todos os jornais de 1938 e 39; Mallory, que duas vezes, por um azar incrível, fracassara em surpreender Rommel em seu quartel-general no deserto; Mallory, que por três vezes dispensara uma promoção para continuar com seus amados cretenses, cuja adoração por ele raiava á idolatria. Estes pensamentos passavam tumultuosamente por sua cabeça. Ergueu os olhos, olhou o rosto fino, bronzeado pelo sol, a boca sensível e bem desenhada, as sobrancelhas espessas, escuras e retas sobre os olhos castanhos que podiam ser frios ou bondosos, e de repente sentiu-se envergonhado. Sabia que o capitão Mallory estava muito acima de sua compreensão e de seu julgamento.

— Sinto muito, capitão. — Sorriu fracamente. — Como diria o cabo Miller, falei fora de hora. — Olhou para o barco que vinha de sudeste. Novamente sentiu aquele medo doentio, mas sua voz estava bastante firme, quando falou. — Não desapontarei o senhor.

— Ótimo. Nem pensei nisso. — Mallory sorriu por sua vez, olhou para Miller e Brown. — Preparem as coisas e se arrumem. Ajam com calma, mantendo tudo oculto. Estarão nos observando com os binóculos.

Deu meia volta e dirigiu-se para a proa. Andréa seguiu-o.

— Você foi duro com o rapaz. — Suas palavras não eram nem crítica, nem recriminação, mas a simples exposição de um fato.

— Eu sei. — Mallory levantou os ombros. — Não foi por prazer... Não havia outro remédio.

— Também acho — disse Andréa lentamente. — Sim, acho que tinha de fazê-lo. Mas foi duro... Acha que vão usar o canhão grande para nos parar?

— É possível. Não teriam se voltado contra nós se não estivessem certos de que planejamos algo. Mas tiro de aviso diante da proa... De modo geral não são tão gentis.

Andréa franziu as sobrancelhas.

— Tão gentis?

— Não faça caso — disse Mallory sorrindo. — É hora de tomarmos nossas posições. Lembre-se, espere por mim. Não terá dificuldade em ouvir meu sinal — terminou secamente.

A onda espumante transformou-se num suave marulho, o rumor do possante motor diesel fez-se em distante murmúrio à medida que o barco alemão encostava ao lado, ficando uns seis pés apenas de distância. De onde se achava, no castelo da proa sentado numa caixa de peixes, cosendo com atenção um botão no velho casaco que sustentava sobre suas pernas, Mallory podia ver seis homens vestidos com o uniforme comum da Marinha alemã — um abaixado atrás de uma metralhadora Spandau, montada sobre seu tripé atrás do canhão de duas libras; outros três agrupados no meio do barco, cada um deles armado com um fuzil-metralhadora automático — Schmeissers, supunha —; o capitão, um jovem tenente de rosto duro e frio, com a Cruz de Ferro sobre o peito, olhando pela porta aberta da casa do leme e, por fim, uma cabeça curiosa que aparecia por cima da escotilha das máquinas. De seu lugar, Mallory não podia ver a coberta de popa; o intermitente balanço da vela pelo vento incerto ocultava-lhe a vista; mas pelo

movimento lateral restringido de proa a popa da Spandau, cobrindo avidamente só a metade dianteira de seu próprio barco, pôde deduzir que havia outra metralhadora similarmente arrumada, na popa do barco alemão.

O jovem tenente de rosto endurecido — um autêntico produto da juventude hitlerista, pensou Mallory — assomou à casa do leme, com a mão na boca como um megafone.

— Arreiem suas velas! — gritou.

Mallory ficou rígido e completamente imóvel. Nem sequer notou que a agulha cravara-se profundamente em sua mão. O tenente falara em inglês! Stevens era tão jovem, tão inexperiente... Com repentina angústia pensou que Stevens cairia na armadilha. Com certeza cairia.

Mas Stevens não caiu. Abriu a porta, coçou a orelha, olhou para o céu, a boca escancarada. Era uma imitação tão perfeita de quem não compreendia, que parecia caricatura. Mallory com prazer lhe teria dado um abraço. Não só por seus gestos, como por suas roupas escuras e rasgadas, seus cabelos escuros como os de Miller, Stevens era um legítimo pescador das ilhas, lento e desconfiado.

— Hein? — vociferou.

— Arreiem suas velas! Vamos subir a bordo! — Em inglês novamente, notou Mallory; sujeito persistente esse.

Stevens olhou-o desconcertado, virou-se desanimado para Andréa e Mallory; seus rostos também refletiam falta de compreensão tão convincente quanto a sua. Levantou os ombros em desespero.

— Sinto não entender alemão! — gritou. — Você não fala minha língua? — O grego de Stevens era perfeito, fluente e idiomático. Era o grego de Atenas e não o das ilhas; mas Mallory tinha certeza de que o tenente não perceberia a diferença.

E não percebeu. Balançou a cabeça exasperado e gritou em grego, lenta e indecisamente:

— Pare seu barco imediatamente! Vamos subir a bordo.

— Parar meu barco! — A indignação era tão genuína, a fluência de furiosos vocábulos tão legítima, que até o tenente ficou surpreso. — E por que pararia meu barco para você, seu... seu...

— Dou-lhe dez segundos — interrompeu o tenente. Voltara a ser o homem equilibrado, frio e preciso. — Dentro de dez segundos dispararemos.

Stevens fez um gesto de compreensão e derrota e voltou-se para Andréa e Mallory.

— Nossos conquistadores falaram — disse amargamente. — Arriem as velas.

Com toda a rapidez, afrouxaram os panos ao pé do mastro. Mallory arriou a bujarrona, recolheu a vela em seus braços e sentou-se sombriamente no solo da coberta — sabia que uma dúzia de olhos hostis o observavam — junto à caixa de peixe. Com a vela e a velha jaqueta cobrindo-lhe os joelhos, seus antebraços nas coxas, estava sentado com a cabeça abaixada e as mãos penduradas nos joelhos, e era a imagem fiel do completo desânimo. A vela catita também caiu no chão. Andréa passou por cima dela, deu alguns passos incertos em direção à popa e parou com as mãos vazias ao longo do corpo.

Uma repentina agitação no abafado rumor da máquina, uma volta no timão e o grande barco alemão roçava o lado do barquinho. Rapidamente e com extremo cuidado para manterem-se fora da linha de fogo das Spandaus — via-se agora a outra com toda a clareza — os três homens armados de Schmeissers saltaram para bordo. Sem perder um segundo, um deles correu para a proa, girou à volta do mastro grande e apontou com seu fuzil-metralhadora para toda a tripulação. Todos menos Mallory — pois Mallory estava sob a mira do competente artilheiro de proa da Spandau. Friamente, Mallory admirava a precisão, a marcação, o trabalho matemático de uma velha rotina.

Levantou a cabeça e olhou em volta com lenta indiferença aldeã. Casey Brown estava acorado em cima da coberta, na altura da sala das máquinas, trabalhando num silenciador. Dusty Miller, dois passos mais para a proa, com o cenho franzido, cortava com interesse um pedaço de metal de uma caixinha de lata, necessária, segundo parecia, para o conserto do motor. Tinha os alicates na mão esquerda e Mallory sabia que Miller não era canhoto. Nem Stevens nem Andréa haviam se movido. O homem

que estava junto do mastro grande continuava ali, sem pestanejar. Os outros dois se encaminhavam lentamente para a popa e acabavam de passar junto de Andréa, sossegados e tranquilos, com o porte de quem sabe que está tudo controlado de modo tão completo que a simples idéia de um possível contratempo seria ridícula.

De maneira cuidadosa, fria e precisa, Mallory disparou à queima-roupa, através de seu casaco e da vela, bem no coração do artilheiro da Spandau. Depois virou sua arma e continuou atirando sem parar. Viu morrer o guarda junto ao mastro grande, seu peito arreventado pelas balas da metralhadora. Mas o morto ainda estava de pé, ainda não caíra sobre a cobertura, quando aconteceram quatro coisas simultaneamente. Casey Brown ficara com a mão posta na automática silenciosa de Miller, escondida embaixo da cobertura das máquinas, onde trabalhava fazia mais de um minuto. Agora ele apertou o gatilho quatro vezes, pois queria assegurar-se; o artilheiro da parte posterior caiu para a frente sobre o tripé como se estivesse cansado, seus dedos mortos ainda sobre a arma. Miller torceu o fusível químico de três segundos com os alicates e lançou a lata dentro da sala de máquinas do barco inimigo; Stevens atirou a granada na casa do leme adversária e Andréa, esticando seus dois enormes braços com a precisão e a rapidez de uma cobra, fez chocarem-se as cabeças dos outros dois, com um espantoso golpe. E então os cinco homens se precipitaram para a cobertura, e em alguns segundos o barco alemão era uma confusão de chamas, fumaças e ruínas; aos poucos os ecos sobre o mar foram-se extinguindo e só ficou o barulho triste da metralhadora, esvaziando-se inutilmente contra o céu. Pouco depois o pente se acabou e o Egeu ficou tão silencioso como sempre, mais silencioso do que nunca.

Lentamente, ainda aturdido pelo choque físico e pela ensurdecidora proximidade das explosões gêmeas, Mallory forçou-se a abandonar a cobertura de madeira, sustentando-se em suas pernas trêmulas. Sua primeira reação foi de surpresa, quase de incredulidade; a explosão de uma granada e de dois blocos de TNT, a tão pouca distância, estava muito acima do que ousara esperar.

O barco alemão afundava, afundava rapidamente. A bomba caseira de Miller devia ter arrancado o fundo da sala de máquinas. Uma metade ardia e, durante um instante de desânimo, Mallory teve a angustiada visão de altíssimas colunas de fumaça negra e de aviões inimigos de reconhecimento. Mas só por um instante; o madeirame seco e resinoso queimava furiosamente, quase sem fazer fumaça e a ardente cobertura caíra violentamente para bombordo. Demoraria poucos segundos para desaparecer. Seus olhos percorreram o esqueleto destroçado da sala de máquinas. E, por um momento, conteve a respiração. Preso num dos braços da roda do leme, o tenente parecia uma caricatura fantasmagórica, mutilada, do que um dia fora um ser humano, decapitado e horrível: uma parte do cérebro de Mallory registrou vagamente o áspero som de um esforço para vomitar, violento e convulsivo, que saía da casa do leme e certificou-se que Stevens também vira aquilo. Das profundezas do barco que afundava, chegou o surdo rugir dos tanques de combustível que arrebentavam: um penacho de chamas e de fumaça negra oleosa surgiu da sala de máquinas e o barco voltou a recuperar o equilíbrio misteriosamente, suas bordas quase à flor da água, depois as sibilantes águas rebaixaram e cobriram a nave e apagaram as retorcidas chamas e o barco desapareceu, seus mastros esbeltos deslizando verticalmente e fundindo-se nas águas turbulentas coroadas de espumas e borbulhas de petróleo. E agora o Egeu voltava à calma e à paz, tão tranqüilo como se o barco jamais tivesse existido e quase tão vazio; algumas tábuas chamuscadas e um casco invertido pairavam preguiçosamente sobre a brilhante superfície do mar.

Com um esforço de vontade, Mallory voltou-se para olhar seu próprio barco e seus homens. Brown e Miller estavam de pé, olhando fascinados para o lugar onde estivera o barco. Stevens achava-se na porta da casa do leme. Também estava ileso, mas seu rosto estava cinzento. Controlara-se durante a ação e naquele breve momento superara-se, mas no epílogo a rápida visão do tenente estraçalhado atingira-o duramente. Andréa, sangrando de um ferimento no rosto, contemplava os dois homens das

Schmeissers, que jaziam aos seus pés. Seu rosto era inexpressivo. Mallory olhou-o longamente numa lenta compreensão.

— Mortos? — perguntou baixinho. Andréa inclinou sua cabeça.

— Sim. — Sua voz era grave. — Meu golpe foi forte demais.

Mallory afastou-se. De todos os homens que chegara a conhecer durante sua vida, pensou, Andréa era o que mais motivos tinha para odiar e matar seus inimigos. E matava-os com ciência, com impiedosa eficiência, amedrontadora pela simplicidade e esmero de sua execução. Mas raramente matava sem pesar, sem a mais amarga autocondenação, pois não acreditava ter direitos sobre a vida dos demais. Destruidor de seus semelhantes, amava seu próximo sobre todas as coisas. Homem simples, bom, um assassino de coração bondoso, a consciência o incomodava constantemente e sentia-se desgostoso dentro de si. Mas acima de todas as indecisões e críticas, guiava-se por uma honradez de pensamento, por uma clara visão que surgia e transcendia de sua inata simplicidade. Andréa não matava por vingança, nem por ódio, nem por nacionalismo, nem por qualquer dos *ismos* que os egoístas, os loucos e os velhacos empregam como diversão para os campos de batalha e justificação para a matança de seres jovens e ignorantes demais para compreender a horrível futilidade disso tudo. Andréa matava simplesmente para que homens melhores pudessem viver.

— Há alguém mais ferido? — A voz de Mallory soou deliberadamente viva e alegre. — Ninguém? Ótimo! Bem, vamos nos pôr em marcha e o quanto antes. Quanto mais depressa nos afastarmos desse lugar, melhor para nós. — Olhou para seu relógio. — Quase quatro horas... hora da comunicação de rotina com Cairo. Deixe esse seu montão de ferro velho, chefe. Veja se consegue comunicar-se com eles. — Olhou para o céu, a leste, um céu agora arroxado, lívido e ameaçador, e balançou a cabeça cheio de dúvidas. — Valeria a pena ouvir a previsão do tempo.

E tinha razão. A recepção foi muito ruim — Brown botou a culpa da violenta estática nos escuros e retorcidos cúmulos de trovoadas que se acercavam firmemente pela popa e que agora cobriam quase a metade do céu — mas deu para ouvir. Ouviram

uma informação que jamais esperaram ouvir, que os deixara silenciosos, com os olhos fixos, numa inquieta especulação. O diminuto alto-falante ressoou e sumiu, ressoou e sumiu, sobre o irregular fundo da estática.

— Rhubarb chamando Pimpinela! Rhubarb chamando Pimpinela! — Eram os nomes em código respectivo de Cairo e Mallory. — Está me ouvindo?

Brown respondeu acusando recebimento. O alto-falante ressoou de novo.

— Rhubarb chamando Pimpinela. Agora X menos um. Repito, X menos um.

Repentinamente Mallory conteve a respiração. X — o amanhecer de sábado — fora a suposta data do ataque alemão sobre Kheros. Adiantaram-na de um dia e Jensen não era homem que falasse sem conhecimento de causa. Sexta-feira ao amanhecer. Pouco mais de três dias.

— Diga que X menos um foi compreendido — falou Mallory suavemente.

— Previsão, leste de Ânglia — continuou a voz impessoal: as Esporadas do Norte, percebeu Mallory. — Prováveis tempestades elétricas para esta noite, com chuvas fortes. Visibilidade fraca. Temperatura em declínio e continuará declinando durante as próximas vinte e quatro horas. Ventos para sudeste, força seis, localmente oito, moderando-se nas primeiras horas da manhã.

Mallory virou-se, abaixou-se para passar sob a vela ondulante e dirigiu-se lentamente para a popa. Que trapalhada, pensou, que maldita confusão. Faltavam três dias, o motor estava avariado e uma tempestade de primeira se aproximava. Pensou, ligeiramente esperançoso, na péssima opinião que Torrence, o chefe da esquadrilha, tinha dos burocratas do Serviço Meteorológico, mas a esperança nem chegou a nascer. Era impossível, a não ser que fosse cego. As nuvens densas se erguiam ameaçadoras, aterradoras, quase que sobre eles.

— O negócio está ficando feio, hein? — O arrastado acento nasal soou logo atrás dele. Havia algo estranhamente

tranqüilizador, naquela voz equilibrada, na firmeza dos olhos de um azul límpido, colhidos numa rede de rugas finíssimas.

— Não está muito bom — admitiu Mallory.

— Que história é essa de “força oito”, chefe?

— Uma escala de vento — explicou Mallory. — Num barquinho desse tamanho e cansados da vida como estamos, não podemos vencer um vento de força oito.

Miller concordou pesaroso.

— Eu sabia. Devia sabê-lo. E jurei que nunca mais me meteriam num maldito barco! — Ficou de mau humor por um momento, suspirou, passou as pernas pela borda da escotilha da sala de máquinas e apontou com o polegar para a ilha mais próxima, a menos de três milhas de distância. — Aquilo também não parece muito prometedor.

— Daqui não — concordou Mallory. — Mas a carta mostra um rio com uma curva em ângulo reto. Essa curva nos abrigará do vento e do mar.

— Ilha habitada?

— Provavelmente.

— Por alemães?

— Provavelmente.

Miller sacudiu a cabeça desanimado e desceu para ajudar Brown. Quarenta minutos mais tarde, na semi-escuridão do nublado entardecer e sob uma chuva torrencial, vertical e fria como uma lança, a âncora do barquinho batia ruidosamente na água, defronte das verdes muralhas da floresta, uma floresta úmida e gotejante, hostil na sua indiferença.

IV

Segunda-Feira — Entardecer

Das 17 às 23,30 horas.

— Brilhante! — disse Mallory amargamente. — Brilhantíssimo! “Vem para a minha salinha, disse a aranha para a mosca.”

Resmungou desesperado, afastou com um gesto exasperado a borda do encerado que cobria a escotilha de proa, esquadrinhou através da cortina de chuva e contemplou pela segunda vez e mais detidamente a rocha que se elevava na curva do rio, protegendo-os do mar. Já nada dificultava a visão, absolutamente nada. A chuva torrencial se convertera numa chuvinha leve e tanto as nuvens cinzas e brancas feito flâmulas pelo vento crescente, como as gigantescas nuvens negras amontoadas, tinham-se afastado para o longínquo horizonte. Sobre um pedaço de céu limpo, no distante oeste, o sol vermelho desaparecia, balançando-se na linha do mar. Das sombrias águas do arroio o sol era invisível, mas sua presença indisfarçável refletia-se na dourada névoa fina da chuva que caía por cima de suas cabeças.

Os mesmos raios solares iluminavam o velho e arruinado torreão, situado bem na ponta do penhasco, a uns cem pés acima do rio. Poliam o branco e refinado mármore de Paria, tingindo-o de um tom rosa delicado: brilhavam no aço reluzente das malignas

bocas das metralhadoras Spandau, que apareciam nos entalhados vãos das maciças paredes e clareavam a retorcida cruz da suástica da bandeira, que tremulava orgulhosamente em seu mastro, sobre o parapeito. Sólida, apesar de sua aparência de ruínas, inexpugnável, por sua situação, autoritária, por sua posição elevada, a torre dominava completamente as duas vias marítimas, por mar e rio acima, até o estreito canal que passava entre o barco ancorado e a base do penhasco.

Lentamente, quase com relutância, Mallory virou-se e delicadamente abaixou o encerado. Seu rosto estava preocupado quando encarou Andréa e Stevens, mal definidas sombras, na escuridão crepuscular do camarote.

— Brilhante! — repetiu. — Genial! Mallory, o gênio. Provavelmente o único maldito rio em cem milhas quadradas, entre centenas de ilhas com um posto de guarda alemão! E, é claro, eu tinha de escolhê-lo! Stevens, vamos olhar a carta outra vez?

Stevens passou-lhe a carta, contemplou Mallory que a estudava à luz pálida que se filtrava por baixo do encerado, recostou-se no tabique e tragou o cigarro com força. Tinha gosto de velho, azedo e acre, mas sabia que o fumo era novo. O antigo temor, o medo doentio, voltara com a mesma intensidade de sempre. Contemplou a forma escura e poderosa de Andréa, em frente, e sentiu um ressentimento ilógico contra ele por ter descoberto o posto, minutos antes. Deve haver canhões lá em cima, pensava monotonamente, deve haver canhões, pois de outra maneira não poderia dominar o rio. Apertou fortemente o músculo da coxa, em cima do joelho, mas a tremedeira era forte demais para conseguir controlá-la e bendisse a piedosa escuridão do pequeno camarote. No entanto sua voz soou com bastante clareza ao dizer:

— O senhor está perdendo tempo olhando essa carta e culpando-se. Esse é o único rio onde podíamos ancorar. Os outros são muito distantes. Com esse vento não se podia chegar a nenhum outro lugar.

— Exatamente. É isso mesmo. — Mallory dobrou a carta e devolveu-a. — Não havia outro lugar para ir. Não havia nenhum

outro lugar onde alguém pudesse ir. Esse deve ser um porto muito concorrido numa tempestade, fato que os alemães devem saber há algum tempo. Por isso devia ter-me lembrado que haveria um posto aqui. Enfim, não adianta chorar à toa. — Levantou a voz. — Chefe!

— Às suas ordens! — A voz de Brown veio abafada das profundezas da casa das máquinas.

— Como vai isso?

— Não está muito ruim, não. Estou montando-o agora.

Mallory respirou aliviado.

— Quanto falta? — perguntou. — Uma hora?

— No mínimo, senhor.

— Uma hora. — Mallory tornou a olhar pelo encerado e virou-se para Andréa e Stevens. — Está quase pronto. Partiremos dentro de uma hora. Teremos escuridão suficiente para proteger-nos de nossos amigos lá de cima, mas faltará luz para navegar nesse maldito canal espiralado.

— Crê que tentarão impedir-nos, senhor? — A voz de Stevens estava casual demais, exageradamente tranqüila. Tinha certeza que Mallory perceberia.

— É improvável que venham até a margem para nos saudar — disse Mallory secamente. — Quantos homens calcula que tenham lá, Andréa?

— Vi dois — disse Andréa pensativamente. — Talvez haja três ou quatro, capitão. É um posto pequeno. Os alemães não desperdiçam seus homens nisso.

— Acho que você tem razão — concordou Mallory. — A maioria deve estar na guarnição do povoado, a umas sete milhas daqui, na direção do oeste, segundo a carta. Não é provável...

Interrompeu-se, repentinamente, e prestou atenção. Novamente ouviu a chamada, desta vez em voz mais alta e imperativa. Maldizendo seu descuido por não ter posto alguém de guarda — semelhante negligência quase lhe custara a vida em Creta — Mallory puxou o encerado e subiu lentamente para a coberta. Não levava armas, apenas uma garrafa de Moselle, pela metade, na mão esquerda: fazia parte de um plano concebido antes

de abandonar Alexandria, pegara-a num armário colocado ao pé da escada.

Atravessou a coberta cambaleando de maneira convincente e agarrou-se a um mastro, a tempo para não cair na água. Encarou de modo insolente o homem que lhe falava da margem a menos de dez metros de distância — não adiantaria nada alguém de guarda, Mallory verificou, pois o soldado trazia seu fuzil automático no ombro —, levou a garrafa à boca com a mesma petulância e bebeu sofregamente antes de condescender a falar com ele.

Podia ver a raiva crescente no rosto fino e bronzeado do jovem alemão que o olhava de alto a baixo. Mallory não tomou conhecimento. Lentamente, com um gesto de desprezo, passou a andrajosa manga de seu casaco pelos lábios e voltou a olhar o soldado, de cima a baixo, ainda com mais calma, numa inspeção deliberadamente provocadora, tão desdenhosa quanto prolongada.

— Que é que há? — perguntou truculento no linguajar lento das ilhas. — Que diabo quer você?

Até na escuridão crescente podia ver os nós das mãos empalidecendo ao apertar o fuzil e, por um instante, pensou ter ido longe demais. Sabia que não corria perigo — o barulho na sala de máquinas cessara e a mão de Dusty Miller não se afastava da automática silenciosa — mas não queria encrenca. Pelo menos por enquanto. Não enquanto houvesse um par de Spandau controladas lá na torre de observação.

Com esforço quase visível, o soldado recuperou seu controle. Não precisava muita imaginação para ver a raiva se evaporando, os primeiros movimentos de vacilação e atordoamento. Era a reação que Mallory esperara. Os gregos — mesmo os gregos meio bêbados — nunca falavam a seus poderosos senhores daquela maneira... se não tivessem razão muito forte para isso.

— Que barco é esse? — Falava um grego vacilante, porém passável. — Para onde se dirige?

Mallory virou a garrafa novamente, estalou os lábios com ruidosa satisfação. Manteve a garrafa afastada à distância do braço e olhou-a com amoroso respeito.

— Uma coisa vocês, alemães, sabem — disse em voz alta. — Como fazer um bom vinho. Aposto como você não consegue pôr as mãos num material desses, não é? E a porcaria que fazem lá em cima — termo com que os ilhéus se referiam à Grécia continental — está tão cheia de resina que só serve para acender fogueira. — Ficou um momento pensativo. — Claro que quando se conhecem as pessoas certas nas ilhas, pode-se arranjar um pouco de *ouzo*. Mas algumas pessoas como nós conseguem *ouzo* e os melhores Hock e os melhores Moselle.

O soldado enrugou o rosto com asco. Como a maioria dos soldados, odiava os Quislings, mesmo quando estavam de seu lado: na Grécia havia pouquíssimos.

— Fiz-lhe uma pergunta — disse friamente. — Que barco é esse e para onde vai?

— É o barco *Aigion* — replicou Mallory orgulhosamente. — Vamos a Samos, em lastro. Estamos sob ordens.

— Ordens de quem? — perguntou o soldado. Astutamente Mallory jogara o segredo com indiferença. Muito a contragosto o guarda ficou impressionado.

— De *Herr Commandant* em Vathy. O general Graebel — confiou Mallory em voz baixa. — Já deve ter ouvido falar em *Herr General* antes, não é? — Mallory sabia que pisava terreno firme. A reputação de Graebel, como comandante de pára-quedistas e disciplinador ferrenho, ultrapassara muito além das ilhas.

Apesar da meia luz Mallory podia jurar que o rosto do soldado tornara-se ainda mais pálido. Porém era bastante obstinado.

— Tem documentos? Cartas de autorização?

Mallory olhou por cima do ombro, suspirando aborrecido.

— Andréa! — vociferou.

— Que é que você quer? — O enorme corpanzil de Andréa assomou à escotilha. Ouvira toda a conversa e aproveitara a deixa de Mallory: uma garrafa de vinho recém-aberta estava quase escondida em sua vasta mão e vinha carrancudo. — Não vê que estou ocupado? — perguntou asperamente. Deteve-se novamente ao ver o alemão e irritado franziu a testa novamente: — O que é que esse fedelho quer?

— Quer ver nossos passes e as cartas de autorização de *Herr General*. Estão lá embaixo.

Andréa desapareceu resmungando com um som gutural. Atiraram uma corda para terra, endireitaram a popa contra a corrente perigosa e passaram os documentos. Os documentos — um jogo diferente do que tinham de utilizar, caso se apresentasse alguma dificuldade em Navarone — resultaram eminentemente satisfatórios. Mallory teria ficado surpreso se assim não fosse. Sua preparação, inclusive o fac-símile fotostático da assinatura do general Graebel, era trabalho comum no escritório de Jensen, no Cairo.

O soldado dobrou os papéis e devolveu-os com um murmúrio de agradecimento. Mallory agora podia ver que era ainda um rapazinho — se tinha mais de dezenove anos não parecia. Um menino de rosto franco e agradável — o contrário dos jovens fanáticos das divisões Panzer da SS — e muito magro. A primeira reação de Mallory foi de alívio; detestaria matar um menino assim. Mas tinha que averiguar o mais que pudesse. Fez sinal a Stevens para que lhe desse a caixa quase vazia de Moselle. Jensen, refletiu, agira muito bem: o homem pensara literalmente em tudo... Mallory, num gesto displicente, apontou para a torre.

— Quantos de vocês lá? — perguntou.

O menino imediatamente ficou desconfiado. Seu rosto contraiu-se de maneira hostil.

— Para que quer saber? — perguntou com dureza. Mallory resmungou, levantou os braços desanimado e voltou-se tristemente para Andréa.

— Vê o quanto vale ser um deles? — perguntou em tom de queixa. — Não confiam em ninguém. Pensam que todos são tão enganadores quanto... — Interrompeu-se abruptamente e voltou-se de novo para o soldado. — É que não queremos ter dificuldades, cada vez que passarmos por aqui — esclareceu. — Dentro de alguns dias voltaremos de Samos e ainda temos outra caixa de Moselle para liquidar. O general Graebel mantém seus... ah... enviados especiais bem abastecidos... Deve dar sede ter que trabalhar lá em

cima no sol. Vamos, então, uma garrafa para cada um. Quantas garrafas?

A segurança de que voltariam outra vez e a tranqüilizadora menção do nome de Graebel, assim como o atrativo da oferta e a possível reação de seus camaradas, se lhes contasse que a tinha recusado, inclinou a balança e venceu escrúpulos e suspeitas.

— Somos só três — disse com má vontade.

— Pois que sejam três — disse Mallory alegremente. — Da próxima vez, traremos umas garrafas de Hock. — Empinou sua garrafa. — *Prosit!* — disse com o orgulho peculiar dos ilhéus para demonstrar seus conhecimentos de alemão e então, com mais orgulho ainda, disse: — *Auf Wiedersehen!*

O rapaz por sua vez murmurou algo. Ficou um momento hesitante, meio envergonhado, depois virou-se bruscamente e afastou-se pelas margens do rio, levando suas garrafas de Moselle.

— Então! — disse Mallory pensativo. — São só três. Isso facilita as coisas...

— Bom trabalho, capitão. — Foi Stevens quem o interrompeu com voz ardente e admiração estampada no rosto. — Uma representação magistral!

— Uma representação magistral! — Arremedou-o Miller. Jogou seu corpo magricela por cima do rebordo da escotilha da sala de máquinas. — Língua maldita! Não consegui entender uma só palavra, mas por mim merece um Oscar. Foi estupendo, chefe.

— Obrigado a todos — murmurou Mallory. — Mas temo que as felicitações sejam um pouco prematuras. — Chocou-os a repentina frieza de sua voz e seguiram a direção do seu indicador, antes que continuasse. — Olhem — disse em voz baixa.

O jovem oficial havia parado bruscamente a umas duzentas jardas ao longo da margem, olhara surpreendido para a floresta à sua esquerda e desaparecera entre as árvores. Por um momento viram outro soldado, falando muito excitado com o rapazinho, gesticulando na direção do barco e então ambos desapareceram nas sombras da floresta.

— Isso estragou tudo! — disse Mallory pensativo, virando-se. — Bem, basta. A seus postos. Pareceria suspeito se ignorássemos

por completo este incidente, mas ainda pior se lhe déssemos demasiada atenção. Que não pensem que estamos discutindo o assunto.

Miller desceu até a casa de máquinas com Brown e Stevens dirigiu-se para a pequena cabina da proa. Mallory e Andréa permaneceram na coberta com suas garrafas na mão. A chuva cessara por completo, mas o vento continuava aumentando com imperceptível firmeza, começando a inclinar a copa dos mais altos pinheiros. O penhasco lhes proporcionava uma proteção temporária quase absoluta. Mallory nem queria imaginar como estaria lá fora. Tinham que zarpar — se as Spandaus permitissem — e era só.

— O que acha que aconteceu, capitão? — Era a voz de Stevens vinda da escuridão da cabina.

— Está bem claro, não está? — respondeu Mallory, em voz alta para que todos ouvissem. — Foram informados. Não me perguntem como. É a segunda vez — e suas suspeitas vão se reforçar quando não receberem relatório do barco que foi enviado para investigar-nos. Levava antena, lembram-se?

— Mas por que iriam suspeitar tão de repente? — perguntou Miller. — Para mim não faz sentido, chefe.

— Devem estar em contato pelo rádio com o quartel-general. Ou por telefone. Provavelmente por telefone. Acabaram de receber o aviso. Consternação geral.

— Então talvez mandem um pequeno exército para acertar contas conosco — disse Miller lúgubre.

Mallory sacudiu a cabeça com determinação. Sua mente raciocinava com rapidez e sentia uma estranha confiança em si mesmo.

— Não, nem por pensamento. Sete milhas a vôo de pássaro. Talvez dez ou doze milhas por penhascos íngremes e trilhas de floresta, além do mais, completamente às escuras. Não pensariam nisso. — Apontou para a torre com a garrafa. — Esta é a grande noite deles.

— Então podemos esperar que as Spandau comecem a funcionar a qualquer momento? — Novamente a voz de Stevens com aquela casualidade fora do normal.

Mallory sacudiu a cabeça pela segunda vez.

— Não. Disso estou certo. Por mais desconfiados que estejam, por mais seguros de que somos o lobo mau, levarão um susto enorme quando o garoto lhes disser que levamos documentos e cartas de autorização assinados pelo próprio general Graebel. Eles sabem que o nosso fim pode significar para eles o pelotão de fuzilamento. Não é provável, mas sabem como são essas coisas. Vão se comunicar com o quartel-general e um comandante de uma ilha pequena como essa não vai se arriscar a liquidar um grupo de homens que podem ser enviados especiais do general Graebel em pessoa. E daí? Daí vai cifrar uma mensagem e irradiá-la para Vathy em Samos e roer as unhas até o cotovelo, até que chegue uma mensagem dizendo que Graebel nunca ouviu falar de nós e por que cargas d'água não nos liquidaram a todos? — Mallory contemplou o mostrador luminoso de seu relógio. — Diria que temos pelo menos meia hora.

— E no meio tempo, podemos nos sentar com lápis e papel nas mãos e fazer nossos testamentos e últimas vontades. — Miller franziu a testa. — Não há vantagem, chefe. Temos que fazer algo.

Mallory fez uma careta.

— Não se preocupe, cabo, nós vamos fazer algo: uma linda festa aqui mesmo na popa.

As últimas palavras da canção — uma picante e corrompida versão grega de *Lili Marlene*, a terceira canção nos últimos minutos — espalharam-se pelo ar do entardecer. Mallory duvidava que o simples rumor da cantoria chegasse até a torre de observação, mas o bater rítmico dos pés e o acenar das garrafas eram provas mais do que suficientes para qualquer um que não fosse cego ou surdo. Mallory sorriu para si mesmo, ao pensar na confusão e incerteza dos alemães na torre, naquele momento. Aquilo não era comportamento de espiões inimigos, principalmente de espiões inimigos que sabem que despertaram suspeitas e que o tempo está passando.

Mallory virou a garrafa na boca, manteve-a assim alguns segundos, pousou-a sem ter provado o vinho. Olhou

demoradamente em volta para os três homens agachados com ele na popa: Miller, Stevens e Brown. Andréa não estava, mas não precisava virar a cabeça para procurá-lo. Sabia que Andréa estava acorrido no abrigo da casa do leme, uma bolsa impermeável atada às costas contendo granadas e um revólver.

— Ótimo! — disse Mallory vivamente. — Agora chegou a oportunidade de você ganhar seu Oscar. Que tudo tenha a maior autenticidade possível. — Inclinou-se para a frente, apoiou o indicador no peito de Miller e começou a gritar furiosamente com ele.

Miller gritou também. Por alguns momentos, ficaram ali sentados, gesticulando raivosamente e, aparentemente, discutindo furiosamente um com o outro. Logo Miller levantou-se cambaleando como um bêbedo e inclinou-se ameaçadoramente sobre Mallory com os punhos fechados, pronto para atacar. Recuou enquanto Mallory esforçava-se para ficar de pé e um instante depois lutavam ferozmente, trocando uma chuva de golpes. Então um soco bem administrado pelo americano mandou Mallory de modo convincente contra a casa do leme.

— Pronto, Andréa. — Falava baixo sem olhar à volta. — Chegou o momento. Cinco segundos. Boa sorte.

Levantou-se com dificuldade, pegou uma garrafa pelo gargalo e atirou-se sobre Miller, com o braço erguido e com fúria abaixou a garrafa. Miller esquivou-se, levantou o pé com força e Mallory gritou de dor, quando sua canela bateu na beira da amurada. Recortado contra o pálido reflexo do rio, preparou-se por um segundo, agitando os braços selvagemente, depois caiu pesadamente, mergulhando com barulho dentro das águas do rio.

Durante o meio minuto seguinte — tempo aproximado que Andréa levaria para nadar embaixo d'água rio acima até a próxima margem do arroio — tudo foi confusão e barulho escandaloso. Mallory batia na água ao tentar içar-se para bordo; Miller agarrara um gancho com o qual tentava acertar-lhe a cabeça; os demais já de pé puseram seus braços em volta de Miller, fazendo força para contê-lo; finalmente conseguiram lançá-lo no chão, dominá-lo e ajudaram o encharcado Mallory a subir para a coberta. Um minuto

depois, segundo o hábito imemorial dos bêbados, os dois combatentes já se tinham apertado as mãos e estavam sentados na escotilha da casa das máquinas, com os braços à volta do ombro do outro e bebendo em perfeita amizade da mesma garrafa de vinho, recentemente aberta.

— Muito bem representado — disse Mallory aprovando. — Realmente muito bom! Um Oscar para o cabo Miller.

Dusty Miller não disse nada. Taciturno e deprimido, olhou de mau humor para a garrafa que tinha na mão. Por fim mexeu-se.

— Não gosto disso, chefe — murmurou desalentado. — Não gosto nada dessa história. Deveria ter-me deixado ir com Andréa. São três contra um, estão esperando e preparados. — Olhou acusadoramente para Mallory. — Que diabo, chefe, está sempre nos lembrando como é terrivelmente importante nossa missão!

— Eu sei — Mallory disse suavemente. — Por isso não mandei você com ele. Por isso nenhum de nós foi com ele. Seríamos um estorvo, ficaríamos em seu caminho. — Mallory sacudiu a cabeça. — Você não conhece Andréa, Dusty. — Era a primeira vez que Mallory o chamava assim: Miller enterneceu-se pela inesperada familiaridade, intimamente satisfeito. — Aqui ninguém o conhece. Eu, sim, eu o conheço. — Gesticulou para a torre de observação, com sua forma quadrada recortada com toda a clareza, contra o céu que se escurecia. — É um homem grande, robusto, bem-humorado, sempre rindo e brincando. — Mallory fez uma pausa, voltou a sacudir a cabeça e continuou dizendo: — Está lá agora, caminhando como um gato através daquela floresta, o gato maior e mais perigoso que já viram. A não ser que não ofereçam resistência, pois Andréa nunca mata desnecessariamente. Ao mandá-lo contra esses três pobres coitados, sei que os estou executando com tanta segurança como se estivessem na cadeira elétrica e eu ligando a energia.

Contra a vontade, Miller ficou impressionado, profunda e realmente impressionado.

— Faz muito tempo que o conhece, não é, chefe? — Era meio pergunta, meio afirmação.

— Muito tempo. Andréa estava na guerra da Albânia, pertencia ao Exército regular. Contaram-me que mantinha os italianos aterrorizados; suas incursões contra a divisão Iulia, os lobos de Toscana, contribuíram mais do que qualquer outro fator para destruir a moral dos italianos na Albânia. Ouvi muitas estórias a esse respeito — nenhuma contada por Andréa — e são todas incríveis. E todas verdadeiras. Mas o conheci depois quando tentávamos sustentar o Passo de Servia. Eu era um jovem tenente de ligação da brigada Anzac naquela época. Andréa — fez uma pausa deliberadamente para causar efeito —, Andréa era tenente-coronel da Divisão Grega Motorizada N.º 19.

— Era o quê? — Miller perguntou atônito. Stevens e Brown estavam igualmente incrédulos.

— Vocês me ouviram. Tenente-coronel. Poderia dizer que me ganha em posto. — Sorriu zombeteiramente. — Isso coloca Andréa sob uma luz diferente, não é?

Assentiram em silêncio e nada disseram. O alegre expansivo Andréa — bem-humorado, tão simples e bonachão — era um militar de alta patente. A notícia viera repentinamente e era muito incongruente para assimilação fácil e compreensão imediata. Mas aos poucos começou a fazer sentido. Explicava muitas coisas a respeito de Andréa; sua calma, sua confiança, a infalível segurança de suas rapidíssimas reações e sobretudo a implícita fé que Mallory depositava nele, o respeito que demonstrava pelas opiniões de Andréa quando o consultava, o que era freqüente. Passada a surpresa, Miller aos poucos lembrou-se de que nunca ouvira Mallory dar uma ordem direta a Andréa. E Mallory nunca hesitava em usar sua autoridade quando necessário.

— Depois de Servia — Mallory continuou — tudo ficou muito confuso. Andréa ouvira falar que Trikkala, um pequeno povoado onde moravam sua mulher e suas três filhas, fora destruído pelos Stukas e Heinkels. Conseguiu chegar lá, mas não havia mais nada a fazer. Uma bomba caíra no jardimzinho de sua casa e não restava nem sinal de seu lar.

Mallory fez uma pausa, acendeu um cigarro. Através da cortina de fumaça, contemplou a fraca silhueta da torre.

— A única pessoa que encontrou foi seu cunhado, George. George esteve conosco em Creta — e ainda está lá. Por George soube das atrocidades búlgaras em Trácia e na Macedônia, onde seus pais moravam. Então vestiram uniformes alemães — podem imaginar como Andréa os conseguiu —, confiscaram um caminhão de guerra alemão e foram para Protosami.

O cigarro que Mallory estava fumando partiu-se ao meio de repente e foi atirado para o lado. Miller sentiu-se um pouco surpreso: a emoção, ou melhor, as mostras de emoção eram coisas completamente alheias ao caráter empedernido do neozelandês. Porém Mallory continuou com tranqüilidade.

— Chegaram ao entardecer do dia do infame massacre de Protosami. George contou-me como Andréa, vestindo um uniforme alemão, ria-se enquanto contemplava como um grupo de nove ou dez búlgaros atavam os casais e os atiravam no rio. — O primeiro casal era seu pai e sua madrasta, ambos mortos.

— Santo Deus! — Até Miller saiu de sua comum serenidade. — Não é possível...

— Você não sabe de nada — interrompeu Mallory com impaciência. — Centenas de gregos morreram na Macedônia da mesma maneira, mas geralmente ainda vivos quando atirados na água. Enquanto você não souber como os gregos odeiam os búlgaros, não saberá o que é ódio... Andréa bebeu umas garrafas de vinho com os soldados, averiguou que tinham morto seus pais nas primeiras horas da tarde... porque haviam feito a bobagem de resistir. Depois do escurecer, seguiu-os até uma construção de metal acanalado onde se alojavam durante a noite. A única arma que tinha era uma faca. Tinham deixado um sentinela lá fora. Andréa quebrou-lhe o pescoço, entrou, fechou a porta e arrebentou a lâmpada de querosene. George ignora o que aconteceu, exceto que Andréa parecia ter enlouquecido. Saiu depois de alguns minutos, completamente molhado, seu uniforme empapado de sangue da cabeça aos pés. E, segundo me contou George, nem um som, nem um gemido sequer saiu da cabana, enquanto se afastavam.

Fez nova pausa mas desta vez não houve interrupção, nada foi dito. Stevens estremeceu e puxou sua jaqueta gasta mais para cima dos ombros: o ar parecia subitamente ter-se tornado gelado. Mallory acendeu outro cigarro, sorriu fracamente para Miller e indicou a torre com um movimento de cabeça.

— Entende agora por que disse que seríamos um estorvo para Andréa?

— Sim. Creio que sim — admitiu Miller. — Não imaginava, não fazia idéia... Mas não todos, chefe! Não poderia ter morto...

— Pois matou — interrompeu Mallory secamente. — Depois disso formou seu próprio grupo, tornou a vida dos postos búlgaros avançados, na Trácia, num verdadeiro inferno. Uma ocasião, teve quase uma divisão inteira dando-lhe caçada pelas montanhas de Rhodope. Por fim foi atraído e capturado e ele, George e mais quatro foram enviados por mar para Stavros, pois tinham que ir para Salonica para serem julgados. Conseguiram dominar os guardas — Andréa divertiu-se à vontade na coberta do navio — e levaram o barco para a Turquia. Os turcos tentaram interná-lo mas era o mesmo que tentar internar um terremoto. Finalmente chegou à Palestina e tratou de reunir-se ao Batalhão de Comandos Grego, que se estava formando no Oriente Médio — a maioria era de veteranos da campanha da Albânia como ele. — Mallory riu sem alegria. — Foi aprisionado como desertor. Foi eventualmente posto em liberdade, porém não havia lugar para ele no novo Exército grego. Mas o escritório de Jensen ouviu falar dele e compreendeu que era o ideal para suas Operações Subversivas... E assim fomos juntos para Creta.

Passaram-se cinco minutos, talvez dez, e ninguém rompeu o silêncio. De vez em quando, caso alguém os estivesse vigiando, fingiam que estavam bebendo; mas até a meia luz começava a desaparecer e Mallory sabia que das alturas da torre não poderiam ver senão vultos ensombrecidos, escuros e indistintos. O barco recomeçava a balançar na onda do mar aberto à volta do penhasco. Os pinheiros altíssimos, agora negros como ciprestes da meia-noite, de imponente altura, recortados contra uma camada de nuvens que deslizavam palidamente lá em cima, cercava-os pelos lados,

sombrios, vigilantes e vagamente ameaçadores, o vento gemendo num réquiem perdido e fúnebre entre ramos mais altos oscilantes. Uma noite ruim, agourenta, noite fantasmagórica, cheia de pressagios indefinidos que pareciam tocar nas nascentes de temores desconhecidos, as quase esquecidas lembranças de milhões de anos, velhas superstições raciais da humanidade; uma noite que afogava a débil capa de civilização que cobre o homem e o faz tremer e queixar-se de que alguém está caminhando sobre seu túmulo.

De repente, incongruentemente, desfez-se o feitiço e a alegre saudação de Andréa da outra margem fez com que bruscamente levantassem. Ouviram sua risada barulhenta e até a floresta pareceu encolher como que derrotada. Sem esperar que aproximassem a proa, atirou-se na água, chegou ao barco com meia dúzia de vigorosas braçadas e içou-se facilmente para bordo. Sorrindo do alto de sua enorme estatura, sacudiu-se como um cachorro peludo e estendeu a mão para a garrafa mais próxima.

— Não preciso nem perguntar como correram as coisas, não é? — perguntou Mallory sorrindo.

— De modo nenhum. Foi demasiado fácil. Eram uns garotos e nem sequer me viram. — Andréa tomou outra golada da garrafa e sorriu de puro contentamento. — Eu nem os toquei — continuou triunfantemente. — Bem, só uns tapinhas. Estavam olhando para cá, por cima do parapeito, quando cheguei. Mandei que conservassem as mãos no alto, desarmeí-os e tranqueí-os no sótão. E então entorteí suas Spandau um pouquinho.

Pronto, pensou Mallory atordoado, isto é o fim. É o fim de todas as coisas, dos esforços, das esperanças, dos temores, dos amores e riscos de cada um de nós. Tudo se reduz a isso. Isto é o fim, para nós, o fim para milhares de rapazes em Kheros. Com um gesto fútil levantou a mão, tirou de seus lábios salgados os salpicos que chegavam das cristas espumantes das ondas empurradas pelo vento e levantou-a mais, para fazê-la de aba para seus olhos avermelhados que esquadrihavam sem esperança a tormentosa escuridão que se estendia diante deles. Por um instante seu atordoamento desapareceu e sua mente foi dominada por uma

intolerável amargura. Tudo terminado, tudo — tudo exceto os canhões de Navarone. Os canhões de Navarone. Eles continuariam vivendo, eram indestrutíveis. Malditos, malditos, malditos! Santo Deus! Que cego desperdício, como tudo era tão inútil!

O barco agonizava, desfazia-se nas junções. Estava literalmente sendo levado à morte sob o açoite constante do vento e do mar. Uma vez depois da outra a cobertura da popa afundava-se naquele fervedouro de espuma, elevando-se e cambaleando loucamente no ar o castelo da proa e deixando a talha-mar a descoberto: depois a queda vertical, o baque, o impacto estremecido ao chocar a ampla proa contra o rochedo que castigava de maneira imperdoável as antigas tábuas e o velho madeirame que gradualmente cortava em pedaços.

A coisa tinha-se tornado difícil quando saíram do arroio, quando a escuridão desceu e foram lançados e tragados e empurrados por um mar revolto na direção norte para Navarone. O controle do ingovernável barco tornara-se impossível em todos os sentidos: com as ondas vindo a estibordo virará, de um modo caprichoso e imprevisível, num arco de cinqüenta graus, mas pelo menos as junções estavam em bom estado, pegando as ondas em formação regular e o vento, fixo e contínuo, do leste para o sul. Mas agora tudo acabara. Com meia dúzia de tábuas levantadas no poste da proa e quase soltas no anteparo, vazando demais pelo escape do eixo da hélice, tragava mais água e com maior rapidez do que a antiquada bomba vertical à mão podia retirar. As ondas, cortadas pelo vento, eram mais fortes mas chegavam arrebatadas e confusas atirando-se sobre eles por todos os lados. E o mesmo vento, redobrando seu violento clamor, virava e retrocedia de sudoeste para sudeste, loucamente. Naquele momento exato, soprava fixo do sul empurrando a ingovernável embarcação cegamente para os férreos rochedos de Navarone, rochedos que se erguiam invisíveis à sua frente, em algum lugar daquela escuridão que tudo envolvia.

Durante um instante Mallory se levantou, tentando diminuir a dor que como tenazes se cravava nos músculos da parte posterior de sua cintura. Por mais de duas horas, não fizera outra coisa senão

abaixar e levantar, abaixar e levantar, carregando mil baldes de água que Dusty Miller enchia interminavelmente do poço do porão. Só Deus sabia como Miller estava-se sentindo. Em todo o caso tinha a pior parte do trabalho e estivera enjoado durante horas e horas. Estava cadavérico e sentia-se como a própria morte: o esforço contínuo, a vontade de ferro de continuar lutando sob tais condições superava os limites da compreensão. Mallory sacudiu a cabeça, admirado. “Meu Deus, como é forte esse *yankee*.” De maneira espontânea, as palavras se formaram em sua mente, e sacudiu a cabeça com raiva, vagamente consciente de quão inadequadas eram.

Respirando ofegantemente, olhou para a popa para ver como os outros se defendiam. Não podia ver, naturalmente, Casey Brown. Dobrado em dois nos estreitos confins da sala de máquinas, sentia-se constantemente mareado e com uma terrível dor de cabeça, devido à fumaça do óleo e aos escapamentos de gases que ainda se produziam na chaminé, já que nenhum dos dois elementos tinham saída possível naquela sala de máquinas sem ventilação: porém, agachado junto ao motor, não havia abandonado seu posto nem uma só vez, desde a saída da desembocadura do rio, cuidando do velho e barulhento Kelvin, com o amoroso carinho e a sublime destreza de um homem nascido dentro da orgulhosa e antiga tradição da engenharia. Se o motor falhasse uma só vez, um só momento, o tempo que se leva para realizar uma profunda inspiração, o fim seria tão imediato quanto violento. O governo da nau, suas vidas dependiam inteiramente do contínuo girar do eixo da hélice, do golpear laboroso daquele velho e enferrujado motor de dois cilindros. Era o coração do barco e quando o coração parasse de bater, o barco também morreria, cairia e soçobraria no abismo que o aguardava entre as ondas.

Mais para a proa, escarrapachado e apoiado no poste angular do estilhaçado esqueleto que era o que restava da casa do leme, Andréa trabalhava sem cessar na bomba, sem levantar nem uma vez a cabeça, sem preocupar-se com o violento balançar do barco e esquecido também do vento mordente e da chuva fria e cortante, que intumescia seus braços nus e grudava a camisa encharcada nos

ombros encurvados e fortes. Sem um momento de repouso, incansavelmente, seus braços subiam e desciam com a regularidade matemática de um pistão. Fazia já três horas que estava ali e parecia disposto a continuar, por tempo indefinido. Mallory, que lhe havia entregue a bomba completamente esgotado, depois de vinte minutos de exaustivo trabalho, se perguntava se havia algum limite para a resistência daquele homem.

Preocupava-se também com Stevens. Durante horas e horas, Andy Stevens lutava com um timão que escapava de suas mãos e se debatia convulso, como se tivesse vida própria, como se empenhasse toda sua vontade em fugir das mãos exaustas do rapaz: este fizera um soberbo trabalho, Mallory pensou, governara a desajeitada embarcação de modo insuperável. Olhou-o com atenção mas a espuma lhe açoitava os olhos com força e os enchia de lágrimas, cegando-o. Só pôde vislumbrar a imagem fugaz de uma boca fortemente apertada, uns olhos fundos e insones, e pequenas manchas anormalmente pálidas sobre a máscara de sangue que lhe cobria o rosto quase que inteiramente, da linha do cabelo à garganta. A enorme onda crispada, que havia arreventado as tábuas da casa do leme e as janelas com força selvagem, fora completamente inesperada: não dera nenhuma oportunidade a Stevens. O corte sobre a têmpera direita principalmente era feio, ruim e profundo: o sangue ainda saía da ferida e gotejava monotonamente sobre a água que varria e gorgolejava no chão da casa do leme.

Angustiado, Mallory virou-se e pegou outro balde d'água. Que tripulação, pensou, que fantástica equipe de... de... Buscou palavra adequada que os descrevesse, inclusive a ele mesmo, mas sabia que sua mente estava muito cansada. Não tinha importância, pois não existia nenhuma palavra capaz de qualificar homens como aqueles, nenhuma capaz de lhes fazer justiça.

Quase podia sentir a amargura na boca, a amargura que vinha como ondas através de sua mente exausta. Meu Deus, como tudo estava errado, tudo terrivelmente injusto! Por que tais homens tinham que morrer, pensou enfurecido, por que tinham de morrer tão inutilmente? Ou talvez não fosse necessário justificar a morte,

mesmo morrendo ingloriamente, sem razão de ser. Não se poderia morrer pelo inatingível, pelo abstrato, pelo ideal? Que tinham conseguido os mártires queimados nas piras? Ou como era o velho adágio? — *dulce et decorum est pro pátria mori*. Se alguém viveu bem, que importa como morre? Seus lábios se contraíram inconscientemente com viva repugnância e recordou as observações de Jensen sobre o Alto Comando, brincando de “quem é o dono dessa prenda”. Pois se achavam agora bem no meio do jogo, com mais alguns jogadores deslizando para o limbo. Não que isso lhes interessasse — tinham ainda milhares de outros para botar no jogo.

Pela primeira vez, Mallory pensou em si mesmo. Sem amargura, sem autocomiseração, sem lamentar-se por estar tudo acabado. É minha culpa, repetia sem cessar, tudo minha culpa. Eu os trouxe aqui, eu os fiz vir. Mesmo quando uma parte de seu cérebro lhe dizia que não tivera escolha, que fora forçado, que se tivessem permanecido no rio teriam sido riscados do mapa antes do amanhecer, mesmo assim culpava-se sem razão. Shackleton dentre todos os homens vivos, Ernest Shackleton talvez pudesse ajudá-los agora. Mas não Keith Mallory. Não havia nada que pudesse fazer, nada além do que os demais estavam fazendo e ali estavam eles esperando pelo fim. Mas era o líder, pensou com obstinação, deveria estar planejando algo, deveria estar fazendo algo... Mas não havia nada que pudesse fazer. Não havia nada que alguém nesse mundo de Deus pudesse fazer. O sentimento de culpa, de total ineficiência, apoderava-se dele e arraigava-se mais a cada sacudidela do castigado madeirame.

Deixou cair seu balde, segurou-se ao mastro para não ser arrastado quando uma onda pesada varreu a coberta, a espuma ao rebentar como um açoite na sua fervente fosforescência. As águas rodavam famintas em torno de suas pernas e pés, ele as ignorava, continuando a contemplar a escuridão. A escuridão... isso era o pior de tudo. O velho barco se empinava, balançava, ziguezagueava, mergulhava mas como se se desencorporasse no vácuo. Não podiam ver nada, nem para onde fora a última onda, nem de onde viria a próxima. O mar era invisível e remoto, duplamente ameaçador em sua palpável proximidade.

Mallory olhou para o porão e percebeu vagamente a mancha branca do rosto de Miller: ele engolira a água salgada e a vomitava misturada com sangue, num doloroso esforço. Mas, involuntariamente, Mallory não fez caso: toda sua mente estava concentrada em outra parte, tratando de reduzir alguma fugaz impressão, tão vaga como se evanescente fosse e convertê-la numa coerente realidade. Parecia desesperadamente necessário que assim o fizesse. Então, outra onda ainda mais forte estourou no costado do barco e de repente conseguiu.

O vento! O vento diminuía, diminuía a cada segundo que passava. Ainda fortemente abraçado ao mastro, do qual a segunda onda tentara arrancá-lo, recordou-se quantas vezes ficara, nas altas montanhas de sua terra, à beira do precipício, quando o vento avançava, procurando a linha de menor resistência, curvara e levantara o rosto desviado, deixando-o dentro de uma bolsa de relativa imunidade. E essas duas ondas monstruosas... a esteira das ondas! O significado teve o impacto de um muro. Os penhascos! Eram os penhascos de Navarone!

Com um grito rouco, sem palavras, um grito de advertência, esquecendo sua própria segurança, lançou-se para a popa e atirou-se em todo seu comprimento, entre as águas revoltas, para assomar à escotilha da casa das máquinas.

— Marcha à ré! — gritou. A espantada mancha branca, que era o rosto de Casey Brown, encarou o seu. — Pelo amor de Deus, homens, marcha à ré! Estamos indo direto para os penhascos!

Pôs-se de pé cambaleando, alcançou a casa do leme em duas grandes passadas, agitando as mãos desesperadamente em busca da bolsa de bengalas luminosas.

— Os penhascos, Stevens! Estamos quase em cima deles, Andréa! Miller ainda está lá embaixo!

Lançou um rápido olhar a Stevens, viu o lento sinal de assentimento do rosto ensangüentado, seguiu a linha de visão daqueles olhos sem expressão e viu à frente deles a branca e fosforescente linha irregular, mas quase contínua, aparecendo e desaparecendo, aparecendo e desaparecendo, quando as ondas se arrebatavam e se afastavam dos penhascos ainda invisíveis na

escuridão absoluta. Nervosamente, suas mãos manejaram a bengala luminosa.

E, então, esta subiu assobiando e sibilando ao longo da trajetória quase horizontal de seu vôo. Por um momento Mallory pensou que se tivesse apagado e apertou os punhos numa fúria impotente. Mas a bengala bateu contra a superfície rochosa, caiu numa saliência situada a uns doze pés acima do nível das águas e ficou ali, fumegante e ardendo intermitentemente, sob a chuva forte, sob o incessante jorro que caía em cascata da tonitruante arrebentação.

A luz era fraca porém suficiente. O penhasco se encontrava a menos de cinqüenta jardas de distância, negro, brilhante pelo efeito da água, sob o resplendor vacilante da bengala luminosa que iluminava um círculo vertical de menos de cinco jardas de raio e deixava a parte do penhasco abaixo da saliência numa traidora escuridão. E bem à frente deles, a quinze ou vinte jardas da praia, estirava-se a sombra maligna de um recife, com seus dentes e pontas afiadas, desvanecendo-se em ambos os extremos, na escuridão circundante.

— Será que pode fazer o barco passar? — gritou para Stevens.

— Só Deus sabe! Tentarei! — Gritou mais algumas coisas sobre “seguimento que permite governo”, mas Mallory já estava na metade do caminho para o camarote de proa. Como sempre acontecia em caso de emergência sua imaginação estava apressada, com aquela anormal segurança e clareza que não podia explicar depois.

Ao cabo de alguns segundos já estava de volta à coberta, com os cravos, martelo e uma corda com centro de metal. Ficou ali imóvel, numa tensão quase intolerável, contemplando a imponente rocha que parecia cair por cima deles pela proa a estibordo, uma rocha que quase chegara à casa do leme. O choque do barco foi tão forte que caiu de joelhos, roçando e se esfregando ao longo de quase metade da amurada empenada e lascada: então o barco se inclinou a bombordo e passou pelo recife, enquanto Stevens girava a roda do timão desesperadamente e gritava pedindo marcha à ré.

Mallory deixou escapar a respiração num suspiro de alívio pois inconscientemente deixara de respirar, e rapidamente colocou o rolo de corda à volta do pescoço e embaixo do ombro esquerdo e os cravos e o martelo no cinto. O barco afundava pesadamente agora a bombordo, e dançava com violência, começando a cair de lado nas depressões das ondas, ondas mais curtas e mais altas que nunca, sob o duplo açoite do vento e do rebote das ondas contra o penhasco; mas o barco ainda estava nas garras do mar, abandonado a seu próprio ímpeto e a distância diminuía com aterradora velocidade. É um risco que tenho que correr, repetia-se Mallory sem cessar; é um risco que tenho que correr. Mas aquela pequena saliência, remota e inacessível, era o último requinte de crueldade do destino, o sal na ferida mortal e sabia no mais íntimo de seu ser que não era absolutamente um risco e sim um gesto suicida. E então Andréa pusera no costado a última das defesas — pneumáticos velhos de caminhão — e olhava para Mallory com um enorme sorriso no rosto; e, subitamente, Mallory já não estava tão certo de que fosse o fim.

— A saliência? — perguntou Andréa, colocando sua vasta e tranqüilizadora mão em seu ombro.

Mallory concordou, com os joelhos dobrados e os pés cravados na ponte deslizante e escorregadia.

— Pule para alcançá-la — rugiu Andréa. — Depois mantenha suas pernas rígidas.

Não havia tempo para mais nada. O barco se balançava e se debatia na crista da onda, na máxima altura, quanto ao rochedo, que podia subir, e Mallory sabia que seria agora ou nunca. Jogou os braços para trás do corpo, dobrou os joelhos um pouco mais e então, num pulo convulsivo, atirou-se para cima, seus dedos arranhando a rocha molhada do penhasco, depois enganchando-se na borda da saliência. Durante um momento ficou pendurado ali, a altura de seus braços, incapaz de mover-se, estremecendo ao ouvir o choque do mastro da frente contra a saliência e o ruído que fez ao partir-se em dois. Logo seus dedos largaram a saliência sem querer e encontrou-se quase em cima, impelido por um gigantesco empurrão vindo de baixo.

Ainda não estava em cima. Estava seguro pela fivela de seu cinto, preso na extremidade da rocha, uma fivela que o peso de seu corpo arrastava até o esterno. Mas não procurou nenhum lugar onde agarrar-se nem balançou seu corpo, nem agitou suas pernas no ar — e qualquer desses movimentos tê-lo-ia mandado de volta para baixo. Por fim, e mais uma vez, era um homem que se sentia completamente à vontade em seu próprio elemento. O maior alpinista de sua época, assim o chamavam, e havia realmente nascido para isso.

Lenta e metodicamente, apalpou a superfície da saliência e, quase no mesmo instante, descobriu uma brecha, pouco mais larga que um fósforo, que saía da superfície, cruzando-a. Teria sido melhor se fosse paralela à superfície. Mas era suficiente para Mallory. Com infinito cuidado, tirou o martelo de seu cinto e também dois cravos, introduziu um deles na fenda para conseguir um mínimo de apoio, colocou outro umas polegadas adiante, apoiou seu pulso esquerdo à volta do primeiro, segurou o segundo cravo com os dedos da mesma mão e levantou o martelo com a mão livre. Quinze segundos depois, estava em pé na saliência.

Agindo rápido e seguro, andando como um gato na rocha escorregadia e inclinada, martelou um cravo na superfície do penhasco, com firmeza e em ângulo descendente, a uns três pés acima da saliência, fez um nó no topo e deixou cair o resto da corda sobre a saliência. Então, só então, voltou-se e olhou para baixo dele.

Não havia transcorrido nem um minuto, desde que o barco batera e já era uma ruína sem mastros, com os costados afundados, em desordem, estilhaçado e desintegrando-se visivelmente aos seus olhos. Cada sete ou oito segundos, uma onda gigantesca o erguia atirando-o inteiramente contra o penhasco; os pesados pneus de caminhão recolhiam apenas uma fração do impacto, do maligno e forte golpe que reduzia as amuradas a lascas, esburacava e rachava os lados e arrebetava as vigas de carvalho; e então o barco rodava, oferecendo o estibordo ao ar e o mar faminto se precipitava pelo seu destroçado e rompido madeirame.

Três homens se achavam de pé junto ao que restava da casa do leme. Três homens — súbito ele verificou que faltava Casey Brown e verificou também que o motor ainda funcionava, seu rumor aumentando e diminuindo, depois aumentando novamente com intervalos irregulares. Brown estava manobrando o barco para frente e para trás, conservando-o na mesma posição o quanto era humanamente possível, pois sabia que a vida dos outros dependia de Mallory e dele próprio. “Que louco”, pensou Mallory, “completamente louco!”

O barco recuou num espaço entre duas ondas, equilibrou-se e foi lançado contra o penhasco novamente, afundando a proa de tal maneira que o teto da casa do leme chocou-se e engavetou-se contra a parede do penhasco. O impacto foi tão brutal, o choque tão repentino, que Stevens soltou as mãos, perdeu o pé e foi lançado contra a rocha, com os braços erguidos buscando proteção. Por um momento ficou pendurado ali, como se estivesse colado à parede, depois caiu na água novamente, membros e cabeça relaxados, numa fraca quietude como se estivesse morto. Deveria ter morrido então, afogado sob os terríveis golpes do mar ou esmigalhado pela seguinte colisão entre o barco e o penhasco. Deveria ter morrido e por certo morreria, se não fosse um enorme braço que o colheu e o tirou da água como um boneco de trapo encharcado e sujo e o içou para bordo, um segundo antes do espantoso chocar do barco contra a rocha que o desmantelou quase que por completo.

— Venham, pelo amor de Deus! — gritou Mallory desesperado. — Afundará num minuto! A corda, usem a corda!

Viu Andréa e Miller trocarem umas rápidas palavras, sacudirem e baterem em Stevens para fazê-lo voltar a si e como o puseram de pé, atordoado e vomitando água do mar, mas consciente. Andréa falava ao seu ouvido, dando ênfase a alguma coisa e colocando a corda em suas mãos e logo o barco balançava de novo e Stevens automaticamente diminuía seu aperto na corda. Um enorme empurrão vindo de baixo, de Andréa, e o longo braço de Mallory o alcançou e Stevens se encontrava sobre a saliência

sentado de costas para o penhasco e pendurado no cravo, ainda tonto e sacudindo sua cabeça atordoada, porém salvo.

— Miller, você é o próximo! — gritou Mallory. — Apresse-se homem, pule logo!

Miller olhou-o e Mallory juraria que estava sorrindo. Em vez de pegar a corda que Andréa lhe entregava, correu para a cabine da proa.

— Um momento, chefe! — berrou. — Esqueci minha escova de dentes.

Reapareceu poucos segundos depois, porém sem a escova de dentes. Carregava a grande caixa de explosivos e antes que Mallory percebesse o que estava acontecendo, a caixa, com suas cinquenta libras de peso, subia pelos ares, empurrada pelos braços do incansável grego. Automaticamente as mãos de Mallory se estenderam e colheram a caixa. O excesso de peso fê-lo perder o equilíbrio, deu um passo em falso, caiu para a frente e voltou a ficar de pé com um saltos. Stevens, ainda agarrado ao cravo, levantou-se, com a mão livre enganchada no cinto de Mallory: tremia violentamente de frio e de exaustão e sentia medo entrelaçado com excitação. Mas, como Mallory, era um alpinista e sentia-se em casa novamente.

Mallory ainda estava recuperando a posição, quando viu subir pelos ares o rádio transmissor embrulhado em pano impermeável. Pegou-o, colocou-o no chão e chegou até a beira da saliência.

— Deixem esse maldito equipamento! — gritou furiosamente. — Subam vocês, agora!

Dois rolos de corda caíram a seu lado na saliência, depois veio a primeira das mochilas com víveres e roupas. Tinha a vaga impressão que Stevens tentava arrumar o equipamento em alguma espécie de ordem.

— Vocês me ouviram? — rugiu Mallory. — Subam imediatamente para cá! É uma ordem. O barco está afundando, imbecis!

O barco estava afundando. Fazia água rapidamente e Casey Brown abandonara o encharcado Kelvin. Mas era agora uma plataforma bem mais firme, pois se mexia num arco bem mais

curto, chocando-se com menos violência contra a parede do penhasco. Por um momento Mallory julgou que o mar cedia, depois verificou que as toneladas de água no porão do barco haviam diminuído drasticamente seu centro de gravidade e agiam de contrapeso.

Miller colocou a mão em concha na orelha. Na luz escassa da bengala luminosa, perto de escurecer-se totalmente, seu rosto tinha uma estranha palidez esverdeada.

— Não ouço uma palavra, chefe. Além disso, ainda não está afundando.

Mais uma vez desapareceu na cabine da proa.

Dentro de trinta segundos, com todos os homens trabalhando furiosamente, todo o resto do equipamento estava sobre a saliência. O barco já estava com a proa afundada e a coberta da popa cheia de água que caía pela escotilha da sala de máquinas, quando Brown subiu penosamente pela corda, o castelo da proa à flor da água quando Miller alcançou a corda e veio atrás dele e Andréa segurou-a e balançou-se contra o penhasco, seus pés já oscilando sobre o mar. O barco soçobrara, desaparecendo completamente da vista; não havia peças flutuando, nem mesmo bolhas de ar marcavam o lugar onde se encontrava há poucos instantes.

A saliência era estreita, não tinha nem três pés de largura em sua parte mais extensa e se estreitava totalmente nos dois extremos. E o que ainda era pior, excetuando alguns metros quadrados, onde Stevens empilhara o equipamento, ele se inclinava violentamente sobre o mar e a rocha era traiçoeira e escorregadia. De costas para a parede, Andréa e Miller tinham de se manter sobre os calcanhares, com as palmas de suas mãos apoiadas na superfície do penhasco, apertando-se de encontro a ele o mais possível para manter o equilíbrio. Mas em menos de um minuto Mallory colocara dois cravos a umas vinte polegadas por cima da saliência, com uma distância de dez pés entre eles e, unindo-os com uma corda, improvisara um salva-vidas para todos.

Vencido pela fadiga, Miller escorregou até ficar sentado e apoiou o peito em ação de graças, contra a segura barreira da

corda. Procurou no bolso do peito um maço de cigarros e ofereceu a todos, sem perceber que estavam encharcados pela chuva. Também ele estava ensopado da cintura para baixo e tinha os joelhos esfolados pelos choques contra o penhasco; estava gelado, empapado pela chuva forte e pelos respingos das ondas que chegavam sem cessar na saliência; a afiada ponta da rocha cortava cruelmente a barriga de suas pernas, a corda apertada dificultava sua respiração e seu rosto ainda cinzento e exausto por tantas horas de trabalho e enjôo; mas quando falou sua voz exprimia a mais absoluta sinceridade.

— Meu Deus! — disse reverentemente. — Isso não é maravilhoso?

V

Segunda-Feira

De 1 às 2 horas.

Noventa minutos depois, Mallory meteu-se numa espécie de chaminé natural da rocha, na superfície do penhasco, meteu um cravo abaixo de seus pés e tentou descansar seu corpo doído e exausto. "Dois minutos de descanso", disse para si mesmo, "só dois minutos, enquanto Andréa sobe"; a corda tremia e Mallory podia ouvir acima do ulular do vento, que lutava para arrancá-los da face do penhasco, o barulho metálico das botas de Andréa procurando um apoio naquela maldita saliência, logo abaixo dele, a saliência que quase o derrotara, o obstáculo que vencera às custas de mãos feridas e de seu corpo completamente exausto, pela profunda dor dos músculos de seus ombros e de sua respiração áspera, transformada em grandes inalações entrecortadas para seus moribundos pulmões. Deliberadamente, separou de sua mente as dores que maltratavam seu corpo, a urgente necessidade de descanso, e voltou a escutar o raspar do aço contra a rocha, desta vez mais alto, ultrapassando até a ventania... Teria que dizer a Andréa para ser mais cuidadoso, nos vinte pés restantes que os separavam da parte de cima.

Pelo menos, pensou Mallory, a ele ninguém precisaria dizer para não fazer barulho. Não poderia fazer mesmo que tentasse, com aquele par de meias rasgadas que cobriam seus pés magoados e ensangüentados. Mal havia coberto os primeiros vinte pés da escalada, quando se dera conta de que suas botas eram inúteis, tiravam toda a sensibilidade de seus pés, a habilidade necessária para encontrar as pequenas irregularidades e fendas, únicos pontos que podiam servir-lhe de apoio. Tirara-as com muita dificuldade, atando-as pelos cordões ao cinto — e logo perdera-as, foram arrancadas quando forçava sua ascensão por baixo de uma saliente espora da rocha.

A própria escalada fora um pesadelo, uma agonia brutal, contra o vento, a chuva e a escuridão, uma agonia que eventualmente amorteceu o perigo e disfarçou o risco suicida de escalar aquele plano vertical desconhecido, uma interminável agonia de permanecer pendurado pelos dedos das mãos e dos pés, de enfiar centenas de cravos, de atar cordas e depois continuar subindo, polegada por polegada, na escuridão. Foi uma escalada sem comparação possível com nenhuma que já houvesse realizado e sabia que nunca voltaria a repeti-la, porque era loucura. Uma escalada que o obrigara a empregar a fundo toda a sua habilidade, sua coragem e sua força, até a sublimação, e ele nem suspeitava que tais reservas, tais recursos ilimitados, existissem nele ou em qualquer outro mortal. Desconhecia também a origem, a fonte daquele poder, que o levava aonde chegara, a uma distância fácil do topo. O desafio para um alpinista, o perigo pessoal, o orgulho de ser provavelmente o único homem no sul da Europa que poderia ter feito esta escalada, inclusive a certeza de saber que o tempo estava correndo para os homens em Kheros... não era nenhuma dessas coisas, sabia; nos últimos vinte minutos que lhe custaram para vencer a saliência, agora abaixo de seus pés, sua mente se havia desprovido de qualquer pensamento, de qualquer emoção, e escalara como uma simples máquina.

Mão sobre mão, subindo pela corda, Andréa se elevava com facilidade, poderosamente, pela suave convexidade da saliência, suas pernas oscilando no ar. Estava envolto em volumosos rolos de

corda, seu corpo rodeado de cravos que sobressaíam de seu cinturão em todos os ângulos, o que lhe dava o estranho aspecto de um bandido corso de época cômica. Içou-se rapidamente ao nível de Mallory, meteu-se na chaminé e enxugou a testa, coberta de suor. Como sempre, exibia um grande sorriso.

Mallory olhou-o e retribuiu o sorriso. Andréa, pensou, não tinha o direito de estar ali. Era o lugar de Stevens, mas Stevens ainda se ressentia do choque, perdera muito sangue; além disso era preciso um alpinista de primeira classe para cerrar a marcha, enrolar as cordas, depois de subir e tirar os cravos — não poderiam deixar rastros da escalada; assim havia dito Mallory e Stevens concordara relutantemente, embora fosse visível em seu rosto a contrariedade que isso lhe causava. Agora mais do que nunca, Mallory se alegrava de ter resistido à súplica silenciosa que se refletia no rosto de Stevens; era sem dúvida um excelente alpinista, mas Mallory necessitava naquela noite, não de outro escalador, mas, sim, de uma escada humana. Diversas vezes, durante a subida, tivera que apoiar-se nos ombros de Andréa, em suas costas, nas palmas de suas mãos e uma vez — durante dez segundos, no mínimo, quando ainda usava suas botas de pregos de aço — na sua cabeça. E nem uma só vez Andréa protestara, nem cambaleara, nem cedera uma só polegada. Aquele homem era indestrutível, tão forte e resistente como a rocha onde se encontrava. Desde o entardecer daquele dia, Andréa trabalhara sem cessar, o suficiente para liquidar dois homens normais, e, olhando-o, Mallory reparou quase com espanto que mesmo agora não parecia excessivamente cansado.

Mallory apontou para a chaminé da rocha e depois para a alta e sombria boca, que se desenhava num nublado contorno retangular contra o pálido reflexo do céu. Inclinou-se para a frente, com a boca encostada ao ouvido de Andréa.

— Vinte pés, Andréa — disse em voz baixa. Sua respiração ainda saía entrecortada. — Não será difícil. A meu lado há uma fissura que provavelmente vai até em cima.

Andréa olhou para a chaminé até o alto, especulativamente concordando em silêncio.

— É melhor você tirar as botas — continuou Mallory. — E os cravos a utilizar terão que ser colocados com as mãos.

— Mesmo numa noite como essa, de ventos fortes e de chuva, fria e negra como o interior de um poço... e num penhasco como esse?

Na voz de Andréa não se percebia dúvida nem interrogação; sugeria mais aquiescência, a muda confirmação de um pensamento não formulado. Estavam juntos há tanto tempo, tinham alcançado tal profundidade de compreensão, que entre eles as palavras eram inteiramente supérfluas.

Mallory concordou, esperou até que Andréa enfiasse um cravo, enrolou sua corda por cima deste e atou o resto do grande novelo do fio que descia uns quatrocentos pés até a saliência onde os outros esperavam. Andréa então despojou-se das botas e dos cravos, atou-os nas cordas, colocou a delgada faca de fio duplo na bainha de couro que levava presa ao ombro, olhou para Mallory e indicou-lhe com um sinal que estava pronto.

Os primeiros dez pés foram fáceis. Apoiando as palmas das mãos e a espádua contra um lado da chaminé e as solas dos pés, calçados de meias, contra o outro, Mallory foi subindo, até que o corte da parede se alargou, obrigando-o a deter-se. As pernas apoiadas com força contra a distante parede, colocou um cravo no lugar mais alto que podia alcançar, agarrou-se a ele com ambas as mãos, deixou cair as pernas e encontrou uma greta para apoiar-se. Dois minutos mais tarde, suas mãos alcançavam a insegura borda do precipício.

Sem fazer ruído e com infinito cuidado, afastou para o lado a terra, a grama e as diminutas pedrinhas, até que suas mãos encontraram rocha firme onde agarrar-se, dobrou o joelho para encontrar o apoio final para seu pé e logo sua cabeça cansada assomou à borda, num movimento imperceptível pela sua lentidão, milimetricamente cauteloso. Deteve-se assim que seus olhos chegaram ao nível do topo, esquadrinhou a escuridão pouco familiar e todo o seu ser se reduziu a olhos e ouvidos. Sem nenhuma lógica, e pela primeira vez naquela aterradora subida, deu-se conta do

perigo que corria, de seu completo desamparo e amaldiçoou-se pela loucura de não ter trazido a automática silenciosa de Miller.

Sob o alto horizonte das colinas distantes, a escuridão era quase absoluta: formas e ângulos, alturas e depressões convertiam-se em silhuetas nebulosas, contornos e perfis sombrios, emergindo relutantemente da escuridão, uma escuridão que, de repente, já não era tão vaga e pouco familiar, mas sim perturbadoramente remanescente no que revelava, clamando por reconhecimento. E então, abruptamente, Mallory compreendeu. O cimo do penhasco que tinha diante dos olhos era exatamente como o Senhor Vlachos havia desenhado e descrito; uma estreita e nua faixa de terra que corria paralela ao penhasco, o grupo de enormes rochas por trás dela e então, mais além, os íngremes e numerosos declives mais baixos da montanha. O primeiro golpe de sorte que tinham tido, pensou Mallory exultante... mas que golpe de sorte! A mais inadequada direção mas a mais incrível das sortes, exatamente no alvo; o ponto mais alto do mais alto e perigoso penhasco de Navarone; o único lugar onde os alemães não montavam guarda, porque a escalada era impossível. Mallory sentiu um alívio, um grande júbilo que o inundou como uma onda. Cheio de alegria esticou as pernas, ergueu-se meio corpo acima da borda, com os braços retos e as palmas das mãos apoiadas no topo do penhasco. E, então, imobilizou-se gelado, petrificado como a sólida rocha sob suas mãos e o coração subiu-lhe à boca.

Uma daquelas rochas tinha-se mexido. A umas sete, talvez oito jardas de distância, uma sombra gradualmente se firmara, destacando-se com cautela da rocha que a envolvia e avançava lentamente para a borda do precipício. E então a sombra deixou de ser neutra. Agora já não era possível errar — as longas botas de cano alto, o comprido casaco sob o impermeável, o capacete ajustado, tudo era familiar demais. Maldito Vlachos! Maldito Jensen! Malditos todos os sabe-tudos que ficavam sentados em casa, os ases da inteligência que davam uma informação errada a um homem e o mandavam para a morte. E no mesmo instante Mallory amaldiçoou-se por seu descuido, pois tinha esperado aquilo desde o princípio.

Durante os dois ou três primeiros segundos, Mallory ficara rígido, imóvel, paralisado de corpo e alma; o guarda já havia dado quatro ou cinco passos, com seu fuzil preparado, tentando distinguir entre o forte gemido do vento e o profundo e distante rumor do mar o som que despertara suas suspeitas. Mas agora o primeiro choque passara e a mente de Mallory trabalhava novamente. Subir para o topo do penhasco seria suicídio: havia dez probabilidades contra uma de o guarda ouvir e disparar à queima-roupa; e ele não dispunha de armas e nem, depois da exaustiva escalada, da força necessária para atacar um homem armado e descansado. Teria que descer de novo. Mas teria que escorregar lentamente, uma pategada de cada vez. Mallory sabia que, à noite, o olhar de soslaio ainda é mais agudo que o direto e o guarda poderia perceber um movimento súbito com o rabo do olho. E bastaria então virar a cabeça e seria o fim: Mallory sabia que apesar da escuridão, seu vulto seria bem visível contra a recortada linha da borda do precipício.

Gradualmente, cada movimento tão suave e controlado quanto possível, cada respiração sem som tornada uma oração silenciosa, Mallory escorregou aos poucos pela beira do penhasco. O guarda continuava avançando, para um ponto a umas cinco jardas à esquerda de Mallory, mas ainda conservava o rosto virado para o lado e o seu ouvido para o vento.

E agora Mallory já descera, só a ponta de seus dedos apareciam na borda e o volumoso corpo de Andréa surgiu a seu lado, a boca perto de seu ouvido.

— O que há? Há alguém ali?

— Um sentinela — murmurou Mallory. Seus braços estavam começando a doer, por causa do esforço. — Ouviu algo e está nos procurando.

Subitamente afastou-se de Andréa, colou-se o mais possível ao penhasco e percebeu vagamente que Andréa o imitava. Um facho de luz, incômodo e atordoante depois de tanta escuridão, repentinamente atravessava as trevas num ângulo por cima da borda do penhasco e se movia lentamente na direção deles. O alemão tirara sua lanterna e examinava metodicamente a beira do

precipício. Pelo ângulo da luz, Mallory calculou que estava andando a uns dois passos de distância da beirada. Naquela noite selvagem e tempestuosa ele não ia arriscar-se sobre o solo inseguro e traiçoeiro do penhasco; e, o que era muito lógico, não estava disposto a que um par de mãos o colhessem pelos tornozelos e o lançassem no vazio para uma morte horrível, esmigalhado nas rochas e recifes a quatrocentos pés de altura.

Lentamente, inexoravelmente, o fecho de luz aproximava-se. Mesmo naquela inclinação deveria descobri-los. Com inquietante certeza, Mallory percebeu que o alemão não suspeitava apenas: sabia que havia alguém ali e não pararia de procurar até encontrar. E nada podiam fazer, absolutamente nada... Então a cabeça de Andréa acercou-se de novo.

— Uma pedra. — Andréa murmurou. — Ali, atrás dele.

Cautelosamente a princípio, mais rapidamente depois, Mallory apalpou a superfície com sua mão direita. Terra, somente terra, raízes de grama e seixos, não havia nada nem mesmo do tamanho de uma bola de gude. Notou que Andréa lhe entregava algo e sua mão se fechou sobre a maciez metálica de um cravo; mesmo naquele momento de urgência desesperada, com o fecho pesquisador a uns passos de distância, Mallory sentiu uma fúria repentina contra si mesmo; ainda tinha um par de cravos enfiado em seu cinto e tinha-se esquecido deles por completo.

Jogou o braço para trás, depois convulsivamente para a frente, jogou o cravo rodopiante dentro da escuridão. Passou-se um segundo, depois outro, sabia que falhara, o fecho de luz já estava a poucas polegadas do ombro de Andréa, quando o barulho metálico do cravo ao cair sobre uma rocha chegou aos seus ouvidos como uma bênção. A luz vacilou por um segundo, ficou uns instantes indecisa, perscrutando a escuridão, sem direção fixa, depois virou-se repentinamente para as rochas da esquerda. E então o sentinela correu naquela direção, resvalando, tropeçando na sua precipitação, o cano de seu fuzil brilhando à luz da lanterna. Não se afastara nem dez jardas e já Andréa se encontrava de pé, na beira do penhasco, como um grande gato preto, caminhando furtivamente, silenciosamente, buscando o abrigo da rocha mais próxima.

Ocultou-se como um fantasma atrás dela e desapareceu, uma sombra entre as sombras.

O sentinela naquele instante se encontrava a umas vinte jardas de distância passando o facho de sua lanterna medrosamente de rocha em rocha, quando Andréa golpeou duas vezes a pedra com sua faca. O sentinela virou-se com rapidez, sua lanterna iluminou a fileira de rochas e logo começou a correr atabalhoadamente para trás, a fralda de sua capa flutuando grotescamente ao vento. A lanterna movia-se loucamente e Mallory pôde distinguir um rosto pálido, muito tenso, uns olhos arregalados e apavorados em franco contraste com a força que emanava de seu capacete de aço, lembrando um gladiador. Só Deus sabia, Mallory pensou, que pensamentos selvagens e aterradores passariam por sua confusa imaginação: ruídos no alto do penhasco, sons metálicos em ambos os lados das rochas, a longa vigília povoada de fantasmas, com medo e sozinho na beira de um penhasco deserto, numa noite de tempestade escura e num país hostil; subitamente Mallory sentiu compaixão por aquele homem, um homem igual a ele, o amado esposo, ou irmão, ou filho de alguém, que se limitava a cumprir a suja e perigosa missão o melhor que podia, porque assim lhe haviam ordenado, compaixão por sua solidão, por sua ansiedade, por seus temores, pela certeza de que antes que pudesse respirar mais três vezes, estaria morto... Lentamente, calculando o tempo e a distância, Mallory ergueu a mão.

— Socorro! — gritou. — Socorro! Vou cair!

O soldado parou na sua corrida com um pé no ar e deu meia volta a menos de cinco pés de distância da rocha que ocultava Andréa. Durante um segundo sua lâmpada se moveu indecisa até deter-se na cabeça de Mallory. Durante outro instante o soldado permaneceu completamente imóvel, depois levantou o fuzil que levava na mão direita e com a esquerda segurou o cano. No mesmo instante emitiu um grunhido, respirou convulsivamente e o ruído surdo do cabo da faca de Andréa ao chocar-se contra suas costelas chegou claramente aos ouvidos de Mallory, mesmo contra o vento...

Mallory olhou fixamente para o morto e para o rosto impassível de Andréa, que limpava a lâmina de sua faca no capote

do alemão, levantava-se e colocava a faca na bainha.

— Veja, Keith! — Andréa reservava o tratamento de “capitão” para quando houvesse testemunhas. — É por causa disso que o nosso jovem tenente se consome em temores lá embaixo.

— É por causa disso — concordou Mallory. — Eu sabia... ou antes tinha quase certeza. E você também. Coincidência demais... a investigação do barco alemão, nossas dificuldades com a torre de observação... e agora isto. — Mallory praguejou baixo e amargamente. — Esse é o fim do nosso amigo capitão Briggs, de Castelrosso. Ajustarão contas com ele dentro de um mês. Jensen se encarregará disto.

Andréa concordou.

— Acha que deixou Nicolai em liberdade?

— Quem mais podia saber que pensávamos desembarcar aqui, avisando a todos por onde íamos passar? — Mallory fez uma pausa, afastou o pensamento e pegou Andréa pelo braço. — Os alemães estão em todas. Mesmo sabendo que é quase impossível desembarcar numa noite como essa, terão uma dúzia de sentinelas espalhados ao longo do penhasco. — Sem notar, Mallory baixara o tom de sua voz. — Mas nunca mandariam um homem sozinho para enfrentar cinco. Portanto...

— Sinais — terminou Andréa por ele. — Devem ter alguma maneira de avisar os outros. Talvez bengalas luminosas ...

— Não, isso não — discordou Mallory. — Delataria a posição. Telefone. Deve ser isso. Lembra-se como era em Creta, milhas de fios de telefone por toda a parte?

Andréa concordou, pegou a lanterna do morto, protegeu-a com sua mão enorme e começou a procurar. Voltou em menos de um minuto.

— Há um telefone — anunciou em voz baixa. — Está ali, embaixo das rochas.

— Não podemos fazer nada, por enquanto — disse Mallory. — Se tocar, terei que atender ou virão correndo ver o que se passa. Peço aos céus que não tenham uma maldita senha. É bem capaz de haver.

Virou-se e parou subitamente.

— Mas de um momento para outro alguém tem que aparecer, um substituto, um sargento de guarda ou algo parecido. Provavelmente deveria fazer um relatório a cada hora. Alguém deve vir... e virá em breve. Santo Deus, Andréa, temos que andar depressa.

— E esse pobre diabo? — Andréa apontou para o vulto encolhido a seus pés.

— Jogue-o n'água. — Mallory fez uma careta de aborrecimento. — Não fará nenhuma diferença agora para o pobre coitado e não podemos deixar vestígios. As chances são que pensem que caiu do penhasco; a terra da beirada é insegura e traiçoeira como o inferno... Veja se tem algum documento... nunca se sabe quando serão úteis.

— Nada mais útil do que as botas que estão nos seus pés. — Andréa apontou para as ladeiras cheias de pedregulhos. — Você não iria muito longe calçado com essas meias.

Cinco minutos mais tarde, Mallory puxou três vezes a corda, que se perdia dentro da escuridão profunda. Da saliência da rocha responderam com três puxões e a corda desapareceu pela borda arrastando outra de centro metálico que Mallory ia soltando do rolo colocado em cima do penhasco.

A caixa de explosivos foi o primeiro equipamento a subir. A corda com seu contrapeso foi descendo da borda e apesar de terem almofadado por todos os lados com mochilas e camas de campanha e fortemente amarradas, ainda assim batiam contra o penhasco no arco interno a qualquer golpe de vento, balançando como um pêndulo. Mas não havia tempo para detalhes, para esperar que diminuísse o balanço do pêndulo a cada puxão. Firmemente atado a uma corda enrolada em torno de um grande rochedo, Andréa se inclinou sobre a beira do precipício e içou aquele peso morto de setenta libras, como outro homem puxaria um peixe. Em menos de três minutos, a caixa de munições descansava a seu lado, no topo do penhasco; cinco minutos depois subiam o gerador, os fuzis e as pistolas envoltas em outras camas de campanha e a tenda reversível e leve, branca de um lado e camuflada de pardo e verde do outro, e eram postos ao lado dos explosivos.

A corda desceu pela terceira vez na chuva e na escuridão e pela terceira vez o incansável Andréa içou-a, uma mão atrás da outra. Mallory estava atrás dele, recolhendo a corda que subia, quando ouviu a súbita exclamação de Andréa; dois rápidos passos e já estava à beira do penhasco, suas mãos no braço do gigantesco grego.

— Que aconteceu, Andréa? Por que parou...

Interrompeu-se, olhou na penumbra a corda que o grego sustentava entre o polegar e o indicador. Duas vezes Andréa sacudiu a corda levantando-a alguns pés, depois deixou-a cair novamente; a corda sem peso balançava-se loucamente no vento.

— Caiu? — Mallory perguntou baixinho. Andréa concordou sem falar.

— Arrebentou? — Mallory olhou-o incrédulo. — Uma corda com centro de aço?

— Acho que não. — Andréa enrolou os restantes quarenta pés de corda. O fio ainda estava atado no mesmo lugar, a um braço do extremo. A corda estava intacta.

— Alguém fez um nó. — Por um momento a voz do gigante pareceu cansada. — E não apertou bem.

Mallory ia falar, depois instintivamente levantou o braço quando uma estranha língua de fogo atravessou o espaço entre o penhasco e as invisíveis nuvens acima. Seus olhos ainda estavam bem fechados e suas narinas cheias do acre cheiro de enxofre queimado, quando o primeiro estrondo estalou numa fúria titânica, quase em cima deles, uma artilharia ensurdecidora que desmoralizava os esforços lastimosos de um homem durante a batalha e duplamente aterradora na escuridão absoluta que seguiu o ardente reflexo. Pouco a pouco, o barulho foi acabando, os ecos morrendo terra a dentro e sua reverberação se apagando absorvida pelos vales e montanhas.

— Meu Deus! — murmurou Mallory. — Este caiu perto. É melhor nós nos apressarmos, Andréa; este penhasco vai ficar iluminado que nem uma quermesse a qualquer minuto... Que continha a última carga que subia?

Na realidade não precisava perguntar; ele mesmo tinha arrumado para a içagem do equipamento três cargas distintas. Não era que suspeitasse que sua mente cansada lhe pregasse peças; mas estava cansada demais, cansada para vasculhar a escondida compulsão, a secreta esperança que o impelia a agarrar-se a palhas que nem sequer existiam.

— A comida — disse Andréa suavemente. — Toda a comida, o fogão, o combustível... e as bússolas.

Por cinco, talvez dez segundos, Mallory ficou imóvel. A metade de seu cérebro, consciente da urgência, da desesperada necessidade de pressa, o aguilhoava sem piedade; a outra metade manteve-o momentaneamente irresoluto, numa irresolução gelada e entorpecida que não provinha das chicotadas do vento, nem da saraivada da chuva, mas de sua própria imaginação, da fria e incômoda impressão de caminhadas errantes naquela terra dura e inóspita, sem comida, sem fogo... E logo a grande mão de Andréa estava no seu ombro, e ele sorria baixinho.

— Menos peso para carregar, Keith! Pense como ficará agradecido nosso cansado amigo o cabo Miller... É coisa sem importância.

— Sim — disse Mallory. — Sim, claro. Uma coisa sem importância.

Voltou-se bruscamente, puxou a corda, observou a corda desaparecer pela borda do penhasco.

Quinze minutos depois, sob uma chuva torrencial, uma grande saraivada de água, iluminada quase sem parar por centelhas e raios, aparecia a enlameada cabeça de Casey Brown sobre o topo. O trovão também cavernoso e vazio, naquela plana e explosiva intensidade de som que há na alma da tormenta, era quase contínuo; mas nos breves intervalos, ouvia-se claramente a voz de Casey com seu sotaque de Clydeside. Usava fluentemente expressões básicas anglo-saxônicas, e tinha suas razões. Para efetuar sua escalada usara duas cordas, uma que ia de cravo em cravo e a outra, utilizada para levar os volumes que Andréa continuara puxando enquanto ele subia. Casey Brown tinha feito um nó de bolina, nesta corda, à volta de sua cintura; mas o nó era

corrediço e o entusiasmo de Andréa quase o parte ao meio. Ainda estava sentado no cimo do penhasco, a exausta cabeça entre seus joelhos, e o rádio ainda atado nas costas quando dois puxões na corda de Andréa avisaram que Dusty Miller estava a caminho.

Outro quarto de hora passou-se, quinze minutos intermináveis, durante os quais cada pausa entre os trovões tornava o menor som semelhante à aproximação de uma patrulha inimiga, até que Miller materializou-se, saindo lentamente da escuridão, a meia distância da chaminé rochosa. Surgia com firmeza e método, deteve-se ao chegar à beira, apalpando às cegas o chão do penhasco. Intrigado, Mallory se inclinou e examinou seu rosto esquelético: tinha os dois olhos hermeticamente fechados.

— Tranqüilize-se, cabo — aconselhou Mallory bondosamente. — Você já chegou.

Dusty Miller lentamente abriu seus olhos, olhou à volta da beirada do penedo, estremeceu e engatinhou com agilidade, procurando a proteção das rochas mais próximas. Mallory seguiu-o e olhou-o com curiosidade.

— Que idéia foi essa de fechar os olhos quando chegou aqui em cima?

— Eu não fiz isso — protestou Miller. Mallory não respondeu. — Fechei-os lá embaixo — explicou Miller cansado, — abri-os aqui em cima.

Mallory olhou-o com incredulidade.

— O quê? O tempo todo?

— É como já lhe disse, chefe — Miller queixou-se. — Lá em Castelrosso, quando atravesso uma rua e subo numa calçada tenho que agarrar-me ao poste mais próximo. Mais ou menos. — Interrompeu-se, olhou para Andréa inclinado bem para fora do precipício e estremeceu novamente. — Meu irmão! Oh, meu irmão! Que medo eu tive!

Medo. Terror. Pânico. Faça o que teme e matará seu medo. Faça o que teme e matará seu medo. Uma, duas, centenas de vezes, Andy Stevens repetia aquelas palavras, uma atrás da outra, como uma litania. Um psiquiatra lhe havia dito uma vez e desde então já lera uma dúzia de vezes: faça o que teme e matará seu

medo. A mente é uma coisa limitada, haviam dito. Só pode conter um pensamento de cada vez, um impulso à ação. Diga para si mesmo: sou bravo, estou derrotando este medo, este estúpido e irracional pânico que só tem origem em minha própria imaginação; e porque a mente só pode conter um pensamento de cada vez e o pensar e o sentir são uma coisa só, então será valente, dominará este medo que desaparecerá como uma sombra na noite. Portanto, Andy Stevens repetia essas coisas para si mesmo, mas as sombras só se tornavam maiores e mais densas, maiores e mais densas, e as geladas garras do medo cravavam-se cada vez com mais força em sua mente perturbada, aturdida, exausta e em seu estômago retorcido e revirado.

Seu estômago. Aquele bolo de nervos revoltos sob o plexo solar. Ninguém podia saber como era, que sensação produzia, exceto as pessoas cujas mentes em farrapos cediam, entravam em colapso total e final. As ondas de pânico, náusea e desmaio que chegavam a inundar sua garganta em seu caminho para uma mente escura, gasta e sem energia, mente que lutava com dedos de lã para agarrar-se à beira do abismo, mente cansada e dilacerada, controlada só momentaneamente, rechaçando com brutalidade as clamorosas exigências de um sistema nervoso que já sofrerá demais, faziam com que sentisse que tinha de soltar-se, abrir os dedos aflitos que com tanta força apertavam a corda. Era fácil. “O descanso após a labuta, o porto após os mares tormentosos.” Como era aquele famoso verso de Spenser? Soluçando alto, Stevens arrancou outro cravo, lançou-o rodopiando para o expectante mar, lá embaixo, a trezentos longos pés, apertou-se bem na superfície e continuou a subir desalentadamente, polegada por polegada.

Medo. O medo que o havia acompanhado toda sua vida, seu constante companheiro, seu *alter ego*, sempre pegado a ele, inseparável. Tinha-se acostumado àquele medo, às vezes quase resignado, mas a brutal agonia desta noite estava muito além do normal e de qualquer tolerância. Jamais conhecera coisa parecida e mesmo em seu terror e confusão, compreendia que aquele medo não provinha da escalada em si. Era verdade que o penhasco era íngreme e quase vertical e os relâmpagos, a chuva gelada, a

escuridão e o tonitruante trovão eram um constante pesadelo. Porém, tecnicamente, a escalada era simples: a corda estava estirada até o final e tudo que tinha a fazer era segui-la e ir retirando os cravos à medida que subia. Estava enjoado, machucado e terrivelmente cansado, a cabeça doía-lhe de um modo espantoso e perdera muito sangue: mas, com freqüência, é nas trevas da agonia e do esgotamento que o espírito do homem se manifesta de maneira mais brilhante.

Andy Stevens tinha medo porque perdera o respeito a si mesmo. Antes isso era a âncora protetora, o contrapeso contra seu velho inimigo: o respeito que os outros lhe dedicavam, o respeito que tinha a si mesmo. Mas agora tudo terminara, pois seus dois maiores temores tinham-se concretizado: sabiam que tinha medo e falhara quando necessitaram dele. Tanto na luta contra o barco alemão, como quando estavam ancorados no rio, sob a torre de observação, percebeu que Mallory e Andréa conheciam seu segredo. Jamais encontrara homens semelhantes e o tempo todo sabia que não conseguiria esconder seus segredos de pessoas iguais a eles. Devia ter subido aquele penhasco com Mallory, mas ele inventara umas desculpas e, em seu lugar, levara Andréa... Mallory sabia que ele tinha medo. E por duas vezes, em Castelrosso e quando o barco alemão se aproximara, estivera a ponto de falhar; e esta noite falhara miseravelmente. Não tinha sido julgado capaz de liderar o caminho junto com Mallory, e fora ele, o marinheiro do grupo, que fizera aquele nó remendado, o último nó, que perdera toda a comida e o combustível, mergulhados no mar e passando apenas a dez pés de onde se achava na saliência... e mil homens em Kheros dependiam de um fracassado abjeto como ele. Enjoado e esgotado, esgotado física, mental e espiritualmente, sem saber onde um terminava e o outro começava, gemendo alto na sua angústia de medo e de auto-desprezo, Andy Stevens subia, subia cegamente.

O som agudo, inquietante da campainha do telefone soou abruptamente através da escuridão do cimo do penhasco. Mallory ficou rígido e virou-se com os punhos apertados involuntariamente.

Tocou novamente, sua dissonante estridência vencendo o surdo rumor do trovão, depois silenciou. Logo soou de novo e continuou tocando, peremptório na sua áspera insistência.

Mallory se achava na metade do caminho para o telefone, quando se deteve de repente, virou-se devagar e voltou para junto de Andréa. O grande grego olhou-o com curiosidade.

— Mudou de idéia?

Mallory concordou sem nada dizer.

— Continuarão chamando até atenderem — murmurou Andréa. — E se não obtiverem resposta, virão. Virão rápida e imediatamente.

— Eu sei, eu sei. — Mallory levantou os ombros. — Temos que correr este risco, ou melhor, essa certeza. O importante é... quanto tempo levarão para aparecer?

Instintivamente olhou para ambos os lados da superfície do penhasco açoitado pelo vento: Miller e Brown achavam-se em lados opostos, a umas cinqüenta jardas, perdidos na escuridão. Continuou:

— O risco não vale a pena. Quanto mais penso, menos acredito na possibilidade que teria de me sair bem. Em assuntos de rotina os hunos tendem a ser inflexíveis. Certamente existe uma forma preconcebida de responder ao telefone, ou o sentinela tem de se identificar, dizendo seu nome, ou há uma senha, ou talvez minha voz me traia. Por outro lado, o sentinela desapareceu sem deixar vestígios, todo o nosso equipamento está aqui em cima, e todos nós também, exceto Stevens. Em outras palavras, praticamente alcançamos o que queríamos. Desembarcamos e ninguém sabe que estamos aqui.

— Sim. — Andréa concordou lentamente. — Sim, tem razão; e Stevens estará aqui dentro de dois ou três minutos. Seria loucura perder tudo o que já conseguimos. — Fez uma pausa e continuou com tranqüilidade — Mas vão vir correndo. — O telefone parou de tocar, tão repentinamente como tinha começado. — Vão vir agora.

— Eu sei. Tomara que Stevens... — Mallory interrompeu-se, virou sobre os calcanhares e disse por cima do ombro — Fique de

olho nele, está bem? Avisarei aos outros que estamos esperando visita.

Mallory se foi rapidamente ao longo do cimo do penhasco, mantendo-se bem afastado da borda. Mancava porque as botas do sentinela alemão eram pequenas demais para ele e apertavam cruelmente seus dedos. Afastou de seu espírito, deliberadamente, o pensamento de como ficariam seus pés depois de andar várias horas num terreno acidentado: era o momento da realidade, pensou amargamente, sem precisar adicionar a carga da preocupação futura... Parou repentinamente ao sentir um objeto duro e metálico contra suas espáduas.

— Renda-se ou morre!

A voz arrastada, anasalada era positivamente alegre: depois do que passara no barco e durante a escalada, sentir-se de novo em terra firme era uma sensação celestial para Dusty Miller.

— Muito engraçado — grunhiu Mallory. — Muito engraçado, mesmo. — Olhou curiosamente para Miller. O americano tirara a capa de oleado — a chuva cessara tão repentinamente como começara — e mostrava a jaqueta e o jaleco bordado ainda mais sujo e encharcado que suas calças. Não tinha sentido. Mas não havia tempo para perguntas.

— Ouviu o telefone tocando ainda há pouco? — perguntou.

— Ah, era um telefone? Sim, ouvi.

— Era o do sentinela. Devia ter-se escoado a hora do seu relatório, ou qualquer coisa parecida. Não atendemos. Virão a qualquer momento, cheio de suspeitas e procurando barulho. Talvez pelo seu lado, talvez pelo de Brown. Não podem se aproximar por nenhum outro lugar, a não ser que queiram quebrar os pescoços, trepando por aqueles rochedos. — Mallory apontou para o informe amontoado de rochas atrás deles. — Portanto mantenha seus olhos bem abertos.

— Farei isso, chefe. Mas nada de tiros, não é?

— Nada de tiros. Basta que saia tão rápida e silenciosamente quanto possível e vá avisar-nos. De qualquer maneira vá até lá daqui a cinco minutos.

Mallory voltou apressadamente pelo mesmo caminho, Andréa estava esticado sobre o topo do penhasco, olhando por cima da borda. Virou a cabeça para o lado quando Mallory se aproximou.

— Posso ouvi-lo. Está na saliência.

— Ótimo. — Mallory prosseguiu seu caminho sem parar. — Diga a ele que se apresse, por favor.

Mallory deteve-se dez jardas mais adiante, perscrutou a escuridão à sua frente. Alguém vinha por cima do penhasco, numa desabalada corrida, tropeçando e resvalando no solo cheio de cascalhos.

— Brown? — perguntou Mallory baixinho.

— Sim, senhor. Sou eu. — Brown estava a seu lado agora, ofegante e apontando para o lugar de onde viera. — Alguém se aproxima e vem depressa! Agitando as lanternas como se saltassem; devem estar correndo.

— Quantos? — perguntou Mallory rapidamente.

— Quatro ou cinco, no mínimo. — Brown ainda tentava recuperar o fôlego. — Talvez mais, de qualquer modo levam quatro ou cinco lanternas. O senhor mesmo pode vê-los. — Voltou a apontar para trás, depois piscou espantado. — Que coisa mais estranha! Todos desapareceram! — Virou-se depressa para Mallory. — Mas eu podia jurar que...

— Não se preocupe — disse Mallory amargamente. — Você os viu mesmo. Eu esperava visita. Estão chegando perto e não querem se arriscar... A que distância estavam?

— Cem jardas, não mais de cento e cinqüenta.

— Vá chamar Miller. Diga que venha depressa.

Mallory correu de volta para a borda do penhasco e ajoelhou-se junto de Andréa.

— Estão vindo, Andréa — disse rapidamente. — Vêm pela esquerda. São cinco no mínimo, provavelmente mais. Estarão aqui dentro de dois minutos no máximo. Onde está Stevens? Pode vê-lo?

— Posso vê-lo. — Andréa falava com absoluta tranqüilidade. — Acaba de passar a saliência...

O resto de suas palavras perdeu-se, afogado por um trovão estrondoso e repentino, mas não havia necessidade de dizer mais

nada. Mallory agora podia ver Stevens subindo pela corda, estranhamente envelhecido e enfraquecido em seus movimentos, mão após mão numa agonizante lentidão, na metade do caminho entre a saliência e o pé da chaminé.

— Santo Deus! — praguejou Mallory. — Que houve com ele? Vai levar o dia todo... — Deteve-se e colocou as mãos em concha à volta da boca. — Stevens! Stevens! — Mas não houve sinal de que Stevens o tivesse escutado. Continuava subindo com a mesma anormal deliberação, como um robô em marcha lenta.

— Ele está nas últimas — disse Andréa em voz baixa. — Repare que nem levanta a cabeça. Quando um alpinista não ergue a cabeça, está liquidado. — Mexeu-se. — Vou descer, para buscá-lo.

— Não. — A mão de Mallory pousou no seu ombro. — Fique aqui. Não posso arriscar os dois... Sim, o que é?

— Sentira que Brown se inclinava sobre ele, quase sem poder respirar.

— Depressa, senhor. Depressa, pelo amor de Deus! — Algumas breves palavras, mas teve que engolir duas grandes golfadas de ar para pronunciá-las. — Estão em cima de nós.

— Volte para as rochas com Miller — disse Mallory apressadamente. — Proteja-nos... Stevens! Stevens! — Mas novamente o vento açoitou a superfície do penhasco e levou suas palavras.

— Stevens! Pelo amor de Deus, homem! Stevens! — Sua voz era baixa e desesperada, mas desta vez alguma coisa do que disse devia ter chegado ao ouvido do esgotado Stevens e tocado sua mente, porque parou de escalar e ergueu a cabeça, levando uma mão ao ouvido.

— Vêm alemães aí! — falou Mallory com as mãos em concha, o mais alto que permitia a prudência. — Alcance a base da chaminé e fique lá. Não faça nenhum barulho. Compreendeu?

Stevens levantou a mão, fez um gesto cansado de entendimento, abaixou a cabeça e continuou a subir. Vinha ainda mais lentamente agora com movimentos toscos e desajeitados.

— Acha que ele compreendeu? — Andréa estava preocupado.

— Creio que sim. Não sei ao certo.

Mallory ficou rígido e segurou o braço de Andréa. Começava a chover novamente, embora ainda não muito forte, e, através da garoa, pôde ver o fecho de luz de uma lanterna, procurando entre as rochas, a umas trinta jardas a sua esquerda.

— Jogue a corda pela borda — sussurrou. — O último cravo, o que está no final da chaminé, a sustentará. Venha... Vamos sair daqui!

Pouco a pouco, com cuidado meticuloso para não mexer nem a menor pedrinha, Mallory e Andréa começaram a recuar da beirada, e começaram a se dirigir para as rochas, arrastando-se sobre os cotovelos e joelhos. As poucas jardas pareciam intermináveis sem uma arma na mão, Mallory sentia-se indefeso, à mercê do inimigo. Uma sensação ilógica, sabia, pois o primeiro fecho de luz que caísse sobre eles significaria não seu fim mas o do homem que segurasse a lanterna. Mallory tinha uma fé absoluta em Brown e Miller... Mas isso não tinha importância. O que importava era evitar que os descobrissem. Por duas vezes no final do percurso, o raio de luz dirigiu-se para eles, sendo que uma vez a menos de um metro de distância. Em ambas as ocasiões colaram seus rostos na terra encharcada, temendo que a mancha branca os delatasse e permaneceram completamente imóveis. E, então, parecia até que de repente, se encontraram seguros entre as rochas.

Num instante Miller estava ao lado deles, uma imperceptível sombra contra a massa escura de rochas que os rodeava.

— Há tempo de sobra, tempo de sobra — murmurou sarcasticamente. — Por que não esperaram mais meia hora? — Apontou para a esquerda onde brilhavam as trêmulas lanternas, a umas vinte jardas de distância, onde também se ouvia agora com toda a clareza um murmúrio gutural de vozes. — É melhor recuarmos mais. Eles o estão procurando entre as rochas.

— Procurando por ele ou pelo telefone — murmurou Mallory concordando. — De toda maneira, você tem razão. Cuidado com as armas nessas rochas. Levem o equipamento junto... Se debruçarem sobre o precipício e descobrirem Stevens teremos de lutar. Não haverá tempo para despistar e o barulho que vá para o diabo. Usem os fuzis-metralhadoras.

Andy Stevens ouvira, mas não compreendera. Não é que sentisse pânico, nem que estivesse apavorado demais para entender, pois já não sentia medo. O medo é produto da mente, mas sua mente cessara de funcionar, embrutecida nos últimos degraus da exaustão, paralisada pelo total e espantoso cansaço que tomava conta de seus membros, de todo seu corpo numa firme escravidão. Ignorava-o, mas a cinqüenta pés abaixo, batera com a cabeça contra a ponta de uma rocha, projetada para a frente aguda e malignamente, e abrira a têmpera numa ferida que atingia o osso. Sua força se esvaia com a perda de sangue.

Ouvira a voz de Mallory, ouvira-o dizendo algo a respeito da chaminé que agora alcançava, mas seu cérebro não registrara o significado das palavras. Tudo que Stevens sabia é que tinha que continuar escalando, e que escalaria até chegar ao topo. Isso era o que seu pai e seus irmãos lhe haviam inculcado. É preciso chegar ao cimo.

Estava agora na metade da chaminé, descansando num cravo que Mallory enfiara na fissura. Meteu os dedos na abertura, inclinou a cabeça para trás e olhou para cima, para a boca da chaminé. Dez pés de distância, não mais. Não experimentou nem surpresa, nem júbilo. Estava simplesmente ali: tinha que alcançá-lo. Do alto chegavam vozes que ouvia com toda a clareza. Estava vagamente surpreendido ao ver que seus amigos não tentavam ajudá-lo, que tinham jogado fora a corda que poderia tornar aqueles últimos dez pés tão fáceis, mas não sentiu amargura nem emoção: talvez quisessem experimentá-lo. De todo o modo, que lhe importava... tinha que alcançar o topo.

E alcançou. Cuidadosamente como Mallory o havia feito anteriormente, empurrou para o lado a terra e as pequenas pedras, dobrou os dedos sobre a rocha e encontrou o mesmo apoio que Mallory encontrara e impulsionou-se para cima. Viu as trêmulas lanternas, ouviu as vozes excitadas e então por um instante a cortina de névoa que obscurecia sua mente dissipou-se e uma última onda de pavor inundou-o quando viu que as vozes eram as

vozes do inimigo e que seus amigos haviam sido destruídos. Sabia agora que estava sozinho, que fracassara, que era o fim, de uma maneira ou de outra, e que tudo fora em vão. E então a bruma envolveu-o novamente e nada restou a não ser o vazio de tudo, o vazio e a futilidade, a esmagadora lassidão e o desespero; e seu corpo lentamente começou a cair pela superfície do penhasco. E então, os dedos dobrados também começaram a deslizar, abrindo-se gradualmente, relutantemente, como os dedos de um afogado abandonando a última tábua de salvação. Agora não sentia medo, mas somente uma vasta e total indiferença, enquanto suas mãos deslizavam e ele caía como uma pedra, vinte pés na vertical, até o apoio do gargalo na base da chaminé.

Mas não fez nenhum barulho, absolutamente nenhum: o grito mudo de agonia não atravessou seus lábios, pois com a dor veio a escuridão total; mas os ouvidos atentos dos homens que se encolhiam atrás das rochas lá em cima perceberam claramente o surdo e horrível ruído quando sua perna direita quebrou-se em dois pedaços, como uma lenha podre.

VI

Segunda-Feira — Noite

Das 2 às 6 horas.

A patrulha alemã era tudo o que Mallory temera — eficiente, meticulosa e muito, muito cuidadosa. Possuía até imaginação, na pessoa de seu jovem e competente sargento e isso era mais perigoso ainda.

Eram só quatro homens, com botas de cano longo, capacetes e capotes com manchas verde, cinza e marrom. Primeiro localizaram o telefone e informaram a base. Depois o sargento mandou dois homens inspecionarem cem jardas ao longo do penhasco, enquanto ele e o quarto soldado procuravam entre as rochas paralelas ao penhasco. A busca foi lenta e minuciosa, mas os dois homens não foram longe entre as rochas. Para Mallory o raciocínio do sargento era lógico e óbvio. Se o sentinela tivesse dormido ou ficado doente, era improvável que tivesse ido longe entre o confuso conglomerado de rochas. Mallory e os outros estavam a salvo, bem recuados fora de alcance.

E então veio o que Mallory receara: uma inspeção metódica e organizada do cimo do penhasco; pior ainda, pois começaram a busca ao longo da borda. Bem seguro pelos três homens com os braços entrelaçados — o último com a mão enganchada no cinturão — o sargento passou lentamente pela borda, examinando cada

polegada com o facho de sua potente lanterna. De repente parou, soltou uma exclamação e se inclinou com a lanterna e o rosto a poucas polegadas do chão. Não havia dúvida sobre o que encontrara — a profunda marca feita no solo macio e inseguro pela corda amarrada à rocha e jogada pela beirada do penhasco... Suave e silenciosamente, Mallory e seus três companheiros se puseram de joelhos ou de pé, com os canos de suas armas sobre as rochas ou apontando entre as brechas dos rochedos. Não tinham a menor dúvida de que Stevens estava caído indefeso na forquilha da chaminé, gravemente ferido ou morto. Bastaria um só fuzil alemão apontar para a superfície do penhasco, mesmo descuidadamente, e os quatro morreriam.

O sargento esticara-se no chão e dois homens seguravam-lhe as pernas. Tinha a cabeça e os ombros debruçados sobre a beira do precipício e o facho de luz de sua lanterna iluminava chaminé abaixo. Durante dez, talvez quinze segundos, não se ouviu um ruído no cimo do penhasco, absolutamente nenhum ruído, a não ser o agudo gemido do vento e o gotejar da chuva na grama rasteira. Por fim, o sargento pôs-se de pé, balançando lentamente a cabeça. Mallory fez sinal aos outros para que se agachassem novamente atrás das rochas, mas, mesmo assim, a voz suave do sargento, com seu sotaque bávaro, sobrepujou o vento e chegou aos seus ouvidos.

— É Erich mesmo, pobre rapaz. — Sua voz juntava de modo estranho a compaixão e a fúria. — Eu o adverti várias vezes que não se descuidasse, que não se aproximasse demais da beirada. É muito traiçoeira. — Instintivamente recuou alguns passos e olhou novamente a marca na terra macia. — Aqui foi onde seu salto escorregou, ou talvez a culatra de seu fuzil. Não que isso tenha importância, agora.

— Acha que ele está morto, sargento? — Quem falava era um garoto, nervoso e aflito.

— É difícil dizer. Olhe você mesmo.

Cautelosamente, o rapaz debruçou-se na beira do penhasco examinando a rocha. Os outros soldados falavam entre si, com frases curtas e entrecortadas e Mallory virou-se para Miller, tampou

sua boca com a mão e encostou-a à orelha do americano. Não podia conter seu espanto por mais tempo.

— Stevens estava usando sua roupa preta quando você o deixou? — sussurrou.

— Sim — sussurrou Miller por sua vez. — Sim, creio que estava. — Houve uma pausa. — Não, estou enganado. Vestimos a capa de camuflagem quase ao mesmo tempo.

Mallory concordou. Os impermeáveis dos alemães eram quase idênticos aos seus; e o cabelo do sentinela, lembrava-se Mallory, era negro, da mesma cor com que Stevens tingira o seu. Provavelmente tudo que se via lá de cima era um corpo encolhido, envolto numa capa e os cabelos negros. O erro do sargento era mais que compreensível: inevitável.

O soldado afastou-se da beira do penhasco levantando-se cuidadosamente.

— Tem razão, sargento. É Erich. — A voz do rapaz tremia. — Parece estar vivo. Vi sua capa mover-se, só um pouquinho. E tenho certeza de que não era o vento.

Mallory sentiu a grande mão de Andréa apertando-lhe o braço e logo foi invadido por uma onda de alívio que se converteu em júbilo. Então Stevens estava vivo! Graças a Deus! Ainda poderiam salvar o rapaz. Ouviu Andréa cochichar a notícia para os outros e logo sorriu para si mesmo, ironizando sua própria alegria. Jensen não teria aprovado aquele júbilo. Stevens já fizera sua parte, levara o barco a Navarone e escalara o penhasco: agora era apenas um aleijado inútil, um peso morto para todo o grupo, reduzindo qualquer possibilidade de triunfo. Para o Alto Comando, que mexia as peças, os peões aleijados atrasavam o jogo e só serviam para sujar o tabuleiro. Fora falta de consideração de Stevens não se suicidar para que pudessem fazê-lo desaparecer sem deixar rastro, afundado nas águas famintas que bramiam ao pé do penhasco. Mallory cerrou os punhos na escuridão e jurou para si mesmo que o rapaz viveria, que voltaria para casa e que a guerra, com suas exigências desumanas, fosse para o inferno. Era um garoto, nada mais, um garoto assustado e quebrado e o mais valente deles todos.

O sargento dava uma série de ordens, com voz rápida, ríspida e confiante. Pedia um médico, talas, maça, cábreá. cordas, cravos — nada escapava à sua mente bem treinada. Mallory esperou tenso, imaginando quantos homens ficariam de guarda, se algum, pois os soldados teriam que morrer e isso os denunciaria. A questão da eliminação pura e simples nunca passou por sua mente — uma só palavra sussurrada ao ouvido de Andréa e os guardas ficariam como carneiros encurralados por um lobo saqueador. Pior ainda — os carneiros podem correr e balir antes que a escuridão os envolva.

O sargento resolveu o problema para eles. A segura competência, a dura, desumana crueldade que tornava a N.C.O.^{2} alemã a melhor do mundo dera a Mallory uma oportunidade que não esperava. Acabara de dar suas ordens quando o jovem soldado tocou-lhe no braço e apontou para o precipício.

— E quanto ao pobre Erich, sargento? — perguntou indeciso. — Não deveríamos... o senhor não acha que um de nós deveria ficar com ele?

— O que poderia você fazer se ficasse? Segurar sua mão? — perguntou o sargento com azedume. — Se ele se mexer e cair, caiu e acabou-se e de nada adiantará que uma centena dos nossos fique aqui olhando. Vá embora e não se esqueça das marretas e cravelhas para fixar a cábreá.

Os três homens viraram e retiraram-se rapidamente para leste sem dizer palavra. O sargento dirigiu-se para o telefone, transmitiu uma breve informação e logo se foi na direção oposta, talvez para inspecionar outro posto próximo, pensou Mallory. Ainda podia ser visto, como uma mancha movendo-se na escuridão, e Mallory já sussurrava a Brown e Miller que voltassem a seus postos de guarda: e ainda podiam ouvir os passos compassados e firmes no distante caminho de cascalhos quando a corda amarrada à rocha caiu serpenteante pela borda do penhasco, e Andréa e Mallory deslizaram por ela, rapidamente, antes mesmo que parasse de oscilar.

Como um novelo, enrolado e contorcido, seu rosto ferido e sangrando, Stevens jazia insensivelmente sobre uma afiada ponta de rocha, ainda inconsciente e respirando estertorosamente através

da boca aberta. Do joelho para baixo, sua perna direita estava torcida contra a rocha, num ângulo inverossímil, para cima e para fora. Tão gentilmente quanto possível, apoiado contra um lado da chaminé e ajudado por Andréa, Mallory levantou e endireitou o membro retorcido. Por duas vezes, das profundezas do negro estupor da inconsciência, Stevens gemeu de dor, mas Mallory não tinha escolha e continuou, com os dentes apertados até lhe doerem as mandíbulas. Então, lentamente, com infinito cuidado, enrolou a perna da calça, estremeceu e fechou os olhos num momentâneo horror e náusea ao ver a opaca brancura da tíbia quebrada, aparecendo através da carne rasgada, inchada e arroxeadada.

— Fratura dupla, Andréa. — Delicadamente exploradores, seus dedos deslizaram pela perna destroçada, sob a bota de cano longo e detiveram-se de repente ao sentir algo que cedia a sua leve pressão. — Oh, meu Deus! — murmurou. — Outra fratura, bem por cima do tornozelo. Este menino está em mau estado, Andréa.

— Está mesmo — concordou Andréa gravemente. — Não podemos fazer nada por ele aqui?

— Nada. Absolutamente nada. Primeiro vamos ter que levá-lo para cima. — Mallory se empertigou e olhou friamente a superfície perpendicular da chaminé. — Mas só Deus sabe como...

— Eu o levarei. — A voz de Andréa não traía nenhuma resolução desesperada, nem conhecimento do esforço quase inacreditável que aquilo acarretaria. Era simplesmente a manifestação de sua intenção, a voz de um homem que não duvidava de sua habilidade de fazer o que dizia. — Se você me ajudar a levantá-lo e amarrá-lo nas minhas costas...

— Com a perna quebrada solta, pendente de um pedaço de carne e de músculo rasgado? — protestou Mallory. — Stevens não pode agüentar muito mais. Se fizermos isso morrerá.

— Morrerá se não fizermos — murmurou Andréa. Mallory ficou olhando para Stevens durante um longo momento, depois concordou com a cabeça, gravemente.

— Morrerá se não fizermos — repetiu cansado. — Sim, temos que fazê-lo.

Afastou-se um pouco da rocha, deslizou alguns pés pela corda e meteu o pé na forquilha da chaminé, sob o corpo de Stevens. Enrolou a corda duas vezes à volta de sua cintura e olhou para cima.

— Pronto, Andréa? — perguntou baixinho.

— Pronto.

Andréa deteve-se, colocou suas grandes mãos embaixo dos braços de Stevens e ergueu-o lentamente, poderosamente, enquanto Mallory empurrava por baixo. Duas ou três vezes antes de conseguirem levantá-lo, o rapaz gemeu das profundezas de sua torturada garganta, gemidos de dor que faziam Mallory cerrar os dentes com força. E logo a perna retorcida, pendente, abandonou o apoio de Mallory e Stevens viu-se seguro e aninhado nos braços de Andréa, enquanto o rosto sangrento, açoitado pela chuva, balançava grotescamente para trás, como um rosto morto, abandonado, com a tristeza de uma boneca quebrada. Segundos depois, Mallory já se encontrava ao lado deles, atando sabiamente os pulsos de Stevens. Enquanto enrolava e apertava a corda com suas mãos inchadas, maldizia em voz baixa, maldizia suavemente, amargamente, continuamente, mas disso nem se dava conta: só se apercebia daquela cabeça quebrada, que pendia estupidamente contra seu ombro, do sangue que jorrava, diluído pela chuva, cobrindo aquele rosto virado, do cabelo sobre a têmpora aberta surgindo louro escuro ao perder a tintura negra. Que tinta vagabunda, pensou Mallory furiosamente; Jensen saberia disso — poderia custar a vida de um homem. E, então, consciente de seus próprios pensamentos, voltou a maldizer-se ainda mais indignado, desta vez contra sua própria pessoa, pelos pensamentos inúteis que o assaltavam.

Com as duas mãos livres — Stevens tinha os braços atados à volta de seu pescoço e o corpo amarrado ao seu — Andréa levou menos de trinta segundos para chegar ao pico: se o peso que levava nos ombros — cento e sessenta libras de peso morto — estorvava em alguma coisa a rapidez e a força da escalada de Andréa, Mallory não notava. A resistência daquele homem era fantástica. Uma vez, somente uma vez, quando Andréa passou a

borda do penhasco para a terra firme, a perna quebrada prendeu na rocha e a crucificante tortura atravessou a piedosa concha da insensibilidade e arrancou um breve grito de dor de seus lábios, um murmúrio rouco, tanto mais horrível pela muda agonia. E já Andréa se encontrava de pé e Mallory por trás dele cortava rapidamente as cordas que o atavam ao ferido.

— Vá direto para as rochas com ele, Andréa, está bem? — Mallory murmurou. — Espere por nós no primeiro espaço aberto que encontrar.

Andréa concordou devagar e sem levantar a cabeça, os olhos abaixados e inclinados para o rapaz nos seus braços, como um homem afogado em pensamentos. Afogado em pensamentos ou escutando, e então, inesperadamente, Mallory viu-se olhando e prestando atenção no agudo e perdido gemido do vento; mas não havia nada ali, a não ser as queixas que surgiam e morriam no frio da chuva que se ia engrossando em gelada saraiva. Estremeceu sem saber por que e escutou novamente; logo se sacudiu furiosamente, virou-se abiuptamente para o penhasco e começou a enrolar a corda. Já a tinha toda em cima, a seus pés, enredada e encharcada, quando lembrou-se do cravo ainda preso na base da chaminé e das centenas de pés de corda nele dependuradas.

Encontrava-se extenuado demais, gelado e deprimido para sentir-se exasperado consigo mesmo. A visão de Stevens e o conhecimento do estado do rapaz, afetara-o mais do que imaginara. Mal-humorado, jogou a corda pela beira do precipício, deslizou chaminé abaixo, desatou a segunda corda e atirou o cravo no mar. Menos de dez minutos mais tarde, com as cordas molhadas enroladas no ombro, levou Miller e Brown para a escura confusão das rochas.

Encontraram Stevens estirado embaixo do sotavento de um enorme rochedo, a menos de cem jardas terra a dentro, numa pequena clareira do tamanho de uma mesa de bilhar. Um oleado estendido por baixo dele, sobre a terra encharcada e cheia de cascalhos, e uma capa de camuflagem cobria a maior parte de seu corpo: fazia um frio terrível, mas o penhasco quebrava a força do vento e abrigava o rapaz da chuva e do granizo. Andréa ergueu a

vista quando os três homens apareceram e depositaram o equipamento no solo; Mallory logo viu que Andréa enrolara a perna da calça acima do joelho do rapaz e cortara a pesada bota de sua perna quebrada.

— Santo Cristo! — As palavras, meio espanto, meio oração, foram arrancadas involuntariamente de Miller: mesmo na densa penumbra a perna quebrada tinha um aspecto assustador. Colocou um joelho por terra e inclinou-se para olhá-la. — Que horror! — murmurou lentamente. Levantou a cabeça e olhou por cima do ombro. — Temos que fazer algo por essa perna, chefe, e não há tempo a perder. Esse garoto é candidato forte ao cemitério.

— Eu sei. Temos que salvá-lo Dusty. Temos que salvá-lo. — De repente aquela necessidade converteu-se em algo urgente e premente para Mallory. Ajoelhou-se. — Vamos examiná-lo.

Miller afastou-o impaciente.

— Deixe isso comigo, chefe. — Havia tanta segurança, uma tão repentina autoridade na sua voz, que Mallory emudeceu. — O estojo de remédios, rápido!... e abram a tenda.

— Tem certeza que pode tomar conta disso? — Não que Mallory realmente duvidasse dele, Deus era testemunha: sentia apenas gratidão, um profundo alívio, mas achava que devia dizer alguma coisa. — Como é que você...

— Ouça, chefe — disse Miller suavemente. — Toda a minha vida, só fiz três coisas: trabalhar em minas, túneis e explosivos. Coisas perigosas, chefe. Vi centenas de braços e pernas quebrados e quase todos eu consertei. — Sorriu ironicamente na escuridão. — Em ocasiões assim eu era o chefe... Acho que era um dos meus privilégios.

— Muito bem! — Mallory bateu no seu ombro. — Está em suas mãos, Dusty. Mas quanto à tenda... — Involuntariamente olhou por cima do ombro para o penhasco. — Quero dizer...

— O senhor não me entendeu, chefe. — As mãos de Miller, firmes e precisas, com a delicada segurança de um homem que passou toda sua vida entre explosivos perigosos, estavam ocupadas com a mecha de algodão e desinfetante. — Não estava pensando

em montar um hospital. Mas necessitamos dos paus da barraca; talas para suas pernas.

— Claro, claro. Os paus. Nunca me ocorreu usá-los como talas e eu estava pensando em tudo que...

— Não são muito importantes, chefe. — Miller havia aberto a caixa de remédios e com a ajuda de uma lanterna escolhia o material necessário. — Morfina, isso é a primeira coisa ou o choque matará o garoto. E depois um abrigo, calor, roupa seca...

— Calor! Roupa seca! — interrompeu Mallory incrédulo. Olhou para o corpo inanimado do rapaz e lembrou-se de que Stevens fora o causador da perda da estufa e de todo o combustível. Seus lábios desenharam um amargo sorriso. O garoto fora seu próprio verdugo. — Onde, em nome de Deus, pensa encontrar isso? — perguntou ao cabo.

— Não sei, chefe — respondeu Miller simplesmente. — Mas temos que encontrar. E não é só para diminuir o choque. Com a perna assim e molhado como está, pode contrair pneumonia. E temos que pôr toda a sulfa que couber neste maldito buraco que tem a perna; um toque de infecção nesse estado e... — Sua voz foi-se emudecendo.

Mallory levantou-se.

— Reconheço que você é o chefe. — Imitara tão bem o sotaque do americano, que Miller levantou a vista e sorriu surpreendido. Logo desviou o olhar novamente. Mallory ouvia claramente os dentes de Miller batendo ao inclinar-se sobre Stevens e pressentiu que ele não parava de tremer violentamente, mas esquecido de tudo devido à completa concentração no trabalho que tinha entre as mãos. As roupas de Miller, Mallory recordava-se outra vez, estavam completamente encharcadas: e Mallory perguntou-se, não pela primeira vez, como conseguira ficar em tal estado, coberto como estava por um impermeável.

— Trate dele. Procurarei um lugar adequado.

Mallory estava longe de possuir a confiança que aparentava: entretanto, naqueles íngremes e vulcânicos declives deveria existir uma possibilidade de encontrar um abrigo na rocha, ou quem sabe, uma caverna. Poderia encontrar algo se fosse à luz do dia: mas do

jeito que era só com muita sorte tropeçaria numa... Viu que Casey Brown, com o rosto cinzento devido ao cansaço e enjôo — os efeitos posteriores da intoxicação causada pelo monóxido de carbono demoram a desaparecer — levantara-se com passo inseguro e se dirigia para uma abertura entre as rochas.

— Onde vai, chefe?

— Buscar o resto das coisas, senhor.

— Acha que está em condições de trazê-las? — exclamou Mallory olhando-o de perto. — Não me parece em bom estado.

— Na verdade, não me sinto bem — respondeu Brown francamente. Olhou para Mallory. — Mas com o devido respeito, capitão, acho que faz tempo que não se olha num espelho.

— Tem razão — confessou Mallory. — Então está bem, vamos. Irei com você.

Durante os dez minutos seguintes, reinou silêncio na pequeníssima clareira. Um silêncio quebrado apenas pelos murmúrios de Miller e Andréa, enquanto tentavam endireitar a perna destroçada, e pelos gemidos do ferido, que se remexia e lutava, em seu negro abismo de dor. Depois a morfina começou a fazer efeito, a resistência diminuiu, por fim cessou completamente e Miller pôde trabalhar rapidamente sem medo de interrupção. Andréa colocara um oleado esticado sobre eles. Isso cumpria uma dupla missão — protegia-os da saraiva que de vez em quando os açoitava e ocultava a diminuta luz da lanterna de borracha, que segurava com sua mão livre. E então a perna foi arrumada, enfeixada e entalada da melhor maneira possível e Miller levantou-se esticando suas costas doídas.

— Graças a Deus que terminou! — exclamou cansado. Apontou para Stevens. — Eu me sinto tão mal como o aspecto desse menino. — De repente ficou rígido e estirou o braço num gesto de advertência. — Ouço um ruído, Andréa — murmurou.

Andréa riu-se.

— É Brown que está voltando, meu amigo. Faz mais de um minuto que o ouço aproximar-se.

— Como é que você sabe que é Brown? — perguntou Miller. Sentiu-se ligeiramente aborrecido consigo mesmo e voltou a

guardar a pistola no bolso.

— Brown sabe andar entre as rochas — explicou Andréa suavemente — mas está cansado. No entanto o capitão Mallory... — encolheu os ombros. — O pessoal me chama “o gato gigante”, mas nas montanhas e nas rochas ele é mais gato do que eu. É um fantasma e é assim que nossos companheiros lá em Creta o chamavam. Você saberá que ele está aqui quando tocar no seu ombro.

Miller estremeceu sob uma repentina pancada de chuva e neve.

— Gostaria que vocês não andassem tão silenciosamente — queixou-se. Levantou a vista quando Brown apareceu, saindo de trás de uma rocha, andando lentamente com o passo desigual e vacilante de um homem esgotado. — Ei, Casey! Que tal vão as coisas?

— Não de todo mal. — Brown agradeceu quando Andréa aliviou-o do peso da caixa de explosivos, colocando-a no solo como se fosse uma pluma. — É a última do equipamento. O capitão me mandou trazê-la e ficou lá, pois ouvimos vozes ao longo do penhasco. Quer escutar o que dizem quando descobrirem que Stevens desapareceu. — Deixou-se cair pesadamente sobre a caixa de explosivos. — Talvez isso lhe dê uma idéia do que os alemães pretendem fazer, se é que pensam fazer algo.

— Creio que teria sido melhor se ele tivesse deixado você lá e trouxesse essa maldita caixa — grunhiu Miller. Sua desilusão a respeito de Mallory fê-lo falar mais do que devia. — Está em melhores condições e me parece que é... — Conteve-se e estremeceu de dor ao sentir os dedos de Andréa cravarem-se em seu braço como tenazes de aço.

— Não é justo que fale assim, meu amigo — disse Andréa em tom reprovador. — Você se esqueceu de que Brown não fala nem entende uma palavra de alemão?

Miller esfregou com cuidado o braço dolorido, balançando a cabeça com raiva de si mesmo e com reprovação.

— Eu e minha língua comprida! — disse lamentando-se. — Sempre dizem que falo quando não devo. Peça-lhes que me

perdoem... Que mais está na ordem do dia, senhores?

— O capitão disse para irmos direto para as rochas e subir pela falda desta colina. — Brown apontou com o polegar para uma vaga e escura massa, de estranho agouro, que se erguia acima e além deles. — Vai nos alcançar dentro de uns quinze minutos. — Sorriu com ar cansado para Miller. — Devemos deixar esta caixa e uma mochila para ele carregar.

— Já me desculpei — falou Miller. — Sinto-me insignificante por ter falado daquela maneira. — Olhou para Stevens, deitado imóvel sob os escuros oleados brilhantes de umidade e depois para Andréa. — Andréa, acha que...

— Claro, claro! — Andréa se inclinou rapidamente, envolveu o rapaz inconsciente nos oleados e levantou-os sem o menor esforço como se estivessem vazios.

— Irei na frente — ofereceu-se Miller. — Talvez ache um bom caminho para você e Stevens. Jogou o gerador e as mochilas ao ombro e cambaleou ligeiramente sob o peso inesperado; — não pensei que estivesse tão fraco. — No começo, é claro — acrescentou. — Por que mais tarde você terá que carregar nós dois.

Mallory calculara mal o tempo que levaria para alcançar os outros; já se passara mais de uma hora desde que Brown o deixara e nem sinal dos outros. E com setenta libras nas costas não podia fazer melhor tempo.

A culpa não era exclusivamente sua. A patrulha alemã ao regressar, depois do primeiro choque da descoberta, voltara a inspecionar o cimo do penhasco metodicamente e com lentidão exasperante. Mallory esperara tenso que alguém sugerisse descer e examinar a chaminé — os sinais dos cravos na rocha teriam sido uma denúncia fatal — mas nem falaram nisso. Já que o sentinela obviamente caíra e morrera, a descida seria loucura. Depois de uma busca infrutífera, discutiram durante um longo tempo o que deveriam fazer a seguir. Acabaram não fazendo nada. Deixaram um outro guarda de plantão e o resto se afastou ao longo do penhasco, levando o equipamento de salvamento.

Os três homens que iam na frente avançavam de modo surpreendente, embora as condições do terreno melhorassem. A queda abrupta das rochas na base do declive desaparecia a umas cinqüenta jardas além, dando lugar a arbustos quebrados e cascalhos lavados pela chuva. Talvez os tivesse ultrapassado, mas isso parecia improvável; nos intervalos entre as pancadas de chuva e neve — agora mais semelhante ao granizo — podia esquadriñar a falda do declive mas nada se movia. Além disso sabia que Andréa não se deteria até que alcançasse um lugar que promettesse pelo menos um mínimo de abrigo e até agora aquelas ladeiras batidas pelo vento não ofereciam nada nem remotamente parecido.

Por fim, Mallory quase tropeçou, literalmente, em ambos, homem e rocha. Acabara de passar por uma rocha estreita e longitudinal, atravessara seu lado agudo, quando ouviu o murmúrio de vozes por baixo dele e viu o débil resplendor de uma luz atrás de uma lona que descia de uma saliência da parede distante até uma pequena ravina a seus pés.

Miller sobressaltou-se violentamente e virou-se ao sentir a mão no ombro; a automática já estava fora do bolso antes de perceber quem era e, quando viu, atirou-se com força na rocha que estava atrás deles.

— Vamos, vamos, que é isso, pistoleiro! — Aliviado, desprende a carga de seus ombros doídos e olhou para Andréa, que sorria tranqüilamente. — Qual é a graça?

— É o nosso amigo. — Andréa sorriu outra vez. — Disse-lhe que saberia quando você chegasse sentindo sua mão no ombro. Acho que não me acreditou.

— Bem podia você ao menos ter tossido ou algo assim — disse Miller na defensiva. — Estou nervoso, chefe — acrescentou em tom queixoso. — Meus nervos não são os mesmos de há quarenta horas atrás.

Mallory olhou-o incrédulo, ia falar, depois desistiu ao perceber a pálida mancha de um rosto apoiado numa mochila. Sob a gase branca da testa enfaixada, os olhos estavam abertos, olhando-o fixamente. Mallory deu mais um passo e pousou um joelho no chão.

— Finalmente você voltou a si! — Sorriu para o rosto desfeito e Stevens devolveu o sorriso, seus lábios ainda mais brancos e sem sangue do que o próprio rosto. Sua aparência era lívida. — Como está se sentindo, Andy?

— Não muito mal, capitão. Realmente não estou. — Os olhos injetados de sangue estavam escuros e cheios de dor. Abaixou as pálpebras, olhou distraidamente a perna amarrada e olhou para cima novamente, sorrindo indeciso para Mallory. — Sinto muito o que aconteceu, capitão. Foi uma coisa estúpida.

— Não foi uma coisa estúpida — Mallory falou lentamente e com ênfase. — Foi uma loucura criminosa. — Sabia que todos os olhavam, mas sabia também que Stevens só tinha olhos para ele. — Uma loucura criminosa imperdoável — continuou em voz baixa — e eu sou o culpado. Sabia que você perdera muito sangue no barco, mas ignorava que tivesse esse ferimento enorme na testa. Era minha obrigação ter averiguado. — Sorriu amargamente. — Devia ter ouvido o que esses dois tipos insubordinados me disseram quando chegaram ao topo... E tinham razão. Nunca poderia ter-lhe pedido para fechar a marcha no estado em que se encontrava. Foi loucura. — Voltou a sorrir. — Devíamos tê-lo feito subir como um fardo de carvão como o time dos intrépidos alpinistas, Miller e Brown... Só Deus sabe como você conseguiu subir! — Inclinou-se e tocou no joelho são de Stevens. — Perdoe-me, Andy. Honestamente eu não sabia que estava tão mal.

Stevens remexeu-se pouco à vontade, mas a palidez mortal de suas faces de pomos pronunciados tingiu-se de prazer desconcertado.

— Por favor, capitão — pediu. — Não fale assim. Tinha que ser assim. — Fez uma pausa, fechou os olhos com força e respirou com dificuldade, através dos dentes cerrados, quando foi atravessado por uma onda de dor na perna estraçalhada. Depois olhou outra vez para Mallory. — E não mereço que elogie a escalada — continuou em voz baixa. — Não me lembro de quase nada.

Mallory olhou-o sem falar, com as sobrancelhas arqueadas, numa muda interrogação.

— Morria de medo a cada passo que subia — disse Stevens com simplicidade. Não sentia nem surpresa nem espanto de estar dizendo uma coisa que preferia morrer a confessar. — Nunca tive tanto medo em minha vida.

Mallory sacudiu a cabeça lentamente para os lados, seu queixo barbudo roçava na palma de sua mão. Parecia realmente surpreendido. Então olhou para Stevens e sorriu zombeteiramente.

— Agora tenho certeza que você é novato nesses assuntos, Andy. — Sorriu novamente. — Acha talvez que eu cantei e ri enquanto subia aquele penhasco? Acha que eu não tinha medo? — Acendeu um cigarro e encarou Stevens através da nuvem tênue de fumaça. — Pois bem, eu não tinha. “Amedrontado” não é a palavra adequada; eu estava apavorado. E Andréa também. Sabemos demais para ignorar o medo.

— Andréa! — Stevens riu e em seguida gritou pois o movimento provocou-lhe uma dor horrível no osso quebrado da perna. Por um instante, Mallory pensou que desmaiara mas quase imediatamente voltou a falar, sua voz apagada pela dor. — Andréa! — murmurou. — Com medo! Não acredito!

— Andréa estava com medo. — A voz do grego era suave. — Andréa está com medo. Andréa está sempre com medo. É por isso que estamos vivos até agora. — Olhou para suas grandes mãos. — Por isso tantos morreram. Não tinham tanto medo quanto eu. Não tinham medo de tudo o que um homem deve temer, havia sempre alguma coisa que esqueciam de temer, de salvaguardar-se. Mas Andréa tinha medo de tudo e nunca se esquecia de nada. A coisa se reduz a isso.

Olhou para Stevens e sorriu.

— No fundo não há homens valentes e covardes, meu filho. Só há homens valentes. Nascer, viver, morrer, por si só já requer coragem suficiente. Somos todos valentes e somos todos covardes, e aquele a quem o mundo chama de valente, este também é valente e tem medo como todos nós. Só que é corajoso durante mais cinco minutos. Às vezes dez ou vinte minutos — é o tempo que um homem doente, amedrontado e sangrando leva para escalar um penhasco.

Stevens não disse nada. Sua cabeça estava reclinada sobre o peito e seu rosto estava oculto. Poucas vezes se sentira tão feliz, raras vezes tão em paz consigo mesmo. Sabia ser impossível ocultar algo de homens como Mallory e Andréa, mas ignorava que isso não teria importância. Achava que devia dizer alguma coisa, mas não sabia o que e estava mortalmente cansado. Tinha conhecimento, no seu íntimo, que Andréa dizia a verdade, mas não toda a verdade; mas estava extenuado demais para se incomodar com isso, para tentar decifrar a coisa.

Miller pigarreou ruidosamente.

— Chega de conversa, tenente — disse com firmeza. — Tem que permanecer deitado e tentar dormir um pouco.

Stevens olhou-o e logo olhou para Mallory espantado.

— É melhor fazer o que ele disse, Andy — Mallory sorriu. — Quem lhe fala é o seu cirurgião e conselheiro médico. Ele curou sua perna.

— Oh! Eu não sabia. Obrigado, Dusty. Foi muito difícil?

Miller fez um gesto, como se não tivesse importância.

— Para um homem com a minha experiência, não. Uma simples fratura — disse mentindo com facilidade. — Quase que deixei outro tratar... Ajude-o a deitar-se, está bem, Andréa? — Moveu a cabeça na direção de Mallory.

— Chefe?

Os dois homens saíram dando as costas para o vento gelado.

— Temos que arranjar um fogo e roupas secas para esse guri — Miller disse rapidamente. — Tem cento e quarenta de pulso e uma temperatura de 40°. Perde terreno a cada minuto.

— Eu sei, eu sei — respondeu Mallory preocupado — E não há a menor esperança de conseguir qualquer combustível nesta maldita montanha. Vamos entrar e ver que roupa seca conseguimos arranjar.

Levantou a lona e entrou. Stevens ainda estava acordado com Brown e Andréa ao lado. Miller seguiu-o.

— Vamos passar a noite toda aqui — anunciou Mallory —, portanto vamos tornar as coisas confortáveis na medida do possível. É verdade — confessou — que estamos um pouco perto

demais do penhasco para falar em conforto, mas os alemães ignoram nossa presença na ilha e nos achamos fora de vista da costa. Vamos portanto acomodar-nos aqui.

— Chefe... — Miller começou a falar mas ficou novamente silencioso. Mallory olhou-o espantado. Viu que Brown e Stevens se olhavam indecisos, e leu em seus olhos dúvida e compreensão doentia. Uma repentina ansiedade, a certeza absoluta de que algo ia muito mal, assaltou Mallory de chofre.

— O que há? — perguntou com voz cortante. — Que aconteceu?

— Temos que lhe dar uma má notícia, chefe — respondeu Miller cuidadosamente. — Devíamos ter contado imediatamente. Acho que cada um pensou que o outro tinha contado... Lembra-se do sentinela que o senhor e Andréa jogaram pela borda?

Mallory concordou sombrio. Sabia o que estava para vir.

— Caiu num recife que está a menos de trinta pés do penhasco — Miller continuou. — Pouco sobrou dele, acho eu, mas o que restou está preso entre duas rochas. E bem preso.

— Já entendi — murmurou Mallory. — A noite toda eu me perguntei como você podia estar tão molhado, usando uma capa impermeável.

— Tentei quatro vezes, chefe — afirmou Miller tranqüilamente. — Os outros me seguravam por uma corda. — Encolheu os ombros. — Não houve jeito. As malditas ondas me atiravam contra o penhasco.

— Dentro de três ou quatro horas vai clarear — murmurou Mallory. — Dentro de quatro horas saberão que estamos na ilha. Vão vê-lo assim que amanhecer e mandarão um barco investigar.

— Isso tem importância, capitão? — perguntou Stevens. — Poderia ter caído.

Mallory afastou a lona para um lado e olhou dentro da noite. Fazia um frio terrível e começavam a cair flocos de neve. Soltou a lona novamente.

— Cinco minutos — disse pensativo. — Sairemos dentro de cinco minutos. — Olhou para Stevens e sorriu fracamente. — Nós

também nos esquecemos das pedras. Devíamos ter-lhe contado. Andréa apunhalou o sentinela no coração.

As horas que se seguiram pareciam saídas do mais tenebroso pesadelo; horas intermináveis, torturantes, durante as quais não paravam de tropeçar e cambalear, cair e levantar novamente; corpos doídos e esgotados, músculos torturados, as cargas caindo, mas avançavam freneticamente afundando na neve espessa, atormentados pela fome e pela sede e total exaustão.

Haviam voltado sobre seus passos, dirigindo-se para ONO pela falda da montanha, pois era quase certo os alemães pensarem que tinham ido para o norte, buscando o centro da ilha. Sem bússola, estrelas ou lua para guiá-los, Mallory não dispunha de nada que o orientasse, a não ser o declive da montanha e a lembrança do mapa que Vlachos mostrara em Alexandria. Mas, pouco a pouco, começou a convencer-se de que tinham contornado a montanha e se encaminhavam por uma garganta estreita para o interior.

A neve era o inimigo mortal. Espessa, úmida, leve, rodopiava à sua volta numa cortina cinza que escondia tudo, introduzia-se pelos colarinhos e botas, metia-se insidiosamente por suas roupas e suas mangas, tapava seus olhos, ouvidos e bocas, machucava e depois anestesiava os rostos expostos e transformava as mãos sem luvas em pesados blocos de gelo, tornando-as entorpecidas e completamente inúteis. Todos sofriam e sofriam terrivelmente, mas Stevens mais que todos. Desmaiara novamente, poucos minutos depois de deixarem a caverna e vestido em roupas encharcadas e colantes, faltava-lhe inclusive o calor gerado pela atividade física. Duas vezes Andréa parará para tomar-lhe o pulso, pois pensara que o rapaz tinha morrido: mas não sentira nada, suas mãos tinham perdido o tato e só podia conjecturar e continuar avançando aos tropeções.

Pelas cinco da manhã, enquanto subiam pela empinada cabeça do vale que se encontrava no final da garganta, uma ladeira traiçoeira, escorregadia, com apenas algumas pequenas

alfarrobeiras como apoio, contra o solo que resvalava sob os pés, Mallory decidiu que era melhor utilizar a corda para maior segurança. Durante os vinte minutos seguintes, escalaram e lutaram, sempre em fila indiana, por aquela ladeira que se tornava cada vez mais íngreme. Mallory, na frente, não se atrevia sequer a pensar como ia Andréa, atrás dele. De repente a ladeira se suavizou, ficou quase plana, e antes de se darem conta do que acontecia, tinham cruzado a linha divisória, ainda atados uns aos outros, e já deslizavam para o vale situado do outro lado, em meio de uma tormenta de neve que tornava a visibilidade zero.

Chegaram a uma caverna ao amanhecer, quando as primeiras luzes cinzentas de um dia frio e triste lutavam debilmente através de um céu carregado de neve para o leste. O Senhor Vlachos lhes havia dito que o sul de Navarone estava cheio de cavernas mas esta era a primeira que viam e, mesmo assim, não se tratava de caverna e sim de um estreito e escuro túnel entre um imenso monte de pedras vulcânicas, enormes e retorcidas camadas de rochas, precariamente colocadas em uma ravina, que descia serpenteando por um declive até um vale longo e desconhecido, situado a uns mil ou dois mil pés abaixo de onde estavam e ainda envolto na penumbra da noite.

Não era uma caverna, mas bastava. Para homens gelados, exaustos, mortos de sono, era mais do que suficiente, mais, muito mais do que se atreviam a esperar. Havia lugar para todos, as poucas frestas foram completamente tapadas para evitar a entrada da neve, a entrada foi coberta com a lona da tenda, segura com pedras. Ainda que parecesse quase impossível, por causa da escuridão, despiram Stevens de sua roupa molhada pelo mar e pela chuva, meteram-no dentro de um saco de dormir, obrigaram-no a tomar um gole de *brandy* e apoiaram sua cabeça ensangüentada com algumas roupas secas. E então os quatro homens, inclusive o incansável Andréa, caíram sobre o chão ensopado e gelado da caverna e dormiram como mortos, esquecidos das pedras, do solo, do frio, da fome e de suas roupas viscosas e saturadas de água, esquecidos até da dor produzida pela circulação que voltava às suas mãos e rostos gelados.

VII

Terça-Feira

Das 15 às 19 horas.

O sol, com uma coroa ao seu redor e palidamente luminoso atrás das nuvens que se moviam, estava a grande distância de seu zênite e se inclinava com rapidez para o oeste, sobre a falda da montanha emoldurada de neve, quando Andréa levantou a lona da entrada, afastou-a para o lado delicadamente e olhou cautelosamente a suave superfície do declive da montanha. Por alguns momentos, permaneceu quase imóvel por trás da lona, descansando os músculos das pernas intumescidas e doloridas: seus olhos semicerrados e errantes iam aos poucos se acostumando ao branco esplendor da neve cintilante e cristalina. Depois, sem fazer ruído, saiu da boca do túnel e chegou à margem da ravina em meia dúzia de passos: deitado contra a neve, arrastou-se suavemente ladeira acima e deu uma olhada por cima do topo.

Lá embaixo, estendia-se a grande curva de um vale quase simétrico, um vale que nascia abruptamente no terço de montanhas de lados íngremes e descia suavemente para o norte. Aquela gigantesca massa rochosa à sua direita que se elevava sobre a cabeça do vale, seus picos perfurando as nuvens... não restava a

menor dúvida, pensou Andréa. Era Kostos, a mais alta montanha de Navarone; durante a noite, e em plena escuridão, ultrapassaram seu flanco ocidental. Para o leste, a sua frente, a uma distância de umas cinco milhas talvez, elevava-se a terceira montanha, um pouco mais baixa: mas seu flanco setentrional caía com maior rapidez, indo até as planícies situadas a nordeste de Navarone. E a umas quatro milhas para o norte-nordeste, muito mais abaixo da linha de neve e das choças isoladas dos pastores, encontrava-se um diminuto povoado, colado às colinas, ao longo das margens de um riachinho, que serpenteava através do vale. Só poderia ser a aldeia de Margaritha.

Enquanto seus olhos absorviam a topografia do vale, examinando cada greta e fissura nas colinas e avaliando qualquer possibilidade de perigo, a mente de Andréa retrocedia rapidamente aos dois últimos minutos, tentando isolar e recordar a natureza do som estranho que havia rasgado o casulo de seu sonho, fazendo-o ficar de pé num salto, alerta e completamente desperto, antes mesmo que seu subconsciente tivesse tempo de identificar o som. E naquele momento voltou a ouvi-lo, três vezes seguidas em três segundos, o agudo e solitário silvo de um apito, estridente e peremptório que produziu um breve eco e se esfumou pelos mais baixos declives do monte Kostos: o eco final ainda pairava suavemente no ar e já Andréa voltava correndo e deslizava para o solo da ravina.

Retornou ao cimo em trinta segundos, os músculos do rosto contraindo-se involuntariamente ao contato dos gelados binóculos Zeiss-Ikon de Mallory. Não podia haver engano, pensou amargamente, sua primeira impressão fora mais que exata. Vinte e cinco, talvez trinta soldados, espalhados numa linha longa e irregular, avançavam lentamente pelo flanco do Kostos, explorando cada vala, cada amontoado confuso de rochas em seu caminho. Todos vestiam uniformes de neve mas podiam ser facilmente localizados a uma distância de duas milhas: as pontas dos esquis se elevavam por cima dos ombros e das cabeças encapuzadas; muito negros, os esquis destacavam-se contra a pura brancura da neve e se moviam como objetos desconjuntados quando os homens

resvalavam ou caíam pelos íngremes declives da montanha. De vez em quando, perto do centro da fila, um soldado gesticulava e apontava com seu bastão como se coordenasse os esforços do grupo de busca. O homem do apito, pensou Andréa.

— Andréa! — O chamado da entrada da caverna soou muito baixinho. — Alguma coisa errada?

Levando o indicador aos lábios, Andréa virou-se na neve. Mallory estava de pé junto à cortina de lona. Com as faces morenas e as roupas amarrotadas, levantou a mão para se proteger do brilho da neve enquanto que com a outra tentava afastar o sono de seus olhos injetados. Obediente ao sinal de Andréa, adiantou-se coxeando, encolhendo-se de dor a cada passo que dava. Os dedos dos pés estavam sem pele e inchados, colados uns nos outros pelo sangue coagulado. Não descalçara as botas desde que as tirara dos pés do sentinela alemão; e agora quase que tinha medo de fazê-lo, temendo o que pudesse descobrir... Trepou devagar no cimo da ravina e se atirou na neve ao lado de Andréa.

— Temos visita?

— Visita da pior classe — murmurou Andréa. — Dê uma olhada, Keith. — Entregou-lhe o binóculo e apontou para os declives inferiores do Kostos. — Seu amigo Jensen não nos avisou que eles estavam aqui.

Lentamente, Mallory focalizou os declives com o binóculo. De repente, a fila de soldados entrou no seu campo de visão. Ergueu a cabeça, ajustou o foco impacientemente, olhou novamente, depois abaixou o binóculo num gesto deliberado que encerrava um amargo comentário.

— O W.G.B. — disse em voz baixa.

— O Batalhão Jaeger — confirmou Andréa. — O Alpenkorps, as melhores tropas de montanha. Um grande contratempo, Keith.

Mallory concordou e esfregou seu queixo barbado.

— Se alguém pode nos encontrar, são eles. E nos acharão. — Levantou o binóculo para olhar outra vez para os soldados que avançavam. A minuciosidade da busca era inquietante; mas ainda mais ameaçadora, mais apavorante, era a inexorável, a inevitável aproximação daquelas formas diminutas. — Só Deus sabe o que o

Alpenkorps está fazendo aqui — continuou Mallory. — Para nós é bastante sabermos que estão aqui. Devem saber que desembarcamos e passaram a manhã percorrendo a parte oriental do Kostos, o caminho óbvio para chegarmos ao interior. Ali não encontraram nada, então agora se dedicam a examinar o lado oposto. Devem estar quase certos que levamos um ferido e que não podemos estar muito longe. Tudo será uma questão de tempo, Andréa.

— Uma questão de tempo — repetiu Andréa. Olhou para o sol, quase invisível no céu que se escurecia. — Uma hora, uma hora e meia no máximo. Estarão aqui antes que o sol se ponha. E nós ainda aqui. — Deu um olhar inquisitivo para Mallory. — Não podemos abandonar o garoto. E não podemos escapar com ele; morreria de qualquer maneira.

— Não ficaremos aqui — disse Mallory com firmeza. — Se ficarmos, morreremos todos. Ou terminaremos num desses bonitos calabouços dos quais o Senhor Vlachos nos falou.

— O bem maior para a maioria — concordou Andréa lentamente. — Assim é que tem que ser, não é, Keith? A maioria. Isso é o que diria o capitão Jensen.

Mallory mexeu-se pouco à vontade, mas sua voz estava bastante firme quando falou.

— Eu também penso assim, Andréa. Uma simples proporção ... de mil e duzentos contra um. Sabe que tem de ser assim. — Mallory parecia cansado.

— Sim, eu sei. Mas está se preocupando sem razão. — Andréa sorriu. — Vamos, meu amigo. Vamos dar a boa nova para os outros.

Miller levantou a cabeça quando os dois homens entraram, deixando a lona cair atrás deles. Tinha aberto o fecho eclair do saco de dormir de Stevens e examinava a perna quebrada. Uma diminuta lanterna brilhou sobre a mochila ao seu lado.

— Quando vamos fazer alguma coisa por esse menino, chefe? — Sua voz soou mal-humorada e seca, assim como o cesto indicando o rapaz adormecido pela morfina. — Este maldito saco de dormir está ensopado de chuva. E o garoto está quase duro de gelado; a perna parece um bloco de carne congelada. Temos que

lhe dar calor, chefe, um quarto aquecido e bebidas quentes... do contrário estará perdido. Vinte e quatro horas. — Miller estremeceu e seus olhos contemplaram as paredes quebradas do abrigo na rocha. — Sei que as possibilidades de salvação seriam menos de cinqüenta por cento em um hospital de primeira... Está perdendo tempo nesta maldita geladeira.

Miller não exagerava. A água da neve que se derretia escorria sem cessar pelas paredes úmidas cobertas de musgo verde e gotejava sobre o solo de cascalhos quase gelado da caverna. Sem ventilação e sem saída para a água que se acumulava dos lados do abrigo, a umidade e o frio eram intoleráveis.

— Talvez seja hospitalizado antes do que imagina — disse Mallory secamente. — Como está a perna?

— Pior — respondeu Miller asperamente. — MUITÍSSIMO pior. Acabei de enchê-la com mais um punhado de sulfa e amarrei tudo novamente. É tudo que posso fazer, chefe, e de qualquer modo é perda de tempo... Que brincadeira é essa de hospital? — perguntou receoso.

— Não é brincadeira — respondeu Mallory sombriamente —, apenas um fato desagradável. Um grupo de alemães está dando busca nesta direção. E vem a sério. Logo nos encontrarão.

Miller praguejou.

— Ótimo, maravilhoso — disse amargamente. — A que distância estão, chefe?

— Uma hora, talvez um pouco mais.

— E o que vamos fazer com o rapaz? Deixá-lo? Acho que seria sua única chance.

— Stevens vem conosco. — Havia algo de definitivo na voz de Mallory.

Miller olhou-o em silêncio por longo tempo; sua expressão era gelada.

— Stevens vem conosco — repetiu Miller. — Vamos arrastá-lo conosco até que morra... e não vai levar muito tempo... daí nós o deixamos na neve, não é isso?

— É isso mesmo, Dusty. — Distraidamente, Mallory sacudiu uns flocos de neve de sua roupa e olhou novamente para Miller. —

Stevens sabe demais. Os alemães devem ter adivinhado por que estamos na ilha, mas não sabem como pretendemos entrar na fortaleza... nem quando a Marinha virá. Mas Stevens sabe. Eles o farão falar. A escopolamina faz qualquer um falar.

— Escopolamina! Num homem moribundo? — Miller estava completamente incrédulo.

— E por que não? Eu faria o mesmo. Se você fosse o comandante alemão e soubesse que seus canhões e a metade de seus homens podia morrer despedaçada a qualquer momento, faria a mesma coisa.

Miller olhou para ele e sorriu irônico, sacudindo a cabeça.

— Eu e minha...

— Já sei. Você e sua língua grande. — Mallory sorriu e bateu no seu ombro. — Gosto disso tanto quanto você, Dusty. — Virou-se e dirigiu-se para o outro lado da caverna. — Como se sente, Casey?

— Nada mal, capitão. — Casey Brown acabara de acordar, estava entorpecido e tremia dentro da roupa encharcada. — Algo de errado?

— Muita coisa — assegurou-lhe Mallory. — Um grupo de busca está vindo nesta direção. Temos que partir dentro de meia hora. — Olhou para o relógio. — São quatro horas. Acha que consegue falar com Cairo pelo rádio?

— Só Deus sabe — respondeu Brown com franqueza. Levantou-se rigidamente. — O aparelho ontem não recebeu o melhor dos tratamentos. Tentarei.

— Obrigado, chefe. Evite que a antena apareça pelo lado da ravina. — Mallory virou as costas, disposto a sair da caverna, mas deteve-se abruptamente, quando viu Andréa de cócoras, sobre um rochedo, ao lado da entrada. Com a cabeça inclinada, concentrado, o enorme grego acabava de ajustar a mira telescópica do cano de sua Mauser de 7.92mm, e agora envolvia a arma no forro de um saco de dormir até que todo o fuzil estivesse num casulo branco.

Mallory observou Andréa em silêncio. Este o olhou, sorriu, empertigou-se e alcançou a mochila. No fim de trinta segundos estava vestido dos pés à cabeça em sua roupa de camuflagem para montanha, atava os cordões de seu capuz de neve e metia os pés

nas elásticas e ajustadas tornozeleiras de suas botas de lona. Depois pegou a Mauser e esboçou um sorriso.

— Acho que vou dar um passeio, capitão — disse desculpando-se. — Com sua permissão, é claro.

Mallory balançou a cabeça repetidas vezes, recordando-se.

— Você disse que eu estava me preocupando à toa — murmurou. — Devia ter imaginado. Mas poderia ter-me avisado, Andréa. — Seu protesto era automático, sem qualquer significado. Mallory não estava nem aborrecido nem zangado por essa tácita usurpação de autoridade. O hábito de comandar não morria em Andréa: quando pedia ostensivamente consentimento para algum empreendimento ou ação, era mais como detalhe de pura cortesia ou participando suas intenções. Em lugar de ressentimento, Mallory experimentava enorme alívio e gratidão para com o sorridente gigante que o olhava de cima: falara casualmente com Miller a respeito de arrastar Stevens até que morresse para então abandoná-lo, falara com indiferença que mascarava a amargura que tal decisão lhe causava, mas mesmo assim não se dera conta de sua depressão, de sua tristeza ao ter que agir assim, até saber que não era mais necessário.

— Sinto muito. — Andréa estava meio contrito, meio sorridente. — Devia ter-lhe dito. Pensei que compreenderia... É a melhor coisa a fazer, não acha?

— Não só é a melhor, como a única — disse Mallory com franqueza. — Está pensando em atraí-los para a lombada, não é?

— Não há outro remédio. Com seus esquis, alcançar-me-iam em poucos minutos se eu descesse ao vale. Está claro que não poderei estar de volta antes que escureça. Você estará aqui?

— Alguns estarão. — Olhou para o refúgio onde Stevens, que acordava, tentava reagir, esfregando as costas das mãos nos olhos exaustos. — Precisamos de víveres e combustível, Andréa — disse baixinho. — Esta noite descerei até o vale.

— Claro, claro. Temos que fazer todo o possível. — A expressão do rosto de Andréa era séria, sua voz quase um murmúrio. — Pelo menos enquanto podemos. É um garoto, quase uma criança... Talvez não dure muito. — Puxou a cortina e

contemplou o céu do entardecer. — Voltarei por volta das sete horas.

— Sete horas — repetiu Mallory.

O céu, podia ver, escurecia com a penumbra que anuncia neve, e o vento, que começava a soprar, jogava dentro do barranco pequenas nuvens brancas e geladas, rodopiantes no ar. Mallory estremeceu de frio e segurou o forte braço de Andréa.

— Por Deus, Andréa — insistiu em voz baixa — Cuide-se.

— Eu? — Andréa sorriu docemente, sem alegria nos olhos, e com gentileza desprende seu braço. — Não se preocupe comigo. — A voz era suave sem o menor tom de presunção. — Se vai pedir alguma coisa a Deus, peça por aqueles pobres diabos que estão nos procurando. — A lona da entrada caiu e ele desapareceu.

Durante uns momentos, Mallory permaneceu indeciso na entrada da caverna, olhando sem ver pela abertura da cortina. Depois virou-se bruscamente, atravessou a caverna e ajoelhou-se diante de Stevens. O rapaz estava apoiado no braço de Miller, apurando-se, seus olhos não tinham brilho nem expressão, suas faces estavam encovadas num rosto sem sangue, cinzento e enrugado. Mallory sorriu; rezava para que seu rosto não mostrasse o choque que tivera.

— Ótimo, ótimo, ótimo. O dorminhoco por fim desperta. Antes tarde do que nunca. — Abriu sua cigareira a prova d'água e ofereceu-a a Stevens. — Como está se sentindo, Andy?

— Gelado, senhor. — Stevens recusou o cigarro e tentou devolver o sorriso mas o esforço resultou numa pálida imitação que fez Mallory estremecer.

— E a perna?

— Acho que está gelada também. — Stevens olhou sem interesse para as ataduras brancas que cobriam sua perna arrebatada. — De qualquer modo, não sinto nada.

— Gelada! — A exclamação de Miller era uma obra-prima de orgulho ferido. — Diz que está gelada! Deus do céu, que ingratião. É devido ao tratamento médico de primeira classe, embora eu não devesse dizê-lo.

Stevens sorriu um sorriso distraído, fugaz, que brilhou em seu rosto e logo desapareceu. Durante longo tempo ficou com os olhos fixos na perna, depois, subitamente, levantou a cabeça e olhou para Mallory.

— Para que nos enganarmos, capitão? — A voz era suave e carecia de tonalidade. — Não quero parecer ingrato e além disso detesto a idéia de heroísmo barato, mas... bem, eu só represento uma pedra enorme pendurada no pescoço de vocês e...

— E quer que o abandonemos, não é? — interrompeu Mallory. — Quer que o abandonemos para que morra de frio ou para que os alemães o capturem. Esqueça, rapazinho. Podemos tomar conta de você... e dos malditos canhões, ao mesmo tempo.

— Mas, senhor...

— Você nos insulta, tenente. — Miller atalhou-o novamente. — Fere nossos sentimentos. Além disso como um profissional tenho obrigação de seguir o caso até a convalescença e se você acha que vou fazer isso num maldito calabouço alemão, cheio de goteiras, pode...

— É o bastante! — Mallory levantou a mão. — O assunto está encerrado. — Observou a mancha vermelha nas faces magras, a luz alegre que pairou nos olhos apagados e sentiu que um autodesprezo e uma vergonha o inundavam, vergonha pela gratidão de um enfermo que ignorava que sua preocupação não era devida à solicitude mas sim ao medo que ele pudesse atraí-los... Mallory abaixou-se e começou a desatar suas botas altas. Falou sem levantar a cabeça.

— Dusty.

— Que é?

— Quando acabar de se gabar de seus méritos científicos, talvez gostasse de pô-los em prática. Quer examinar meus pés? Acho que as botas do sentinela não os trataram muito bem.

Quinze minutos depois, Miller cortou as bordas desiguais da atadura adesiva colocada no pé direito de Mallory, ergueu-se rigidamente e contemplou seu trabalho com orgulho.

— Maravilhoso, Miller, maravilhoso — murmurou complacentemente.

— Nem mesmo no Hospital Johns Hopkins de Baltimore... — Interrompeu-se repentinamente, franziu a testa à vista dos pés cobertos por uma espessa atadura e tossiu contritamente. — Acaba de me ocorrer um pequeno senão, chefe.

— Sempre pensei que acabaria lhe ocorrendo — disse Mallory com determinação. — Com mil diabos, como pensa que meus pés vão entrar nessas malditas botas, novamente?

— Estremeceu-se involuntariamente ao calçar um par de meias grossas de lã, ensopadas de neve derretida, recolheu as botas do sentinela alemão, segurou-as à distância, examinando-as desgostoso. — Tamanho trinta e sete, no máximo, e um trinta e sete bem pequeno.

— Essas são trinta e nove — disse Stevens laconicamente. Estendeu suas próprias botas, uma das quais fora cortada verticalmente por Andréa e agora pendia de um lado. — Pode consertar esse rasgão com facilidade e já não me servem para nada. Não discuta, capitão, por favor. — Começou a rir baixinho, mas deteve-se de repente com um gemido de dor, quando o movimento sacudiu os ossos quebrados, respirou algumas vezes profunda e entrecortadamente, depois sorriu palidamente. — Minha primeira e talvez última contribuição para a expedição. Que espécie de medalha acha que me darão por isso, senhor?

Mallory pegou as botas, olhou para Stevens por longo tempo em silêncio, depois virou-se ao notar que alguém afastava a lona da entrada. Brown entrou, colocou no chão o transmissor, a antena telescópica e tirou uma lata de cigarros. Estes escorregaram de seus dedos gelados e caíram na lama fria a seus pés, encharcando-se no mesmo instante. Praguejou rapidamente e sem entusiasmo, esfregou suas mãos entorpecidas contra o peito, durante alguns instantes, e sentou-se com força numa rocha próxima. Parecia cansado, com frio e completamente infeliz.

Mallory acendeu um cigarro e entregou-lhe.

— Que tal, Casey? Conseguiu alcançá-los?

— Eles conseguiram... mais ou menos. A recepção estava péssima. — Brown inalou com prazer o fumo do cigarro até chegar

aos pulmões. — Mas não pude falar com eles de jeito nenhum. Deve ser por causa daquela maldita colina ali ao sul.

— Provavelmente — concordou Mallory. — E quais são as notícias dos nossos amigos do Cairo? Animam-nos a maiores esforços? Disseram para continuarmos com nosso trabalho?

— Não há novidades. Estão preocupados demais com nosso silêncio. Disseram que de agora em diante chamarão a cada quatro horas, contestemos ou não. Repetiram umas dez vezes, depois cortaram.

— Ótima ajuda... — disse Miller com azedume. — Que bom saber que estão do nosso lado. Nada mais alentador do que o apoio moral. Tenho certeza de que os sabugos alemães morreriam de medo se soubessem... Pôde vê-los antes de entrar?

— Não foi necessário — exclamou Brown com aspereza. — Eu os ouvi; o oficial em comando parecia dar ordens. — Mecanicamente segurou o fuzil, tirando o trinco do gatilho. — Devem estar a menos de uma milha agora.

O grupo de alemães, agora mais juntos, estava a menos de uma milha de distância, talvez meia milha da caverna, quando o *Oberleutnant* em comando viu que a ala direita de seu destacamento, nas ladeiras mais íngremes ao sul, voltava a atrasar-se. Levou o apito à boca com impaciência e lançou três agudos e peremptórios silvos, para que sua gente cansada voltasse a se incorporar em fila. Por duas vezes, o apito soou com imperiosa insistência e suas penetrantes notas, ao longo dos declives cobertos de neve, despertaram ecos que morreram no vale. Mas o terceiro som morreu ao nascer, reavivou-se e apagou-se num triste decrescendo, misturando-se com a aterradora harmonia de um longo e balbuciante grito de dor. Durante dois ou três segundos o *Oberleutnant* ficou rígido e imóvel, seu rosto espantado e contorcido; depois, dobrou-se violentamente para frente e esparramou-se na neve. O robusto sargento que estava a seu lado olhou espantado para o oficial caído, levantou a vista subitamente horrorizado ao compreender, abriu sua boca para gritar, gemeu e

caiu também sobre o corpo, que jazia a seus pés; antes de expirar chegou aos seus ouvidos o maligno matraquear da Mauser.

No alto dos declives ocidentais do monte Kostos, empoleirado no V formado por dois grandes rochedos, Andréa esquadrinhou a parte baixa da escura montanha, por cima da depressão da mira telescópica de seu fuzil e lançou mais três rajadas em cima da fila vacilante e desorganizada dos alemães. Seu rosto estava imóvel, tão inalterável como suas pálpebras que nem pestanejavam com o matraquear da Mauser, um rosto completamente desprovido de expressão. Mesmo os olhos eram um reflexo de seu rosto, olhos que não mostravam nem dureza nem impiedade, vazios apenas; e aterradoramente remotos, uma ausência que refletia sua mente, encouraçada no momento contra toda sensação ou pensamento, pois Andréa sabia que não devia pensar naquilo. Matar, tirar a vida de seus semelhantes, era a maldade suprema, pois a vida era um dom do qual ele não podia dispor. Nem mesmo numa luta leal. E isto era assassinato.

Lentamente Andréa baixou a Mauser e olhou através da fumaça de seus disparos que permanecia no ar gelado do entardecer. O inimigo havia desaparecido por completo, refugiando-se atrás dos esparsos rochedos ou, desesperado, no branco anonimato de neve. Mas ainda estavam ali, potencialmente tão perigosos como sempre. Andréa sabia que logo se recuperariam da morte de seu oficial, pois não havia em toda a Europa lutadores mais tenazes nem melhores do que as tropas de esquiadores do batalhão de montanha Jaeger, e que o perseguiriam, agarrariam e o matariam se fosse humanamente possível. Por isso seu primeiro cuidado fora matar o oficial; este poderia não persegui-lo, poderia parar para raciocinar e descobrir o motivo daquele ataque de flanco sem provocação.

Andréa abaixou-se instintivamente quando uma rajada de metralhadora estalou a seu lado num rapidíssimo ricochetear das pedras. Esperava por isso. Obedecia ao antigo e clássico ataque da infantaria — avance sob proteção do fogo, abaixe-se, cubra seu companheiro e volte a avançar. Rapidamente Andréa colocou nova

carga na sua Mauser, deitou-se com o rosto mais colado ao chão e arrastou-se por detrás da linha baixa rochosa que se estendia de quinze a vinte jardas à sua direita — escolhera com todo o cuidado o terreno da emboscada — e desapareceu. Ao chegar no fim, cobriu-se com o capuz de neve até as sobrancelhas e olhou com cuidado em volta e ao lado da rocha.

Uma nova e forte rajada estalou contra as rochas que acabara de abandonar e meia dúzia de homens — três de cada lado — abandonaram a cobertura, correram de bruços do declive tumultuadamente e depois jogaram-se de bruços sobre a neve. Ao longo do declive. Os dois grupos tinham corrido em direções opostas. Andréa abaixou a cabeça e esfregou com sua sólida mão o queixo grisalho e barbudo. Torpe, demasiado torpe. Para os lobos da W.G.B. não existia o ataque frontal. Estavam estendendo suas linhas de ambos os lados, unindo os extremos para descrever uma grande meia-lua. A coisa estava ficando feia para ele, mas ainda podia enfrentá-los com êxito, pois uma ravina de escape rodeava o declive às suas costas. Mas não previra o que agora obviamente aconteceria: pelo oeste, a meia-lua iria estender-se até o abrigo onde os outros se escondiam.

Andréa virou-se para cima e olhou o céu. Escurecia naquele momento, uma densa penumbra causada pela neve que se avizinhava e a luz do dia começava a falhar. Virou-se novamente e contemplou o grande flanco do monte Kostos, as escassas rochas espalhadas e as depressões que marcavam a lisa convexidade do declive. Deu pela segunda vez uma rápida olhada para o lado da rocha, quando os fuzis inimigos voltaram a pipocar observou a mesma manobra de rodeio e já não esperou mais. Disparando cegamente monte abaixo, levantou-se encurvado e lançou-se a descoberto, com o dedo no gatilho, correndo com rapidez sobre a neve gelada e precipitou-se para o mais próximo abrigo rochoso, a umas quarenta jardas de distância. Faltavam trinta e cinco, trinta, vinte jardas e ainda não haviam disparado nem um só tiro, resvalou, tropeçou, levantou-se com a agilidade de um gato. dez jardas, ainda milagrosamente imune e então atirou-se ao abrigo, caindo sobre o peito e o estômago, com um doloroso golpe que

repercutiu nas suas costelas e que esvaziou seus pulmões com explosiva palpitação.

Lutando para normalizar sua respiração, voltou a carregar seu fuzil, arriscou-se a aparecer por cima da rocha e deixou-se cair de novo, tudo isso em dez segundos. Com a Mauser agarrada ao corpo, voltou a disparar ladeira abaixo às cegas, pois só tinha olhos para a terra lisa e traiçoeira que se estendia a seus pés e para a depressão coalhada de pedras e cascalhos. E, de repente, achou-se com a Mauser descarregada, inútil em suas mãos, e todos os fuzis inimigos abriram fogo, as balas assobiando à sua volta, acima de sua cabeça e a neve que levantavam ao bater contra os penhascos cegava-o. Mas o crepúsculo já tocava as colinas e Andréa era somente uma mancha fugaz e difusa num fundo fantasmagórico e a pontaria, colina acima, era sempre notoriamente difícil. Mas mesmo assim, o fogo era contínuo e convergente e Andréa não esperou mais. Enquanto mãos invisíveis se agarravam malignas à bainha esvoaçante de seu casaco de neve, lançou-se quase horizontalmente para a frente e deslizou os últimos dez pés, com o rosto para baixo até a depressão do terreno.

Caído de costas na depressão, Andréa tirou um espelho de aço do bolso do peito e ergueu-o sobre sua cabeça. A princípio não pode ver nada, pois a escuridão era mais intensa lá em baixo e o espelho estava embaçado pelo calor de seu corpo. E então o embaçado desapareceu rapidamente com o ar frio da montanha e pôde ver, dois, três e depois meia dúzia de homens abandonando a cobertura, dirigindo-se numa corrida atabalhoada morro acima — e dois deles haviam surgido da extrema direita da linha. Andréa abaixou o espelho e exalou um longo suspiro de alívio, seus olhos brilhando num sorriso. Levantou o olhar para o céu, piscou quando os primeiros flocos de neve começaram a derreter-se em suas pestanas e voltou a sorrir. Quase preguiçosamente tirou outra carga para a Mauser e voltou a municiá-la.

— Chefe? — A voz de Miller soou queixosa.

— Sim? O que é? — Mallory tirou com a mão a neve do rosto e do colarinho de sua túnica e esquadrinhou a branca escuridão a sua frente.

— Chefe, quando você ia ao colégio, leu alguma vez um conto sobre gente que se perdia numa tempestade de neve e que passava dias dando voltas e voltas em círculo?

— Tínhamos exatamente o mesmo livro em Queenstown — respondeu Mallory.

— Dando voltas e voltas até morrerem? — insistiu Miller.

— Ora, pelo amor de Deus! — exclamou Mallory com impaciência. Mesmo calçados com as botas de Stevens, seus pés lhe doíam muito. — Como podemos estar andando em círculos se estamos indo montanha abaixo, o tempo todo? Onde pensa que estamos, numa escada de caracol?

Miller continuou a andar num silêncio magoado, ao lado de Mallory, ambos metidos na neve até os tornozelos, uma neve molhada, pegajosa, que caía silenciosamente e persistentemente, nas três últimas horas, desde que Andréa atraíra o grupo Jaeger de busca. Mesmo nos meados do inverno, nas montanhas Brancas de Creta, Mallory não podia lembrar-se de uma nevasca tão forte e tão contínua. Era demais para as ilhas da Grécia e o eterno sol que as doura, pensou Mallory amargamente. Não contara com isso quando planejara a ida a Margaritha em busca de combustível e víveres, mas mesmo assim não faria diferença em sua decisão. Embora com menos dores, Stevens ia-se enfraquecendo a cada minuto e a necessidade era desesperada.

A lua e as estrelas tapadas pelas espessas nuvens de neve — a visibilidade não ultrapassava de dez pés em qualquer direção — aumentavam a importância da perda das bússolas. Não duvidava de sua habilidade para achar a aldeia — bastava caminhar montanha abaixo até chegar a um riachinho que cruzava o vale e segui-lo para o norte até chegar a Margaritha — mas se a nevada não parasse, as possibilidades de voltar a encontrar a pequena caverna na ampla extensão das ladeiras...

Mallory afogou uma exclamação quando a mão de Miller apertou seu braço e o fez cair de joelhos na neve. Mesmo naquele momento de perigo desconhecido, sentia-se furioso consigo mesmo por ter deixado que sua atenção vagasse junto com seus pensamentos... Levantou a mão como viseira contra a neve, e

esquadrinhou através da molhada e aveludada cortina branca que girava, aproximava-se e retrocedia na escuridão. De repente, viu uma forma escura achatada só a uns pés de distância. Por pouco não tropeçavam nela.

— É a cabana — murmurou no ouvido de Miller. Já a havia visto antes nesta mesma tarde, na metade do caminho entre a caverna e Margaritha e quase em linha reta entre ambos. Sentiu-se aliviado e sua confiança aumentou: em menos de meia hora chegariam ao povoado.

— Navegação, elementar, meu caro cabo — murmurou. — Perdidos e andando em círculos, pois sim! Cuide de...

Interrompeu-se ao sentir os dedos de Miller cravarem-se em seu braço e a cabeça deste unir-se à sua.

— Ovi vozes, chefe. — Suas palavras eram um mero sussurro.

— Tem certeza? — Mallory sentiu que a automática silenciosa de Miller ainda estava em seu bolso.

Miller hesitou.

— Com todos os diabos do inferno, chefe, não tenho certeza de nada — murmurou irritado. — Há uma hora que não faço outra coisa senão imaginar tudo que é possível. — Tirou o capuz de neve da cabeça, para ouvir melhor, inclinou-se durante uns segundos e tornou a endireitar-se. — De qualquer maneira pensei ter ouvido alguma coisa.

— Vamos. Vamos dar uma olhada. — Mallory ergueu-se novamente. — Acho que você se enganou. Não podem ser os meninos da Jaeger — quando os vimos da última vez, estavam cruzando a metade do monte Kostos. E os pastores só utilizam esses lugares durante o verão. — Soltou o gatilho de segurança de sua Colt 45, avançou lentamente, encolhido, para a parede mais próxima da cabana, acompanhado de Miller.

Alcançaram a cabana, colaram os ouvidos nas finas paredes de papel alcatroado. Passaram-se dez, vinte segundos, meio minuto, depois Mallory descontraíu-se.

— Não há ninguém em casa. Ou se há. estão muito quietos. Mas não vamos correr riscos. Dusty. Você vai por aí e eu por aqui. O

encontro é na porta que está do lado oposto, de frente para o vale... Afaste-se das quinas, sempre desconcertam os incautos.

Um minuto mais tarde os dois homens se encontravam dentro da cabana, a porta fechada atrás deles. O fecho de luz da lanterna de Mallory procurou em todos os cantos da decrepita cabana. Estava desabitada e só continha um tosco banco de madeira, um fogão dilapidado com uma lanterna enferrujada em cima: o chão era de terra. Nem mesa, nem cadeira, nem chaminé, nem mesmo uma janela.

Mallory aproximou-se da estufa, pegou o lampião e cheirou-o.

— Há várias semanas que não é usado. Está cheio de querosene no entanto. Seria muito útil no nosso esconderijo... se chegarmos a encontrá-lo outra vez...

Subitamente ficou gelado, numa imobilidade expectante, olhando o vácuo e a cabeça inclinada para um lado. Com jeito, com muito jeito, colocou a lanterna de volta onde estava e aproximou-se lentamente de Miller.

— Lembre-me para pedir-lhe desculpas um desses dias — murmurou. — Temos companhia. Dê-me sua pistola e continue falando.

— Castelrosso outra vez — queixou-se Miller em voz alta. Nem sequer havia piscado. — Isso é uma monotonia atroz. Um chinês... Aposto que dessa vez é um chinês. — Mas já estava falando sozinho.

Com a pistola de silenciador a altura da cintura, Mallory foi contornando a choça em silêncio, afastando-se quatro pés das paredes. Passara já duas quinas e estava a ponto de dobrar a terceira, quando viu com o rabo do olho que uma forma indefinida levantava-se rapidamente por trás dele e se atirava em sua direção com o braço levantado. Mallory recuou depressa para evitar o golpe, virou-se e acertou com fúria um soco no estômago do atacante. Houve um repentino e explosivo grito de dor, enquanto o homem dobrava-se ao meio, gemia e caía silenciosamente no chão. Mallory conteve a tempo o golpe que ia dar-lhe com a coronha de sua pistola.

Com o cano virado, o cabo novamente seguro na palma de sua mão, Mallory olhou fixamente a figura encolhida e o primitivo bastão de madeira que continuava agarrado em sua mão enluvada e a mochila nada militar amarrada às suas costas. Conservou sua arma apontada para o corpo caído, esperando: isso tudo fora muito fácil, muito suspeito. Passaram-se trinta segundos e a figura no chão não se mexera. Mallory deu um pequeno passo para a frente e, cuidadosa e deliberadamente, deu-lhe um pontapé nada gentil no joelho direito. Era um velho truque e jamais falhava; a dor era breve porém intensa. Mas não houve movimento, nem som algum.

Rápido Mallory se agachou, agarrou com a mão livre as correias da mochila, empertigou-se e dirigiu-se para a porta, meio carregando, meio arrastando seu prisioneiro. O homem não pesava nada. Com uma guarnição proporcionalmente maior que a de Creta, deveria sobrar bem menos alimento para os ilhéus, pensou Mallory condoído. Na realidade deveria haver muito pouco. Desejou não lhe ter batido com tanta força.

Miller encontrou-o na porta, agachou-se sem dizer uma palavra, pegou o homem inconsciente pelos tornozelos e ajudou Mallory a largá-lo sem cerimônia nenhuma sobre um banco, num canto afastado da cabana.

— Boa caçada, chefe — cumprimentou. — Não ouvi nada. Quem é o campeão de peso pesado?

— Não tenho a menor idéia. — Mallory sacudiu a cabeça na escuridão. — Só pele e ossos, isso é tudo, só pele e ossos. Feche a porta, Dusty, e vamos dar uma olhada na nossa presa.

VIII

Terça-Feira

Das 19 à 0,15 horas.

Passou-se um minuto, dois, depois o homenzinho mexeu-se, gemeu e tentou sentar-se. Mallory segurou seu braço para firmá-lo, enquanto ele sacudia a cabeça inclinada, apertando os olhos cerrados, concentrando-se para afastar a tonteira. Finalmente, abriu os olhos devagar, olhou de Mallory, para Miller, e novamente de volta para Mallory, à fraca luz da velada lanterna recentemente acesa. Os homens que o observavam podiam ver a cor voltando às faces esverdeadas, o eriçar indignado do espesso e negro bigode, a raiva obscurecendo seus olhos. De repente o homem ergueu-se e arrancou a mão de Mallory de cima de seu braço.

— Quem é você? — falou num inglês claro, correto, quase sem sotaque.

— Sinto muito, mas quanto menos você souber, melhor. — Mallory sorriu deliberadamente tirando o sentido ofensivo das palavras. — Faço isso para seu próprio bem. Como está se sentindo agora?

Delicadamente o homem massageou seu estômago, flexionou sua perna com uma careta de dor.

— Você me atingiu com muita força.

— Fui obrigado. — Mallory levantou-se por trás dele e pegou o bastão que o homem carregava. — Você tentou me atingir com isso. O que esperava que eu fizesse, tirasse meu chapéu para que me desse uma paulada melhor?

— Muito engraçado. — Novamente experimentou curvar a perna, olhando para Mallory com uma suspeita hostil. — Meu joelho está doendo — disse acusadoramente.

— Primeiro as coisas mais importantes. Qual a razão do bastão?

— Eu pretendia derrubá-lo para observá-lo melhor — ele explicou com impaciência. — Era o único meio seguro. Você poderia ser um dos W.G.B... Por que o meu joelho...?

— Você caiu de mau jeito — disse Mallory cinicamente. — O que está fazendo aqui?

— Quem é você? — o homenzinho retorqui.

Miller tossiu, olhou acintosamente para o relógio:

— Tudo isso é muito interessante, chefe...

— Você tem razão, Dusty. Não podemos ficar a noite toda. — Rapidamente Mallory alcançou e levantou por trás dele a mochila do homem e atirou-a para Miller. — Quer ver o que está aí dentro? — Estranhamente o homenzinho não fez um movimento de protesto.

— Comida! — Miller disse reverentemente. — Maravilhosa, maravilhosa comida. Carne cozida, pão, queijo e vinho. — Relutantemente Miller fechou o saco e olhou com curiosidade para o prisioneiro. — Que diabo de hora mais esquisita para um piquenique.

— Muito bem! Um americano, um *yankee*. — O homenzinho sorriu para si mesmo. — Cada vez melhor!

— Que quer dizer? — perguntou Miller intrigado.

— Veja você mesmo — o homem disse com ar divertido. Com um gesto casual, indicou o canto mais afastado da sala.

Mallory virou-se, e verificou no mesmo instante que fora ludibriado, girou de volta novamente. Cuidadosamente, inclinou-se para a frente e tocou no braço de Miller.

— Não olhe agora para trás, Dusty. E não toque na sua arma. Parece que nosso amigo não estava só. — Mallory apertou seus lábios, mentalmente amaldiçoando-se por ter sido tão obtuso. Vozes, Dusty dissera que ouvira vozes. Devia estar ainda mais cansado do que imaginara...

Um homem alto e magro bloqueava a entrada na soleira. Seu rosto estava encoberto, envolvido por um capuz, mas não havia erro quanto à arma que trazia na mão. Um rifle Lee Enfield curto, Mallory reparou friamente,

— Não atire! — o homenzinho falou rapidamente em grego. — Tenho quase certeza de que são quem nós estávamos procurando, Panayis.

Panayis! Mallory sentiu uma onda de alívio inundá-lo. Era um dos nomes que Eugene Vlachos lhe dera em Alexandria.

— As cartas mudaram, não é mesmo? — O homenzinho sorriu para Mallory, enrugando os olhos cansados, erguendo insinuantemente para um lado o espesso e negro bigode. — Vou perguntar-lhe de novo, quem é você?

— S.O.E. — Mallory respondeu sem hesitação. O homem anuiu com satisfação.

— O capitão Jensen o enviou?

Mallory recostou-se no beliche e suspirou com grande alívio.

— Estamos entre amigos, Dusty. — Olhou para o homenzinho à sua frente. — Você deve ser Louki, o primeiro olmo da praça em Margaritha?

O homenzinho sorriu alegremente. Inclinou-se e estendeu a mão.

— Louki. Às suas ordens, senhor.

— E esse naturalmente é Panayis?

O homem alto na soleira da porta, moreno, sombrio, sem sorrir, inclinou levemente a cabeça, mas nada disse.

— Encontrou a dupla certa! — O homenzinho estava resplandecente de alegria. — Louki e Panayis. Então, somos conhecidos em Alexandria e Cairo? — perguntou com orgulho.

— É claro! — Mallory reprimiu um sorriso. — Falaram muito bem de vocês. Consta que já foram de grande ajuda para os

Aliados.

— E seremos novamente — Louki disse animadamente. — Vamos, estamos perdendo tempo. Os alemães estão nas montanhas. Que espécie de ajuda podemos dar-lhes?

— Comida, Louki. Precisamos de comida. Temos grande necessidade dela.

— Aqui está! — Orgulhosamente Louki indicou as mochilas. — Estávamos a caminho com ela.

— Estavam a caminho... — Mallory estava espantado. — Como sabiam onde nos encontrávamos — ou mesmo que estávamos na ilha?

Louki com a mão fez um gesto de casualidade.

— Foi fácil. Desde cedo que tropas alemãs movem-se para o sul através de Margaritha e colina acima. Toda a manhã vasculharam o desfiladeiro leste de Kostos. Sabíamos que alguém devia ter desembarcado e que os alemães os procuravam. Ouvimos dizer também que os alemães tinham bloqueado a trilha do penhasco na costa sul, nas duas extremidades. Portanto vocês deveriam ter vindo pelo desfiladeiro oeste. Eles não contavam com isso — vocês os enganaram. Por isso estamos aqui.

— Mas vocês nunca nos encontrariam...

— Nós os encontraríamos. — Havia completa segurança em sua voz. — Panayis e eu conhecemos cada pedra, cada folha de Navarone. — Subitamente Louki estremeceu, olhando desoladamente para a rodopiante neve. — Vocês não podiam ter escolhido um pior tempo.

— Não podíamos ter escolhido um melhor — Mallory disse serenamente.

— Quanto à noite passada, concordo — comentou Louki. — Ninguém ia esperar vocês com aquele vento e aquela chuva. Ninguém ouviria o avião, nem mesmo sonharia que tentariam pular...

— Viemos por mar — Miller interrompeu. Acenou negligentemente com a mão. — Subimos o penhasco sul.

— O quê? O penhasco sul! — Louki estava visivelmente descrente. — Ninguém conseguiria escalar o penhasco sul. É

impossível!

— Foi o que sentimos quando estávamos na metade da subida — disse Mallory com sinceridade. — Mas Dusty está certo. Foi o que aconteceu.

Louki tinha dado um passo para trás; seu rosto estava inexpressivo.

— Digo que é impossível — repetiu estupidamente.

— Ele está dizendo a verdade, Louki — interveio Miller serenamente. — Você nunca lê os jornais?

— Naturalmente que leio os jornais! — Louki arrepiou-se indignado. — Acha que sou — como dizem — analfabeto?

— Então reporte-se a antes da guerra — Miller aconselhou. — Pense em alpinismo, e no Himalaia. Deve ter visto o retrato dele nos jornais, uma vez, duas, uma centena de vezes. — Olhou para Mallory, observando-o. — Só que ele era um pouco mais bonito, naquela época. Você deve lembrar-se. Ele é Mallory, Keith Mallory da Nova Zelândia.

Mallory nada disse. Observava Louki, a perplexidade, o cômico jeito de apertar os olhos, a cabeça enviesada para um lado; depois, de repente algo estalou na memória do homenzinho e seu rosto iluminou-se num grande ondulado sorriso que apagou os últimos traços de suspeita. Deu um passo a frente, com a mão estendida em sinal de boa-vinda.

— Por Deus! Você tem razão! Mallory! É claro que conheço Mallory! — Segurou a mão de Mallory, sacudiu-a para cima e para baixo com grande entusiasmo. — É realmente como o americano disse. Você precisa fazer a barba... E parece mais velho.

— Eu me sinto mais velho — Mallory disse melancolicamente. Apontou para Miller. — Este é o cabo Miller, um cidadão americano.

— Outro famoso alpinista? — Louki perguntou ansiosamente. — Outro tigre das montanhas, não é?

— Ele escalou o penhasco sul como jamais foi escalado antes — respondeu Mallory sinceramente. Olhou para o relógio, depois diretamente para Louki. — Há outros lá em cima nas montanhas. Precisamos de ajuda, Louki. Temos grande necessidade de auxílio e

que seja imediato. Sabe o perigo que correm se os pegarem ajudando-nos?

— Perigo? — Louki fez um gesto de desprezo. — Perigo para Louki e Panayis, as raposas de Navarone? Impossível! Somos os fantasmas da noite. — Puxou seu embrulho mais para o alto do ombro. — Vamos. Vamos levar essa comida para seus amigos.

— Um instante. — Mallory segurou-o colocando a mão no seu braço. — Há ainda mais duas coisas. Necessitamos de aquecimento — um fogão e combustível, e precisamos...

— Aquecimento! Um fogão! — Louki estava incrédulo. — Esses seus amigos lá na colina — o que são? Um bando de mulheres velhas?

— E também precisamos de ataduras e remédios — Mallory continuou pacientemente. — Um de nossos amigos ficou muito ferido. Não temos certeza, mas não acreditamos que viva.

— Panayis! — Louki vociferou. — Volte para a cidade. — Agora Louki falava em grego. Rapidamente deu suas ordens, fez com que Mallory descrevesse onde ficava o abrigo no rochedo, certificou-se que Panayis tinha compreendido, depois ficou um instante indeciso, puxando uma das extremidades de seu bigode. Finalmente, olhou para Mallory.

— Você saberia achar esta caverna novamente, sozinho?

— Só Deus sabe — Mallory respondeu francamente. — Honestamente, acho que não.

— Então devo ir com você. Pensei — bem, você sabe. vai ser uma carga pesada para Panayis — disse-lhe que trouxesse roupa de cama também — e acho que não...

— Eu posso ir com ele — Miller ofereceu-se como voluntário. Pensou no opressivo trabalho na lancha, a escalada do rochedo, a marcha forçada através da montanha. — O exercício vai-me fazer bem.

Louki traduziu o oferecimento para Panayis — taciturno aparentemente, pois desconhecia completamente o inglês — e foi recebido pelo que parecia ser uma torrente de protestos. Miller olhou espantado para ele.

— O que é que há com nosso amigo? Alegria? — perguntou a Mallory. — Não me parece muito feliz.

— Disse que se pode arranjar bem, e quer ir sozinho — Mallory traduziu. — Acha que você vai retardá-lo na subida da colina. — Sacudiu a cabeça num espanto zombeteiro. — Como se qualquer homem pudesse sobrepujar Dusty Miller.

— Exatamente! — Louki estava louco de raiva. Novamente virou-se para Panayis, agitando seus dedos no ar para dar mais ênfase às palavras. Miller dirigiu-se a Mallory, olhando-o apreensivo.

— O que está dizendo agora, chefe?

— Nada mais que a verdade — disse Mallory solenemente. — Diz que ele devia sentir-se honrado por ter a oportunidade de caminhar com o senhor Miller, o mundialmente famoso alpinista americano. — Mallory deu um largo sorriso.

— Panayis vai-se pôr em brios esta noite — resolvido a provar que um navaroniano pode escalar tão bem e tão rápido como qualquer outro homem.

— Oh, Santo Deus! — gemeu Miller.

— E no caminho de volta, não esqueça de dar uma mãozinha a Panayis, nos pedaços mais íngremes.

A resposta de Miller felizmente foi perdida numa súbita rajada de vento carregado de neve.

Aquele vento aumentava firmemente agora, um vento desagradável que chicoteava a neve pesada contra seus rostos curvados e arrancava lágrimas de seus olhos semicerrados. Uma neve pesada e úmida que derretia quando tocada, e que se intrometia em cada abertura e em cada fresta de suas roupas, até ficarem molhados, gelados e completamente infelizes. Uma neve pegajosa e grudenta que construía camada após camada sob suas botas pesadas até que eles tropeçavam polegadas acima do chão, os músculos da perna doendo pela acumulação de peso da neve. Não havia nenhuma visibilidade digna do nome, nem mesmo na base de um pé, estavam cobertos, envolvidos num impenetrável casulo rodopiante cinza e branco, imutável e sem formato: Louki caminhava diagonalmente para cima atravessando a rampa com a

imperturbável segurança de um homem passeando na alameda de seu jardim.

Louki era tão ágil quanto uma cabra montes e inteiramente incansável. Sua língua não era menos lépida nem menos despreocupada que suas pernas. Falava incessantemente, era um homem cheio de alegria por estar de novo em ação, qualquer que fosse contanto que fosse contra o inimigo. Contou a Mallory sobre os três últimos ataques à ilha e como tinham falhado sangrentamente — os alemães foram avisados do ataque por mar e estavam esperando pelo Serviço Especial de Barcos e pelos Comandos com todas as armas que tinham e os despedaçaram; os dois grupos transportados por ar tiveram sorte ainda pior, caindo nas mãos do inimigo por engano, graças a uma série de coincidências inesperadas; ou como Panayis e ele, em ambas ocasiões, escaparam vivos por um triz — verdade que Panayis fora capturado na última vez, mas matara os dois guardas e escapara sem ser reconhecido; da disposição das tropas alemães e seus pontos-chaves por toda a ilha, a localização das barreiras nas duas únicas estradas e, finalmente, o pouco que sabia no interior da fortaleza de Navarone. Panayis, o moreno, podia contar-lhe mais a esse respeito, disse Louki; por duas vezes estivera dentro da fortaleza, sendo que uma vez, a noite inteira: sabia onde estava cada coisa, polegada por polegada, os canhões, as salas de controle, os quartéis, os alojamentos dos oficiais, o paiol de pólvora, a sala das turbinas, os pontos das sentinelas.

Mallory assobiou baixinho para si mesmo. Era mais do que ousara esperar. Ainda tinham de escapar à rede dos perseguidores, alcançar a fortaleza, e entrar nela. Mas uma vez dentro... e Panayis devia saber como entrar... Inconscientemente, Mallory aumentou o passo e dobrou o corpo sobre o declive.

— Seu amigo Panayis deve ser fabuloso — disse lentamente.
— Conte-me mais sobre ele, Louki.

— O que mais posso dizer? — Louki balançou a cabeça, deixando cair alguns flocos de neve. — O que sei eu de Panayis? O

que sabe alguém de Panayis? Que tem a sorte de um demônio, a coragem de um louco e que é mais fácil um leão deitar-se com um carneiro e um lobo faminto poupar um rebanho, do que Panayis respirar o mesmo ar que os alemães. Todos nós sabemos disso e nada sabemos sobre Panayis. Tudo que sei é que agradeço a Deus não ser alemão, com Panayis na ilha. Ele ataca à noite, furtivamente, com sua faca e sempre por trás. — Louki benzeu-se. — Suas mãos estão tintas de sangue.

Mallory estremeceu involuntariamente. A escura, sombria figura de Panayis, a lembrança de sua face sem expressão, os olhos velados pelo capuz começavam a fasciná-lo.

— Deve haver algo mais sobre ele certamente — comentou Mallory. — Afinal de contas, vocês dois são de Navarone...

— Sim, sim, é verdade.

— É uma ilha pequena e vocês viveram juntos toda a vida...

— Ah! Aí é que o major se engana! — A promoção de Mallory na hierarquia militar corria por conta de Louki; apesar dos protestos e explicações de Mallory, parecia determinado a mantê-la. — Eu, Louki, estive muitos anos em terras estrangeiras ajudando o Senhor Vlachos. O Senhor Vlachos — disse Louki com orgulho — é um membro muito importante do Governo.

— Eu sei — Mallory concordou. — É cônsul. Eu o conheci. É um homem muito simpático.

— Conheceu-o? O Senhor Vlachos? — Não havia engano na alegria, na felicidade que transparecia na voz de Louki. — Isto é bom! Isto é maravilhoso! Depois vai-me contar mais. É um grande homem. Já lhe contei...

— Estávamos falando sobre Panayis — lembrou-lhe Mallory delicadamente.

— Ah, sim, Panayis! Como estava dizendo, estive muito tempo fora. Quando voltei, Panayis tinha partido. Seu pai morrera, sua mãe casara novamente e Panayis fora viver com seu padrasto, que também tinha duas filhas, em Creta. Seu padrasto, meio pescador, meio lavrador, foi morto combatendo os alemães perto de Candia. Isso aconteceu logo no começo. Panayis pegou o barco do pai e ajudou muitos aliados a fugir, até que foi apanhado pelos

alemães, amarrado pelos pulsos na praça da cidade, onde sua família vivia, não muito distante de Casteli. Foi açoitado até suas costelas e sua coluna vertebral se tornarem visíveis e foi deixado ali para morrer. Então queimaram a cidade e a família de Panayis... desapareceu. Compreende major?

— Compreendo — disse Mallory sério. — Mas Panayis...

— Era para ter morrido. Mas aquilo ali é mais resistente do que nódulo em alfarrobeira. Durante a noite amigos o libertaram, levaram-no para as montanhas até que ficasse bom de novo. E então voltou para Navarone. Deus sabe como. Acho que veio de ilha em ilha, num pequeno barco a remo. Nunca diz por que voltou: Acho que sente mais prazer em matar na sua própria ilha natal. Não sei, major. Tudo que sei é que comida, sono, sol, mulheres e vinho, tudo isso é nada e menos que nada para ele. — Novamente Louki benzeu-se. — Ele me obedece porque sou o administrador da família Vlachos, mas até eu tenho medo dele. Matar, continuar matando, depois matar novamente esta é a verdadeira razão de sua vida. — Louki parou por um momento, cheirou o ar como um cão de caça, procurando um odor fugitivo, depois sacudiu a neve de suas botas e cortou por um atalho montanha acima. A segurança de direção do homenzinho era excepcional.

— Quanto falta ainda, Louki?

— Duzentas jardas, major. Não mais que isso. — Louki soprou a neve do seu negro e espesso bigode e praguejou. — Não ficarei triste quando chegar.

— Nem eu. — Mallory pensou no miserável abrigo ventoso, nas rochas gotejantes, quase com afeição. Estava cada vez mais frio à medida que se afastavam do vale e o vento aumentava num constante e plangente queixume: tinham que se dobrar, fazer força contra ele para conseguir algum avanço. De repente, os dois homens pararam, prestaram atenção, olharam um para o outro, cabeças inclinadas contra a neve propulsora. A volta deles havia apenas um vácuo branco e o silêncio: não havia sinal do que motivara o súbito som.

— Ouviu algo também? — murmurou Mallory.

— Fui eu, nada mais. — Mallory girou quando uma voz cavernosa soou por trás dele e uma figura robusta, de blusão branco, surgiu envolta na neve. — Um carro de leiteiro, numa rua de pedras não faria tanto barulho como você e este seu amigo. Mas a neve abafava suas vozes e eu não podia ter certeza.

Mallory olhou para ele com curiosidade.

— Que está fazendo aqui, Andréa?

— Lenha — Andréa explicou. — Estava procurando lenha para fogo. Estava lá no alto do Kostos, ao entardecer, quando a neve parou por uns momentos. Poderia jurar ter visto uma velha cabana, numa ravina, não muito longe daqui; era quadrada e destacava-se escura contra a neve. Então saí...

— Tem razão — interrompeu Louki. — É a cabana do velho Leri, o louco. Leri era um pastor. Todos o avisavam mas Leri não escutava nem falava com nenhum homem, só com suas ovelhas. Morreu na cabana, numa avalanche.

— É um vento terrível... — Andréa murmurou. — O velho Leri nos manterá aquecidos esta noite.

Deteve-se repentinamente quando a ravina se abriu a seus pés, depois pulou rapidamente ao fundo, seguro como um cabrito montes. Assobiou duas vezes, uma dupla nota alta e aguda, escutou com atenção dentro da nevasca esperando o assobio de resposta, entrou rapidamente na ravina. Casey Brown, com o fuzil para baixo, encontrou-os na entrada da caverna e afastou a lona para deixá-los entrar.

A vela sebosa e fumacenta, derretendo pesadamente para um lado na gelada corrente de ar, enchia cada canto da caverna com sombras escuras e bruxuleantes, nascidas de sua chama incerta. Estava quase no fim, o pavio gotejante curvando-se cansado até quase tocar o solo e Louki, tirando seu casaco de neve, acendia outro toco de vela na chama que morria. Por um instante ambas as velas flamejaram e Mallory viu Louki claramente, pela primeira vez; um homem baixo e robusto, vestindo um casaco azul escuro debruado de preto nas costuras e vistosamente cheio de alamares no peito, o casaco apertado no corpo por uma faixa carmim, a *tsanta*, e acima o rosto esverdeado e sorridente, o magnífico bigode

que ostentava como uma bandeira. Um Cavaleiro Sorridente, uma miniatura de D'Artagnam, esplendidamente adornado de armas. E então, o olhar de Mallory passou para os olhos marcados, líquidos, escuros, tristes e permanentemente cansados e seu espanto, um lento e incompreensível espanto, mal teve tempo de aflorar antes que o toco de vela flamejasse e morresse e Louki tivesse voltado para as sombras.

Stevens estava estirado numa cama de campanha, sua respiração opressa, curta e rápida. Estava acordado quando chegaram, mas recusara qualquer alimento ou bebida, virara-se para um lado e caíra num sono inquieto e convulsivo. Parecia não estar sentindo dor alguma; um mal sinal, pensou Mallory tristemente, o pior possível. Queria que Miller voltasse logo...

Casey Brown engoliu as últimas migalhas de pão com um gole de vinho, levantou-se rigidamente, afastou a lona para um lado e olhou melancolicamente para a neve que caía. Ergueu os ombros, deixou o pano voltar à sua posição, pegou seu transmissor, enfiou as correias nos ombros, pegou um rolo de corda, uma lanterna e uma manta. Mallory olhou para seu relógio; eram quinze para a meia-noite; quase na hora da chamada de rotina para Cairo.

— Vai dar outra saída, Casey? Numa noite como essa, não mandaria nem um cachorro sair.

— Nem eu — disse Brown mal-humorado. — Mas acho que é melhor, capitão. A recepção é bem melhor à noite e vou subir um pouco a colina para não ter interferência daquela maldita montanha: seria logo avistado se tentasse isso à luz do dia.

— Está certo, Casey. Você é quem sabe. — Mallory encarou-o com curiosidade. — Para que o equipamento extra?

— Vou entrar dentro da manta com o transmissor e a lanterna — explicou Brown. — A corda é para marcar o caminho. Gostaria de poder voltar quando chegar o momento.

— Muito bem — aprovou Mallory. — Mas tome cuidado quando chegar um pouco mais em cima. A ravina se estreita e se aprofunda num abismo.

— Não se preocupe comigo, capitão — disse Brown firmemente. — Não vai acontecer nada com Casey Brown.

Uma lufada de vento carregado de neve, o rodopiar da lona e Brown saiu.

— Bem, se Brown pode... — Mallory levantou-se puxando o capuz de seu casaco de neve para cima da cabeça. — Combustível, senhores, a velha cabana do velho Leri. Quem quer dar um passeio à meia-noite?

Andréa e Louki estavam de pé. mas Mallory sacudiu a cabeça.

— Um é o bastante. Alguém deve ficar para cuidar de Stevens.

— Parece que está dormindo — Andréa murmurou. — Nada de mal pode lhe acontecer no pouco tempo que estivermos fora.

— Não estava pensando nisso. É que não podemos nos arriscar a deixá-lo cair nas mãos dos alemães. Eles o fariam falar de um jeito ou de outro. Não seria culpa dele, mas falaria. É um risco grande demais.

— Ora! — Louki estalou os dedos. — O senhor está se preocupando à toa, major. Não há alemão por aqui. Pode confiar em mim.

Mallory hesitou, depois sorriu.

— Está certo. Estou imaginando coisas.

Curvou-se sobre Stevens e sacudiu-o delicadamente. O rapaz mexeu-se, gemeu, abrindo seus olhos lentamente.

— Vamos sair para procurar lenha — disse Mallory. — Voltaremos dentro de poucos minutos. Você não se importa?

— Claro que não, capitão. O que pode acontecer? Deixe uma arma a meu lado e apague a vela. — Sorriu. — Avise antes de entrar!

Mallory recuou e apagou a vela. Por um instante a chama tremeu, depois morreu e cada forma, cada pessoa na caverna foi tragada pela densa escuridão de uma meia-noite hibernal. Abruptamente Mallory girou nos calcanhares e saiu, afastando a lona, para o turbilhão de vento e neve que já enchia o chão da ravina, tendo Andréa e Louki colados atrás de si.

Levaram dez minutos para achar a cabana em ruínas do velho pastor, outros cinco para Andréa arrancar a porta de suas dobradiças estragadas, cortá-la em pedaços, junto com a madeira

da mesa e da cama, mais dez para levá-las de volta para o abrigo da rocha, tanta madeira quanto foi possível amarrar e carregar. O vento, soprando diretamente do Kostos, batia em seus rostos agora — rostos entorpecidos pelo frio, pelo gelado açoite da neve que caía com a força de um vendaval. Ficaram contentes quando alcançaram a vala novamente e caíram agradecidos entre as muralhas protetoras.

Mallory deu seu nome baixinho à entrada da caverna. Não houve resposta, nenhum movimento veio de dentro. Chamou novamente, ouviu com atenção enquanto os segundos se escoavam, virou a cabeça e olhou ligeiramente para Andréa e Louki. Cuidadosamente, pousou o monte de lenha na neve, tirou seu Colt e sua lanterna, puxou a lona para um lado, segurando o botão da lanterna e o gatilho do revólver como uma só coisa.

O facho de luz iluminou o chão à boca da caverna, passeou, parou, vagou, pesquisou o canto mais afastado do abrigo e fixou-se lá, como se a lanterna estivesse presa num torno. No chão, somente uma cama de campanha, amarrotada e vazia. Andy Stevens tinha desaparecido.

IX

Terça-Feira à Noite

De 0.15 às 2 horas.

— Então eu me enganei — murmurou Andréa. — Ele não estava dormindo.

— Claro que não estava — Mallory concordou sério. — Enganou-me também, e ouviu o que eu disse. — Sua boca contorceu-se. — Agora sabe por que estávamos tão aflitos em cuidar dele. Sabe que tinha razão quando disse que se tornara um fardo pesado. Odiaria sentir-me como deve estar se sentindo agora.

Andréa concordou.

— Não é difícil adivinhar por que saiu.

Mallory olhou rapidamente para o relógio e saiu repentinamente da caverna.

— Vinte minutos, não pode ter saído há mais de vinte minutos. Provavelmente menos, para ter certeza que já estávamos longe. Ele só pode se arrastar cinquenta jardas, no máximo, nós o acharemos em quatro minutos. Usem suas lanternas sem proteção; ninguém nos verá nessa maldita tempestade. Sigam montanha acima; eu procurarei no meio da ravina.

— Montanha acima? — A mão de Louki segurava seu braço e sua voz estava intrigada. — Mas sua perna...

— Para cima, já disse — cortou Mallory impacientemente. — Stevens é esperto, e tem uma maldita visão e mais coragem do que pensa que o julgamos capaz. Vai imaginar que achamos que pegou o caminho mais fácil. — Mallory fez uma pausa, depois continuou sombriamente. — Um homem moribundo se arrasta assim, não vai pegar o caminho fácil. Vamos!

Acharam-no em três minutos. Devia ter suspeitado que Mallory não acreditaria no óbvio, ou tê-los ouvido tropeçando pela rampa, porque conseguira abrir caminho até ocultar-se por trás da cortina de neve que fechava o espaço, embaixo de uma aba proeminente, bem em cima de uma margem da vala. Um esconderijo quase perfeito, mas sua perna o traiu: na luz fraca da sua lanterna, o olho aguçado de Andréa vislumbrou um pequeno fio de sangue correndo sobre a superfície da neve. Estava quase inconsciente quando o descobriram, pelo frio, pela exaustão ou pela dor na perna machucada; provavelmente pelas três razões.

De volta à caverna, Mallory tentou despejar um pouco de *ouzo* — aguardente local, forte e abrasadora — para dentro da garganta de Stevens. Tinha uma vaga suspeita que podia ser perigoso — ou talvez só fosse perigoso em caso de choque, sua memória estava confusa — mas era melhor do que nada. Stevens engasgou, respingou e cuspiu a maior parte, mas alguma coisa desceu. Com a ajuda de Andréa, Mallory estancou o sangue que corria, amarrou as talas soltas da perna e estendeu por cima e por baixo do rapaz todas as cobertas secas que achou pela caverna. Depois recostou-se cansado e tirou um cigarro da cigarreira a prova d'água. Nada mais podia ser feito até que Dusty Miller voltasse da cidade com Panayis. Tinha absoluta certeza que Dusty nada poderia fazer por Stevens. Nem ele, nem ninguém.

Louki acendera uma fogueira perto da boca da caverna, a lenha seca e velha ardendo feroz e rumorejante, sem quase um fio de fumaça. Quase que imediatamente, o calor começou a se espalhar pela caverna e os três homens vieram mais para perto agradecidos. De vários pontos do teto, caíam constantes goteiras

de neve derretida e começavam a alagar o chão de cascalhos: com o calor da fogueira o solo logo se converteu num lamaçal. Mas, principalmente para Andréa e Mallory, esses desconfortos eram um pequeno preço a pagar pelo privilégio de estarem aquecidos pela primeira vez em quase trinta horas. Mallory sentiu seu suor como uma bênção, seu corpo todo relaxar-se, suas pálpebras tornarem-se pesadas e sonolentas. De costas apoiadas contra a parede, estava quase caindo no sono, ainda fumando aquele primeiro cigarro, quando numa lufada de vento e súbita rajada gelada de neve Brown entrou na caverna, fatigado, tirando de seus ombros as correias do transmissor. Sombrio como sempre, seus olhos cansados se iluminaram momentaneamente à vista da fogueira. Com o rosto azulado e tremendo de frio — não era brincado. Mallory pensou seriamente, ficar imóvel meia hora, naquela colina gelada e desabrigada — acocorou-se silenciosamente perto do fogo, tirou o inevitável cigarro e olhou soturnamente para as chamas, distraído, sem se importar com as nuvens de vapor que imediatamente o envolveram nem com o acre cheiro de suas roupas chamuscadas. Parecia completamente desanimado. Mallory alcançou uma garrafa, despejou um pouco do aquecido *retsino* — vinho da terra muito reforçado com resina — e passou para Brown.

— Derrame direto no estômago — aconselhou Mallory. — Dessa maneira não sentirá o gosto. — Tocou no transmissor como o pé e olhou novamente para Brown. — Teve melhor sorte desta vez?

— Sem problemas, capitão. — Brown fez uma careta com o gosto forte e acre-doce do vinho. — A recepção foi de primeira classe, tanto aqui como no Cairo.

— Você conseguiu! — Mallory sentou-se e inclinou-se para a frente ansiosamente. — E ficaram satisfeitos em ter notícias de seus errantes rapazes esta noite?

— Não comentaram. A primeira coisa que me disseram foi para calar-me e ficar calado. — Brown empurrou soturnamente o fogo com sua bota úmida. — Não me pergunte como, capitão, mas tiveram a informação secreta que, nos últimos quinze dias, enviaram para cá equipamento suficiente para duas ou três estações monitoras.

Mallory praguejou.

— Estações monitoras! Era só o que faltava. — Pensou na existência fugitiva e nômade que essas estações obrigaram Andréa e ele a levar nas montanhas Brancas de Creta. — Que diabo, Casey, numa ilha como essa, do tamanho de um prato de sopa, podem localizar-nos de olhos vendados.

— É, podem mesmo — concordou Brown pesadamente.

— Sabe alguma coisa sobre essas estações, Louki?

— Nada, major, nada. — Louki levantou os ombros. — Acho que nem sei do que estão falando.

— Suponho que não. Não que tenha importância. Agora é tarde demais. Vamos ao resto das boas notícias, Casey.

— Foi só isso, senhor. Não mandei nenhuma mensagem; me proibiram. Restringi-me às abreviações de código — afirmativo, negativo, repetitivo e assim por diante. Mensagens contínuas somente numa emergência ou quando for impossível ocultar-se.

— Como nas celas dos condenados das horríveis masmorras de Navarone — murmurou Mallory. — “Morri como um homem, mamãe.”

— Com o devido respeito, capitão, não achei graça — Brown falou de mau humor. — A armada invasora, principalmente lanchas e barcos. E zarparam essa manhã de Pireu — prosseguiu. — Por volta das quatro horas da manhã. Cairo acha que vão ancorar em algum lugar das Cicladas esta noite.

— Cairo é muito esperto. Em que diabo de outro lugar poderiam ancorar? — Mallory acendeu outro cigarro e olhou sem expressão para o fogo. — De qualquer forma é bom saber que estão a caminho. É só?

Brown concordou em silêncio.

— Então até que está muito bom. Obrigado por ter saído. É melhor tirar uma soneca enquanto pode... Louki acha que devemos ir para Margaritha antes do amanhecer, ficar escondidos lá um dia — ele tem uma espécie de poço abandonado todo preparado para nós — e continuar para a cidade de Navarone amanhã à noite.

— Meu Deus! — gemeu Brown. — Hoje uma caverna gotejante. Amanhã um poço abandonado, provavelmente cheio de

água até a metade. Onde vamos ficar em Navarone, capitão? Na cripta de algum cemitério local?

— Um alojamento singularmente apropriado, da maneira como as coisas estão indo — disse Mallory secamente. — Vamos esperar pelo melhor. Partiremos antes das cinco.

Observou Brown deitando-se ao lado de Stevens e transferiu sua atenção para Louki. O homenzinho estava sentado sobre uma caixa, do lado oposto da fogueira, virando de vez em quando uma pedra pesada, para ser enrolada em panos e ser posta nos pés entorpecidos de Stevens, e aquecendo-se gostosamente às chamas. Aos poucos ficou consciente do olhar fixo de Mallory e levantou a vista.

— O senhor parece preocupado, major. — Louki parecia envergonhado. — Parece, como é a palavra, aborrecido. Não gosta de meu plano? Pensei que tínhamos concordado...

— Não estou preocupado com seu plano — disse Mallory francamente. — Não estou nem preocupado com você, e sim com essa caixa onde você está sentado. Há dentro dela explosivo bastante para fazer voar um encouraçado; e você está a três pés do fogo. Isso não é muito saudável, Louki.

Louki mexeu-se pouco a vontade no assento, puxou uma das extremidades de seu bigode.

— Ouvi dizer que se pode atirar este TNT no fogo e ele queima como um pinheiro cheio de resina.

— E é verdade — Mallory aquiesceu. — Pode-se também dobrá-lo, quebrá-lo, amassá-lo, limá-lo, apertá-lo, pular sobre ele e bater com um martelo e tudo o que acontece é apenas um bom exercício. Mas se começa a suar numa atmosfera quente e úmida a exudação cristaliza... Nem quero pensar! E está ficando quente e úmido demais nesse buraco.

— Fora com ela! — Louki levantou-se num salto, arrastando a caixa pela caverna. — Fora com ela! — Hesitou. — A menos que a neve, a umidade...

— Pode-se também deixá-lo imerso em água salgada por dez anos sem que isso o afete em nada... — Mallory interrompeu didaticamente. — Mas alguns fulminantes podem se estragar... para

não mencionar a caixa de detonadores ao lado de Andréa. Vamos levar todo o lote para fora embaixo de uma capa.

— Ora! Louki tem uma idéia melhor! — O homenzinho já estava se enfiando em sua capa. — A cabana do velho Leri! É o lugar ideal! Podemos pegá-la quando quisermos e se tivermos que sair daqui às pressas não precisamos nos preocupar.

Antes que Mallory pudesse protestar, Louki se inclinara sobre a caixa, levantara-a com esforço meio andando, meio cambaleando à volta da fogueira em direção à lona. Mal tinha dado três passos, Andréa estava a seu lado e com firmeza tirou a caixa de suas mãos e enfiou-a debaixo do braço.

— Se me permitir...

— Não, não — Louki estava ofendido. — Posso me arranjar com facilidade. Não é nada.

— Eu sei, eu sei — disse Andréa calmamente. — Mas esses explosivos devem ser carregados de uma maneira especial. Fui treinado para isso — explicou.

— Ah, sim? Não sabia. Naturalmente deve ser como diz. Então levarei os detonadores. — Sua honra a salvo, Louki encerrou a discussão, agradecido ergueu a pequena caixa e saiu da caverna nos calcanhares de Andréa.

Mallory olhou para o relógio. Exatamente uma hora. Miller e Panayis logo deveriam estar de volta, pensou. O vento diminuía de intensidade e a neve quase sumira: a caminhada seria das mais fáceis mas as pegadas ficariam. Era um contratempo, mas não fatal — eles mesmos sairiam antes do amanhecer, cortando reto para baixo ao pé do vale; não haveria neve ali — e mesmo se houvesse, poderiam andar pelo regato que corre no vale sem deixar pista.

O fogo diminuía e o frio atuava sobre eles novamente. Mallory tremeu, suas roupas ainda estavam molhadas, jogou mais lenha na fogueira, observou-a queimar e inundar a sala de luz. Brown, enrolado na manta, já estava adormecido. Stevens, de costas para ele, permanecia imóvel, sua respiração curta e rápida. Só Deus sabia quanto tempo ainda o rapaz viveria; estava morrendo, Miller

dissera, mas “morrendo” era um termo indefinido. Quando um homem terrivelmente ferido, moribundo, decide não morrer, torna-se a mais forte e resistente criatura na terra. Mallory já vira isso acontecer. Mas talvez Stevens não quisesse viver. Viver, sobrepor-se a tão terríveis feridas, isto seria provar-se a si mesmo e aos outros, mas, por outro lado, era tão jovem, tão sensível, fora magoado e sofrerá tanto no passado, que aquilo seria fácil a coisa mais importante para ele; sabia que terrível peso tinha-se tornado, sabia também que a preocupação maior de Mallory não era seu bem-estar mas sim o medo que fosse capturado, cedesse sob pressão e contasse tudo; ouvira Mallory dizer isso; e sabia que falhara com seus amigos. Era muito difícil, impossível quase de dizer como a balança de duas forças opostas eventualmente se inclinaria. Mallory sacudiu a cabeça, suspirou, acendeu um cigarro e chegou mais para perto do fogo.

Andréa e Louki voltaram menos de cinco minutos depois e Miller e Panayis quase atrás deles. Podiam ouvir Miller chegando, a alguma distância, escorregando, caindo, praguejando quase sem parar, enquanto lutava para subir a ravina, sob uma carga incômoda e pesada. Praticamente caiu na soleira da caverna e se atirou exausto junto ao fogo. Dava a impressão de um homem que realmente tivesse atravessado um mau pedaço. Mallory sorriu para ele com simpatia.

— Bem, Dusty, como foi? Espero que Panayis não o tenha atrasado demais.

Miller não pareceu ouvir. Com sua pronunciada mandíbula aberta, olhava incrédulo para a fogueira, como se esta lhe sugerisse algo.

— Maldição do inferno! Olhe só para isto! — praguejou amargamente. — Passo metade dessa noite desgraçada subindo essa montanha maldita com um fogão e querosene suficiente para banhar um maldito elefante. E o que encontro? — Respirou fundo para dizer o que encontrara, mas desistiu num silêncio pesado e estrangulado.

— Um homem de sua idade devia tomar cuidado com a pressão — aconselhou Mallory. — E o resto?

— Foi tudo bem, acho eu. — Miller tinha um copo de *OUZO* em sua mão e começava a animar-se novamente. — Trouxemos a roupa de cama, os remédios...

— Se me der a roupa de cama poremos agora mesmo no leito de nosso jovem amigo — interrompeu Andréa.

— E comida.

— Sim. Trouxemos a bóia, chefe. Esta criatura, Panayis, é incrível. Pão, vinho, queijo de cabra, salsichas com alho, arroz, tudo.

— Arroz? — Era a vez de Mallory ficar incrédulo. — Mas hoje em dia não se arruma isso nas ilhas, Dusty.

— Panayis arruma. — Mallory estava agora a se divertir enormemente. — Conseguiu na cozinha do comandante alemão. Um sujeito chamado Skoda.

— Do comandante alemão! Você está brincando!

— Que Deus me ajude, chefe, é a pura verdade. — Miller virou metade do *OUZO* num gole e exalou um longo e profundo suspiro de satisfação. — O velho Miller ficou atrás da porta dos fundos, os joelhos tremendo como as castanholas da Cármen Miranda, pronto para desandar a correr em qualquer direção, enquanto nosso amigo aqui entrava e iniciava a limpeza. Lá nos Estados Unidos faria uma fortuna como assaltante. Voltou em dez minutos, arrastando aquela maldita mala ali. — Miller indicou-a com um gesto casual. — Não contente de esvaziar a despensa do comandante, levou também a maleta para carregar as coisas. Vou-lhe contar, chefe, associar-me com essa figurinha dá-me ataques no coração.

— Mas... mas e os guardas e os sentinelas?

— Tiraram a noite de folga, acho eu, chefe. O velho Panayis é como uma ostra. Nunca diz uma palavra e mesmo quando diz eu não entendo. Minha impressão é que estão todos aí fora nos procurando.

— Foram e voltaram e não encontraram viv'alma! — Mallory encheu sua caneca de vinho. — Bom trabalho, Dusty.

— Obra de Panayis, não minha. Só fiquei ao lado. Além disso encontramos dois amigos dele; na realidade ele é que os chamou.

Devem ter-lhe dado uma informação secreta sobre alguma coisa. Logo depois cheio de excitação tentou me contar sobre o fato. — Miller ergueu os ombros tristemente. — Não estávamos operando na mesma faixa de onda, chefe.

Mallory concordou do outro lado da caverna. Louki e Panayis estavam juntos, Louki escutando com atenção, enquanto Panayis falava rapidamente, em voz baixa, gesticulando com as mãos.

— Ele ainda está agitado com alguma coisa — disse Mallory pensativamente. Aumentou o tom de voz. — O que há, Louki?

— Muita coisa. — Louki puxou ferozmente uma das pontas de seu bigode. — Temos de sair logo. Panayis quer ir imediatamente. Ouviu dizer que a guarnição alemã vai dar uma batida, casa por casa, na nossa cidade, durante a noite, por volta das quatro horas da manhã. Contaram a Panayis.

— Pelo que vejo, não será busca de rotina?

— Há muitos meses que isso não acontece. Devem achar que conseguiram ludibriar suas patrulhas e que estão escondidos na cidade. — Louki riu baixo. — Se quiser minha opinião, não creio que saibam em que pensar. Isso não afeta os senhores, naturalmente. Não estarão lá, e mesmo se estivessem não seriam encontrados; e isso ainda tornará mais segura a ida para Margaritha, depois. Mas Panayis e eu não podemos ser pegados fora de nossas camas. As coisas ficariam difíceis para nós.

— Naturalmente, naturalmente. Não podemos nos arriscar. Mas temos muito tempo. Vocês descerão dentro de uma hora. Mas primeiro a fortaleza. — Meteu a mão no bolso do casaco, tirou o mapa que Eugene Vlachos desenhara para ele, virou-se para Panayis e começou a falar com grande facilidade, no dialeto das ilhas. — Venha, Panayis, soube que conhece a fortaleza, como Louki conhece seu canteiro de legumes. Eu já sei muita coisa, mas quero que me diga tudo sobre ela: a planta, os canhões, os quartéis, os sentinelas, a troca de guarda, as saídas, os sistemas de alarma, até os lugares onde há mais e menos sombras, enfim tudo. Por pequenos e insignificantes que os detalhes possam lhe parecer, apesar de tudo deve contar-me. Se uma porta abre para fora em

vez de para dentro, deve contar-me; isso pode salvar milhares de vidas.

— E como o major pretende entrar? — perguntou Louki.

— Ainda não sei. Não posso resolver até ver a fortaleza. — Mallory sentiu o olhar de Andréa fixar-se sobre ele e depois desviar-se. No M.T.B. já tinham traçado os planos para entrar na fortaleza. Mas era o ponto chave, do qual tudo dependia e Mallory achava que esse conhecimento deveria limitar-se ao menor número possível de pessoas.

Mallory e os três gregos confabularam inclinados sobre o mapa, quase meia hora, à luz das chamas. Mallory verificando o que já lhe tinham dito, anotando meticulosamente todas as informações que Panayis lhe dava — e Panayis tinha muito a dizer. Parecia quase impossível que um homem pudesse assimilar tantos conhecimentos, em duas breves visitas à fortaleza; além do mais visitas clandestinas, na escuridão.

Tinha uma vista incrível e capacidade para detalhe; e Mallory estava seguro de que fora o latente ódio contra os alemães que imprimira esses detalhes todos em sua memória fotográfica. Cada segundo que passava, Mallory sentia suas esperanças aumentarem.

Casey Brown acordara novamente. Embora estivesse cansado, o barulho das vozes cortara seu sono inquieto. Fora até onde Andy Stevens jazia meio acordado, de encontro à parede, falando coerentemente às vezes, delirantemente outras. Nada havia para fazer ali, observou Brown; Miller, limpando, tratando e enfaixando as feridas, tivera de Andréa toda a ajuda de que necessitara — e ajuda eficiente. Dirigiu-se à entrada da caverna, ouviu sem entender os quatro homens falando em grego e saiu pela lona para respirar um pouco o ar fresco e saudável da noite. Com sete pessoas dentro da caverna, fogo contínuo e a falta quase total de ventilação, o ambiente tornara-se desagradavelmente quente.

Voltou para a caverna em trinta segundos, fechando completamente a lona atrás de si.

— Todos quietos! — murmurou baixinho. Fez um gesto para trás. — Há alguma coisa movendo-se lá um pouco abaixo do declive. Ouvi duas vozes, capitão.

Panayis praguejou baixo, pulando como um gato selvagem. Uma navalha de sessenta centímetros brilhou maleficamente em sua mão e ele desapareceu atrás da lona, antes que alguém pudesse falar. Andréa tentou segui-lo mas Mallory segurou-o.

— Fique onde está, Andréa. Nosso amigo Panayis é um pouco precipitado demais — disse baixinho. — Pode não ser nada ou pode ser algum plano para despistar-nos. Ah, maldição! — Stevens tinha começado a delirar em voz alta. — Logo agora ele tinha que falar. Não pode dar um jeito...

Mas Andréa já se curvara sobre o rapaz ferido, segurando sua mão e alisando sua testa e cabelo com a outra mão livre, falando-lhe gentilmente, suave e continuamente. No começo o doente não deu atenção e prosseguiu falando sem nexos, sobre tudo e nada em particular; gradualmente, entretanto, o efeito hipnótico da mão acariciando-o, o murmúrio afetuoso surtiu resultado e seu delírio foi morrendo num balbúcio pouco audível, que afinal também cessou. Subitamente seus olhos se abriram e acordou completamente consciente.

— O que é Andréa? Por que você...!?

— Shh! — Mallory ergueu a mão. — Ouço alguém...

— É Panayis, senhor. — Brown tinha observado por um canto da cortina de lona. — Vem andando pela vala.

Segundos mais tarde, Panayis estava dentro da caverna, ajoelhando-se junto ao fogo. Parecia completamente aborrecido.

— Não há ninguém — relatou. — Vi algumas cabras descendo a encosta, nada mais.

Mallory traduziu para os outros.

— Não pareciam ruídos de cabras — disse Brown com obstinação. — Além do mais era um barulho diferente.

— Eu vou dar uma olhada — ofereceu-se Andréa. — Só para certificar. Mas não acredito que o moreno tenha-se enganado.

Antes que Mallory abrisse a boca, saiu tão rápida e silenciosamente como Panayis. Voltou em três minutos, sacudindo a cabeça.

— Panayis tinha razão. Não há ninguém. Eu nem vi as cabras.

— É, deve ter sido isso, Casey — disse Mallory. — Entretanto não estou gostando. A neve já está quase acabada, o vento está diminuindo e o vale provavelmente invadido de patrulhas alemãs; acho que está na hora de vocês dois irem. Pelo amor de Deus, tenham cuidado! Se alguém tentar impedi-los, atirem para matar. De qualquer forma a culpa será nossa.

— Atirar para matar! — Louki riu secamente. — Conselho desnecessário, major, quando o moreno está perto. Ele só atira assim.

— Está certo, vão embora. Sinto muito que se tenham envolvido nisso tudo; mas agora que já estão, milhões de agradecimentos por tudo que fizeram. Ver-nos-emos às seis e meia.

— Seis e meia — Louki repetiu. — Na oliveira, à beira do riacho, ao sul da cidade. Estaremos lá.

Dois minutos depois sumiram de vista e tudo estava imóvel no interior da caverna, exceto o fraco estalar da lenha no fogo que morria. Brown saíra para montar guarda e Stevens caíra num sono cheio de inquietações e dor. Miller inclinou-se sobre ele por um minuto ou dois, depois dirigiu-se devagar pela caverna até Mallory. Sua mão direita segurava uns amarrotados pedaços de ataduras, sujas de sangue. Entregou-as a Miller.

— Dê um cheiro nisso, chefe — pediu baixinho. — Com cuidado.

Mallory inclinou-se para frente e recuou subitamente, seu nariz franzido numa imediata repugnância.

— Santo Deus, Dusty! Que coisa horrível! — Fez uma pausa repleta de uma certeza trágica e irrefutável. Sabia a resposta antes de falar. — Que diabo de coisa é isso?

— Gangrena! — Miller sentou-se pesadamente a seu lado, atirando as ataduras ao fogo. De repente sentiu-se cansado e derrotado. — Gangrena de gás. Espalhando-se como fogo numa floresta e teria morrido de qualquer maneira. Estou perdendo meu tempo.

X

Terça-Feira à Noite

Das 4 às 6 horas.

Os alemães os surpreenderam logo depois das quatro horas da manhã enquanto dormiam. Com os ossos doídos e profundamente entorpecidos pelo sono, não tiveram a menor possibilidade nem a mínima esperança de oferecer qualquer resistência. O planejamento, tempo e execução do golpe foram impecáveis. A surpresa total.

Andréa foi o primeiro a acordar. Um certo ruído suspeito tocou no seu fundo, naquela parte que nunca dormia, e virou-se com o cotovelo no solo com a mesma velocidade silenciosa, enquanto sua mão alcançava a Mauser sempre pronta e engatilhada. Mas o branco raio de uma poderosa lanterna elétrica que brilhava na escuridão da caverna imobilizou, gelou sua mão estendida, antes mesmo da seca ordem do homem que segurava a lanterna.

— Quietos! Todos quietos!

Num inglês correto com um leve sotaque a voz era ameaçadoramente glacial.

— Se alguém se mover, morre!

Outra lanterna acendeu-se e logo uma terceira e a caverna foi inundada de luz. Desperto e imóvel, Mallory apertou os olhos ressentindo os raios brilhantes: por trás da luz refletida discernia as formas vagas e indistintas abaixadas na entrada da caverna, inclinadas sobre os canos dos fuzis-metralhadoras.

— Mãos juntas acima das cabeças e de costas para a parede.
— Havia naquela voz segurança e firme competência que exigia imediata obediência.

— Olhe bem para eles, sargento. — O tom agora era quase de conversa, mas nem a lanterna nem o fuzil tremeram uma fração. — Nenhuma sombra de expressão nos rostos, nem mesmo um pestanejar. Homens perigosos, sargento. Os ingleses escolhem bem seus assassinos.

Mallory sentiu o desagradável azedume da derrota inundá-lo como uma onda quase tangível, provava o amargor no fundo de sua garganta. Por um breve e terrível segundo permitiu-se pensar o que aconteceria agora "inevitavelmente e assim que o pensamento lhe veio repeliu-o selvagememente. Tudo, cada ação, cada pensamento, cada respiração devia ser sobre o presente. A esperança se fora mas não definitivamente, não enquanto Andréa vivesse. Imaginou se Casey Brown os vira ou ouvira chegando e o que lhe teria acontecido: quis perguntar, refreou-se a tempo. Talvez estivesse a salvo.

— Como conseguiram achar-nos? — Mallory perguntou calmamente.

— Só tolos queimam madeira de junípero — disse o oficial com desprezo. — Estivemos no Kostos o dia inteiro e a maior parte da noite. Até um morto sentiria o cheiro.

— No Kostos? — Miller sacudiu a cabeça duvidoso. — Como?...

— Basta! — O oficial virou-se para alguém por trás dele. — Rasgue essa lona — ordenou em alemão — e mantenha-nos protegidos em ambos os lados. — Olhou para dentro da caverna e gesticulou quase imperceptivelmente com a lanterna. — Está bem, vocês três. Para fora — e é melhor ter cuidado. Por favor, acreditem que meus homens estão rezando para encontrar uma desculpa para

matá-los, seus porcos assassinos. — O ódio venenoso que transparecia em sua voz traduzia firme convicção.

Lentamente, as mãos ainda juntas acima das cabeças, os três homens levantaram-se aos tropeções. Mallory tinha dado somente um passo quando a voz açoitante do alemão o deteve.

— Pare! — Dirigiu o foco da lanterna para Stevens que jazia inconsciente e gesticulou abruptamente para Andréa. — Para o lado, você. Quem é este?

— Não precisa ter medo dele. — Mallory disse baixinho. — É dos nossos mas está muito ferido. Está morrendo.

— Veremos — o oficial disse secamente. — Afastem-se para o fundo da caverna! — Esperou até que os três homens passassem sobre Stevens, trocou seu rifle automático por uma pistola, ajoelhou-se e avançou lentamente, lanterna numa mão, revólver na outra debaixo da linha de fogo dos dois soldados que avançaram juntos atrás dele. Havia uma precisão, um profissionalismo frio em tudo aquilo que fazia desfalecer o coração de Mallory.

De repente, o oficial livrou a mão do revólver e arrancou os cobertores do rapaz. Um tremor de frio sacudiu todo o corpo, sua cabeça rolou de um lado para o outro enquanto gemia em agonia inconsciente. O oficial curvou-se rápido sobre ele, as linhas duras e nítidas do rosto, o cabelo louro abaixo do capuz iluminado pela lanterna. Um breve olhar para o rosto de Stevens contorcido pela dor, as emaciadas formas para a perna esmagada, um leve esgar de nojo quando viu a extensão da gangrena e apoiou-se nos calcanhares recolocando delicadamente as cobertas sobre o rapaz doente.

— Falou a verdade — disse serenamente. — Não somos selvagens. Não luto com um moribundo. Deixem-no aqui. — Levantou-se e andou lentamente para trás. — Que saiam os demais.

Mallory viu que a neve já tinha cessado, e que estrelas começavam a cintilar no céu aberto. O vento diminuía e estava perceptivelmente mais quente. Mallory imaginava que a maior parte da neve estaria sumida por volta de meio-dia. Sem cuidado e sem curiosidade olhou em volta. Não havia sinal de Casey Brown.

Inevitavelmente, as esperanças de Mallory começaram a renascer. A recomendação do suboficial Brown para aquela operação viera muito de cima. Duas fileiras de condecorações que merecera, mas nunca usara, provava sua valentia, tinha uma notável reputação como guerrilheiro e saíra com um rifle automático na mão. Se estivesse em algum lugar por ali... Como se tivesse adivinhado suas esperanças o alemão destruiu-as com as palavras.

— Talvez esteja imaginando onde está seu sentinela? — perguntou criticamente. — Não tema, inglês, não está muito longe, está adormecido no seu posto. Profundamente adormecido, creio eu.

— Você o matou? — As mãos de Mallory fecharam-se até que suas palmas doeram.

O outro levantou os ombros com grande indiferença.

— Na verdade não saberia dizer. Foi fácil demais. Um de meus homens deitou na vala e gemeu. Uma representação magistral — realmente patética — quase me convenceu. Tolamente seu homem foi investigar. Eu tinha outro homem mais acima com o cabo do fuzil na mão. Um bastão muito eficiente, posso assegurar-lhe...

Lentamente Mallory abriu seus punhos e olhou tristemente para a vala. Naturalmente Casey cairia nessa, tinha que cair depois do que acontecera na mesma noite. Não ia bancar o bobo dando alarma em falso duas vezes seguidas: logicamente tinha ido verificar primeiro. Subitamente ocorreu a Mallory o pensamento de que talvez Casey Brown tivesse ouvido algo antes, mas a idéia mal surgia sumiu. Panayis não parecia um homem suscetível de enganos, e Andréa nunca errava. Mallory virou-se para o oficial novamente.

— Bem, para onde vamos?

— Margaritha e muito breve. Mas uma coisa primeiro. — O alemão que era de sua própria altura postou-se a sua frente, revólver à altura da cintura, lanterna apagada caindo frouxamente na sua mão direita. — Só uma pequenina coisa, inglês. Onde estão os explosivos? — Quase cuspiu as palavras.

— Explosivos? — Mallory franziu sua sobrancelha em sinal de perplexidade. — Que explosivos? — perguntou espantado, depois

gaguejou e caiu no chão quando a pesada lanterna rodou num feroz semicírculo e atingiu-o em cheio no lado do rosto. Meio tonto sacudiu sua cabeça e levantou-se novamente.

— Os explosivos. — A lanterna balançou na mão novamente, mas a voz era sedosa e delicada. — Perguntei onde estão.

— Não sei do que está falando. — Mallory cuspiu um dente quebrado, limpou o sangue de seus lábios partidos. — É assim que os alemães tratam seus prisioneiros? — perguntou com desprezo.

— Cale a boca!

Outra vez a lanterna açoitou, Mallory estava esperando, e aparou o golpe o melhor que pôde; mesmo assim a lanterna atingiu-o pesadamente no osso da face, logo abaixo da têmpora, deixando-o tonto pelo impacto. Segundos se passaram, depois arrastou-se pela neve, todo o lado de seu rosto em fogo, sua visão nublada.

— Lutamos uma guerra limpa. — O oficial resfolegava pesadamente numa fúria mal controlada. — Lutamos segundo as Convenções de Genebra. Mas isso é para soldados, não para espiões assassinos.

— Não somos espiões! — interrompeu Mallory. Tinha a impressão de que sua cabeça estava sendo separada do corpo.

— Então onde estão seus uniformes? — perguntou o oficial. — Digo que são espiões — espiões assassinos que apunham por trás e cortam as gargantas dos homens!

A voz estava trêmula de raiva. Mallory estava aturdido. — Aquela indignação não tinha nada de falso.

— Cortamos as gargantas dos homens... — Sacudiu a cabeça espantado. — De que diabo está falando?

— Meu próprio ordenança. Um mensageiro inofensivo, uma criança — e que nem sequer estava armado. Nós só o achamos há uma hora. *Ach*, estou perdendo tempo! — Parou, virou-se para observar dois homens que subiam a vala. Mallory ficou imóvel por um momento, amaldiçoando a sorte que pusera o rapazinho no caminho de Panayis — não poderia ser nenhum outro — depois virou para ver o que chamara a atenção do oficial. Firmou seus olhos doloridos com dificuldade, olhou para a figura curvada

subindo a encosta, obrigado pela indelicada ponta de uma baioneta. Mallory deixou escapar um longo e silencioso suspiro de alívio. O lado esquerdo do rosto de Brown estava coberto de sangue coagulado resultante de um golpe acima da fronte mas não tinha outro ferimento.

— Certo! Sentem-se na neve, todos vocês! — Fez um gesto chamando diversos homens. — Amarrem suas mãos!

— Vai nos fuzilar? — Mallory perguntou serenamente. Era, de repente, tremendamente necessário que ele soubesse. Não havia nada que pudesse fazer a não ser morrer, mas pelo menos podiam morrer de pé; lutando; mas se não iam morrer agora, qualquer outra oportunidade de resistência mais tarde seria menos suicida que essa.

— Ainda não, infelizmente. Meu comandante de divisão em Margaritha, o capitão Skoda, quer vê-los primeiro. Talvez fosse melhor para vocês se eu os matasse agora. Depois o *Herr Kommandant* em Navarone — Oficial Comandante de toda a ilha. — O alemão sorriu levemente. — Mas é só um adiamento, inglês. Estarão batendo as botas antes do sol se pôr. Temos um tratamento rápido para espiões aqui em Navarone.

— Mas capitão! — As mãos juntas como implorando perdão, Andréa deu um passo a frente logo impedido quando dois canos de fuzis encostaram em seu peito.

— Capitão não, tenente — o oficial corrigiu-o. — *Oberleutnant* Turzig às suas ordens. O que quer, gorducho? — perguntou com desprezo.

— Espiões! O senhor disse espiões! Eu não sou espião! — As palavras saíam aos borbotões tropeçando umas nas outras como se não pudesse arrumá-las bastante rápido. — Por Deus, juro que não sou espião. Não sou um deles. — Os olhos estavam abertos e fixos, a boca mexendo sem som entre as pausas das frases. — Eu sou somente um grego, um pobre grego. Eles me forçaram a vir como intérprete. Juro, tenente Turzig, juro.

— Seu covarde, filho da mãe! — Miller tentou erguer-se furioso depois gritou de dor quando um rifle bateu-lhe nas costas, bem acima dos rins. Tropeçou, caiu para a frente sobre as mãos e

joelhos, e quando caído compreendeu que Andréa estava apenas fingindo, que bastava Mallory falar meia dúzia de palavras em grego para desmascarar Andréa. Miller torceu-se para um lado na neve, sacudiu seu punho fracamente e desejou que a expressão de dor no seu rosto fosse interpretada como de fúria. — Seu traidor de duas caras! Maldito porco, se eu lhe pegar... — Houve um som oco e Miller desmaiou na neve: a pesada bota de esqui tinha-o atingido atrás da orelha.

Mallory nada disse. Nem olhou para Miller. Punhos cerrados inúteis ao lado do corpo e lábios apertados, olhava fixamente para Andréa através de seus olhos quase fechados. Sabia que o tenente o observava, sentiu que devia proteger Andréa de toda a maneira. O que Andréa pretendia ele não adivinhava, mas estaria a seu lado até o fim do mundo.

— Muito bem! — murmurou Turzig pensativamente.

— Os ladrões tiram o corpo fora, fogem, hein? — Mallory pensou perceber leves sinais de dúvida e hesitação em sua voz. Mas o tenente não queria arriscar. — Não tem importância, gordo. Você escolheu seu lugar entre esses assassinos. Como é que os ingleses dizem: fez a cama, trate de deitar-se nela. — Olhou para o imenso corpo de Andréa imperturbavelmente: — Vamos ter que reforçar um cadafalso especialmente para você.

— Não, não, não! — A voz de Andréa levantou-se alto, amedrontada ao ouvir as últimas palavras. — É verdade o que eu digo! Não sou um deles, tenente Turzig, diante de Deus, não sou um deles! — Juntou as mãos no seu desespero, seu grande rosto de lua cheia consternado de angústia. — Por que devo morrer sem ter nenhuma culpa? Não queria vir. Não sou soldado, tenente Turzig.

— Posso ver isso — disse Turzig secamente. — É somente uma monstruosa quantidade de pele que só serve para cobrir um saco de gelatina — e cada centímetro é precioso para você. — Olhou para Mallory e para Miller ainda deitado com o rosto na neve. — Não posso felicitar seus amigos pela escolha de tal companheiro.

— Posso contar-lhe tudo, tenente. Posso contar-lhe tudo! — Andréa adiantou animadamente ansioso para consolidar seu

progresso e reforçar o começo da dúvida. — Não sou amigo dos aliados — posso provar-lhe isso — e então, talvez...

— Seu Judas maldito! — Mallory tentou lançar-se sobre ele, mas dois soldados seguraram-no e apertaram seus braços para trás. Lutou um pouco, depois desistiu, olhando ameaçadoramente para Andréa: — Se ousar abrir sua boca, juro que não viverá...

— Quietos! — A voz de Turzig estava gelada. — Já me fartei de recriminações, de melodramas baratos. Mais uma palavra e você fará companhia a seu amigo, ali na neve. — Olhou para ele por um momento, em silêncio, depois voltou-se para Andréa. — Não prometo nada. Ouvirei o que tem a dizer — não tentou esconder a repugnância na sua voz.

— Deve julgar por si mesmo. — Havia em sua voz uma boa mistura de alívio, sinceridade e esperança renascida.

Confiança recuperada. Andréa fez uma pausa de um minuto e gesticulou dramaticamente para Mallory, Miller e Brown.

— Esses não são soldados comuns, são homens de Jellicoe do Serviço do Barco Especial.

— Diga-me algo que eu não tenha adivinhado sozinho — rugiu Turzig. — O Conde Inglês tem sido um espinho na nossa carne nos últimos meses. Se é tudo que tem para dizer-me, gordo...

— Espere! — Andréa levantou sua mão. — Não são homens comuns, mas uma força especialmente escolhida — uma unidade de assalto é como se chamam — que voaram no último domingo à tarde de Alexandria a Castelrosso. Saíram nessa mesma noite de Castelrosso num barco a motor.

— Um torpedeiro — concordou Turzig. — Até agora nada de novo. Continue.

— Já sabiam! Mas como...?

— Não lhe interessa como. Apresse-se!

— Naturalmente, tenente, naturalmente. — Nem um esgar no seu rosto traiu o alívio de Andréa. Este era o único ponto perigoso de sua história. Nicoli, é claro, prevenira os alemães, mas não achara necessário mencionar a presença de um gigante grego no grupo. Naturalmente não havia razão para fazer menção especial — mas se tivesse feito, seria o fim de tudo.

— O torpedeiro aportou em algum ponto das ilhas ao norte de Rodes. Não sei onde. Lá eles roubaram uma lancha, navegaram até as águas turcas, encontraram um grande barco alemão de patrulha e o afundaram. — Andréa parou para dar mais efeito. — Nessa hora eu estava a menos de meia milha de distância no meu barco de pesca.

Turzig inclinou-se para a frente.

— Como conseguiram afundar um barco tão grande? — Estranho como pareça ele não duvidava que tivesse sido afundado.

— Fingiram ser pescadores inofensivos como eu. Já tinham-me parado, investigado e eu já saíra de perto. — Andréa disse santamente. — De qualquer modo seu barco de patrulha encostou na velha lancha. Bem ao lado. Subitamente os fuzis dispararam de ambos os lados, duas caixas voaram pelo ar, para dentro das máquinas de seu barco, acho eu, e pum! — Andréa gesticulou dramaticamente. — Isso foi o seu fim!

— Nós imaginávamos... — Turzig disse baixinho. — Bem, prossiga.

— Imaginava o que, tenente? — Os olhos de Turzig se estreitaram e Andréa continuou rapidamente.

— O intérprete deles morrera na luta. Eles me pegaram falando inglês — passei muitos anos em Chipre — raptaram-me, deixaram meus filhos com o barco...

— Por que desejavam eles um intérprete? — Turzig perguntou desconfiado. — Há muitos oficiais ingleses que falam grego.

— Vou chegar lá — disse Andréa com impaciência. — Como, em nome de Deus, espera que eu termine minha história se fica me interrompendo o tempo todo? Onde estava? Ah, sim! Eles me forçaram a vir junto e seu motor enguiçou. Não sei o que aconteceu, mantiveram-me embaixo. Acho que estávamos em alguma enseada, consertando o motor, então houve uma tremenda bebedeira — o senhor não acreditaria, tenente Turzig, que homens numa missão desesperada ainda se embebedem — e então saímos outra vez.

— Pelo contrário, eu acredito. — Turzig balançava afirmativamente sua cabeça como num entendimento secreto. — Eu

acredito, realmente.

— Acredita mesmo? — Andréa tratou de parecer desapontado. — Bem, pegamos uma horrível tempestade, arrebatamos o barco no penhasco sul dessa ilha e escalamos...

— Pare! — Turzig recuara subitamente a suspeita brilhante em seus olhos. — Quase acreditei! Acreditei porque sabemos mais do que pensa e até agora só disse a verdade. Mas agora não. Você é esperto, gordo, mas não tão esperto quanto pensa. Somos do *Württembergisches Gebirgsbataillon* — conhecemos montanhas, meu amigo, melhor que qualquer outra tropa do mundo. Eu mesmo sou prussiano, mas escalei tudo que pode ser escalado nos Alpes e Transilvânia — e declaro que o penhasco sul não pode ser escalado. É impossível!

— Impossível talvez para o senhor. — Andréa sacudiu sua cabeça tristemente. — Esses aliados malditos o derrotariam. São espertos, tenente Turzig, terrivelmente espertos.

— Explique-se — ordenou Turzig rispidamente.

— Só isso. Sabiam que todos achavam que o penhasco sul não poderia ser escalado. Então resolveram fazê-lo. Nunca imaginariam que isso pudesse ser feito, que uma expedição desembarcasse em Navarone dessa maneira. Mas os aliados toparam a parada e descobriram um homem para liderar a expedição. Não sabia falar grego, mas isso não tinha importância pois queriam um homem que soubesse escalar — então escolheram o maior alpinista do mundo. — Andréa parou para dar mais efeito e agitou seu braço dramaticamente. — E este é o homem que escolheram, tenente Turzig. Se o senhor é alpinista também, deve conhecê-lo. Seu nome é Mallory — Keith Mallory da Nova Zelândia.

Houve uma súbita exclamação, o barulho de um botão e Turzig deu dois passos a frente, acendeu a lanterna quase dentro dos olhos de Mallory.

Fixou por dois segundos o rosto desviado do neozelandês, depois, lentamente, baixou seu braço, o áspero foco de luz fazendo um círculo branco na neve a seus pés. Uma, duas, meia dúzia de vezes, Turzig balançou a cabeça em vagaroso entendimento.

— Naturalmente — murmurou. — Mallory — Keith Mallory. É claro que o conheço. Não há nem um só homem em minha *Abteilung* que não tenha ouvido falar de Keith Mallory. — Sacudiu a cabeça. — Deveria tê-lo reconhecido, deveria tê-lo reconhecido imediatamente. — Ficou por uns momentos com a cabeça inclinada, olhando distraidamente a ponta de sua bota direita na neve macia, depois levantou a vista abruptamente. — Antes da guerra, e mesmo durante, eu ficaria orgulhoso de tê-lo conhecido, feliz de encontrá-lo. Mas não aqui, não agora. Nunca mais. Por Deus que desejava que tivessem mandado outra pessoa. — Hesitou, resolveu continuar, depois mudou de idéia, virou-se tristemente para Andréa. — Minhas desculpas, gordo. Realmente você estava falando a verdade. Continue.

— Lógico! — O rosto de lua cheia de Andréa era a imagem da felicidade. — Escalamos o rochedo, como eu dizia — embora o rapaz que está na caverna estivesse muito ferido — e silenciámos o guarda. Mallory matou-o. — Andréa acrescentou sem corar. — Foi uma luta leal. Passamos metade da noite atravessando a fronteira e achamos a caverna antes do amanhecer. Estávamos quase mortos de fome e de frio. E ficamos aqui desde então.

— E nada aconteceu?

— Ao contrário. — Andrea parecia estar-se divertindo enormemente, satisfeito de ser o foco de atenção. — Duas pessoas vieram ver-nos. Não sei quem eram. Conservaram seus rostos escondidos o tempo todo. Nem sei de onde vieram.

— Foi bom que falasse nisso — disse Turzig secamente. — Sabia que alguém esteve aqui. Reconheci o fogão. Pertence ao capitão Skoda.

— É mesmo? — Andréa ergueu suas sobrancelhas numa polida surpresa. — Não sabia. Bem, eles conversaram algum tempo e...

— Deu um jeito de ouvir alguma coisa do que conversavam? — interrompeu Turzig. A pergunta saiu tão naturalmente, tão espontaneamente que Mallory reteve a respiração. Fora bem planejada. Andréa tropeçaria nisso, não poderia evitá-lo. Mas Andréa era um homem inspirado naquela noite.

— Se ouvi alguma coisa! — Andréa manteve seus lábios cerrados com enorme paciência, olhou para os céus num apelo exasperado. — Tenente Turzig, quantas vezes preciso dizer que sou o intérprete? Eles só podiam falar por meu intermédio. Claro que sei do que falaram. Vão dinamitar os grandes canhões no porto.

— Eu não pensava que eles tivessem vindo para tratar da saúde! — disse Turzig acremente.

— Ah, mas o senhor não sabe que eles têm os planos da fortaleza. Não sabe que Kheros vai ser invadida sábado de manhã. Não sabe que estão em contato com Cairo o tempo todo pelo rádio. Não sabe que os destróieres da Marinha britânica vêm pelo estreito de Midos na sexta-feira assim que os canhões tenham sido silenciados. Não sabe...

— É o bastante! — Turzig bateu com as mãos, seu rosto aceso de animação. — A Marinha Real, eh! Maravilhoso! Maravilhoso! Isto é o que queríamos ouvir. Mas é o bastante! Guarde o resto para o capitão Skoda e o Comandante da fortaleza. Temos que ir. Mas antes — mais uma coisa. Os explosivos — onde estão?

Os ombros de Andréa caíram de desânimo, abriu os braços, palmas para cima.

— Ah, tenente Turzig, isso não sei. Tiraram daqui e esconderam — falaram que a caverna estava ficando quente demais. — Indicou com a mão para o desfiladeiro oeste na direção diametralmente oposta à cabana de Leri. — Naquela direção, acho eu. Mas não posso ter certeza porque não me disseram nada. — Olhou amargamente para Mallory. — Esses ingleses são todos iguais. Não confiam em ninguém.

— Deus sabe que não os culpo por isso — Turzig disse com sinceridade. Olhou para Andréa com desprezo. — Mais do que nunca gostaria de lhe ver balançando no mais alto cadafalso de Navarone. Mas *Herr Kommandant* é um homem bondoso e recompensa os delatores. Você pode até viver para trair mais alguns companheiros.

— Obrigado, muito obrigado, muito obrigado! Sabia que era leal e justo. Prometo, tenente Turzig.

— Cale-se! — Turzig disse desdenhosamente. Passou a falar em alemão. — Sargento, amarre esses homens. E não esqueça do gordo! Mais tarde podemos desamarrá-lo e ele poderá carregar o homem ferido para o posto. Deixe um homem de guarda. O resto vem comigo — temos de encontrar os explosivos.

— Não poderíamos obrigar um deles a dizer-nos, senhor? — O sargento aventurou.

— O único que nos diria, não pode. Já nos disse tudo que sabe. Quanto ao resto... bem eu estava enganado sobre eles, sargento. — Virou-se para Mallory, inclinou sua cabeça levemente, e falou em inglês: — Um erro de julgamento, *Herr* Mallory. Estamos todos muito cansados. Quase sinto ter-lhe batido.

Fez meia volta abruptamente e rapidamente subiu o declive. Dois minutos mais tarde somente um soldado solitário foi deixado de guarda.

Pela décima vez Mallory mudou sua posição incômoda e forçou a corda que mantinha suas mãos juntas atrás das costas, pela décima vez reconheceu a futilidade dessas duas ações. Não importa como se torcesse ou virasse, a neve molhada se infiltrava em suas roupas até se sentir gelado até os ossos e tremendo constantemente com o frio; e o homem que dera esses nós conhecia seu ofício bem demais. Mallory imaginou irritado se Turzig e seus homens pretendiam passar a noite toda procurando os explosivos; já se tinham ido há mais de meia hora.

Relaxou, deitou sobre um lado na neve alcochoada da margem da vala, e olhou pensativamente para Andréa que estava sentado ereto bem em frente a ele. Observava Andréa que de cabeça baixa e ombros curvados fizera um único e titânico esforço para libertar-se das cordas depois do guarda lhes acenar para que sentassem; vira as cordas morderem até quase entrarem na carne e o imperceptível movimento de seus ombros quando desistiu. A partir de então o gigante grego sentara-se imóvel e satisfazia-se em olhar aborrecido para o sentinela no modo ofendido de alguém que tivesse sido tremendamente injustiçado. Aquele solitário teste da força das cordas fora suficiente. O tenente Turzig tinha olhos

aguçados e acharia que pulsos sangrentos, inchados e rosados não combinariam com o caráter que Andréa criara para si. Uma criação magistral, pensou Mallory, ainda mais impressionante por sua espontaneidade e improvisação. Andréa dissera tanta verdade, tanta coisa verificada ou que era fácil de verificar, que a crença no resto de sua história fora consequência quase automática. E, ao mesmo tempo, não dissera a Turzig nada de importante, nada que os alemães não descobrissem sozinhos — exceto a planejada evacuação de Kheros pela Marinha. Contrariado, Mallory recordou seu espanto, sua chocada descrença quando ouvira Andréa contando aquilo, mas Andréa raciocinara mais rápido. Era bastante provável que os alemães tivessem adivinhado de qualquer maneira. Raciocinariam que um ataque dos ingleses aos canhões de Navarone, ao mesmo tempo do assalto alemão em Kheros, seria um pouco de coincidência demais. Novamente a fuga dependeria de quão profundamente Andréa conseguisse convencer seus captores, de que era realmente o que pretendia ser e a relativa liberdade de ação que pudesse por conseguinte ganhar. Não havia dúvidas de que tinham sido as notícias da exposta evacuação que inclinaram a balança da parte de Turzig: e o fato de Andréa ter dado sábado como a data da invasão só daria maior peso, pois fora a data original de Jensen — obviamente uma falsa informação alimentada por seus agentes à Inteligência alemã que sabia ser impossível esconder os preparativos da invasão e, finalmente, se Andréa não contasse a Turzig sobre os destróieres não daria convicção às suas palavras e todos poderiam terminar nos cadafalsos da fortaleza, os canhões permaneceriam intactos e destruiriam os navios de qualquer maneira.

Era tudo muito complicado, complicado demais para o estado de sua cabeça. Mallory suspirou e mudou o olhar de Andréa na direção dos outros dois. Brown e Miller, agora conscientes, estavam ambos sentados eretos, mãos atadas por trás das costas, olhos baixos fixos na neve, de vez em quando sacudindo as cabeças tontas de um lado para outro. Mallory podia facilmente avaliar como se sentiam. Todo o lado direito de seu rosto doía terrivelmente sem parar. Cabeças doloridas e quebradas por toda a

parte, Mallory pensou amargamente. Imaginou como se sentiria Andy Stevens, olhou, sem dar-lhe importância, por sobre o sentinela para a escura boca da caverna, sufocado por um súbito, quase incompreensível choque.

Lentamente, com infinito e estudado descuido, deixou seus olhos se afastarem da caverna e se cravarem indiferentemente no sentinela que estava sentado no transmissor de Brown, curvado vigilante sobre o Schmeisser apoiado no joelho, dedo curvo no gatilho. Deus permita que ele não se vire, Mallory repetiu para si mesmo dezenas de vezes. Deus permita que ele não se vire. Deixe que ele fique assim por mais um pouco, só por mais um pouco... Involuntariamente, Mallory sentiu seu olhar mudar, ser atraído novamente em direção à entrada da caverna.

Andy Stevens estava saindo da caverna, mesmo à luz fraca das estrelas cada movimento era terrivelmente visível enquanto avançava, polegada a polegada, arrastando-se com dificuldade sobre o peito e o ventre, puxando sua perna destroçada. Colocava suas mãos abaixo do peito, levantando-se para cima e para frente enquanto sua cabeça caía abaixo dos ombros pela dor e pelo esgotamento, erguendo-se lentamente na neve macia e úmida, depois repetindo o mesmo processo. Exausto e cheio de dor como o rapaz devia estar, Mallory pensou, sua mente ainda trabalhava; trazia um lençol branco por sobre os ombros e costas como camuflagem contra a neve e trazia na sua mão direita um cravo de alpinista. Devia ter ouvido pelo menos uma parte da conversa de Turzig: havia duas ou três armas na caverna, ele poderia facilmente ter morto o guarda sem sair de lá — mas percebeu que o barulho de um tiro faria os alemães voltarem correndo, e eles chegariam à caverna muito antes dele conseguir rastejar através da vala, e muito antes de libertar qualquer dos amigos.

Stevens tinha de andar cinco jardas, calculou Mallory, cinco jardas no máximo. No fundo da vala onde estavam, o vento sul nada mais era que um sussurro na noite; tirando isso, não havia outro som, nada senão suas próprias respirações, e um movimento ocasional quando alguém estendia a perna gelada ou entorpecida.

Ele será ouvido quando se aproximar mais, pensou Mallory desesperado, mesmo nesta neve macia, está sujeito a ser ouvido.

Mallory inclinou sua cabeça, começou a tossir alto quase sem parar. O sentinela olhou para ele, primeiro surpreso, depois irritado, quando a tosse continuou.

— Quietos — ordenou o sentinela em alemão. — Pare imediatamente com essa tosse.

— *Husten? Husten?* É tosse, não é? Não posso fazer nada — protestou Mallory em inglês. Tossiu novamente, mais alto, mais persistente que antes. — A culpa é de seu tenente — acrescentou. — Quebrou alguns de meus dentes. — Mallory caiu num verdadeiro acesso de tosse, recuperou-se com esforço.

— É minha culpa se estou engasgando em meu próprio sangue? — perguntou.

Stevens estava a menos de dez pés agora, mas sua pequena reserva de força quase no fim. Já não podia mais erguer-se com os braços inteiramente esticados, e avançava algumas ridículas polegadas de cada vez. Por fim, parou completamente, e ficou imóvel por meio minuto. Mallory julgou que ele tivesse desmaiado, mas, pouco a pouco, levantou-se novamente, completamente estendido, e começou a mexer-se para frente quando caiu pesadamente na neve. Mallory começou a tossir outra vez mas muito atrasado. O sentinela pulou da caixa e girou num só movimento, a boca mortífera da Schmeisser dirigida contra o corpo quase a seus pés. Quando verificou quem era, relaxou e abaixou o cano da arma.

— Ah! — disse baixinho. — O pássaro deixou seu ninho. Pobre pequeno pássaro. — Mallory estremeceu quando viu o arremesso da arma para trás pronta para amassar a cabeça indefesa de Stevens, mas o sentinela era homem bondoso, sua reação fora puramente automática. Parou a arma algumas polegadas acima do rosto torturado, e quase gentilmente removeu o cravo da fraca mão ameaçadora e jogou-o longe para a outra extremidade da vala. Depois levantou Stevens pelos ombros cuidadosamente, colocou o lençol dobrado como travesseiro para a cabeça inconsciente, contra

o frio cortante da neve, sacudiu sua cabeça pensativo, e tristemente voltou para seu lugar sobre a caixa de munições.

Hauptmann Skoda era um homem baixo e magro, perto dos quarenta, de aspecto limpo, elegante, e completamente perverso. Havia algo de ruim inato naquele pescoço longo que se esticava flácido sobre seus ombros acolchoados, algo de repelente na cabeça em forma de bala incongruentemente pequena, pousada acima deles. Quando os finos lábios pálidos se abriam num sorriso, o que era freqüente, revelavam uma perfeita dentadura; longe de alegrar seu rosto, o sorriso só reforçava a pele amarelada esticada anormalmente contra o nariz aquilino e as maçãs do rosto salientes, a ruga da cicatriz de sabre que dividia a face esquerda desde a sobrancelha até o queixo: e sorrisse ou não as pupilas dos olhos profundos permaneciam sempre as mesmas, sem expressão, negras e vazias. Mesmo naquela hora matutina — ainda não eram seis horas — estava imaculadamente vestido, barbeado, o cabelo escasso e negro brilhando com pronunciadas entradas sobre as têmporas, penteado para trás. Sentado atrás de uma mesa de tampo liso, o único móvel existente na sala de guarda, ladeada por bancos, somente a metade superior de seu corpo estava visível; mesmo assim percebia-se instintivamente que o vinco das calças e a graxa das botas estavam impecáveis.

Ele sorria freqüentemente e sorria agora quando o tenente Turzig terminou o relatório. Recostando-se bem para trás, cotovelos nos braços da cadeira, Skoda pousou seus dedos enlaçados embaixo do queixo e sorriu com benevolência à volta da sala. Os olhos vazios e preguiçosos nada perdiam: o guarda na porta, os dois guardas atrás dos prisioneiros atados. Andréa sentado no banco onde tinha acabado de colocar Stevens — um rápido olhar indolente encampou tudo e todos.

— Muito bem, tenente Turzig! — comentou. — Muito eficiente, realmente muito eficiente. — Olhou especulativamente para os três homens que estavam de pé a sua frente, as suas faces machucadas e manchadas de sangue, mudou o olhar para Stevens que jazia

quase inconsciente no banco, sorriu novamente e permitiu-se um leve levantar de sobrancelhas. — Um pouco de trabalho talvez, Turzig? Os prisioneiros não, ah... não cooperaram?

— Não ofereceram resistência, absolutamente nenhuma resistência — Turzig disse secamente. O tom, o modo, a maneira eram delicados e corretos, mas o desprezo, a latente hostilidade estavam espelhados em seus olhos. — Meus homens foram talvez um pouco entusiásticos. Não queríamos cometer um erro.

— Muito bem, tenente, muito bem. — Skoda murmurou aprovadamente. — São homens perigosos e não se pode facilitar com tais homens. — Empurrou sua cadeira para trás, levantou-se lentamente, andou em volta da mesa e parou em frente a Andréa. — Exceto talvez esse, tenente?

— Esse só é perigoso para seus amigos. — Turzig disse rispidamente. — É como lhe contei, senhor. Trairia sua própria mãe para salvar a pele.

— E jura amizade a nós, eh? — Skoda perguntou pensativamente. — Um de nossos galantes aliados, tenente. — Skoda estendeu uma mão e deixou-a cair com força no rosto de Andréa, o anel de sinete no seu dedo anular rasgando pele e carne. Andréa gritou de dor e recuou, sua mão direita levantada protegendo a cabeça numa defesa muda.

— Um notável elemento para as forças armadas do Terceiro Reich — murmurou Skoda. — Não se enganou, tenente. Um covarde — a reação instintiva de um homem ferido é um guia infalível. É estranho — refletiu — que freqüentemente os homens grandes são assim. Deve ser um processo de compensação da natureza... Qual seu nome, meu bravo amigo?

— Papagos — Andréa murmurou surdamente — Peter Papagos. — Tirou sua mão do rosto, olhou para ela com olhos aos poucos arregalados de horror, começou a esfregá-la na calça com movimentos apressados e desajeitados. A repugnância visível no rosto, Skoda observou-o divertido.

— Não gosta de ver sangue, não é, Papagos? — comentou. — Especialmente seu próprio sangue?

Alguns segundos passaram-se em silêncio, depois Andréa ergueu sua cabeça subitamente, seu rosto refletindo a dor. Parecia que ia começar a chorar.

— Só sou um pobre pescador, Excelência! — ele prorrompeu. — O senhor ri de mim e diz que não gosto de sangue, o que é verdade. Nem gosto de sofrimento e guerra. Não quero tomar parte em nenhuma dessas coisas. — Seus grandes punhos estavam juntos num fútil apelo, sua face cheia de espanto, sua voz erguida um oitavo. Era uma exibição magistral de desespero e até Mallory viu-se acreditando nela.

— Por que não me deixam em paz? — continuou pateticamente. — Deus sabe que não sou homem de luta...

— Uma afirmação bastante precisa — interrompeu Skoda secamente. — Esse fato deve ser óbvio para qualquer pessoa na sala a esta altura. — Bateu seus dentes na piteira de jade, seus olhos observadores. — Você se diz pescador.

— É um maldito traidor! — Mallory interrompeu. O comandante começava a se tornar interessado demais em Andréa. No mesmo instante, Skoda virou-se e postou-se na frente de Mallory com as mãos juntas atrás das costas, balançando-se nos calcanhares e dedos do pé, e olhou-o numa inspeção crítica.

— Ah — disse pensativamente. — O grande Keith Mallory! Um tipo diferente de nosso amigo gordo e medroso no banco, não é, tenente? — Não esperou resposta. — Qual o seu posto, Mallory?

— Capitão — respondeu Mallory rapidamente.

— Capitão Mallory, hein? Capitão Keith Mallory, o maior alpinista de nossos dias, o ídolo da Europa antes da guerra, o conquistador dos montes mais inacessíveis — Skoda sacudiu sua cabeça tristemente. — E pensar que tudo terminaria dessa maneira... Não sei se a posteridade gravará sua última escalada entre as mais importantes. Só há dez degraus conduzindo ao cadafalso da fortaleza de Navarone. — Skoda sorriu. — Não é uma lembrança muito animadora, é, capitão Mallory?

— Eu nem pensava nisso — respondeu alegremente o neozelandês. — O que me preocupa é seu rosto. — Franziu a testa.

— De um modo ou de outro estou certo de que já o vi antes, ou então era algo parecido com ele. — Sua voz caiu no silêncio.

— Realmente? — Skoda estava interessado. — Nos Alpes berneses talvez? Frequentemente, antes da guerra...

— Já sei! — O rosto de Mallory animou-se. Sabia o risco que corria mas qualquer coisa que concentrasse a atenção nele, excluindo Andréa, era justificável. Disse para Skoda. — Foi há três meses, num jardim zoológico, no Cairo. Uma águia que foi capturada no Sudão. Uma águia muito velha e esquelética, acho eu. — Continuou Mallory em tom de escusa — mas exatamente o mesmo pescoço magro, o mesmo rosto bicudo, a cabeça careca.

Mallory parou abruptamente e recuou fora do alcance de Skoda, que com o rosto lívido e dentes brilhando contraídos de raiva, avançara para ele de punho erguido. O golpe levava toda a força de Skoda mas a raiva obscureceu seu reflexo e o punho caiu no vazio inofensivamente, ele cambaleou, equilibrou-se, depois caiu no chão com um grito de dor quando a pesada bota de Mallory atingiu-o rápido na coxa logo acima do joelho. Mal tocara o chão, levantou-se como um gato, deu um passo para a frente e tendo sua perna ferida falseado caiu de novo pesadamente.

Houve um momento de espantada quietude em toda a sala, depois Skoda ergueu-se com esforço, segurando-se na extremidade da pesada mesa. Respirava rapidamente, os lábios finos eram uma linha branca e dura, a cicatriz de sabre resplandecia vermelha no rosto amarelo, agora completamente lívido. Não olhou nem para Mallory nem para ninguém, mas lentamente, deliberadamente, num silêncio quase apavorante, começou a voltar para trás da mesa, o barulho de suas mãos deslizando no tampo do couro, rasgando penetrantemente os nervos tensos de todos.

Mallory ficou imóvel observando-o com rosto inexpressivo, amaldiçoando-se por sua loucura. Tinha-se excedido. Não havia dúvida — nem podia haver dúvida na mente de qualquer um naquela sala — que Skoda pretendia matá-lo: e ele Mallory não morreria. Só Skoda e Andréa morreriam: Skoda pela faca que Andréa ia atirar — Andréa estava enxugando o sangue de seu rosto com a parte de dentro da manga, a ponta de seus dedos a poucos

centímetros da navalha — e Andréa pelos fuzis dos guardas, pois a faca era tudo que tinha. Louco, seu louco, maldito e estúpido louco, Mallory repetia para si mesmo uma dezena de vezes. Virou a cabeça ligeiramente e olhou com o canto do olho para o sentinela mais próximo. Mais próximo, mas ainda distante seis ou sete pés. O sentinela o atingiria, Mallory sabia disso, a força das balas daquela Schmeisser o cortaria em dois antes que pudesse cobrir a distância. Mas tentaria. Devia tentar. Era o mínimo que devia a Andréa.

Skoda alcançou seu lugar atrás da mesa, abriu uma gaveta e levantou uma arma. Uma automática, Mallory observou friamente — pequena, azulada, um brinquedo. — Mas um brinquedo mortífero, a espécie de arma que julgava que Skoda tivesse. Sem se apressar, Skoda soltou o botão, verificou o tambor, deitou a arma na palma da mão, abriu a segurança protetora e olhou para Mallory. Seus olhos não se tinham alterado nem um pouco — estavam frios, negros e vazios como sempre. Mallory arriscou um olhar para Andréa e ficou tenso quando viu seu movimento para trás. Aí está, pensou selvagememente, eis como tolos malditos como Keith Mallory morrem — e então súbita e inconscientemente, relaxou, pois seus olhos ainda em Andréa viram este fazer o mesmo, a enorme mão deslizando à vontade no pescoço sem nenhum sinal de faca.

Houve um barulho na mesa e Mallory teve tempo de ver Turzig arriar a mão armada de Skoda em cima da mesa.

— Isso não, senhor — implorou Turzig. — Por amor de Deus, não desta maneira.

— Tire suas mãos daqui — murmurou Skoda. Os olhos inexpressivos não abandonaram o rosto de Mallory. — Ordeno que tire suas mãos daqui a não ser que queira ter o mesmo fim do capitão Mallory.

— Não pode matá-lo! — Turzig persistiu obstinadamente. — Não pode. As ordens de *Herr Kommandant* foram muito claras, capitão Skoda. O líder deve ser trazido vivo.

— Foi morto quando tentava escapar — disse Skoda com voz rouca.

— Não adianta — Turzig sacudiu a cabeça. — Não podemos matá-los todos, e os outros prisioneiros falarão. — Relaxou o aperto

das mãos de Skoda. — Vivo, disse *Herr Kommandant*, mas não disse quão vivo. — Abaixou a voz confidencialmente — talvez tenhamos alguma dificuldade em fazer o capitão Mallory falar — sugeriu.

— O quê? O que disse? — Abruptamente o esgar de um sorriso maligno voltou a brilhar e Skoda estava completamente dono da situação novamente. — O senhor é super-zeloso. Recorde-me de falar sobre isso noutra ocasião. O senhor me subestima; isto é exatamente o que eu estava tentando fazer, assustar Mallory e fazê-lo falar. E agora estragou tudo. — O sorriso ainda estava em seus lábios, a voz era leve quase bem-humorada, mas Mallory não tinha ilusões. Devia sua vida ao jovem tenente do W.G.B. — como seria fácil respeitar e criar amizade por um homem como Turzig se não fosse por essa maldita e louca guerra. Skoda estava em pé na frente dele novamente: deixara a arma sobre a mesa.

— Chega dessa loucura, sim, capitão Mallory? — Os dentes do alemão brilhavam na clara luz das lâmpadas nuas lá em cima. — Não temos a noite toda, não é?

Mallory olhou para ele, depois desviou a vista em silêncio. Estava bastante quente, quase abafado, nesta pequena prisão, mas estava consciente de um súbito e incrível calafrio: de repente convenceu-se sem saber porque, mas com total certeza, de que aquele homenzinho à sua frente era completamente perverso.

— Bem, bem, bem, não estamos muito conversadores, estamos, meu amigo? — cantarolou para si mesmo, levantou a vista abruptamente, o sorriso maior do que antes. — Onde estão os explosivos, capitão Mallory?

— Explosivos? — Mallory levantou a sobrancelha interrogativamente. — Não sei do que está falando.

— Ah, bem. — Skoda cantarolou baixinho novamente e dirigiu-se para a frente de Miller. — E quanto a você, meu amigo?

— Claro que me lembro — disse Miller à vontade. — O capitão explicou tudo errado.

— Um homem inteligente! — Skoda murmurou, mas Mallory podia jurar que havia um tom de desapontamento oculto em sua voz. — Continue, meu amigo.

— Capitão Mallory não dá atenção aos detalhes — disse Miller baixinho. — Eu estava com ele naquele dia. Está insultando um nobre pássaro. Era um urubu, não uma águia.

Por um segundo apenas o sorriso de Skoda desapareceu, depois retornou tão fixo e sem vida como se tivesse sido pintado.

— Homens muito, mas muito espirituosos mesmo, não acha, Turzig? O que os ingleses chamariam de comediantes de *music hall*. Deixe que riem enquanto podem, até que o laço da força comece a apertar... — Olhou para Casey Brown. — Talvez você...

— Por que não vai ver se estou na esquina? — Brown grunhiu.

— Ver na esquina? O sentido da piada me escapa mas não creio que seja um cumprimento. — Skoda tirou um cigarro de dentro de uma fina cigareira e pensativamente bateu-o contra a unha do polegar.

— Hum. Não são exatamente o que chamaríamos de cooperadores, tenente Turzig.

— Não vai conseguir que esses homens falem, comandante. — Havia uma certeza categórica na voz de Turzig.

— Talvez não, talvez não. — Skoda estava bastante sereno. — Entretanto terei a informação que quero e dentro de cinco minutos. — Saiu sem se apressar de sua mesa, apertou um botão, enfiou o cigarro na piteira de jade e recostou-se contra a escrivaninha, cada ação traduzindo arrogância e desprezo, até o cruzar displicente das brilhantes botas de cano longo.

Subitamente, uma porta lateral foi totalmente aberta e dois homens cambalearam para dentro da sala empurrados pelo cano do fuzil. Mallory susteve a respiração e sentiu as unhas cravarem-se selvagememente nas palmas de suas mãos. Louki e Panayis! Louki e Panayis amarrados e sangrando. Louki com um corte acima do olho, Panayis com uma ferida na cabeça. Então eles os pegaram também e apesar de seus avisos. Ambos estavam em mangas de camisa: Louki sem seu magnífico casaco de dragonas, sem sua *tsanta* carmim e o pequeno arsenal de armas que carregava metido por baixo dela. Parecia estranhamente patético e desesperador — estranhamente, porque estava vermelho de raiva e o bigode mais ferozmente eriçado do que nunca. Mallory olhou para ele com os

olhos inteiramente vazios de qualquer conhecimento, o rosto inexpressivo.

— Vamos, vamos, capitão Mallory — Skoda disse repreensivo. — Não tem nenhuma palavra de saudação para dois velhos amigos? Não? Ou talvez esteja somente transtornado? — sugeriu mansamente. — Não esperava revê-los tão cedo, não é, capitão Mallory?

— Que golpe baixo é esse? — Mallory perguntou com desprezo. — Nunca vi esses dois homens antes em minha vida. — Seus olhos encontraram-se com os de Panayis e demoraram-se involuntariamente: o ódio escuro que transparecia naqueles olhos, a malevolência feroz, era apavorante.

— Claro que não — Skoda suspirou cansado. — Oh, é claro que não. A memória é tão curta, não é, capitão Mallory? — O suspiro era teatro puro. Skoda divertia-se imensamente, como gato brincando com rato. — Entretanto tentaremos novamente. — Virou-se, andou para o banco onde jazia Stevens, puxou o cobertor e antes que qualquer um pudesse adivinhar suas intenções bateu com a parte de fora de sua mão direita contra a perna amassada de Stevens bem acima do joelho... Todo o corpo de Stevens pulou num espasmo convulsivo, mas sem um gemido: estava completamente consciente, sorrindo para Skoda, o sangue caindo do queixo de onde seus dentes tinham cortado o lábio inferior.

— Não devia ter feito isso, capitão Skoda — disse Mallory. Sua voz era quase um sussurro, mas incomumente retumbante no silêncio gelado da sala... — Vai morrer por causa disso, capitão Skoda.

— Não diga. Eu vou morrer, não é? — Novamente bateu na perna fraturada, também sem reação. — Então, posso morrer duas vezes, eh, capitão Mallory? Esse jovem é muito, muito duro, mas os ingleses têm coração mole, não têm, meu caro capitão? — Delicadamente sua mão escorregou para baixo da perna de Stevens e apertou o tornozelo enfaixado. — Tem exatamente cinco segundos para dizer-me a verdade, capitão Mallory, ou então será obrigado a arrumar novamente essas talas. *Gott in Himmel!* O que há com esse grande idiota?

Andréa dera uns passos a frente e estava de pé, a cerca de uma jarda, balançando-se nos pés.

— Deixem-me sair! Deixem-me ir para fora! — A respiração veio-lhe em espasmos, curtos e rápidos. Curvou sua cabeça, uma mão na garganta outra sobre o estômago — Não posso suportar! Ah! Ah! Preciso de ar!

— Ah, não, meu caro Papagos, vai ter que ficar e divertir-se. Cabo! Rápido! — Observara os olhos de Andréa virarem para cima até aparecer o branco apenas. — O tolo vai desmaiar! Levem-no antes que caia em cima de nós.

Mallory teve uma rápida visão dos guarda correndo, a expressão de incrédulo desprezo no rosto de Louki, depois lançou um olhar para Miller e Brown, recebeu de volta o leve piscar da pálpebra do americano e a milimétrica inclinação da cabeça de Brown. Mesmo quando os dois guardas pegaram Andréa por trás e levantaram os braços flácidos a volta dos ombros, Mallory relanceou a vista um pouco para a esquerda, viu o guarda mais próximo a menos de quatro pés de distância agora, absorto no espetáculo do gigante cambaleante. Fácil, fácilimo. A arma a seu lado: atingiria-o num abrir e fechar de olhos antes que soubesse o que estava acontecendo...

Fascinado, Mallory observou os antebraços de Andréa escorregando calmamente pelos ombros dos guardas que o amparavam até que seus pulsos descansaram à vontade ao lado de seus pescoços, palmas viradas para dentro. Então, num súbito pulo, os enormes músculos daqueles ombros saltaram e Mallory atirou-se convulsivamente para o lado e para trás, seu ombro atingindo com força feroz o estômago do guarda abaixo do osso do peito: um explosivo uf! de dor, o estouro contra as paredes de madeira da sala, e Mallory sabia que o guarda ficaria fora de ação por algum tempo.

Mesmo enquanto mergulhava, Mallory ouvira o terrível barulho das cabeças chocando-se. Agora que virara, teve uma rápida visão de outro guarda jogado no chão sob os pesos combinados de Miller e Brown e depois Andréa arrancando um rifle de repetição do guarda que estivera ao lado de seu ombro direito; a

Schmeisser estava aninhada em sua mão mirando o peito de Skoda antes que o homem, inconsciente, caísse no chão.

Por um segundo, dois talvez, todo movimento da sala cessou, cada som como que cortado pela lâmina de uma faca: um silêncio inesperado, absoluto, infinitamente mais clamoroso que o clamor de antes. Ninguém se movia, ninguém falava, ninguém sequer respirava: o choque, a inesperabilidade do que sucedera mantinha-os paralisados.

E então o silêncio transformou-se num estouro sonoro, ensurdecidor naquela sala confinada. Uma, duas, três vezes, sem dizer palavra e com grande cuidado, Andréa atirou no capitão Skoda bem no coração. A força das balas ergueu o homenzinho e atirou-o contra a parede da cabana, pregou-o lá por um incrível segundo, braços abertos como se pregados nas rudes tábuas, numa exagerada crucificação; e então tombou, caiu ao solo como um boneco grotesco e desengonçado, antes de ficar imóvel de costas no chão. Os olhos ainda estavam arregalados, tão frios, escuros e vazios na morte como em vida.

Com sua Schmeisser cobrindo um arco que abrangia Turzig e o sargento, Andréa pegou a navalha de Skoda e cortou as cordas que atavam os pulsos de Mallory.

— Pode segurar essa arma, meu capitão?

Mallory flexionou suas mãos entorpecidas, uma ou duas vezes, concordou e segurou a arma em silêncio. Andréa com três passos chegou atrás da porta que levava à ante-sala, encostou-se à parede esperando e fez sinal a Mallory para ficar tão longe quanto possível, fora do campo visual.

Subitamente a porta abriu-se de par em par. Andréa podia ver a ponta do cano de um rifle além dela.

— Tenente Turzig! *Was ist los? Wer schoss...*

A voz suspendeu-se num grito de agonia quando Andréa esmagou a sola de seu pé contra a porta. Num minuto, contornou a porta, segurou o homem que caía, puxou-o para fora da soleira e entrou na cabana adjacente. Fez uma rápida inspeção, depois fechou a porta, trancando-a por dentro.

— Não há mais ninguém aqui, meu capitão — relatou Andréa.
— Parece que só há um carcereiro.

— Ótimo! Liberte os outros por favor, Andréa. — Virou-se na direção de Louki, sorriu ante a cômica expressão no rosto do homenzinho, a expressão que se espalhou convertendo-se finalmente num sorriso de orelha a orelha que eliminou a incredulidade.

— Onde dormem os homens, Louki, quero dizer, os soldados?

— Numa cabana no meio do campo, major. Esse é o compartimento dos oficiais.

— Campo. Quer dizer?

— Arame farpado — Louki disse sucintamente. — Dez pés de altura e a toda a volta.

— Saídas?

— Uma e é só. Dois guardas.

— Ótimo! Andréa, todos na sala ao lado: não, o senhor não, tenente. Sente-se aqui. — Indicou uma cadeira atrás da mesa. — Alguém pode chegar. Diga que matou um de nós quando tentava escapar. Depois mande chamar os guardas do portão.

Por um momento Turzig não respondeu. Observava Andréa sem o ver, arrastando dois soldados inconscientes pelos colarinhos. Depois sorriu. Era um sorriso estranho.

— Sinto desapontá-lo, capitão Mallory. Muito já se perdeu por minha estupidez cega. Não farei isso.

— Andréa! — Mallory chamou baixinho.

— Sim? — Andréa apareceu na soleira da porta da ante-sala.

— Acho que ouço alguém chegando. Há algum meio de sair dessa sala ao lado?

Andréa concordou em silêncio.

— Saia! Pela porta da frente! Pegue sua faca. Se o tenente...
— Mas já estava falando sozinho. Andréa saíra, sumindo pela porta de trás sem barulho como um fantasma.

— O senhor fará exatamente como estou mandando — Mallory disse baixinho. Tomou posição na entrada da sala ao lado, de onde podia ver a porta da frente, entre a porta e o umbral seu rifle automático estava apontado para Turzig. — Se não o fizer,

Andréa matará o homem à porta. Depois mataremos o senhor e os guardas aqui dentro. E então vamos apunhalar os sentinelas no portão. Nove homens mortos, e tudo à toa porque escaparemos de qualquer maneira... Aí está ele. — A voz de Mallory era quase um murmúrio, olhos sem piedade num rosto impiedoso. — Nove homens mortos, tenente, e tudo porque seu orgulho está ferido. — Deliberadamente a última frase foi dita em alemão, fluente, coloquial, e a boca de Mallory contorceu-se quando viu o quase imperceptível movimento de ombro de Turzig. Sabia que vencera, que Turzig iria tentar uma última cartada contando com sua ignorância da língua alemã, e essa última esperança se desvanecera.

A porta abriu-se e um soldado apareceu na soleira, respirando pesadamente. Estava armado mas vestido de camiseta e de calças, esquecido do frio.

— Tenente! Tenente! — falou em alemão. — Ouvimos os tiros.

— Não é nada, sargento. — Turzig inclinou a cabeça sobre uma gaveta aberta, fingindo estar procurando algo para provar sua presença solitária na sala. — Um de nossos prisioneiros tentou escapar... Impedimos isso.

— Talvez queira o médico...

— Temo que o tenhamos impedido permanentemente — Turzig sorriu com ar cansado. — Pode organizar os detalhes do enterro pela manhã. Entrementes, peça aos guardas do portão para virem aqui um minuto. Depois vá para a cama, pode morrer de pneumonia.

— Devo destacar uma guarda de...

— Claro que não! — Turzig disse impaciente. — É só por um instante. Além disso os únicos de quem temos que nos guardar já estão aqui. — Seus lábios apertaram-se por um segundo quando se deu conta do que dissera, a inconsciente ironia das palavras. — Apresse-se, homem! Não temos a noite toda. — Esperou até que o som dos passos morresse, depois olhou firmemente para Mallory: — Satisfeito?

— Perfeitamente. E minhas sinceras desculpas. — Mallory disse serenamente. — Odeio ter de fazer isso com um homem como

o senhor. — Olhou de volta para a porta, quando Andréa entrou na sala. — Andréa, pergunte a Louki e Panayis se há uma mesa telefônica nesse bloco de cabanas. Diga-lhes para depredá-la e a qualquer receptor que encontrem. — Sorriu. — Depois volte rápido para receber nossos visitantes do portão. Ficarei perdido sem você no comitê de recepção.

O olhar de Turzig seguiu a saída do gigante.

— Capitão Skoda tinha razão. Tenho muito que aprender. — Não havia nem amargura nem rancor na sua voz. — O grandalhão me enganou, completamente.

— Não foi o primeiro — Mallory assegurou-lhe. — Ele tem enganado mais gente que pensei... Não foi o primeiro — repetiu. — Mas acho que deve ser o de mais sorte.

— Porque ainda estou vivo?

— Porque ainda está vivo.

Menos de dez minutos mais tarde os dois guardas do portão tinham-se juntado a seus camaradas no quarto dos fundos, capturados, desarmados, amarrados e amordaçados com velocidade e eficiência silenciosas que impressionavam a admiração profissional de Turzig, apesar de sua tristeza. Com as mãos e os pés firmemente amarrados, estava num canto da sala ainda sem mordança.

— Acho que agora entendo porque seu Alto Comando escolheu-o para essa tarefa, capitão Mallory. Se alguém tivesse sucesso, esse alguém seria o senhor. Mas deve falhar. O impossível continuará impossível. Entretanto, tem uma grande equipe.

— Nós nos damos bem — Mallory disse modestamente. Deu um último olhar pelo quarto, depois sorriu para Stevens.

— Pronto para a viagem outra vez, jovem, ou acha que isso está-se tornando monótono?

— Pronto para quando mandar, senhor. — Deitado numa maça conseguida milagrosamente por Louki, suspirou feliz. — Viagem de primeira classe dessa vez, como cabe a um oficial. É puro luxo! Assim não me importo quão longe tenhamos de ir.

— Fale só por você — Miller grunhiu mal-humorado. Ele se colocara à frente da maça e na extremidade mais pesada. Mas o

movimento de suas sobrancelhas tiravam qualquer ofensa das palavras.

— Pronto, então estamos de saída. Uma última coisa. Onde fica o rádio de campo, tenente Turzig?

— Para que possa destruí-lo, acho eu?

— Precisamente.

— Não tenho a menor idéia.

— Que tal se eu ameaçar estourar sua cabeça?

— Não faria isso — Turzig sorriu embora o sorriso fosse um pouco amargo. — Dadas certas circunstâncias, você me mataria como se mata uma mosca. Mas não mataria um homem por se recusar a dar tal informação.

— Não tem tanto para aprender como seu finado e não lamentado capitão pensava — admitiu Mallory. — Também não é tão importante... Sinto termos de fazer tudo isso. Espero que não nos encontremos novamente pelo menos até que a guerra tenha acabado. Quem sabe, algum dia, possamos até ir escalar juntos.

Fez um sinal para Louki colocar a mordaca em Turzig e saiu rapidamente da sala. Dois minutos mais tarde tinham saído dos quartéis e estavam a salvo dentro da escuridão e entre o bosque de oliveiras seguiram para o sul de Margaritha.

Quando abandonaram o bosque, muito tempo depois, era quase de madrugada. Já a silhueta negra de Kostos se esvaecia nas primeiras nuanças cinzas do dia que surgia. O vento vinha do sul e era quente e a neve começava a derreter-se nas colinas

XI

Quarta-Feira

Das 14 às 16 horas.

Durante todo o dia ficaram escondidos no alfarrobal, um espesso bosque de árvores pequenas, retorcidas, que se limitava com o precipício traiçoeiro e sombrio de maldade adjacente ao que Louki chamava “Parque do Diabo”. Um abrigo ruim e inconfortável, mas que, por outro lado, continha tudo que desejavam: oferecia esconderijo, uma posição defensiva de primeira classe, uma suave brisa protegida do mar pelas rochas batidas de sol, ao sul, abrigo do sol que passeava da madrugada ao crepúsculo num céu sem nuvens — e uma incomparável vista de um Egeu brilhante.

Longe, à esquerda, sumindo em tons de azul e roxo, a perder-se de vista, estendiam-se as ilhas das Leradas, a mais próxima delas estava Maidos, tão perto que podiam ver as cabanas isoladas dos pescadores, brilhando claras e brancas sob o sol: por este estreito e intermediário curso de água passariam os navios da Marinha Real no breve espaço de um dia. À direita, e ainda mais longe, tendo como fundo as ingentes montanhas de Anatólia, remotas e sem relevos, a costa da Turquia avançava curvando-se a norte e oeste como uma enorme cimitarra; ao norte, a aguda lança

do cabo Demirci, bordado de rochas porém salpicado de enseadas brancas e arenosas, alargava-se buscando o pálido azul do Egeu; e para o norte, outra vez, além do Cabo, difusa pela distância roxa, a ilha de Kheros jazia sonhadora sobre a superfície do mar.

Era um panorama de cortar o alento, uma beleza deslumbrante, dominando com sua majestade, num grande semi-círculo sobre o mar ensolarado. Mas Mallory não tinha olhos para vê-lo, concedera apenas um olhar fugaz quando viera montar guarda há meia hora, logo depois das duas. Esquecera tudo num rápido mirar e, encostado ao tronco de uma árvore, olhou minutos sem fim, fixou até seus olhos doerem, o que há tanto tempo esperava ver. Esperava ver e viera destruir: os canhões da fortaleza de Navarone.

A cidade de Navarone, uma cidade de quatro a cinco mil habitantes, calculou Mallory, se estendia à volta da profunda, vulcânica meia-lua do porto, uma meia-lua tão profunda, tão fechada que era quase um círculo completo com um único estreito gargalo de entrada ao noroeste, um passo dominado por holofotes, morteiros e baterias de metralhadoras em ambos os lados. Menos de três milhas de distância ao noroeste do alfarrobal cada detalhe, cada rua, cada construção, cada lancha e barca no porto estava claramente visível para Mallory e ele os estudou dezenas de vezes até sabê-los de cor: a maneira como o terreno se elevava ao oeste do porto até as oliveiras, as estradas poeirentas que desciam até a beira d'água; a maneira como o sol ascendia mais acentuadamente ao sul, as ruas agora paralelas à água até o velho povoado; a maneira como os penhascos a leste, penhascos marcados pelas bombas do Esquadrão Liberador de Torrence, erguiam-se em cento e cinqüenta pés verticais sobre a água, depois curvavam-se vertiginosamente em cima e acima do porto, e o grande amontoado de rocha vulcânica que se elevava mais acima um monte separado do povoado pela alta muralha que terminava no penhasco; e, por fim, a maneira como as duas fileiras gêmeas de canhões antiaéreos, a instalação de radar e os quartéis da fortaleza, plana, estreita, construída por grandes blocos de pedra, dominavam tudo

ao redor, inclusive um profundo corte negro na rocha, abaixo da fantástica saliência do penhasco.

Quase inconscientemente, Mallory concordou consigo mesmo em lenta compreensão. Essa era a fortaleza que desafiara os Aliados durante dezoito longos meses, que dominara toda a estratégia da Marinha nas Esporadas desde que os alemães saíram do continente para as ilhas, que bloqueara toda a atividade naval naqueles triângulos de 2 mil milhas quadradas, entre as Leradas e a costa turca. E agora, ao vê-la, tudo fazia sentido. Inexpugnável ao ataque por terra — a fortaleza cuidava disso —, inexpugnável ao ataque aéreo, Mallory verificou que missão suicida tinha sido mandar o esquadrão de Torrence contra os grandes canhões protegidos por aquele penhasco natural, contra aquelas erigidas fileiras de canhões antiaéreos; e inexpugnável ao ataque por mar — os esquadrões Luftwaffe aguardando em Samos cuidavam disso. Jensen estava certo — só uma missão de sabotagem com guerrilha teria alguma chance: uma chance remota, suicida, mas mesmo assim uma chance, e Mallory sabia que não podia querer mais do que isso.

Abaixou os binóculos, pensativamente, e esfregou os olhos doloridos com as costas das mãos. Por fim, achava que sabia exatamente o que fazer e sentia-se grato pela oportunidade que esse reconhecimento de longo alcance lhe dera de familiarizar-se com o terreno e com a geografia da cidade. Era, provavelmente, o único ponto na ilha que oferecia tal vantagem, tal oportunidade e, ao mesmo tempo, o esconderijo e quase imunidade. E a ele, chefe da missão, não cabia nenhum mérito, refletiu, por tê-lo achado: fora idéia de Louki.

E ele devia muito mais do que isso ao pequeno grego de olhar tristonho, Fora idéia de Louki que subissem primeiro o vale de Margaritha, para dar tempo a Andréa de recuperar os explosivos na cabana do velho Leri e certificar-se de que não havia alvoroço, gritos e perseguição — poderiam ter enfrentado uma ação na retaguarda no bosque das oliveiras até que se perdessem no sopé do Kostos; fora ele quem os guiara de volta por Margaritha, perfazendo o mesmo caminho, e tinha-os feito parar no lado oposto

da cidade enquanto ele e Panayis deslizavam protegidos pelo crepúsculo para pegarem roupas de campo e, na viagem de volta, entraram na garagem da *Abteilung*, arrebataram as bobinas de ignição do carro e caminhão de comando germânico — o único transporte de Margaritha —, e destruíram os distribuidores; fora Louki quem os dirigira por uma profunda trilha até o posto de guarda que bloqueava o caminho na entrada do vale — fora quase ridiculamente simples desarmar os sentinelas, só um estava acordado — e, finalmente, fora Louki que insistira que andassem pela trilha lamacenta central do vale, até chegarem à estrada firme a menos de duas milhas da própria cidade. Cem milhas abaixo, bifurcaram à esquerda por um longo campo de lava em declive que não deixava pegadas e chegaram no alfarrobal exatamente ao anoitecer.

E dera certo. Todas essas etapas cuidadosamente planejadas, pontos que nem mesmo os mais céticos poderiam ignorar e negar, tinham funcionado magnificamente. Miller e Andréa, que dividiram a guarda, viram a guarnição de Navarone passando longas horas na mais intensa busca casa por casa na cidade. Isto tomaria o dia seguinte duplamente, triplamente seguro para eles, conjeturou Mallory. Era improvável que a busca fosse repetida e ainda mais duvidoso que em caso afirmativo fosse levada a cabo com o mesmo entusiasmo. Louki trabalhara bem.

Mallory virou a cabeça para olhá-lo. O homenzinho ainda estava adormecido — aninhado na rampa, atrás de dois troncos de árvores, não se mexera por cinco horas. Ainda morto de cansaço, as pernas doendo e os olhos ardendo por falta de sono, Mallory não se sentia capaz de tirar um momento do descanso de Louki. Ele o merecera e ficara acordado toda a noite precedente. Panayis também, mas este já estava acordado, Mallory notou, tirando os longos e negros cabelos dos olhos: já acordado, pois sua transição do sono para a completa consciência era imediata, tão completa e rápida como a de um gato. Um homem perigoso, Mallory reconhecia, um ser quase desesperado e inimigo feroz, mas nada sabia sobre Panayis, absolutamente nada. Duvidava se jamais o saberia.

Um pouco mais longe no declive, quase no centro do bosque, Andréa construíra uma alta plataforma de ramos quebrados e galhos apoiados num par de troncos de alfarrobeira, talvez por cinco pés de distância, gradualmente enchendo o espaço entre a rampa e as árvores até que a plataforma tivesse quatro pés de largura e tão plana quanto possível. Andy Stevens jazia sobre ela, ainda na maça e ainda consciente. Tanto quanto Mallory se lembrava, Stevens não fechara os olhos desde que Turzig os tirara da caverna nas montanhas. Parecia ter superado a necessidade de sono ou abdicado deste desejo. O odor da perna gangrenada era nauseante, horrível e envenenava o ar ao redor. Mallory e Miller tinham olhado a perna assim que chegaram ao bosque, abriram as ataduras, examinaram, sorriram um para o outro, amarraram tudo novamente, assegurando a Stevens que a ferida estava se fechando. Abaixo do joelho a perna estava quase completamente preta.

Mallory levantou seus binóculos para olhar novamente a cidade, mas abaixou-os quase imediatamente quando alguém descendo a rampa tocou no seu braço. Era Panayis, preocupado, ansioso e com um ar quase zangado. Gesticulava para o sol poente.

— As horas, capitão Mallory? — falava em grego, com uma voz baixa, sibilante, nervosa. Uma voz inevitável, Mallory pensou, para o lado misterioso do homem.

— Que horas são? — insistiu.

— Duas e meia, talvez três — Mallory levantou uma sobrancelha interrogativa. — Você está aborrecido, Panayis. Por quê?

— Devia ter-me acordado. Devia ter-me acordado há horas atrás! — Estava zangado, convenceu-se Mallory. — É minha vez de montar guarda.

— Mas você não dormiu a noite passada — disse Mallory razoavelmente. — Não me parece justo.

— É minha vez de montar guarda, já disse — Panayis disse teimosamente.

— Muito bem, então. Se insiste. — Mallory conhecia o orgulho dos ilhéus para tentar discutir. — Só Deus sabe o que faríamos sem

Louki e você... para fazer-lhe companhia por uns momentos.

— Ah, então é por isso que me deixou dormir!

Os olhos e o tom da voz não disfarçavam a mágoa.

— Não tem confiança em Panayis.

— Ora, pelo amor de Deus! — começou Mallory irritado mas controlou-se e sorriu. — Claro que confio em você.

— Então deve ir dormir um pouco.

— É bondade sua dar-me essa oportunidade. Quer acordar-me daqui a duas horas?

— Claro, claro! — Panayis estava quase radiante. — chamarei, Mallory dirigiu-se para o centro do bosque e esticou-se no lugar que tinha aplainado para si. Por alguns minutos viu Panayis andando sem parar de um lado para outro dentro do perímetro do bosque, perdeu o interesse o viu trepar agilmente entre os ramos de uma árvore, procurando um ponto alto de observação e resolveu seguir o conselho e dormir um pouco enquanto podia.

— Capitão Mallory! Capitão Mallory! — Uma mão sôfrega o sacudia no ombro. — Acorde! Acorde!

Mallory mexeu-se, rolou de costas, sentou-se rápido e, ao mesmo tempo, abriu os olhos. Panayis estava em pé a sua frente. O rosto moreno e taciturno cheio de ansiedade. Mallory chacoalhou a cabeça para acordar direito e num minuto, com um movimento rápido, estava de pé.

— O que há, Panayis?

— Aviões — disse ele rapidamente. — Há um esquadrão de aviões vindo na nossa direção.

— Aviões? Que aviões? De quem?

— Não sei, capitão. Ainda estão longe. Mas...

— Que direção? — Mallory interrogou.

— Vêm do norte.

Juntos correram para a extremidade do bosque. Panayis indicou o norte e Mallory logo avistou as duas agudas asas na luz do sol da tarde. Pensou tristemente; são Stukas mesmo. Sete — não, oito deles — a menos de três milhas de distância, voando em

dois grupos de quatro, 2 mil, certamente não mais que 2 500 pés de altura... Viu que Panayis o puxava pelo braço.

— Vamos, capitão Mallory! — disse excitado. — Não temos tempo a perder! — Puxou Mallory e apontou com o braço estendido para os débeis e quebrados penhascos que se elevavam atrás deles, abrindo um incerto caminho para o interior ou parando tão abruptamente como começavam. — O Parque do Diabo! Temos que ir para lá imediatamente! Imediatamente, capitão Mallory!

— Por quê? — Mallory olhou para ele espantado. — Não há razão para supor que estão atrás de nós. Como poderiam? Ninguém sabe que estamos aqui.

— Não me incomode — Panayis teimava convicto. — Eu sei. Não me pergunte como sei porque também não poderia explicar. Louki lhe dirá. Panayis sabe essas coisas. Eu sei, capitão Mallory, eu sei!

Por um segundo, Mallory fitou-o sem compreender: não havia razão para duvidar da honestidade e da completa sinceridade. Mas era o ritmo entrecortado das palavras como o de uma metralhadora, que pesava na balança do instinto contra o raciocínio. Quase sem perceber, certamente sem saber por quê, Mallory viu-se correndo colina acima escorregando e cambaleando nas pedras do caminho. Encontrou os outros já em pé, tensos na expectativa, mochilas nos ombros, as armas já prontas nas mãos.

— Vamos lá para cima na extremidade das árvores — Mallory gritou. — Rápido! Fiquem lá e protejam-se. Vamos ter que alcançar aquela abertura entre as rochas. — Através das árvores indicou uma fissura desigual pegada ao penhasco a cerca de 40 jardas de onde estava e bem disse Louki por sua previsão escolhendo um lugar como tão adequado refúgio. — Esperem até que eu dê o sinal. Andréa! — Virou-se, depois parou pois suas palavras eram desnecessárias. Andréa já pegara em seus braços o rapaz moribundo, tal como estava na maça entre cobertores e serpenteava para cima da colina por entre as árvores.

— Que há, chefe? — Miller estava ao lado de Mallory quando começaram a subir o declive. — Não vejo nada.

— Mas ouviria se parasse de falar por um momento. — Mallory disse secamente. — Basta dar uma olhada lá para cima.

Miller, abaixado e a menos de doze pés da borda do bosque, torceu e esticou o pescoço para cima. Imediatamente viu os aviões.

— Stukas! — disse incrédulo. — Um esquadrão de amaldiçoados Stukas. Não pode ser, chefe!

— Pode e é — disse Mallory sério — Jensen contou-me que os alemães tinham despojado deles a frente italiana, cerca de duzentos foram retirados nas últimas semanas. — Mallory olhou a esquadrilha agora a menos de meia milha.

— E trouxeram todos esses malditos para o Egeu.

— Mas não estão nos procurando — protestou Miller.

— Temo que sim — disse Mallory com determinação. Os dois grupos de bombardeiros se haviam colocado em formação de linha. — Acho que Panayis tinha razão.

— Mas... mas estão passando ao largo...

— Não estão — Mallory cortou secamente.

— Vieram para ficar. Observe aquele avião que os lidera.

Mal falara, o comandante do vôo inclinou seu Junkers 87 em ângulo agudo para a esquerda, deu meia volta, despencou-se do céu num retumbante mergulho, mirando certo a alfarrobeira.

— Deixe-o! — gritou Mallory. — Não atirem! — O Stuka, com seus freios ao máximo, equilibrou-se no centro do bosque. Nada podia pará-lo agora — porém um disparo com muita sorte poderia fazê-lo cair diretamente em cima deles: as possibilidades eram escassas... — Mantenham as mãos sobre a cabeça — e as cabeças para baixo!

Ignorou seu próprio conselho, seu olhar seguindo o bombardeiro cada pé de sua descida. Quinhentos, quatrocentos, trezentos pés, o contínuo crescendo da poderosa máquina estava começando a martirizar seus ouvidos e o Stuka desviava-se de seu mergulho já tendo descarregado a bomba. A bomba! Mallory sentou-se rapidamente, levantando seus olhos para o azul do céu. Não uma bomba, mas dúzias delas que pareciam empurrar-se umas às outras ao chegarem ao centro do bosque atingindo as árvores pequenas e retorcidas, quebrando os ramos e enterrando-se até

suas aletas no brando e pedregoso declive. Incendiadas! Mallory mal teve tempo de raciocinar que tinham escapado do horror de uma bomba H.E. de 500 quilos quando as incendiárias começaram a sibilar, a entrar em ação, virando uma incandescente brancura de magnésio, que se estendia e destruía completamente a sombria penumbra do alfarrobal. Ao fim de uns segundos o fulgurante resplendor tinha dado lugar a nuvens malcheirosas e espessas, de fumaça acre e negra, fumaça enfeitada por flamejantes línguas vermelhas, a princípio pequenas, depois subindo e retorcendo-se em ascensão até que árvores inteiras foram envolvidas por um casulo de chamas. O Stuka ainda subia de seu mergulho, embora ainda não nivelado, quando o coração do bosque, velho e seco, ardia furiosamente.

Miller virou-se para cima tocando em Mallory para chamar sua atenção por cima do estrondoso crepitar do incêndio.

— Incendiárias, chefe — anunciou.

— O que pensou que usavam? — perguntou Mallory rispidamente. — Fósforos? Estão tentando sufocar-nos, tirar-nos daqui a fogo, pegar-nos no descampado. Os altos explosivos não funcionam tão bem entre árvores. Noventa e nove vezes em cem teria dado certo. — Tossiu quando a fumaça acre entrou em seus pulmões, depois olhou para cima através das copas das árvores com os olhos cheios de lágrimas. — Mas não dessa vez. Não se tivermos sorte. Não se demorem meio minuto mais ou menos. Olhe para essa fumaça!

Miller olhou. Densa, retorcida, salpicada de ferozes chispas, a nuvem rolante já estava a um terço do caminho através da brecha entre o bosque e o penhasco, levada para cima por ventos procedentes do mar. Era uma perfeita cortina de fumaça. Miller concordou.

— Vamos aproveitar a brecha, chefe?

— Não temos escolha, ou vamos ou estamos fritos, ou nos explodem em pedacinhos. Talvez as duas coisas. — Levantou a voz. — Alguém vê o que está acontecendo lá em cima?

— Estão se preparando para outra visita, capitão — disse Brown lugubrememente. — O primeiro avião ainda está dando a volta.

— Estão esperando que saiamos daqui. E não vão esperar muito. Vamos sair agora. — Olhou para cima da colina através da fumaça rolante, mas era muito espessa e encheu seus olhos de água até tudo ficar turvo por uma cortina de lágrimas. Era impossível dizer até onde a fumaça chegava e eles não podiam se dar ao luxo de esperar até ter certeza. Os pilotos dos Stukas não eram famosos por sua paciência.

— Pronto, todo mundo! — gritou. — Quinze jardas ao longo das árvores até aquela borda, depois direto à garganta. Não parem, pelo menos até entrarem umas cem jardas. Andréa, lidere o caminho. Agora, vamos. — Olhou através da fumaça que cegava. — Onde está Panayis?

Não houve resposta.

— Panayis? — gritou Mallory. — Panayis!

— Talvez tenha voltado para pegar alguma coisa. — Miller parará e estava meio virado. — Devo ir...

— Continue seu caminho! — disse Mallory selvagememente. — E se algo acontecer ao jovem Stevens eu o culparei... — Mas Miller, prudentemente, já prosseguira com Andréa, cambaleando e tossindo, ao seu lado.

Por dois segundos, Mallory ficou indeciso; depois desceu colina abaixo em direção ao centro do bosque. Talvez Panayis tivesse ido buscar alguma coisa... e não entendia inglês. Mallory mal andara cinco jardas quando foi forçado a parar e a proteger o rosto com o braço: o calor estava abrasador. Panayis não podia estar lá embaixo, ninguém poderia estar lá, nem conseguiria viver naquela fornalha por dois segundos. Em busca de ar, com os cabelos e roupas chamuscados pelo fogo, Mallory tateou o caminho de volta, colina acima, colidindo com as árvores, escorregando, caindo, depois cambaleando desesperadamente, tentando outra vez manter-se de pé.

Correu para o extremo leste do bosque. Ninguém lá. Voltou ao extremo oposto novamente, em direção à borda, já quase completamente cego, o ar superaquecido escorregando malignamente por sua garganta e pulmões até sufocá-lo, e sua respiração sair em grandes golfadas e agonizantes sopros. Não

fazia sentido esperar mais tempo, nada havia que pudesse fazer, exceto salvar-se. Havia um barulho em seus ouvidos, o rugir das chamas, o rugir de seu próprio sangue, e o paralisante alarido de um Stuka num mergulho. Desesperadamente atirou-se para frente por cima da pedra deslizante, cambaleou e atirou-se no chão.

Não sabia se estava ou não ferido e não se importava. Arfando pesadamente, levantou-se, forçou suas pernas doloridas a levá-lo colina acima para qualquer lugar. O ar estava tomado pelo trovão dos motores, sabia que toda a esquadrilha voltava ao ataque e então atirou-se de qualquer maneira ao solo, quando a primeira das bombas de alto explosivo explodiu com sua onda de fumaça e chamas — explodiu a menos de quarenta jardas de distância à sua esquerda e à sua frente. *À SUA FRENTE!* Enquanto lutava para levantar-se, novamente inclinando-se para frente e para cima mais uma vez, Mallory amaldiçoava-se sem cessar. Seu louco, pensava amargamente, confusamente, seu maldito louco. Mandar os outros para a morte. Devia ter pensado nisso; oh. Deus, devia ter pensado, até uma criança de cinco anos pensaria nisso. Naturalmente os alemães não iam bombardear o bosque; tinham enxergado o óbvio, o inevitável, tão rápido quanto ele, e estavam bombardeando em seu mergulho a cortina de fumaça entre o bosque e o penhasco! Uma criança de cinco anos; a terra explodiu a seus pés, uma nuvem gigantesca levantou-o e jogou-o contra o solo e a escuridão envolveu-o.

XII

Quarta-Feira

Das 16 às 18 horas.

Uma, duas, meia dúzia de vezes, Mallory lutou desesperadamente para voltar das profundezas de um negro, cataléptico estupor e momentaneamente chegou à superfície da consciência só para escorregar de volta à escuridão. Desesperadamente, cada vez, tentava agarrar-se a esses fugazes momentos de lucidez, mas sua mente era um vazio tenebroso e sem vibração e mesmo quando sentia sua mente retroceder ao abismo, perdendo seu ponto de contato com a realidade, o conhecimento desaparecia e só o vazio permanecia. Pesadelo, pensou vagamente, durante um dos períodos longos mais de compreensão, estou tendo um pesadelo, como quando se sabe que se está tendo um, e que se abrisse os olhos ele terminaria, mas não se consegue abrir os olhos. Tentou então, tentou abrir os olhos, mas não adiantava, tudo continuava escuro como sempre, e ele afundado num sonho ruim, porque o sol brilhava alegremente no céu. Sacudiu a cabeça num lento desespero.

— Ah! Observem! Por fim, sinais de vida! — era inconfundível o acento nasal e arrastado. — O remédio do velho Miller triunfa

novamente! — Houve um instante de silêncio; num momento foi percebendo progressivamente a diminuição do tonitruante barulho dos motores, a falta da fumaça acre e resinosa que feria suas narinas e olhos e então um braço foi passado sob seus ombros e sentiu a voz de Miller em seus ouvidos. — Experimente um pouco disso, chefe. Conhaque antigo e esplêndido. Não há nada igual no mundo.

Mallory sentiu o frio gargalo da garrafa, jogou a cabeça para trás e sorveu um grande gole. Quase imediatamente ajeitou-se mais para cima e para frente, sentando-se, tossindo, cuspidando, e tentando respirar quando o *OUZO* áspero e forte mordeu as membranas de sua boca e de sua garganta. Tentou falar mas só conseguiu rosnar, tentou inspirar ar fresco e olhou indignado para a obscura figura ajoelhada a seu lado. Miller olhou-o com indisfarçada admiração.

— Viu, chefe? Exatamente como disse — nada como isso! — Sacudiu a cabeça encantado. — Desperto num instante, como diriam os entendidos. Nunca vítima vítima de choque e concussão recuperar-se tão rápido!

— Que diabo está tentando fazer? — perguntou Mallory. O fogo na sua garganta sumira e agora podia respirar. — Quer me envenenar? — zangado sacudiu a cabeça tratando de afastar a dor, a névoa que ainda rodopiava nos limites de sua mente. — Maldito médico de uma figa é o que é! Falou em choque e a primeira coisa que faz é administrar uma dose de álcool...

— Faça sua escolha — interrompeu Miller secamente. — Ou isso ou um choque muito maior dentro de quinze minutos, mais ou menos quando nosso amigo Fritz chegar aqui.

— Mas já se foram. Não ouço mais os Stukas.

— Esse lote virá da cidade — disse Miller mal-humorado. — Louki acaba de avisar. Meia dúzia de carros de combate e um par de caminhões com canhões do comprimento de um poste de telégrafo.

— Compreendo. — Mallory virou-se e viu uma réstia de luz num recorte da parede. Uma caverna — quase um túnel. Louki dissera que os antigos o chamavam de Pequeno Chipre; o Parque

do Diabo estava coalhado de cavernas. Sorriu ao lembrar-se de seu pânico momentâneo quando pensou ter perdido a vista e voltou a olhar para Miller. — Problemas novamente, Dusty, nada senão problemas. Obrigado por fazer-me voltar a mim.

— Tive de fazê-lo — Miller disse rapidamente. — Acho que não conseguiríamos carregá-lo muito tempo, chefe.

Mallory concordou.

— E esses arredores não são de terreno muito plano.

— Também isso — aquiesceu Miller. — O que realmente quis dizer é que quase não sobrou ninguém para carregá-lo. Casey Brown e Panayis foram feridos, chefe.

— O quê? Ambos? — Mallory apertou seus olhos e sacudiu a cabeça numa raiva surda. — Meu Deus, Dusty, esqueci tudo sobre a bomba... as bombas! — Esticou a mão, e segurou Miller pelo braço. — Estão... Estão muito mal? — Havia tão pouco tempo e tanto para fazer.

— Muito mal? — Miller tirou um maço de cigarros e ofereceu um a Mallory. — Não seria nada se pudéssemos levá-lo a um hospital. Mas horrivelmente penoso e arrastado se tiverem de ir para cima e para baixo nessas malditas ravinas. Primeira vez que vejo solo de desfiladeiro mais vertical que as próprias paredes.

— Ainda não me disse...

— Desculpe, chefe, desculpe. Feridas de metralha todos os dois e exatamente no mesmo lugar; coxa esquerda logo acima do joelho. Não atingiu o osso, não cortou tendões. Acabei de enfaixar a perna de Casey, é uma ferida feia. Ele se dará conta quando começar a andar.

— E Panayis?

— Cuidou de sua própria perna — disse Miller rapidamente. — Um tipo estranho. Não quis nem me deixar olhar, quanto mais enfaixar. Creio que me esfaquearia se eu tentasse.

— De qualquer modo, é melhor deixá-lo em paz — aconselhou Mallory. — Alguns desses ilhéus têm estranhos tabus e superstições. Enquanto ele estiver vivo. Embora eu ainda não entenda como conseguiu chegar aqui.

— Foi o primeiro a sair — explicou Miller. — Junto com Casey. Deve tê-lo perdido de vista na fumaça. Subiam juntos quando foram atingidos.

— E como cheguei aqui?

— Não há prêmios para a resposta correta — Miller indicou com o polegar por cima do ombro para a imensa figura que bloqueava metade da largura da caverna. — O jovem aqui representou São Bernardo novamente. Quis ir com ele, mas não aceitou. Disse que achava que seria difícil carregar-nos colina acima. Meus sentimentos foram feridos — suspirou Miller. — Creio que não nasci para heroísmos, é tudo.

Mallory sorriu.

— Obrigado novamente, Andréa.

— Obrigado! — Miller estava indignado. — Um camarada salva sua vida e tudo que diz é obrigado.

— Depois da primeira dúzia de vezes esgota-se o repertório de discursos — Mallory disse rispidamente. — Como está Stevens?

— Respirando.

Mallory indicou na frente para a réstia de luz e franziu o nariz.

— Está quase na hora, não está?

— Sim, está muito ruim — admitiu Miller. — A gangrena espalhou-se além do joelho.

Mallory levantou-se cambaleante e pegou sua arma.

— Como está ele de verdade, Dusty?

— Está morto, mas não entrega os pontos. Deve morrer ao anoitecer. Só Deus sabe o que o faz agüentar tanto.

— Pode parecer presunção — murmurou Mallory. — Mas acho que também sei.

— A atenção médica de primeira classe? — perguntou Miller esperançoso.

— É o que parece, não é? — Mallory sorriu para Miller ainda ajoelhado. — Mas não foi bem isso que quis dizer. Vamos, senhores, temos assuntos a resolver.

— Quanto a mim só sei explodir pontes e jogar areia nas engrenagens das máquinas — anunciou Miller. — Estratégia e táticas estão muito além de minha imaginação. Mas mesmo assim,

acho que aqueles tipos lá embaixo escolheram um modo muito idiota de cometer suicídio. Seria muito mais fácil para todos os interessados se metessem uma bala na cabeça.

— Estou inclinado a concordar com você — Mallory se ajeitou com mais firmeza por trás do aglomerado de rochas na entrada da ravina que dava para os incendiados e fuma-centos restos do alfarrobal, logo abaixo, e deu outro olhar para as tropas Alpenkorps avançando em fileiras para o declive íngreme e descampado —, não são crianças. Posso jurar que também não estão satisfeitos.

— Então por que diabo estão fazendo isso, chefe?

— Provavelmente, porque não têm escolha. Em primeiro lugar este ponto só pode ser atacado frontalmente — Mallory sorriu para o pequeno grego deitado entre ele e Andréa. — Louki escolheu bem esse lugar. Seria preciso uma longa volta para atacar-nos pela retaguarda — e levariam uma semana para avançar por essa confusão de rochas atrás de nós. Em segundo lugar, dentro de algumas horas o sol vai-se pôr e sabem que não têm a menor esperança de nos pegar antes de escurecer. E, finalmente, acho que essa é a mais importante do que as outras duas razões juntas, apostaria cem contra um que o comandante da cidade está sendo coagido severamente pelo Alto Comando. Há muita coisa em jogo, mesmo na chance de um por mil que consigamos chegar aos canhões. Não podem permitir que Kheros seja evacuada debaixo de seus narizes, perder...

— Por que não? — interrompeu Miller. Fez um gesto largo com as mãos. — Só um monte de pedras inúteis...

— Não podem perder prestígio com os turcos — Mallory continuou pacientemente. — A importância estratégica dessas ilhas das Esporadas é insignificante, mas a importância política é enorme. Adolfinho precisa desesperadamente de outro aliado por essas bandas. Por esse motivo manda para aqui milhares de tropas Alpenkorps e centenas de Stukas, o melhor que tem, e olhe que necessita demais disso na frente italiana. Mas tem de convencer um aliado em potencial que está por cima, antes de persuadi-lo a desistir de seu confortável lugar na cerca e pular para seu lado.

— Muito interessante — observou Miller. — Então?

— Então os alemães não se incomodam se trinta ou quarenta de suas tropas sejam feitas em pedacinhos. Não há problema nenhum quando se está sentado atrás de uma mesa a milhas e milhas de distância... Eles que venham a umas cem jardas ou mais perto. Louki e eu começaremos pelo meio e vamos dizimá-los: você e Andréa comecem pelos extremos.

— Não gosto disso, chefe — queixou-se Miller.

— Não pense que eu gosto — disse Mallory baixinho.

— Assassinar homens obrigados a um trabalho suicida como esse não é exatamente a idéia que faço de diversão — nem mesmo de guerra. Mas são eles ou nós. — Parou e apontou através do mar brilhante para o lugar onde Kheros se reclinava pacificamente no horizonte, arrancando dourados raios do sol poente. — Que acha que eles queriam que fizéssemos, Dusty?

— Eu sei, eu sei, chefe. — Miller mexeu-se pouco à vontade. — Não me esfregue na cara. — Puxou seu boné de lã para cima da testa e olhou fixamente para baixo da rampa.

— Quando começará a execução em massa?

— Mais cem jardas, já disse. — Mallory olhou para baixo do declive novamente, em direção à estrada costeira e sorriu subitamente satisfeito de mudar de assunto. — Nunca tinha visto postes de telégrafo encolherem tão de repente.

Dusty Miller observou os canhões que eram arrastados pelos dois caminhões e pigarreou.

— Só repeti o que Louki me contou — disse na defensiva.

— O que Louki lhe contou! — O pequeno grego estava indignado. — Por Deus, major, esse americano é um poço de mentiras.

— Ora, bem, talvez eu estivesse enganado — disse Miller magnanimamente. Olhou novamente os canhões com a testa franzida de espanto. — O primeiro é um morteiro, acho eu. Mas não consigo entender aquela joça rara que...

— É um morteiro também — explicou Mallory. — Um de cinco bocas e muito desagradável. O Nebelwerfer ou o Gatinho Gemedor. Geme como todas as almas danadas do inferno. É garantido para fazer os joelhos virarem gelatina, especialmente depois do

anoitecer; porém é o outro que você deve observar. Um morteiro de seis polegadas, que com certeza usa bombas de fragmentação; depois de tudo use escova e pá para recolher os destroços.

— Está certo — grunhiu Miller. — Anime-nos. — Mas estava grato ao neozelandês por tentar tirar seus pensamentos do que tinha de fazer. — Por que não os usam?

— Vão usar — assegurou Mallory — assim que dispararmos e descobrirem onde estamos.

— Deus nos ajude — murmurou Miller. — Você mencionou bombas de fragmentação. — Caiu num silêncio sombrio.

— A qualquer momento — disse Mallory baixinho. — Espero que nosso amigo Turzig não esteja nesse grupo. — Começou a pegar seus binóculos, mas antes que pudesse levá-los parou surpreso pois Andréa debruçou-se sobre Louki e o segurou pelos pulsos.

— Que houve, Andréa?

— Eu não os usaria, meu capitão. Já nos atraíram uma vez. Estive pensando... e não pode ser de outro jeito. O sol refletindo nas lentes...

Mallory fitou-o, lentamente soltando os binóculos e concordou com a cabeça diversas vezes seguidas.

— Naturalmente. Naturalmente! Eu estava imaginando... Alguém deve ter facilitado. Não foi outra coisa, não pode ter sido outra coisa! Bastaria um simples reflexo para informá-los. — Fez uma pausa, depois sorriu amargamente.

— Só podia ter sido eu. Tudo começou depois de eu montar guarda, e Panayis não tinha binóculos. — Sacudiu a cabeça mortificado. — Deve ter sido eu, Andréa.

— Não acredito nisso — disse Andréa taxativo. — O senhor não faria um erro desses, meu capitão.

— Não somente faria como fiz, acho eu. Mas pensaremos nisso mais tarde. — A parte média da linha de soldados, escorregando e tropeçando na traiçoeira ravina, quase alcançara os limites inferiores dos enegrecidos restos do bosque.

— Já se aproximaram o suficiente. Vou-me ocupar com o capacete branco do meio, Louki. — Mesmo quando falava, ouvia o

suave roçar das armas automáticas dos outros três entre as rochas protetoras em frente a eles e podia sentir a onda de repulsa que invadia sua mente. Mas sua voz estava bastante firme quando falou tranqüilo e quase natural. — Certo. Fogo neles!

As últimas palavras foram abafadas pelo rápido cortar do fogo das carabinas automáticas. Com quatro metralhadoras em suas mãos — duas Bren e duas Schmeisser de 9 mm — não era guerra, como dissera, e sim um cru e horrível massacre das indefesas criaturas no declive abaixo, criaturas ainda estampadas e atordoadas, rodando, rodopiando e saltando como marionetes nas mãos de um louco, alguns ficando onde caíam, outros rolando rampa abaixo, pernas e braços no grotesco desconjuntamento da morte. Só dois ficaram imóveis no lugar em que foram atingidos, uma vaga surpresa estampada em seus rostos sem vida para depois escorregar cansadamente para o solo de pedra a seus pés. Quase três segundos se passaram antes que um punhado dos que ainda viviam — a cerca de um quarto do caminho dos dois extremos da linha que as balas convergentes ainda não tinham encontrado — se dessem conta do que estava acontecendo e se atirassem desesperados para o solo procurando um abrigo inexistente.

O frenético barulho da metralhadora cessou abruptamente e em uníssono, o som cortado como por guilhotina. O silêncio era curiosamente opressivo, mais alto e mais inoportuno que o clamor anterior. A terra cheia de pedras abaixo de seus cotovelos raspou com aspereza quando Mallory levantou-se ligeiramente, e olhou para os homens a sua direita, Andréa com seu rosto impassível, vazio de qualquer expressão e Louki com uma nuvem de lágrimas nos olhos. Depois se deu conta de um murmúrio à sua esquerda, virou-se novamente. Com um ar amargo e selvagem o americano amaldiçoava baixinho e continuamente, esquecido da dor quando batia seu punho diversas vezes no cascalho diante dele.

— Só mais um, meu Deus. — A voz baixa era quase uma oração. — É só o que peço. Só mais um.

Mallory tocou no seu braço.

— Que é que há, Dusty?

Miller olhou ao redor, olhos frios, fixos e inexpressivos, depois piscou diversas vezes e sorriu, e com a mão cortada e machucada pegou automaticamente seus cigarros.

— Estava sonhando acordado, chefe — disse com tranqüilidade. — Só sonhando acordado. — Estendeu o maço de cigarros — Quer um?

— Aquele filho da mãe desumano que mandou esses pobres diabos subirem a colina — disse Mallory baixinho. — Faria uma bela vista no visor de seu rifle, não é?

O sorriso de Miller sumiu e ele aquiesceu.

— É claro que sim — Arriscou levantar a cabeça pela borda de uma rocha e voltou para o mesmo lugar — Oito, talvez dez ainda estão lá embaixo, chefe — informou. — Os pobres diabos estão como avestruzes, tentando cobrir-se atrás de pedras do tamanho de laranjas... Vamos deixá-los lá?

— Vamos deixá-los! — Mallory repetiu com ênfase. O pensamento de mais assassinato fê-lo sentir-se quase fisicamente doente. — Não tentarão novamente. — Parou subitamente, e encostou-se à rocha num reflexo instintivo, quando uma saraivada de balas de metralhadora atingiu a rocha acima de suas cabeças e estremeceu a pedra com seu ricocheteio.

— Não tentarão, não é? — Miller já estava apoiando sua arma no rochedo em frente quando Mallory segurou seu braço e puxou-o para trás.

— Eles não? Escutem! — Outra explosão, depois outra e agora podiam ouvir o selvagem ruído da metralhadora, um barulho ritmicamente interrompido por um suspiro semi-humano quando a fita passava pela culatra. Mallory podia sentir os cabelos eriçando-se na nuca.

— Uma Spandau. Quando se ouve uma vez a Spandau nunca mais se esquece. Deixe-a em paz. Provavelmente está fixa na parte de trás de um dos caminhões e não pode nos fazer mal... Fico mais preocupado com aqueles malditos morteiros lá embaixo.

— Eu não — disse Miller prontamente. — Não estão abrindo fogo contra nós.

— É por isso que estou preocupado... Que acha, Andréa?

— O mesmo que o senhor, meu capitão. Estão esperando. O Parque do Diabo, como Louki o chama, é um labirinto de loucos e só podem atirar às cegas...

— Não vão esperar muito — interrompeu Mallory sério. Apontou para o norte. — Ali vêm seus olhos.

A princípio só uns pontos sobre o promontório do cabo Demirci, porém os aviões logo se tornaram reconhecíveis zumbindo acima do Egeu a cerca de 1 500 pés. Mallory olhou para eles espantado, depois virou-se para Andréa.

— Estarei vendo coisas, Andréa? — Indicou com a mão o primeiro dos dois aviões, um pequeno monoplane de combate de asas altas. — Não pode ser PZL, não é?

— Pode ser e é — murmurou Andréa. — Um velho avião polonês que tínhamos antes da guerra — explicou para Miller. — E o outro é um velho avião belga que chamamos Breguet. — Andréa protegeu os olhos para ver melhor os dois aviões, agora já quase em cima deles. — Pensei que acabaram durante a invasão.

— Eu também — disse Mallory. — Devem ter juntado os pedaços de alguns. Ah, já nos viram, estão começando a girar. Mas por que cargas d'água usam essas ratoeiras antiquadas...

— Não sei e não quero saber — disse Miller rapidamente. Tinha dado um olhar ao redor do penhasco à sua frente. — Aqueles malditos canhões lá embaixo estão apontando para nós e agora parecem bem maiores que postes telegráficos. Bombas de fragmentação, o senhor disse. Vamos, chefe, vamos tratar de sair desse inferno.

Estabeleceu-se assim o modelo para o resto daquela breve tarde de novembro para o sombrio jogo de esconde-esconde e pega-ladrão entre as ravinas e as rochas destroçadas do Parque do Diabo. Os aviões tinham a chave do jogo, voando lá em cima, observando cada movimento do grupo perseguido, passando a informação para os canhões no caminho costeiro e para a companhia de Alpenkorps que avançava pela ravina acima do alfarrobal logo depois dos aviões notificarem que as posições haviam sido abandonadas. Os dois velhos aviões foram logo

substituídos por dois modernos Henschel, e Andréa observara que os PZL não podiam permanecer em vôo por mais de uma hora.

Mallory estava entre a cruz e a caldeira. Mesmo que os morteiros não acertassem o alvo, algumas das mortíferas bombas de fragmentação abriam caminho dentro das profundas ravinas onde procuraram abrigo temporário, e a explosão metálica era mortal no estreito espaço compreendido entre as paredes verticais. Às vezes chegavam tão perto que Mallory se via obrigado a refugiar-se nas profundas cavernas que, semelhantes a uma colmeia, multiplicavam-se nas paredes dos desfiladeiros. Nessas cavernas estavam a salvo, mas a segurança era uma ilusão que só poderia levar à capitulação e captura; nos momentos de calma os Alpenkorps, os mesmos que combateram à tarde numa série de breves escaramuças de retaguarda, podiam aproximar-se o suficiente para pegá-los lá dentro. Vezes seguidas Mallory e seus homens foram forçados a movimentar-se, para aumentar as distâncias entre eles e seus perseguidores, seguindo o indomável Louki para onde quer que fosse, submetendo-se ao risco, muitas vezes desesperado, das bombas dos morteiros. Uma delas se introduziu na ravina que levava ao interior, enterrando-se no chão de pedra a menos de vinte jardas na frente deles. Por uma chance em mil, não explodiu. Afastaram-se dela tanto quanto possível, quase suspendendo a respiração até estarem longe e a salvo.

Meia hora antes do pôr-do-sol, venceram as últimas jardas do acidentado terreno e pararam exatamente além do refúgio da parede que se projetava, onde a ravina aprofundava-se novamente e virava bruscamente à direita para o norte. Nenhuma outra bomba de morteiro viera desde aquela que não explodira. As de seis polegadas e o gemedor Nebelwerfer tinham alcance limitado, Mallory sabia, e embora os aviões ainda sobrevoassem o lugar, era inútil; o sol se inclinava em direção ao horizonte e o solo da ravina já mergulhava em densa penumbra, invisível para o alto. Mas o Alpenkorps composto de soldados curtidos, obstinados, hábeis, vivendo somente com a idéia de vingar seus camaradas massacrados estava atrás deles e bem perto. E eram tropas de montanha, bem treinadas, frescas, ágeis, cujas energias

permaneciam quase intactas; por outro lado o seu pequeno grupo, exausto por dias seguidos e noites sem sono, de trabalho e ação...

Mallory atirou-se ao solo perto do ângulo onde a ravina virava e de onde podia observar com vantagem, olhou para os outros com fingida indiferença que não refletia o triste juízo que fazia do que via. Como unidade de combate estavam em má situação. Panayis e Brown estavam muito feridos, sendo que o último já com o rosto acinzentado pela dor. Pela primeira vez desde que deixaram Alexandria, Casey Brown estava apático, indiferente a tudo; Mallory considerava um mau sinal. O pesado transmissor que ainda levava às costas — também não o ajudava — com truculenta firmeza ignorara a ordem categórica de Mallory para abandoná-lo. Louki estava visivelmente cansado: seu físico, Mallory agora se dava conta, não condizia com seu espírito, pois o indefectível sorriso não abandonara seu rosto, e seu magnífico bigode erigido contrastava estranhamente com seus olhos tristes e cansados. Miller, assim como Mallory, estava esgotado, mas como ele, podia continuar assim por muito tempo. E Stevens ainda permanecia consciente, porém mesmo na fraca penumbra da ravina seu rosto parecia curiosamente transparente, enquanto que suas unhas, lábios e pálpebras estavam desprovidos de sangue. E Andréa, que o carregara para cima e para baixo por todas essas trilhas malditas — quando havia trilhas — por quase duas intermináveis horas, parecia o mesmo: imutável e indestrutível.

Mallory sacudiu a cabeça, pegou outro cigarro, pensou acendê-lo, depois lembrou-se dos aviões ainda sobrevoando e jogou o fósforo fora. Seu olhar dirigiu-se pesaroso para o norte ao longo do desfiladeiro e lentamente apertou o cigarro apagado e o reduziu a migalhas entre os dedos. Esta ravina não tinha semelhança com qualquer outra pelas quais já tinham passado; era mais larga, completamente reta, pelo menos três vezes mais comprida e, tanto quanto podia enxergar na luz crepuscular, o extremo era bloqueado por uma parede quase vertical.

— Louki! — Mallory já estava de pé completamente esquecido de seu cansaço. — Você sabe onde está? Conhece esse lugar?

— Mas é claro, major! — Louki estava ofendido. — Já não lhe disse que Panayis e eu na nossa juventude...

— Mas é um beco sem saída! — protestou Mallory — Estamos enclausurados numa armadilha, homem!

Louki sorriu com desfaçatez e torceu uma das pontas de seu bigode. O homenzinho estava se divertindo.

— Muito bem! O major não confia em Louki, não é mesmo? — Sorriu novamente, depois ficou sério e bateu na parede a seu lado. — Panayis e eu estudamos o assunto a tarde toda. Ao longo dessa parede há muitas cavernas. Uma delas conduz ao outro vale que leva à estrada costeira.

— Compreendo, compreendo. — Aliviando sua mente dessa preocupação, Mallory deixou-se cair ao solo novamente

— E para onde dá esse outro vale?

— Dá na frente do estreito de Maidos.

— A que distância da cidade?

— Cerca de cinco milhas, major, talvez seis. Não mais do que isso.

— Ótimo, ótimo! E tem certeza de achar essa caverna?

— Daqui a cem anos ainda a encontrarei de olhos fechados — gabou-se Louki.

— Esplêndido! — Ao mesmo tempo que falava Mallory saltou violentamente para um lado, girou no ar para evitar cair sobre Stevens e estourou com força na parede entre Andréa e Miller. Num momento de descuido, expusera-se à vista da ravina que haviam acabado de subir: a rajada de metralhadora que veio do extremo inferior — cerca de 150 jardas ao todo — quase arrancou-lhe a cabeça. Mesmo assim uma bala roçou seu ombro esquerdo rasgando a ombreira de seu casaco. Miller já se ajoelhara a seu lado, apalpando a ferida, passando pela espádua a mão delicadamente examinadora.

— Descuido, maldito descuido — murmurou Mallory.

— Mas não pensei que estavam tão perto. — Não estava tão tranquilo quanto aparentava. Se a ponta daquela Schmeisser estivesse uma polegada mais para a direita, estaria agora sem cabeça.

— O senhor está bem, chefe? — Miller estava espantado. — Eles...

— Maus atiradores — Mallory assegurou-lhe animadamente. — Não atingiriam um celeiro — Virou-se para olhar seu ombro — Detesto parecer um herói mas isso realmente não passa de um arranhão... — Levantou-se com facilidade e pegou sua arma — Desculpe por tudo isso, senhores, mas está na hora de prosseguirmos. Qual a distância até a caverna, Louki?

Louki esfregou seu queixo áspero, seu sorriso tendo desaparecido. Olhou rapidamente para Mallory depois mudou a vista.

— Louki!

— Sim, sim, major. A caverna. — Louki esfregou novamente o queixo. — Bem, é bastante longe. De fato é no fim — terminou embaraçado.

— Bem no fim? — perguntou Mallory baixinho. Louki concordou aflito, olhando para o chão aos seus pés. Até as pontas de seus bigodes pareciam cair.

— É cômodo — Mallory disse pesarosamente — Oh, isto é muito cômodo! — Sentou-se no chão outra vez. — Será uma grande ajuda. — Abaixou a cabeça pensativo e não a levantou nem quando Andréa pôs sua Bren de encontro à pedra e atirou uma rajada colina abaixo mais para desafogar-se do que com a esperança de atingir alguma coisa. Outros dez segundos se passaram depois Louki falou novamente, sua voz apenas perceptível.

— Sinto muito, muito mesmo. É uma coisa terrível. Juro por Deus, major, não faria isso, mas é que pensei que estavam muito atrás.

— Não é sua culpa, Louki — Mallory comoveu-se pelo óbvio desespero do homenzinho. Tocou o ombro rasgado de seu casaco. — Eu pensei a mesma coisa.

— Por favor! — Stevens colocou sua mão no braço de Mallory — O que há de errado? Não compreendo.

— Todos os outros entendem, Andy. É muito, muito simples. Temos que andar meia milha nesse vale sem nenhum abrigo ou refúgio. Os Alpenkorps têm de subir menos de 200 jardas para

chegar à ravina que acabamos de abandonar. — Fez uma pausa enquanto Andréa disparava outra rajada de desafogo, depois continuou. — Eles vão fazer o que estão fazendo agora: continuar a procurar para ver se ainda estamos aqui. No momento que acharem que saímos estarão aqui num abrir e fechar de olhos. Agarrar-nos-ão antes que tenhamos andado meia milha, o quarto do caminho para a caverna, você sabe que não podemos andar rápido. E estão carregando duas Spandaus; vão nos cortar em pedacinhos.

— Compreendo — murmurou Stevens. — O senhor explica com tanto otimismo, capitão.

— Desculpe, Andy, mas a coisa é assim.

— Mas o senhor não podia deixar dois homens na retaguarda enquanto o resto...

— E o que acontece à retaguarda? — Mallory interrompeu secamente.

— Compreendo... — disse em voz baixa. — Não pensei nisso.

— Não mas a retaguarda pensaria. Um problema, não é?

— Não há nenhum problema — Louki anunciou. — O major é bondoso, mas foi tudo culpa minha. Eu ficarei...

— Não ficará coisa alguma — Miller disse furiosamente. Arrancou a Bren da mão de Louki e pousou-a no chão. — Ouviu o que o chefe disse, não foi sua culpa — Por um instante Louki olhou-o com raiva e depois desviou a vista abatido. Parecia que ia começar a chorar. Mallory também encarou o americano espantado ante a súbita veemência tão fora do comum em Miller. Agora que pensava nisso, reparava que Dusty há uma hora estava estranhamente taciturno e pensativo; Mallory não se lembrava de tê-lo ouvido pronunciar uma palavra durante todo esse tempo. Mas mais tarde se preocuparia com isso. Haveria tempo.

Casey Brown ajeitou sua perna ferida olhando esperançosamente para Mallory.

— Não poderíamos ficar até escurecer bastante e depois sairmos...

— Nada feito. A lua está quase cheia esta noite. Seríamos presos. E ainda mais importante, temos de entrar na cidade entre o

crepúsculo e o toque de recolher esta noite. Nossa última chance. Desculpe, Casey, mas não funciona.

Quinze segundos, meio minuto de silêncio e depois todos se sobressaltaram quando Andy Stevens falou.

— Sabem, Louki estava certo. — Disse animadamente. A voz estava fraca mas cheia de uma certeza tão calma que todos os olhos convergiram para ele. Estava apoiado num cotovelo segurando nas mãos a Bren de Louki. Era um sinal da concentração de todos no problema o fato de ninguém ter ouvido ou visto ele se apoderar da metralhadora. — Tudo é muito simples... A gangrena já passou do joelho, não é, capitão?

Mallory não respondeu: não sabia o que dizer; a pergunta inesperada fizera com que se atrapalhasse. Deu-se conta vagamente que Miller olhava para ele, seus olhos rezando para que dissesse "Não".

— É ou não é? — Havia paciência e uma estranha compreensão em sua voz e de repente Mallory soube o que responder.

— Sim — concordou. — É verdade. — Miller olhava para ele horrorizado.

— Obrigado, capitão. — Stevens sorria satisfeito. — Muito obrigado realmente. Não há necessidade de ressaltar as vantagens da minha permanência aqui. — Havia uma segurança em sua voz que ninguém ouvira antes, a autoridade indiscutível de um homem completamente dono da situação. — Já era hora que eu fizesse algo para meu sustento. Nada de belas despedidas, por favor. Deixem-me com duas caixas de munição, duas ou três granadas de trinta e seis, e vão com Deus.

— Pois sim que vamos! — Miller levantou-se, dirigindo-se para o rapaz, depois deteve-se abruptamente vendo a Bren apontada para seu peito.

— Mais um passo e atiro — Stevens falou serenamente. Miller olhou para ele num longo silêncio e sentou-se lentamente no chão.

— Atiro mesmo, pode ficar certo — Stevens assegurou-lhe — Bem, adeus, senhores. Obrigado por tudo que fizeram por mim.

Vinte segundos, um minuto inteiro passou-se num estranho, completo silêncio, depois Miller levantou-se de novo, alta figura de vaqueiro vestido de andrajos e com um rosto curiosamente selvagem na crescente penumbra.

— Até logo, rapaz. Acho que... bem, talvez eu não seja tão esperto afinal de contas. — Pegou a mão de Stevens, olhou para o rosto macilento por um longo momento, quis dizer outra coisa, depois mudou de idéia. — Até logo — disse abruptamente, virou-se e saiu vale abaixo. Um a um os outros o seguiram, sem uma palavra, exceto Andréa que parou e murmurou algo ao ouvido do menino, um murmúrio que fez nascer um sorriso e um sinal de completa compreensão, e então só restou Mallory. Stevens sorriu para ele.

— Obrigado, capitão. Obrigado por ter-me apoiado. O senhor e Andréa me compreendem. Sempre me compreenderam perfeitamente.

— Você... Você ficará bem, Andy? — Meu Deus, Mallory pensou, que coisa estúpida, que coisa tola eu perguntei.

— Sério, capitão, estou ótimo. — Stevens sorriu contente — Não sinto nada. É maravilhoso.

— Andy, eu não...

— É hora de ir, capitão. Os outros estão esperando. Agora, se o senhor acender um cigarro e der uma rajada de tiros ravina abaixo antes de ir-se...

Em cinco minutos Mallory alcançara os outros e em quinze todos tinham chegado à caverna que conduzia à costa. Por um momento ficaram em pé na entrada, ouvindo o intermitente tiroteio na outra extremidade do vale, depois viraram-se sem dizer palavra e entraram na caverna. Lá onde o tinham deixado, Andy Stevens jazia sobre o estômago, olhando para a ravina, agora já quase escura. Não havia dor em seu corpo, absolutamente nenhuma. Aspirou profundamente o cigarro que protegia com a mão, sorriu enquanto carregava outra vez a Bren. Pela primeira vez em sua vida, Andy Stevens estava feliz e contente, além de sua compreensão; era um homem por fim em paz consigo mesmo. Não tinha mais medo.

XIII

Quarta-Feira à Noite

Das 18 às 19,15 horas.

Exatamente quarenta minutos mais tarde estavam a salvo no coração da cidade de Navarone a quinze jardas dos grandes portões da própria fortaleza.

Mallory, contemplando os portões e o maciço arco de pedra que os emoldurava, sacudiu a cabeça pela décima vez e tentou lutar contra o sentimento de descrença e assombro de que tivessem por fim atingido sua meta, ou tão perto dela que não fazia diferença. Mereciam alguma coisa de bom, pensou, a lei das probabilidades tinha sido inteiramente contra a continuação da má sorte que os perseguira incessantemente, desde que chegaram à ilha. Era justo, repetia-se sem cessar, era inteiramente justo que assim fosse; mas mesmo assim a transição do negro vale, onde deixaram Andy Stevens à espera da morte, para esta velha casa em ruínas no lado leste da praça de Navarone fora tão rápida, tão fácil que ainda estava além de imediata compreensão e irreflexiva aceitação.

Não que tivesse sido fácil demais nos primeiros quinze minutos, lembrou. A perna ferida de Panayis tinha-o feito cair logo depois de entrarem na caverna; devia estar com muitas dores,

Mallory pensara, com sua perna ferida e mal enfaixada, mas a luz fraca e o rosto moreno e impassível ocultavam o sofrimento. Pedira a Mallory para ficar onde estava para deter os alemães quando passassem por Stevens e alcançassem o extremo do vale, mas Mallory rispidamente negara permissão. Brutalmente dissera a Panayis que ele era valioso demais para ser deixado ali e que as probabilidades dos alemães encontrarem aquela caverna entre tantas outras eram remotas. Mallory detestara ter de falar assim com ele mas não havia tempo para frases amáveis e Panayis deve ter compreendido seu ponto de vista, porque nem protestou nem lutou, quando Andréa e Miller o carregaram e ajudaram-no a prosseguir através da caverna; Mallory reparara que ele já não capengava tão visivelmente, talvez por causa da ajuda, talvez porque agora que o impediam de matar uns alemães a mais, já não era necessário exagerar seu ferimento.

Mal saíram da entrada da caverna do outro lado e dirigiam-se pelo vale em declive, ladeado de árvores frondosas, em direção ao mar — o escuro brilho do Egeu claramente visível na penumbra — quando Louki, ouvindo alguma coisa fez sinal que ficassem quietos. Quase imediatamente também, Mallory ouviu uma voz baixa e gutural, que às vezes se perdia sob o barulho na pedra de passos que se aproximavam, e observou que estavam providencialmente protegidos por algumas árvores copadas; deu ordem para parar e amaldiçoou numa raiva surda quando ouviu um golpe surdo e um grito abafado por trás deles. Voltara para investigar e encontrara Panayis estendido inconsciente no solo. Miller, que o estivera ajudando, explicara que Mallory os parará tão subitamente, que tropeçara em Panayis e a perna machucada do grego falseara, atirando-o ao chão pesadamente, batendo com a cabeça na pedra ao cair. Mallory ajoelhou-se sentindo que suas suspeitas se renovaram, Panayis era um primitivo, um assassino nato e era bem capaz de simular um acidente se achasse que assim atrairia mais uns tantos inimigos para a mira de seu rifle... mas não havia fingimento ali, a sangrenta ferida sobre a têmpora era bem real.

A patrulha alemã, ignorando a presença deles, movera-se ruidosamente vale acima, até finalmente sumir de vista. Louki

julgara que o comandante de Navarone estava desesperado, tratando de fechar todas as saídas do Parque do Diabo. Mallory achava improvável, mas não quisera discutir o assunto. Cinco minutos depois, saíram da entrada do vale e em outros cinco, não só chegaram ao caminho costeiro mas também silenciaram e amarraram dois sentinelas, provavelmente motoristas, que montavam guarda a um caminhão e um carro de comando parados à beira da estrada, despojando-os de suas roupas e capacetes e escondendo-os atrás de uma árvore.

A viagem para Navarone fora ridiculamente simples mas a completa falta de oposição era clara, compreensível por causa do inesperado de tudo. Sentado ao lado de Mallory, no assento da frente, vestido da mesma forma que Mallory com as roupas capturadas, Louki dirigira o carro e guiara muito bem, uma façanha tão incomum numa ilha remota do Egeu, que Mallory ficara desconcertado, até que Louki lembrou-lhe que fora motorista do Consulado para Eugene Vlachos durante muitos anos. A viagem para a cidade durou menos de vinte minutos; não só o homenzinho guiava esplendidamente como também conhecia tão bem a estrada que tirava da máquina o maior rendimento possível, a maioria das vezes sem precisar acender os faróis.

Foi uma viagem simples e sem contratempos. Passaram por diversos caminhões parados em intervalos ao longo da estrada e a menos de duas milhas da cidade encontraram um grupo de vinte soldados marchando na direção contrária, em coluna de dois. Louki diminuía a marcha; seria altamente suspeito se acelerasse, ameaçando a vida dos homens que marchavam, mas o cegara, acendendo os poderosos faróis de estrada e apertara ruidosamente a buzina, enquanto Mallory punha a cabeça para fora da janela e xingava-os num alemão perfeito, dizendo-lhes que saíssem do maldito caminho. Fizeram isso enquanto o jovem oficial em comando olhava, levantando sua mão num cumprimento cortês.

Logo depois chegaram a uma área de jardins cercados por altos muros, passaram por uma igreja bizantina em ruínas e um branco mosteiro ortodoxo, que se enfrentavam incongruentemente na mesma estrada poeirenta, e quase no mesmo instante já

estavam passando na parte baixa da cidade. Mallory tivera uma impressão vaga das ruas estreitas, serpenteantes e mal iluminadas, apenas umas polegadas mais largas do que o próprio carro, pavimentadas com grandes pedras e calçadas quase da altura do joelho e Louki então já passava por uma alameda de arcos e o carro sacudia na costa íngreme o tempo todo. Parara abruptamente e Mallory seguira sua rápida inspeção pela escura alameda: completamente deserta embora faltasse mais de uma hora para o toque de recolher. Ao lado deles vira um lance de pedras brancas sem nenhum corrimão, seguindo paralelo à parede de uma casa com uma grade ornamentada que protegia a parte exterior no alto, ao final. Um Panayis ainda tonto conduziu-os por essas escadas, através de uma casa — sabia exatamente onde estava —, atravessaram um terraço, desceram alguns degraus, passaram por um pátio escuro e entraram nesta antiga casa, onde agora se encontravam. Louki levava o carro embora, antes mesmo que tivessem subido as escadas: só agora Mallory lembrava que Louki não achara necessário dizer o que pretendia fazer com o carro.

Ainda olhando pelo buraco sem janela, da parede, para o portão da fortaleza, Mallory viu-se desejando com todas as suas forças que nada de ruim acontecesse ao pequeno grego de olhar tristonho; e não só por causa de seus infinitos recursos e conhecimento local ele fora inestimável para eles e estava pronto a prová-lo novamente; à parte tudo isso Mallory sentia a maior afeição por ele, devido a sua invariável animação, seu entusiasmo, sua ansiedade para ajudar e agradar, e acima de tudo sua completa falta de egoísmo. Era um homenzinho admirável e Mallory sentia por ele grande afeição. Isso era mais do que podia dizer sobre Panayis, conjeturou amargamente e logo se arrependeu do pensamento; não era culpa dele ser o que era e no seu modo sombrio e amargo fizera tanto por eles como Louki. Mas permanecia o fato de que lhe faltava calor humano.

Não tinha a inteligência brilhante de Louki, o oportunismo calculado que chegava quase ao gênio. Fora uma idéia brilhante de Louki, refletiu Mallory, que tivessem ido para aquela casa abandonada: não que houvesse qualquer dificuldade em achar uma

casa vazia; desde que os alemães tinham-se apossado do velho castelo, os habitantes da cidade abandonaram suas terras e foram para Margaritha ou outros povoados por perto, e os primeiros foram os que viviam na própria praça; a proximidade do muro da fortaleza, que formava o lado norte da praça, era mais do que podiam suportar, com o constante ir e vir dos seus conquistadores através no portão da fortaleza, e os sentinelas marchando para frente e para trás, lembrando-os constantemente que a liberdade para eles era coisa do passado. Tantos tinham-se mudado que mais da metade das casas no lado oeste da praça — as que ficavam mais perto da fortaleza — estavam agora ocupadas por oficiais alemães. Mas esta forçada e contínua observação das atividades no forte era exatamente o que Mallory desejava. Quando chegasse a hora de agir só tinham que andar algumas jardas. E embora uma guarnição competente estivesse sempre pronta para o inesperado, Mallory considerava improvável que uma pessoa razoável pudesse conceber que um grupo de sabotagem fosse tão suicida a ponto de passar um dia inteiro a alguns passos do muro da fortaleza.

Não que a casa fosse muito recomendável. Como lar, como lugar de morar era o menos confortável possível, tão dilapidada que parecia a ponto de desmoronar. O lado ocidental da praça — lado situado precariamente em cima do penhasco — e o lado meridional eram compostos por edifícios modernamente construídos, de pedra, e granito de Paros, amontoados na maneira habitual dos povoados destas ilhas com telhados planos para recolher a maior quantidade das chuvas do inverno. Mas o lado oriental da praça onde se encontravam era composto de casas antiquadas de madeira e barro, da espécie mais encontrada nos remotos vilarejos montanheses.

O chão de terra batido era desigual e os ocupantes anteriores usavam um de seus cantos, obviamente, para os propósitos mais variáveis, principalmente como banheiro. O teto era de vigas toscas, enegrecidas, mais ou menos coberto por tábuas, essas por sua vez cobertas por uma grossa camada de terra amassada: por conhecimento prévio de tais casas, no tempo das montanhas Brancas, Mallory sabia que o teto pingaria como peneira se

chovesse. Do outro lado da sala, um sólido banco de cerca de trinta polegadas de altura que servia, de acordo com estruturas similares nos iglus dos esquimós, como cama, mesa ou assento de acordo com a necessidade da ocasião. A sala não tinha mobília nenhuma.

Mallory sobressaltou-se quando alguém tocou em seu braço e virou-se. Miller estava atrás dele mastigando firmemente, uma garrafa de vinho quase vazia na mão.

— É melhor que coma algo, chefe — aconselhou. — Eu dou uma olhada por esse buraco, de quando em quando.

— Está certo, Dusty. Obrigado.

Mallory dirigiu-se cautelosamente para o fundo da sala — estava escuro como breu e não ousavam acender uma luz — e foi Tateando até encontrar o banco. O incansável Andréa mexera nas provisões e preparara uma refeição de ocasião: figos secos, mel, queijo, salsichas com alho e castanhas assadas. Uma mistura horrível, Mallory pensou, mas o melhor que Andréa podia fazer; além disso, estava faminto demais para preocupar-se com luxos, como agradar ao paladar. E quando comeu tudo, acompanhando com o vinho que Louki e Panayis tinham trazido no dia anterior, sua resinosa doçura e crueza apagaram qualquer sabor.

Cuidadosamente, tapando o fósforo com a mão, Mallory acendeu um cigarro e começou pela primeira vez a explicar seu plano para entrar na fortaleza. Não precisou se preocupar em abaixar a voz, pois na casa contígua, a única ainda ocupada pelos habitantes do lugar, à esquerda da praça, teares funcionavam sem cessar noite a dentro. Mallory suspeitava que isso era mais um dos truques de Louki, embora fosse difícil imaginar como conseguira avisar seus amigos. Mas Mallory contentava-se em aceitar a situação como se apresentava e concentrar-se para ter certeza de que os outros compreendiam suas instruções.

Aparentemente assim foi, pois não fizeram perguntas. Por alguns instantes a conversa foi geral, sendo que o comumente taciturno Casey Brown era o que mais tinha a dizer, queixando-se amargamente da comida, da bebida, da perna ferida e da dureza do banco onde não seria capaz nem de cochilar durante a noite.

Mallory sorriu para si mesmo mas não comentou; Casey Brown estava realmente melhorando.

— Acho que já falamos demais, senhores. — Mallory levantou-se do banco e se espreguiçou. — Puxa! Como estava cansado! Essa é nossa primeira e última chance de ter uma noite decente de sono. Duas horas de guarda; eu pego as duas primeiras.

— Sozinho? — Era a voz de Miller, baixinho, da outra extremidade da sala. — Não acha que devemos ser dois, chefe? Um para a frente e outro para o fundo. Além disso, sabe que estamos todos exaustos. Um homem sozinho pode cair dormindo. — Parecia tão preocupado que Mallory riu.

— Absolutamente, Dusty. Cada homem montará guarda perto daquela janela e se adormecer logo acordará quando cair no chão. E, exatamente porque estamos esgotados, não podemos permitir que ninguém perca sono desnecessariamente. Eu primeiro, depois você, depois Panayis, Casey e Andréa.

— Sim, suponho que esteja certo — Miller concordou de má vontade.

Colocou algo duro e gelado em sua mão. Mallory reconheceu imediatamente: era o mais querido pertence de Miller, sua automática com silenciador.

— Só para que possa encher de pequenos buracos qualquer visitante inoportuno, sem acordar toda a cidade.

Dirigiu-se para o fundo da sala, acendeu um cigarro, fumou-o silenciosamente por alguns minutos, depois jogou suas pernas em cima do banco. Em cinco minutos estavam todos dormindo, menos o silencioso homem que montava guarda à janela.

Dois ou três minutos depois, Mallory ficou imóvel ao ouvir um ruído furtivo lá fora, vindo do fundo da casa, achava ele. O barulho dos teares ao lado tinha parado e a casa estava silenciosa. Outra vez ouviu o barulho inconfundível, agora umas batidas suaves na porta no fim do corredor que conduzia para o fundo da sala.

— Fique aqui, meu capitão. — Era o sussurro de Andréa, e Mallory maravilhou-se com a habilidade de Andréa para despertar do mais profundo dos sonhos ao menor ruído estranho: a violência de uma trovoada não o afetaria. — Vou ver quem é. Deve ser Louki.

Era Louki. O homenzinho estava cambaleante perto da exaustão, mas extraordinariamente satisfeito consigo mesmo. Bebeu, agradecido, o copo de vinho que Andréa lhe servira.

— Puxa, estou contente em vê-lo novamente — disse Mallory com sinceridade. — Como foi? Alguém o seguiu?

Mallory quase que o podia ver naquela escuridão, empertigando-se todo.

— Como se qualquer desses alemães idiotas pudesse ver Louki, ainda que fosse noite de lua, quanto menos pegá-lo — disse com indignação. Parou um pouco para respirar com força algumas vezes. — Não, não, major, sabia que estava preocupado comigo por isso vim correndo por todo o caminho. Bem, quase todo — corrigiu. — Não sou mais jovem como era, major Mallory.

— Que caminho? — perguntou Mallory. Estava contente da escuridão esconder seu sorriso.

— Desde Vygos. É um velho castelo construído pelos francos há muitas gerações, cerca de duas milhas daqui, ao longo da estrada costeira que se dirige para leste. — Fez uma pausa para beber outro gole de vinho. — Mais de duas milhas, creio, e só parei duas vezes no caminho de volta, um minuto de cada vez — Mallory teve a impressão que Louki já lamentava sua momentânea fraqueza de admitir que já não era mais um jovem.

— E o que fazia lá? — perguntou Mallory.

— Pensei, depois de deixá-los aqui — Louki respondeu indiretamente. — Eu estou sempre pensando — explicou. — É um hábito que tenho. Pensei que quando os soldados que nos procuravam no Parque do Diabo descobrissem a falta do carro, saberiam que não estávamos mais naquele maldito lugar.

— Sim, é verdade — concordou Mallory cautelosamente. — Veriam logo.

— Então diriam: ah! Aqueles *verdammte Engländer* têm pouco tempo de vida. Eles sabem que sabemos que têm poucas esperanças de pegar-nos na ilha, pois Panayis e eu conhecemos cada rocha, árvore, caminho e caverna. Portanto tudo que têm a fazer é certificarem-se de que não entramos na cidade — eles

bloquearão cada entrada e esta noite é nossa última chance de penetrar. Está-me entendendo? — perguntou ansioso.

— Estou tentando.

— Mas primeiro — Louki estendeu suas mãos dramaticamente. — Mas primeiro vão certificar-se de que não estamos na cidade. Seriam tolos de bloquear as estradas se já estivéssemos na cidade. E então a busca. A grande busca. Com — como é que vocês dizem? — Com uma lente.

Mallory concordou com a cabeça num lento entendimento.

— Acho que ele tem razão, Andréa.

— Eu também temo isso — disse Andréa infeliz. — Devíamos ter pensado nisso. Mas talvez possamos esconder-nos, pelos telhados ou...

— Com uma lente, eu disse! — Louki interrompeu com impaciência. — Mas tudo está bem. Eu, Louki, pensei em tudo. Sinto cheiro de chuva. As nuvens taparão a lua daqui a pouco e poderemos sair com segurança... Não quer saber o que fiz com o carro, major Mallory? — Louki estava se divertindo imensamente.

— Já tinha até esquecido — confessou Mallory. — O que fez com o carro?

— Deixei-o no pátio do castelo de Vygos. Depois esvaziei toda a gasolina do tanque e joguei-a sobre o carro. Em seguida acendi um fósforo.

— O quê? — Mallory perguntou incrédulo.

— Acendi um fósforo. Acho que fiquei muito perto do carro pois quase estou sem sobranceiras — suspirou Louki. — Uma pena, um carro tão formidável! — Depois animou-se. — Mas juro por Deus, major, que foi uma bela fogueira.

Mallory encarou-o.

— Mas por que cargas d'água...

— É simples — explicou Louki com paciência. — Por essa hora os homens do Parque do Diabo devem saber que seu carro foi roubado. Vêem o fogo. Correm para — como se diz?

— Investigar?

— Exato. Investigar. Esperam até que o fogo acabe. Investigam novamente. Nem corpo, nem ossos, portanto rebuscam

o castelo. E o que encontram?

Houve um silêncio na sala.

— Nada! — disse Louki impaciente. — Não acham nada. E então procuram nos arredores meia milha à volta. E o que encontram? Novamente nada. Então percebem que foram enganados e que estamos na cidade e vêm fazer uma busca aqui.

— Com uma lente — Mallory murmurou.

— Com uma lente. E o que encontram? — Louki fez uma pausa, depois apressou-se antes que alguém lhe roubasse o efeito. — Novamente não acharão nada — disse triunfantemente. — E por quê? Porque então a chuva já terá caído, a lua desaparecido, os explosivos estarão escondidos e nós teremos partido.

— Partido, para onde?

— Ora, para o castelo de Vygos, major Mallory. Jamais lhes ocorreria procurar-nos ali.

Mallory olhou-o em silêncio durante longos segundos, depois virou-se para Andréa.

— O capitão Jensen só fez um erro até agora — murmurou. — Pegou o homem errado para liderar essa expedição. Não que isso faça alguma diferença. Com Louki a nosso lado, como poderemos perder?

Mallory pousou delicadamente seu saco de campanha sobre o chão do telhado, ergueu-se e pesquisou a escuridão, com ambas as mãos protegendo o rosto das primeiras gotas de chuva que caíam. Mesmo de onde estavam — no telhado desmoronado da casa mais perto da fortaleza no lado oriental da praça — o muro se erguia a cerca de quinze ou vinte pés de suas cabeças; não se viam na escuridão os terríveis ferros pontiagudos que coroavam a muralha.

— Lá está ela, Dusty — murmurou Mallory.

— Não é nada difícil.

— Nada difícil! — Miller estava horrorizado. — Eu... Eu tenho que passar por cima daquilo?

— Seria mais trabalho passar através — Mallory respondeu rapidamente. Sorriu, bateu nas costas de Miller e chutou o saco a

seus pés. — Atiramos a corda lá em cima, o gancho a agarra, e você sobe bonitinho...

— E sangra até morrer naquelas seis pontas de arame farpado — interrompeu Miller. — Louki disse que são os maiores espiões que já viu.

— Usaremos uma tenda como almofada — Mallory disse mansamente.

— Tenho a pele muito sensível, chefe — queixou-se Miller. — Nada menos que um colchão de molas...

— Bem. eu lhe dou uma hora para arranjar um — disse Mallory com indiferença. Louki havia calculado que os que efetuariam as buscas demorariam cerca de uma hora para percorrer a parte norte da cidade, dando a ele e Andréa oportunidade para despistá-los. — Rápido, vamos esconder tudo isso e sair daqui. Deixaremos as mochilas nesse canto e as cobriremos com terra. Entretanto, tire primeiro a corda; não teremos tempo para desfazer os embrulhos quando voltarmos.

Miller ajoelhou-se e começou a abrir as mochilas, depois exclamou num súbito aborrecimento:

— Não pode ser essa a mochila — murmurou zangado. Repentinamente sua voz mudou. — Espera um minuto!

— Que houve, Dusty?

Miller não respondeu logo. Por alguns segundos suas mãos exploraram o conteúdo da mochila, depois ergueu-se.

— O fulminante chefe. — Sua voz estava desfigurada pelo ódio, um ódio tão grande que assustou Mallory. — Sumiu!

— O quê? — Mallory agachou-se e começou a procurar dentro da mochila. — Não pode ser, Dusty, não pode! Raios, você mesmo fez o embrulho!

— Claro que fiz, chefe. — Miller disse. — Então algum filho da mãe veio pelas minhas costas e desfez tudo novamente.

— Impossível! — protestou Mallory. — Impossível, Dusty. Você fechou a mochila. — Eu mesmo vi esta manhã no alfarrobal e Louki guardou-a desde então. E eu confiaria a minha vida a Louki.

— Eu também, chefe.

— Talvez nós dois estejamos enganados — continuou Mallory baixinho. — Talvez você tenha se esquecido. Estamos todos muito cansados.

Miller olhou com ar estranho, nada disse por um momento, depois começou a xingar novamente.

— É tudo minha culpa, chefe, minha maldita culpa.

— Que quer dizer com sua culpa? Não diga bobagens, eu estava lá quando...

Mallory interrompeu-se, pôs-se de pé e através da escuridão olhou para o lado sul da praça. Um único tiro ressoara, um tiro de carabina, seguido do agudo silvo do ricochete e depois silêncio.

Mallory ficou imóvel com as mãos apertadas ao lado. Haviam transcorrido mais de dez minutos desde que ele e Miller deixaram Panayis para guiar Andréa e Brown até o Castelo Vygos — deviam estar bem longe da praça por essa hora. E era quase certo Louki não estar lá. As instruções de Mallory tinham sido explícitas: esconder o resto dos blocos de TNT no telhado e então esperar para levá-lo e a Miller para o castelo. Mas algo podia ter saído errado, algo bem que podia sair errado. Ou uma armadilha, talvez... Mas que espécie de armadilha?

O repentino matraquear de uma metralhadora pesada pôs fim a seus pensamentos e, por um momento ou dois, foi todo olhos e ouvidos. E então outra metralhadora mais leve rompeu o silêncio por poucos segundos: tão subitamente como começaram, as duas metralhadoras emudeceram juntas; Mallory não esperou mais.

— Pegue tudo outra vez — murmurou rápido. — Vamos levar tudo conosco. Alguma coisa saiu errada.

Em menos de trinta segundos já tinham posto as cordas e os explosivos de volta nas mochilas, e uma vez colocadas nos ombros, puseram-se em marcha.

Quase dobrados pela metade e procurando não fazer qualquer barulho, correram pelos telhados em direção à velha casa onde tinham permanecido escondidos horas antes, e onde tinham agora que encontrar Louki. Ainda correndo, estavam a apenas alguns pés de distância da casa, quando viram uma sombra erguer-se, mas não era Louki, Mallory logo viu; era bem mais alto que Louki e

aproveitando o impulso, arrojou seus 90 quilos contra o desconhecido num avanço homicida, seus ombros atingindo o homem embaixo do diafragma, esvaziando a última partícula de ar dos pulmões do indivíduo num explosivo e sofrido grito. Um segundo mais tarde as duas mãos de Miller apertavam o pescoço do desconhecido, asfixiando-o lentamente.

E o teria matado, pois nenhum dos dois homens estava para meias medidas, se Mallory impelido por uma fugaz intuição não se tivesse agachado sobre o rosto contorcido e ao ver os olhos fixos e saltados abafou um grito de horror.

— Dusty — murmurou roucamente. — Pelo amor de Deus, pare! Deixe-o em paz! É Panayis!

Miller não o ouviu. Na penumbra seu rosto parecia de pedra, sua cabeça jogada para trás entre seus ombros curvados, continuava apertando com mais firmeza, estrangulando o grego em meio a um selvagem silêncio.

— É Panayis, imbecil, é Panayis!

A boca de Mallory estava quase encostada ao ouvido do americano, suas mãos a volta dos pulsos do outro, tentando afastá-las da garganta de Panayis. Podia ouvir o surdo roçar dos calcanhares de Panayis no chão do telhado e arrancou as mãos de Miller com toda a força: duas vezes antes ouvira aquele som quando um homem morrera sob as grandes mãos de Andréa e sabia numa súbita certeza que Panayis iria da mesma maneira, e não demoraria, se Miller não o compreendesse. Mas, de repente, Miller entendeu, soltou a presa, endireitou o corpo, ainda ajoelhado, as mãos caídas ao lado. Respirando com dificuldade, encarou em silêncio o homem a seus pés.

— Que diabo deu em você? — perguntou Mallory baixo. — Surdo, cego ou as duas coisas?

— Só uma delas, creio. — Miller esfregou as costas das mãos na testa, com o rosto inexpressivo. — Desculpe, chefe, desculpe.

— Por que diabos me pede desculpas?

Mallory desviou os olhos para encarar Panayis: o grego agora estava sentado, com as mãos massageando a garganta machucada, engolindo grandes goles de ar aos soluços.

— Mas talvez Panayis apreciasse...

— As desculpas podem esperar — interrompeu Miller bruscamente. — Pergunte-lhe o que aconteceu a Louki.

Mallory olhou-o por um momento, ia começar a falar depois mudou de idéia e traduziu a pergunta. Ouviu a resposta entrecortada de Panayis; obviamente causava-lhe dor ter que falar e sua boca contraiu-se num rito duro e amargo. Miller observou o ligeiro descer dos ombros do neozelandês e sentiu que não podia esperar mais.

— Bem, o que houve, chefe? Alguma coisa aconteceu a Louki; é isto?

— Sim — disse Mallory sem expressão. — Ainda não tinham chegado na alameda dos fundos, quando encontraram uma pequena patrulha alemã bloqueando o caminho. Louki tentou atraí-los e a metralhadora atingiu-o no peito. Andréa matou o atirador e levou Louki embora. Panayis disse que com certeza ele morrerá.

XIV

Quarta-Feira à Noite

Das 19,15 às 20 horas.

Os três homens deixaram a cidade sem nenhuma dificuldade e, evitando a estrada principal, dirigiram-se diretamente através do campo para o Castelo de Vygots. Começava a chover agora, pesada e continuamente, o chão estava encharcado e os poucos campos lavrados quase intransitáveis. Acabavam de atravessar um desses e já podiam ver o pálido contorno do castelo, a menos de uma milha do povoado, em vez do cálculo exagerado de Louki, quando Miller, no momento que passavam por uma casa de barro, abandonada, falou pela primeira vez desde que deixaram a praça de Navarone.

— Estou no fim, chefe. — Sua cabeça estava caída sobre o peito e respirava com dificuldade. — O velho Miller está fora de forma, acho eu, e minhas pernas não dão mais nada. Não poderíamos descansar aí dentro alguns minutos e fumar um cigarro?

Mallory olhou para ele surpreendido, pensou quão terrivelmente cansadas estavam suas próprias pernas e concordou relutantemente. Miller não era homem de se queixar a não ser que estivesse beirando a exaustão.

— Está bem, Dusty, acho que um minuto ou dois não farão diferença. — Traduziu rapidamente para o grego e liderou o caminho para dentro da casa, com Miller atrás de si lamentando-se de sua avançada idade. Uma vez lá dentro Mallory dirigiu-se para o inevitável banco de madeira, sentou-se agradecido, acendeu um cigarro, depois olhou espantado, Miller estava de pé, andando lentamente ao redor e batendo nas paredes à medida que andava.

— Por que não senta? — perguntou Mallory irritado. — Foi para isso que entrou aqui, não foi?

— Não, chefe, na verdade não foi. — O sotaque era marcante. — Foi um truque meio sujo para entrarmos aqui. Tenho duas ou três coisas muito especiais para lhe mostrar.

— Muito especiais. Que diabos está tentando dizer?

— Tenha paciência, capitão Mallory — Miller pediu com formalidade. — Tenha paciência só mais uns minutos. Não vou fazer com que perca seu tempo. Tem minha palavra, capitão Mallory.

— Muito bem. — Mallory estava intrigado, mas sua confiança em Miller mantinha-se inalterada. — Como quiser. Só não demore muito.

— Obrigado, chefe. — Toda aquela formalidade era demais para Miller. — Não vai demorar nada. Deve haver um lampião ou uma vela por aqui, o senhor não disse que os ilhéus nunca deixam uma casa abandonada sem essas coisas?

— Tem sido uma superstição muito útil para nós também. — Mallory olhou para baixo do banco com sua lanterna e endireitou o corpo. — Aqui há duas ou três velas.

— Preciso de luz, chefe. Não há janelas, já verifiquei. Está certo?

— Acenda uma e eu vou lá fora ver se aparece alguma coisa. — Mallory estava no escuro quanto às intenções do americano. Sabia que Miller não queria que ele dissesse nada e havia uma calma segurança nele que impedia qualquer questão. Mallory voltou em menos de um minuto.

— Nem um fio de luz visto lá fora — declarou.

— Ótimo. Obrigado, chefe. — Miller acendeu uma segunda vela; depois retirou a mochila dos ombros, pousou-a no banco e

ficou em silêncio por um momento.

Mallory olhou para seu relógio e de volta para Miller:

— Você ia me mostrar algo — ressaltou.

— Sim, é verdade. Três coisas foi o que eu disse. — Meteu a mão na mochila e tirou uma pequena caixa preta, pouco maior que uma caixa de fósforos. — Prova A, chefe.

Mallory olhou para o objeto com curiosidade.

— O que é?

— Uma bomba-relógio. — Miller começou a desatarrachar o painel posterior. — Detesto essa maldita coisa. Sempre me faz sentir como um desses bolcheviques de capa preta, bigode igual ao de Louki e carregando na mão uma bala de canhão com a mecha acesa. Mas funciona. — Tinha tirado a parte posterior da caixa e estudava o mecanismo à luz da lanterna. Depois olhou novamente para Mallory. — O relógio está direito, mas o braço de contato foi dobrado para trás. Esta coisa ficaria armada fazendo tique-taque até o dia do Juízo Final e não acenderia um busca-pé.

— Mas como...

— Prova B. — Miller não parecia ter ouvido. Abriu a caixa de detonadores, levantou um fulminante de seu leito de feltro e algodão e examinou-o detalhadamente sob a lanterna. Depois olhou novamente para Mallory. — Fulminato de mercúrio, chefe. Só setenta e sete gramas, mas suficiente para arrancar todos os seus dedos. Instável como o diabo; ao menor toque explode. — Deixou cair no chão e Mallory fechou os olhos e deitou o corpo para trás involuntariamente quando o americano pisou nela fortemente. Mas não houve explosão.

— Não está funcionando, não é, chefe? Aposto um em cem como todo o resto está vazio também. — Pegou um maço de cigarros, acendeu um e observou a fumaça subir e enrolar-se sobre a chama das velas. Pôs o maço de volta no bolso.

— Você ia me mostrar uma terceira coisa — disse Mallory baixinho.

— Sim, ia lhe mostrar outra coisa. — A voz era suave mas Mallory sentiu um súbito calafrio. — Ia lhe mostrar um espião, um traidor, o mais sujo, baixo, nojento, perverso bastardo que já

conheci. — O americano tinha tirado a mão do bolso e na sua palma apareceu a pistola com o silenciador, o cano apontado para Panayis. Continuou com a voz mais serena do que nunca: — Judas Iscariote era um anjo comparado com nosso amigo aqui, chefe... Tire seu casaco, Panayis.

— Que diabo está fazendo? Ficou louco? — Mallory avançou meio zangado, meio espantado, mas estancou subitamente contra o braço de Miller estendido, rígido como uma barra de ferro. — Que maldita estupidez é essa? Ele não compreende inglês.

— Ah, não? Então por que saiu da caverna como um relâmpago quando Casey disse ter ouvido barulho lá fora?... Por que foi o primeiro a deixar o alfarrobal esta tarde se não compreendia sua ordem? Tire seu casaco, Judas, ou atiro no seu braço. Dou-lhe dois segundos.

Mallory tentou agarrar Miller e jogá-lo no solo mas parou quando viu o rosto de Panayis — dentes arreganhados, ânsia de assassinar refletida nos seus olhos negros como o carvão. Nunca Mallory tinha visto tanta maldade num rosto humano, uma expressão de maldade que mudou bruscamente para dor e incredulidade quando a bala do 32 atingiu seu braço debaixo do ombro.

— Dois segundos e depois o outro braço — Miller disse secamente. Mas Panayis já estava arrancando seu casaco, os olhos negros e bestiais fixos no rosto de Miller. Vendo-o, Mallory estremeceu involuntariamente e olhou para Miller. Indiferença, pensou, era a única palavra para descrever a aparência do americano. Indiferença. Sem saber por que Mallory sentiu-se mais gelado do que nunca.

— Vire-se! — A automática não se mexia. Lentamente Panayis virou-se. Miller deu um passo para a frente, pegou a camisa preta, pelo colarinho e arrancou-a do corpo com um brusco puxão. — Ótimo, ótimo, então quem poderia imaginar isto? — Miller ironizou. — Surpresa, surpresa, surpresa! Lembra, chefe, esse era o tipo que foi publicamente flagelado pelos alemães em Creta, flagelado até que o osso das costelas aparecesse. Suas costas estão num estado deplorável, não estão?

Mallory olhou mas nada disse. Completamente confuso, sua mente girava como um caleidoscópio, seus pensamentos lutando para se adaptarem às novas circunstâncias, num reverso total de tudo o que pensara antes. Nem uma cicatriz, nem uma única mancha marcava a escura maciez daquela pele.

— Fica bom rápida e milagrosamente — murmurou Miller. — Só uma mente maligna e pervertida como a minha poderia supor que ele era um agente alemão em Creta, conhecido pelos aliados como quinta-coluna, perdeu sua utilidade para os alemães e foi enviado de volta a Navarone num rápido barco a motor sob a calada da noite. Flagelado! De ilha em ilha até chegar aqui num barco a remo! Um montão de malditas mentiras! — Miller fez uma pausa e sua boca contorceu-se. — Imagino quantas moedas de prata tenha ganho em Creta antes de ser descoberto.

— Mas homem, por Deus, você não vai condenar um homem sem ter certeza! — protestou Mallory. Mas estranhamente não se sentia tão veemente quanto parecia. — Quantos sobreviventes haveria entre os Aliados se... ?

— Ainda não está convencido, não é? — Miller apontou negligentemente com a pistola para Panayis. — Enrole para cima a perna da calça, Iscariote. Dois segundos outra vez.

Panayis fez o que lhe mandava. Os olhos negros e venenosos não abandonavam o rosto de Miller. Enrolou a fazenda negra até o joelho.

— Mais para cima! Assim é que eu gosto! — Miller animou-o. — E agora tire essa atadura por completo. — Alguns segundos se escoaram, depois Miller sacudiu tristemente a cabeça. — Que terrível ferida, chefe, que terrível ferida!

— Estou começando a compreender — disse Mallory pensativamente. A perna escura e manchada não estava nem arranhada — Mas por que diabos... ?

— É simples. Quatro razões pelo menos. Nosso amigo aqui é um filho da mãe sujo e traidor; uma cascavel que se respeitasse não chegaria a uma milha dele. Fingiu que sua perna fora atingida para poder ficar na caverna, no Parque do Diabo, quando nós

quatro voltamos para impedir que os Alpenkorps subissem o declive abaixo do alfarrobal.

— Por quê? Tinha medo de impedir algo?

Miller sacudiu a cabeça com impaciência.

— Nada assusta nosso amiguinho. Ficou para trás para escrever um bilhete. Mais tarde usou sua perna como subterfúgio para ficar mais recuado e poder deixar um papel num lugar fácil de ser encontrado. Isto deve ter sido antes. A nota provavelmente dizia que sairíamos em tal ou tal lugar e se eles não poderiam ser bastante gentis para mandar um comitê de recepção. Eles mandaram, lembra-se? Foi o carro deles que roubamos para chegar até a cidade... Esta foi a primeira vez que fiquei realmente desconfiado de nosso amigo; depois de ter ficado para trás, alcançou-nos rapidamente, rápido demais para um homem com uma perna ferida. Mas só me certifiquei quando essa noite na praça abri aquela mochila.

— Você só mencionou duas razões — comentou Mallory.

— Já vou chegar nas outras. Número três: ele podia ficar para trás quando o comitê de recepção aparecesse, Iscariotes não ia arriscar-se a bater a bota antes de receber seu salário. E, número quatro, lembra-se daquela tocante cena quando implorou para ficar na extremidade da caverna que levava ao vale? Ia representar a cena de Horácio na ponte!

— Você quer dizer mostrar-lhes a caverna que deveriam escolher?

— Correto. Depois daquilo foi começando a ficar desesperado. Eu ainda não tinha certeza, mas estava começando a ficar muito desconfiado, chefe. Não sabia o que ele tentaria. Então dei-lhe um tranco duro e bem dado, quando a última patrulha apareceu no vale.

— Compreendo — disse Mallory baixinho. — Realmente, agora compreendo. — Olhou duramente para Miller. — Devia ter-me dito. Não tinha o direito...

— Eu ia dizer, chefe. Mas não tive oportunidade. Este tipo estava sempre por perto. Eu ia justamente começar a contar-lhe há uma hora atrás quando os tiros começaram.

Mallory assentiu, entendendo.

— Como começou a desconfiar disso tudo, Dusty?

— Junípero — disse Miller sucintamente. — Lembra-se que Turzig disse que nos descobriram por causa disso. Sentiu o cheiro de junípero.

— Está certo. Mas nós estávamos queimando junípero.

— Claro que estávamos. Mas disse que sentira o cheiro no Kostos... e o vento estava soprando do Kostos o dia todo.

— Meu Deus! — murmurou Mallory. — Claro! Claro! Isso me escapou inteiramente.

— Mas Fritz sabia que estávamos lá. Como? Bem, ele é tão vidente quanto eu. Portanto foi informado, informado por nosso amigo aqui. Lembra-se que eu disse que ele falou com alguns amigos em Margaritha quando fomos buscar provisões? — Miller cuspiu com nojo. — Enganou-me todo o tempo. Amigos? Eu não sabia o quanto estava certo; seus amigos alemães! E a comida que disse ter conseguido na cozinha do comandante... claro que a tirou da cozinha. Quase certo que entrou e pediu, e o velho Skoda lhe entregou, inclusive a maleta para guardar tudo.

— Mas, e o alemão que matou na volta da cidade? Certamente que...

— Panayis matou-o. — Havia uma cansada segurança na voz de Miller. — Que diferença faria outro cadáver para esse "Raio de Sol"! Provavelmente esbarrou com o pobre coitado no escuro e teve que matá-lo. Cor local, nada mais. Louki estava lá, lembre-se, e não podia deixar Louki suspeitar. De qualquer modo depois culparia Louki. O tipo não é humano... E lembra-se quando foi empurrado para dentro da sala do Skoda em Margaritha junto com Louki, sangrando com uma ferida na cabeça?

Mallory concordou.

— Ketchup de primeira. Provavelmente também da cozinha do comandante — Miller disse amargamente. — Se Skoda falhasse por todos os outros meios, sempre haveria este pombo-correio. Porque nunca perguntou a Louki onde é que estavam os explosivos é que não compreendo.

— Obviamente não tinha idéia que Louki sabia.

— Talvez. Mas uma coisa esse canalha sabia: como usar um espelho. Deve ter avisado a guarnição usando um espelho do alfarrobal, e dando as posições. Não havia outro jeito, chefe. Então num momento qualquer, esta manhã, deve ter-se apoderado de minha mochila, sumiu com o fulminante, estragou a espoleta do relógio e os detonadores. Pena que ao manejar os detonadores não tenha estourado as mãos. Só Deus sabe onde aprendeu a lidar com essas malditas coisas.

— Em Creta — disse Mallory positivo. — Os alemães providenciariam isso. Um espião que não pode ser também sabotador não serve.

— E ele era muito bom para eles — disse Miller baixinho. — Muito bom, muito bom. Vão sentir falta do amiguinho. Iscariotes era um rapazinho muito esperto, realmente.

— Era. Exceto esta noite. Devia ser bastante esperto para saber que no fim um de nós ficaria desconfiado...

— Provavelmente sabia — interrompeu Miller. — Mas foi mal informado. Acho que Louki saiu ileso. Acho que nosso amigo convenceu Louki a deixá-lo ocupar seu posto — Louki sempre teve um pouco de medo dele — e correu para seus amigos no portão para enviarem uma boa patrulha até Vygos para pegar os outros, pediu-lhes para dar uns tiros — gostava de cor local, subiu para o telhado e esperou para dar um sinal a seus amigos assim que saíssemos pela porta dos fundos. Mas Louki esqueceu de lhe avisar uma coisa: que nosso encontro era no telhado da casa e não dentro. Então nosso amiguinho aqui sobe lá para o alto e espera para dar o sinal a seus amigos. Aposto o que quiser como tem uma lanterna em seu bolso.

Mallory pegou o casaco de Panayis e examinou-o rapidamente.

— Tem.

— Então é isso. — Miller acendeu outro cigarro, esperou o fósforo queimar lentamente até quase seus dedos, depois encarou Panayis.

— Que tal saber que vai morrer, Panayis, sentir-se agora como todos aqueles pobres diabos se sentiram, antes de morrerem?

Todos os homens em Creta, todos os que desembarcaram por ar ou por mar em Navarone? Que morreram porque pensaram que você estava do nosso lado? Como se sente, Panayis?

Panayis não respondeu. Sua mão esquerda apertava seu braço direito ferido, tentando estancar o sangue, o rosto moreno imóvel e maligno impregnado de ódio, os lábios entreabertos naquele rosnar pouco humano. Não demonstrava medo absolutamente nenhum e Mallory preparou-se para a última tentativa de salvar-se que Panayis seguramente faria, mas então olhou para Miller e viu que não haveria tentativas, porque havia uma estranha segurança e uma inevitabilidade no americano, uma imobilidade total de mãos e olhos que de certo modo excluía até o pensamento, quanto mais a possibilidade de fuga.

— O prisioneiro não tem nada a dizer. — Miller parecia muito cansado. — Acho que eu devia dizer algo. Suponho que devia fazer um longo discurso por ser o juiz, o júri e o carrasco, mas não acho que vale a pena cansar-me. Um homem morto é uma péssima testemunha... Talvez não seja culpa sua, Panayis, talvez você tenha ótimas razões para ser o que é. Só Deus sabe. Eu não sei nem quero saber. Há muitos homens mortos. Vou matá-lo, Panayis, e vou matá-lo agora. — Miller deixou cair o cigarro e amassou-o no chão com o pé. — Nada para dizer?

Ele não tinha nada para dizer, o ódio, a maldade dos olhos negros exprimindo tudo o que gostaria de falar e Miller assentiu com a cabeça, uma só vez, como se secretamente tivesse compreendido. Cuidadosamente, com absoluta precisão, atirou no coração de Panayis duas vezes, apagou as velas com um sopro, virou-se de costas e já estava na metade do caminho para a saída antes de o cadáver cair no chão.

— Acho que não consigo, Andréa. — Louki sentou-se cansado e sacudiu a cabeça desanimado. — Sinto muito, Andréa. Os nós estão muito apertados.

— Não faz mal. — Andréa rolou sobre um lado para sentar-se e tentou afrouxar as cordas nas suas pernas e pulsos.

— Esses alemães são vivos, e cordas molhadas só podem ser cortadas. — Como lhe era característico, não aludiu ao fato de que há apenas alguns minutos atrás tinha-se retorcido para desatar as cordas nos pulsos de Louki e o conseguira com meia dúzia de arrancões de seus dedos de ferro. — Vamos pensar noutra solução.

Desviou a vista de Louki para o outro extremo da sala, sob a pálida luz do fumacento lampião de petróleo na porta de ferro, sua luz tão escassa que Casey Brown, remexendo-se como ave de galinheiro, assim como ele, fortemente atado por uma corda presa a uns ganchos de ferro suspensos no teto, nada mais era do que uma mancha sem formas no canto esquerdo da sala de chão de pedras. Andréa sorriu para si mesmo porém sem regozijo. Outra vez feito prisioneiro e pela segunda vez no mesmo dia... e com a mesma facilidade e surpresa que não lhe deram nenhuma oportunidade de resistir; sem suspeitarem de coisa alguma tinham sido capturados no andar superior, segundos depois de Casey ter acabado de falar com Cairo. A patrulha sabia exatamente onde encontrá-los e quando seu chefe, alardeando a segurança de quem sabe que tudo terminou, divertiu-se explicando o papel que Panayis representara, o inesperado êxito do golpe tornou-se facilmente compreensível. E era difícil não acreditar na sua afirmativa de que Mallory e Miller não tinham a menor chance. Mas o pensamento de derrota nunca aflorou à mente de Andréa.

Seu olhar deixou Casey Brown, passeou à volta da sala e fixou-se no que podia enxergar das paredes e chão de pedras, os ganchos, as vias de ventilação, a pesada porta de ferro. Uma masmorra, uma masmorra de tortura era o que se podia supor, mas Andréa já vira outros lugares iguais. Chamavam esse lugar de castelo, mas na realidade era uma velha fortaleza, nada mais que um casarão rodeado de torres. E os falecidos nobres francos que construíram esse castelo tinham vivido bem. Isso não era masmorra, Andréa sabia, mas simplesmente a despensa onde penduravam suas carnes, construída sem janelas nem luz para evitar...

A luz! Andréa virou-se e olhou para o fumacento lampião de petróleo, apertando os olhos.

— Louki! — chamou baixinho. O pequeno grego virou-se para olhá-lo.

— Você pode alcançar o lampião?

— Acho que sim... Sim, posso.

— Tire o vidro — sussurrou Andréa. — Use um pano... deve estar quente. Depois enrole-o no pano, jogue-o no chão, devagar. O vidro é grosso e você poderá soltar-me num minuto ou dois.

Louki encarou-o um momento sem compreender, depois concordou com a cabeça. Arrastou-se pelo chão pois seus pés ainda estavam atados, estirou um braço e parou abruptamente a umas polegadas do vidro. O golpe peremptório e metálico soara a alguns passos de distância e ergueu a cabeça lentamente para ver qual fora a causa.

Podia ter esticado a mão e tocado no cano da Mauser que penetrava ameaçadora entre as grades da porta. Novamente o guarda bateu com o fuzil furiosamente entre as grades e gritou algo que ele não conseguiu entender...

— Deixe, Louki — disse Andréa calmamente. Sua voz estava tranqüila, sem a menor sombra de desapontamento. — Volte para cá. Nosso amigo lá fora não está muito satisfeito.

Louki retrocedeu obedientemente, e ouviu outra vez a voz gutural e desta vez alarmada e rápida, o barulho do fuzil ao ser retirado precipitadamente das grades, e seus apressados passos no piso de pedra quando se afastou pelo corredor.

— Que houve com nosso amiguinho? — Casey Brown estava lúgubre e cansado como sempre. — Parece aborrecido.

— Está aborrecido. — Andréa sorriu. — Acabou de descobrir que as mãos de Louki estão desamarradas.

— Ué, então por que não as amarra novamente?

— Pode ser retardado, mas não é louco — explicou Andréa. — Isso podia ser uma armadilha e foi chamar seus amigos.

Quase no mesmo instante ouviram um barulho como o fechar de uma porta distante, o som de passos correndo no corredor, o ruído metálico de chaves num aro, o roçar de uma chave na fechadura, um barulhinho agudo, o ranger das dobradiças, e apareceram dois soldados na sala, sombrios e ameaçadores com

suas botas altas e pistolas na mão. Passaram-se dois ou três segundos durante os quais examinaram a sala, acostumando seus olhos à penumbra; depois o que estava mais perto da porta falou.

— Que coisa terrível, chefe, nada mais deplorável. Nós os deixamos sós uns minutos e vê o que acontece? Todo o maldito grupo amarrado como Houdini numa noite de espetáculos.

Houve um silêncio breve e incrédulo e de súbito os três prisioneiros se sentaram olhando-os fixamente. Brown foi o primeiro a voltar a si.

— Já era hora — queixou-se. — Pensamos que nunca mais chegassem.

— O que ele quer dizer é que pensou que nunca mais ia vê-los — disse Andréa lentamente. — Nem eu. Mas aqui estão, são e salvos.

— Sim — concordou Mallory. — Graças a Dusty e sua mente desconfiada e maldosa que pegou Panayis enquanto nós todos estávamos boiando.

— Onde está ele? — perguntou Louki.

— Panayis? — Miller fez um gesto negligente. — Nós o deixamos lá atrás. Teve uma espécie de acidente.

Já se encontrava no outro extremo da sala, cortando cuidadosamente com sua faca afiada as cordas que amarravam a perna ferida de Brown, assobiando qualquer coisa. Mallory também estava ocupado cortando as cordas que prendiam Andréa, explicando rapidamente o que acontecera e ouvindo a concisa explicação do grego sobre o que lhes ocorrera no castelo. E então, Andréa levantou-se massageando suas mãos entorpecidas e olhou para Miller.

— Este assobio, meu capitão. Tem um som horrível e, o que é pior, está muito alto. Os guardas...

— Não se preocupe com isso — disse Mallory firmemente. — Não esperavam ver Dusty e eu novamente. Vigiavam mal... — Virou-se para olhar Brown que coxeava pela sala.

— Como vai a perna, Casey?

— Bem, capitão — Brown respondeu sem dar muita importância. — Conseguí falar com Cairo esta noite. O relatório ...

— Isso pode esperar, Casey. Temos que sair daqui o quanto antes. Você está bem, Louki?

— Estou desapontado, major Mallory. Um compatriota meu, um amigo em quem eu confiava...

— Isso também pode esperar, vamos!

— Está com muita pressa — protestou suavemente Andréa. Já estavam no corredor e passaram por sobre o carcereiro que jazia enrolado ao chão. — Bem, se todos estão como nosso amigo aqui...

— Por esse lado, não há perigo — interrompeu Mallory com impaciência. — Os soldados que estão no povoado já devem saber que ou nos desencontramos de Panayis ou que demos cabo dele. Em qualquer caso, imaginarão com certeza que viemos para cá a toda pressa. Pense um pouco. Já podem estar no meio do caminho e se realmente vieram... — Interrompeu-se e olhou para o gerador destruído e as ruínas do transmissor de Casey Brown atirados a um canto da entrada. — Fizeram um belo trabalho, não foi? — disse amargamente.

— Graças a Deus — disse Miller piedosamente. — Menos peso para carregar, digo eu. Se pudessem ver o estado de minhas costas por causa desse maldito gerador...

— Capitão! — Brown segurara o braço de Mallory; era uma ação tão pouco comum num suboficial tão disciplinado que Mallory estancou surpreendido. — Capitão, é terrivelmente importante, quero dizer, o relatório. Deve ouvir, senhor.

Sua atitude e sua tremenda sinceridade chamaram e prenderam a atenção de Mallory. Virou-se e olhou para Brown com um sorriso.

— Está bem, Casey, vamos a ele — disse tranqüilamente. — As coisas não podem ficar piores do que já estão.

— Podem, senhor. — Havia algo de cansaço e de derrota em Casey Brown e o grande vestíbulo de pedra parecia estranhamente gelado. — Temo que possam, capitão. Comuniquei-me esta noite. Recepção de primeira categoria. Com o próprio capitão Jensen e estava dando pulos de raiva. Esperou o dia todo para falar conosco. Perguntou como iam as coisas e eu lhe disse que naquele momento

o senhor se achava fora da fortaleza e que esperava entrar no paiol de pólvora aproximadamente dentro de uma hora.

— Prossiga.

— Ele disse que eram as melhores notícias que já havia recebido. Disse também que a informação que lhe havia dado era errônea, que o haviam enganado, que a frota invasora não se refugiara nas Cícladas durante a noite, que havia navegado sem deter-se protegida pela maior escolta aérea e marítima já vista no Mediterrâneo e que chegará às praias de Kheros, amanhã, pouco antes do amanhecer. Disse que nossos destróieres tinham esperado ao sul, durante todo o dia, movimentaram-se ao escurecer e esperavam sua ordem para saber se deviam tentar a passagem do estreito de Midos. Eu lhe disse que talvez alguma coisa saísse errada, mas ele respondeu que não com o capitão Mallory e Miller tratando do caso e que além disso não ia... não podia arriscar as vidas dos mil e duzentos homens que estão em Kheros simplesmente pela remota razão de que pudesse estar equivocado.

Brown subitamente parou de falar e olhou para baixo angustiado. No vestíbulo ninguém se moveu ou fez qualquer ruído.

— Continue. — Mallory repetiu num sussurro. Seu rosto estava muito pálido.

— Isso é tudo, capitão. É tudo que foi dito. Os destróieres passarão pelo estreito à meia-noite. — Brown olhou para seu relógio luminoso. — Meia-noite. Faltam quatro horas.

— Santo Deus! À meia-noite! — exclamou Mallory aterrado, olhos sem enxergar, mãos com os nódulos brancos numa contração de desespero e angústia. — Vão passar à meia-noite! Deus os ajude! Deus os ajude a todos!

XV

Quarta-Feira à Noite

Das 20 às 21,15 horas.

Seu relógio marcava oito e meia. Oito e meia. Meia hora exata para o toque de recolher. Mallory se apertou contra o telhado e se acercou o quanto pôde do muro de contenção que quase tocava os grandes muros da fortaleza e praguejou baixinho para si mesmo. Bastava um homem com uma lanterna na mão em cima do muro da fortaleza — um caminho de gato em todo o comprimento do lado inferior do muro, quatro pés do ponto mais alto — e seria o fim deles todos. Um raio de luz e arriscavam-se a ser vistos; era impossível que não os vissem; ele e Dusty Miller — o americano estava atrás apertando em seus braços a bateria do caminhão — estavam expostos às vistas de qualquer um que resolvesse olhar para baixo naquela direção. Talvez devessem ter ficado com os outros, dois telhados mais atrás, com Casey e Louki, um dando nós espaçados numa corda, o outro atando atarefadamente um gancho a um longo bambu que tinham arrancado de um bambual antes de entrar no povoado onde precipitadamente buscaram refúgio quando pela estrada passou a toda pressa um comboio de três caminhões em direção ao Castelo de Vygos.

Oito e trinta e dois. Que diabo estava Andréa fazendo lá, pensou Mallory irritado, e logo se arrependeu de sua irritação. Andréa não desperdiçaria um segundo desnecessariamente. A rapidez era vital, a pressa fatal. Parecia improvável que houvesse qualquer oficial dentro — pelo que tinham visto, praticamente a metade da guarnição estava fazendo buscas no povoado ou percorrendo os campos em direção a Vygos — mas se houvesse, ainda que fosse um só e desse um grito seria o fim.

Mallory olhou a queimadura nas costas de sua mão, pensou no caminhão que haviam incendiado e sorriu amargamente. Sua única façanha até agora, naquela noite, fora incendiar o caminhão. Todo o resto ficara por conta de Andréa ou Miller. Fora Andréa quem vira nesta casa em que estavam, ao oeste da praça — uma dentre as várias casas contíguas que serviam de alojamento para os oficiais —, a única resposta possível para o problema. Fora Miller, agora sem estopim, espoleta ou bomba-relógio ou qualquer outra fonte de força elétrica, quem dissera que precisava de uma bateria; fora Andréa de novo que, ouvindo um caminhão a distância, bloqueara a entrada da longa estrada para o castelo, por meio de grandes pedras dos pilares laterais, forçando os soldados a abandonar o caminhão nos portões e subir correndo até a casa. Dominar o motorista e seus companheiros e deixá-los amarrados e sem sentidos, numa vala, fora obra de segundos, ou pouco mais do que o tempo que Miller levava para desa-tarrachar os terminais da pesada bateria, encontrar a inevitável lata de gasolina de reserva, na parte posterior do caminhão e despejar o conteúdo sobre o motor, a cabina, a carroçaria. O caminhão estourou numa grande fogueira; como Louki dissera anteriormente nessa mesma noite, incendiar veículos impregnados de gasolina não deixava de ser perigoso — a dor de sua mão assim o demonstrava — mas, novamente segundo Louki, queimara magnificamente. De certo modo era uma pena — atraía a atenção para a fuga mais cedo do que o necessário, mas fora vital para destruir a prova de que faltava uma bateria. Mallory tinha demasiada experiência e sentia

demasiado respeito pelos alemães para menosprezar seu valor: somavam dois mais dois melhor do que a maioria.

Sentiu Miller puxar seu calcanhar, sobressaltou-se e virou-se rapidamente. O americano indicava com a mão o lado oposto e então virou-se novamente e viu Andréa fazendo sinais num alçapão levantado num canto mais afastado; esti-vera tão absorto em seus pensamentos, e o gigantesco grego era tão felino em seus movimentos, que não se dera conta de sua chegada. Mallory sacudiu a cabeça aborrecido com sua distração, pegou a bateria das mãos de Miller, sussurrou-lhe que fosse buscar os outros, depois começou a avançar pelo telhado o mais silenciosamente possível. O peso morto da bateria era espantoso, parecia pesar uma tonelada, mas Andréa tirou-a de suas mãos, passou-a por cima da tampa do alçapão, enfiou-a debaixo de um braço e desceu agilmente as escadas até chegar a uma pequenina passagem como se não pesasse nada.

Andréa saiu pela passagem aberta para o balcão coberto que dava para o porto envolto na escuridão, a quase cem pés de altura. Mallory seguindo-o de perto tocou-lhe no ombro quando pousou a bateria delicadamente no solo.

— Algum problema? — perguntou baixinho.

— Nenhum, Keith. — Andréa se endireitou. — A casa está vazia. Fiquei tão surpreendido que a percorri duas vezes para me certificar.

— Magnífico! Maravilhoso! Suponho que todo o bando esteja nos procurando pelo campo. Seria interessante saber o que diriam se soubessem que estamos sentados na sua própria ante-sala.

— Não acreditariam. — Andréa disse sem hesitação. — E é o último lugar onde pensariam em nos procurar.

— Nunca desejei tanto que você estivesse certo — murmurou Mallory com fervor. Chegou para perto da balaustrada que cercava o balcão, olhou para baixo dentro da escuridão sob seus pés e estremeceu. Uma queda grande, grande e estava muito frio; aquela chuva gelava até os ossos... Recuou e sacudiu a balaustrada.

— Acha que é bastante forte? — murmurou.

— Não sei, Keith, não sei. — Andréa encolheu os ombros. — Assim o espero.

— Assim espero — repetiu como num eco Mallory.

— Na verdade não tem importância. É assim que tem que ser. — Novamente inclinou-se por cima da balaustrada e virou a cabeça para a direita e para cima. Na penumbra chuvosa da noite distinguia a ainda mais escura boca da caverna onde se achavam colocados os dois grandes canhões a cerca de quarenta pés de onde se encontrava e pelo menos trinta pés de altura, e entre eles um penhasco vertical. E quanto à acessibilidade, a boca da caverna podia, sem diferença, estar na lua.

Recuou e virou-se quando ouviu Brown coxeando no balcão.

— Vá para a frente da casa e fique lá, Casey, está bem? Fique perto da janela. Deixe a porta destrancada. Se tivermos visitas, deixem-nas entrar.

— Bata na cabeça, enfie uma faca, mas nenhum tiro

— murmurou Brown. — É assim, capitão?

— Exatamente, Casey.

— Deixe por minha conta — disse Brown com determinação. Desapareceu capengando. Mallory virou-se para Andréa.

— Tenho vinte e três minutos.

— Eu também. Vinte e três minutos para as nove.

— Boa sorte — murmurou Mallory. Sorriu para Miller.

— Vamos, Dusty. Hora de começar.

Cinco minutos mais tarde, Mallory e Miller estavam sentados numa taberna situada ao sul da praça. Apesar da pintura azul brilhante com a qual o taberneiro cobrira tudo à vista — paredes, cadeiras, prateleiras, tudo na mesma cor execravelmente vividas (azul e vermelho para as tabernas, verde para as confeitarias era a regra quase invariável em todas as ilhas) — o lugar era escuro, mal iluminado, quase tão escuro como os austeros, sérios e bigodudos heróis das Guerras da Independência, cujos olhos negros e flamejantes estavam fixos neles de uma dúzia de gravuras esmaecidas espalhadas pelas paredes. Entre cada dois retratos

havia um vistoso anúncio em cor de cerveja FIX; o efeito da decoração era indescritível e Mallory estremeceu apavorado pensando em como ficaria se o taberneiro tivesse iluminação mais potente do que os dois lampiões de petróleo colocados sobre o balcão diante dele.

Como estava, a penumbra lhes favorecia. Suas roupas escuras, casacos típicos, *tsantas* e botas altas, pareciam bem genuínas, Mallory sabia, e os turbantes com franjas negras, que Louki misteriosamente obtivera para eles, adaptavam-se com perfeição, numa taberna onde cada ilhéu — cerca de oito ou dez — não levava outra coisa na cabeça. Suas roupas eram suficientemente autênticas para agüentar a revista do taberneiro, mas, na realidade, não se poderia esperar que os taberneiros conhecessem todos os homens num povoado de cinco mil habitantes, e como um patriota grego — Louki declarara que esse homem também era um patriota — não iria levantar uma sobrancelha em dúvida enquanto houvesse soldados alemães presentes. E havia alemães presentes — quatro deles sentados numa mesa perto do balcão. Essa era a principal razão de Mallory agradecer a semi-obscuridade. Não que ele e Dusty Miller tivessem qualquer motivo para temerem fisicamente esses homens. Louki os havia descrito com desprezo como um bando de mulheres velhas — funcionários do quartel-general, achava Mallory — que iam à taberna todas as noites. Mas não havia razão para esticar o pescoço mais do que o necessário.

Miller acendeu um daqueles penetrantes e mal cheirosos cigarros do país e franziu o nariz com nojo.

— Maldito cheiro deste lugar, chefe.

— Apague seu cigarro — sugeriu Mallory.

— Não acreditaria, mas o cheiro que estou sentindo é ainda pior que isso.

— Deve ser haxixi — disse Mallory rapidamente. — A maldição de todos esses porcos ilhéus. — Indicou um canto escuro. — Aqueles rapazes ali fumarão ali todas as noites de suas vidas. Só vivem para isso.

— E têm que fazer este maldito barulho enquanto fumam? — perguntou Miller enojado. — Toscanini deveria vê-los.

Mallory olhou para o pequeno grupo no canto apinhado ao redor de um jovem tocando *bouzouko* — uma espécie de bandolim de haste longa — e cantando as tristes e nostálgicas canções *rembetika* dos fumadores de haxixi do Pireu. Achava que a música tinha uma certa melancolia, certa atração oriental, mas naquela hora mexia com seus nervos. É preciso estar num humor apropriado, crepuscular e sossegado, para apreciar essa espécie de coisa, e nunca em sua vida se sentira menos despreocupado.

— Suponho que seja um pouco triste — admitiu. — Mas pelo menos nos deixa conversar, o que não seria possível se todos se levantassem e fossem para casa.

— Pois eu desejaria que fossem — disse Miller mal-humorado. — De boa vontade conservaria minha boca fechada. — Pegou aborrecido uma *mete*, mistura de azeitonas picadas, fígado, queijo e maçã — no prato diante dele. Como bom americano e bom bebedor de Bourbon, desaprovava o costume grego de comer enquanto bebiam. Subitamente, levantou os olhos e amassou o cigarro contra o tampo da mesa. — Pelo amor de Deus, chefe, quanto tempo ainda vai durar?

Mallory olhou para ele, depois para o outro lado. Sabia exatamente como Dusty Miller se sentia, porque sentia o mesmo, demasiadamente tenso, todos os nervos preparados para render o máximo. Tantas coisas dependiam dos próximos minutos; se todos seus trabalhos e sofrimentos foram necessário; se os homens em Kheros viveriam ou morreriam; se Andy Stevens tinha vivido e morrido em vão. Mallory olhou para Miller outra vez, viu as mãos nervosas, as rugas pronunciadas ao redor dos olhos, os lábios apertados, brancos nas comissuras, viu todos esses sinais de tensão, tomou nota mental deles e deu um desconto. Excetuando Andréa, de todos os homens que havia conhecido escolheria o magro e taciturno americano para seu companheiro nesta noite. Ou talvez até incluindo Andréa. “O mais eficiente sabotador na Europa meridional”, o havia chamado o capitão Jensen, quando estavam

em Alexandria. Miller viera de muito longe, de Alexandria, e viera só para isso. Era a grande noite de Miller.

Mallory olhou para o relógio.

— Toque de recolher em quinze minutos — disse em voz baixa. — O balão sobe dentro de doze minutos. Nós temos ainda quatro para entrarmos em ação.

Miller assentiu sem nada dizer. Encheu novamente seu copo com o jarro que estava no meio da mesa e acendeu um cigarro. Mallory podia ver um nervo inquieto palpitar em sua têmpora e imaginou quantos nervos palpitantes Miller via em seu próprio rosto. Imaginou também como estaria Casey Brown, com sua perna aleijada, na casa que acabavam de deixar. Sob muitos aspectos tinha o trabalho de maior responsabilidade, e no momento crítico teria que deixar a porta abandonada e ir para o balcão. Um passo em falso e... Viu que Miller o olhava de modo estranho e sorriu meio torto. Isso tinha de sair direito, simplesmente tinha de sair direito; pensou no que certamente sucederia se falhasse, depois afastou o pensamento da mente.

Perguntava-se se os outros dois estariam em seus postos, sem serem molestados: deviam estar, a patrulha de busca já passara há muito pela parte superior da cidade, mas nunca se sabe o que pode sair errado, tanta coisa podia acontecer e tão facilmente. Mallory olhou novamente para seu relógio: nunca tinha visto um ponteiro mexer-se tão vagarosamente. Acendeu um último cigarro, serviu-se de um último copo de vinho, escutou sem realmente ouvir a estranha e aguda melodia da *rembetika* que entoavam no canto. E então a canção dos cantores de haxixe morreu num queixume, os copos se esvaziaram e Mallory levantou-se.

— O tempo traz todas as coisas — murmurou. — Lá vamos nós outra vez.

Dirigiu-se para a porta tranqüilamente, dizendo boa-noite para o taberneiro. Exatamente na entrada parou, começou a procurar impacientemente em seus bolsos como se tivesse perdido alguma coisa; viu que era uma noite sem vento e chovia, chovia com força e as gotas de chuva pulavam na pedra da rua a várias

polegadas de altura, e a rua estava deserta até onde sua vista podia alcançar em qualquer direção. Satisfeito, Mallory virou-se praguejando, testa franzida em sinal de exasperação e começou a voltar para a mesa que acabara de deixar, com a mão direita metida no amplo bolso de seu casaco. Viu, sem parecer que via, Dusty, Miller empurrar a cadeira para trás, levantando-se. Estava exatamente a três pés da mesa ocupada pelos alemães.

— Não se mexam! — falou em alemão, sua voz baixa mas tão firme, tão ameaçadora como o revólver Colt 45 que estava na sua mão direita. — Somos homens desesperados, se se moverem eu os matarei.

Por três segundos os soldados ficaram imóveis, rostos sem expressão, exceto pelo espantado arregalar dos olhos. E então houve um rápido piscar de pálpebras do homem sentado mais perto do balcão, seus ombros se contraíram e ouviu-se um grunhido de dor quando a bala 32 atingiu seu braço. A suave detonação da automática silenciosa de Miller não podia ser ouvida além da porta da entrada.

— Desculpa, chefe — desculpou-se Miller. — Talvez só esteja sofrendo da dança de São Vito. — Olhou com interesse para a face contorcida de dor e para o sangue que brotava escuro por entre os dedos que seguravam fortemente a ferida. — Pois me parece que já está curado...

— Já está curado — disse Mallory sério. Virou-se para o taberneiro, um homem alto e melancólico, de rosto fino e bigode de mandarim que caía tristemente de ambos os lados da boca e falou-lhe no rápido dialeto das ilhas. — Esses homens falam grego?

O taberneiro sacudiu negativamente a cabeça. Sereno e sem sentir-se impressionado. As brigas armadas em sua taberna pareciam mais regra do que exceção.

— Eles não! — disse com desprezo. — Um pouco de inglês acho eu, tenho certeza. Mas nossa língua, não. Isso eu sei.

— Ótimo. Sou oficial da Inteligência britânica. Há algum lugar onde se possa esconder esses homens?

— Não devia ter feito isso — protestou o taberneiro com suavidade. — Vai-me custar a vida.

— Não creia nisso — Mallory saltou por cima do balcão e apontou com a pistola para o estômago do taberneiro. Ninguém teria podido duvidar que aquele homem não estivesse sendo ameaçado — e violentamente ameaçado — ninguém, isto é, que não tivesse visto o grande piscar que Mallory dera ao taberneiro. — Vou amarrá-lo junto com os outros. Está bem?

— Está bem. Há uma porta de alçapão no fim do balcão. Uma escada conduz ao sótão.

— Muito bem. Vou encontrar como por acaso. — Mallory deu-lhe um forte e convincente empurrão, que o fez cambalear, saltou o balcão para o lado de fora e se dirigiu aos cantores de *rembetika* no canto afastado da sala.

— Vão para casa — disse rapidamente. — De qualquer modo é quase hora de recolher. Saíam pela porta de trás e lembrem-se — não viram nada — nem ninguém. Compreendem?

— Compreendemos; — foi o jovem tocador de *bouzouko* que falou. Apontou com o polegar para seus companheiros e sorriu. — São más pessoas, mas bons gregos. Podemos ajudá-lo?

— Não! — Mallory respondeu enfático. — Pensem em suas famílias, esses soldados os reconheceriam. Devem conhecê-los bem. Vocês e eles vêm aqui quase toda a noite, não é? O jovem concordou.

— Então, vamos embora. De qualquer maneira, muito obrigado.

Um minuto mais tarde, no sótão mal iluminado por uma vela, Miller empurrou o soldado mais próximo, o que se parecia mais com ele em altura e corpulência.

— Tire as roupas — ordenou.

— Inglês porco! grunhiu o alemão.

— Inglês não — protestou Miller. — Dou-lhe trinta segundos para tirar o casaco e as calças.

O soldado xingou com raiva mas não fez o menor movimento para obedecer. Miller suspirou. O alemão era valente mas o tempo estava correndo. Apontou cuidadosamente para a mão do soldado e puxou o gatilho. Novamente houve o suave ruído e o homem olhou estupefocado para o furo que aparecia em sua mão esquerda.

— Não devemos estragar os belos uniformes, não é? — Miller perguntou com tranqüilidade. Levantou a automática até que o soldado viu-se olhando para a ponta do cano. — A próxima bala vai entre os olhos. — Suas palavras expressavam completa convicção. — Acho que não vou demorar muito a despi-lo. Mas o homem já havia começado a arrancar o uniforme, soluçando de raiva e de dor na mão ferida.

Menos de cinco minutos se passaram quando Mallory, assim como Miller, enfiado num uniforme alemão destrancou a porta da frente da taberna e examinou cuidadosamente o exterior. A chuva estava mais forte do que nunca e não havia viva alma à vista. Mallory fez sinal a Miller para que o seguisse e fechou a porta atrás dele. Os dois caminharam juntos pelo meio da rua, não procurando nem abrigos, nem sombras. Cinquenta jardas depois estavam na praça; então dobraram à direita até o lado sul da praça e logo à esquerda para leste, sem perder o passo ao passar pela velha casa onde, pouco antes, nessa noite, tinham se escondido, nem mesmo ao aparecer a mão de Louki misteriosamente, por trás da porta parcialmente aberta, uma mão que carregava duas mochilas do Exército alemão — mochilas cheias de cordas, espoletas, arames e altos explosivos. Umas jardas mais adiante detiveram-se subitamente, abaixaram-se por trás de enormes barris de vinho na porta de uma barbearia e contemplaram os guardas armados num portão de arcos, a menos de cem pés de distância; enquanto punham nos ombros as mochilas esperavam o sinal.

Só tiveram que esperar poucos minutos, o tempo tinha sido calculado em cada segundo. Mallory estava acabando de apertar o cinto da mochila quando uma série de explosões sacudiu o centro da cidade, a menos de trezentas jardas de distância, explosões seguidas de um furioso matraquear de metralhadoras e depois novas explosões. Andréa estava cumprindo magnificamente seu trabalho, com suas granadas e bombas caseiras.

Os dois homens recuaram subitamente quando um jato de luz largo e branco foi projetado de uma alta plataforma situada acima do portão, um raio de luz paralelo ao topo do muro a leste que iluminava os espigões curvos e a cerca de arame farpado como a

luz do sol. Mallory e Miller olharam um para o outro por um segundo fugaz. Panayis não esquecera nem um detalhe: teriam caído como moscas naquela cerca e as metralhadoras os cortariam em tiras.

Mallory esperou mais meio minuto, tocou no braço de Miller, ergueu-se e começou a correr loucamente através da praça, levando o longo bambu com o gancho apertado ao corpo, com o americano logo atrás. Em alguns segundos, alcançaram os portões da fortaleza, e os sentinelas sobressaltados correram a seu encontro.

— Todos os homens para a rua dos Degraus! — gritou Mallory. — Aqueles malditos sabotadores ingleses estão cercados numa casa ali! Viemos buscar uns morteiros! Apressem-se, vamos, apressem-se em nome de Deus!

— Mas o portão! — protestou um dos sentinelas. — Não podemos abandonar o portão!

O homem não suspeitava de nada, absolutamente nada, dadas as circunstâncias, a escuridão, a chuva que caía cada vez mais forte, o soldado com uniforme alemão falando um alemão perfeito, a verdade óbvia de que perto dali travavam uma batalha de tiros... teria sido espantoso se mostrasse quaisquer sinais de dúvidas.

— Idiota! — Mallory gritou furioso. — *Dummkopf!* Contra quem vai guardar os portões? Os porcos ingleses estão na rua dos Degraus. Devem ser destruídos. Pelo amor de Deus, apressem-se! — gritou desesperadamente. — Se escaparem novamente vão nos mandar para a frente russa.

Mallory pusera a mão no ombro do homem, pronto para tirá-lo do caminho, mas não foi necessário. Os dois homens já corriam cruzando a praça, sumiram na chuva, tragados pela escuridão. Uns segundos mais tarde Mallory e Miller estavam dentro da fortaleza de Navarone.

Por todas as partes reinava a mais completa confusão — uma confusão organizada como seria de esperar das disciplinadas tropas de Alpenkorps mas, de qualquer modo, confusão com muitas ordens gritadas, apitos, motores em marcha, sargentos correndo para a frente e para trás, tratando de pôr seus homens em marcha ou

dentro dos transportes que esperavam. Mallory e Miller corriam também, uma ou duas vezes entre grupos de homens ao redor da traseira de um caminhão. Não que tivessem muita pressa, mas nada seria mais suspeito e estranho do que um par de homens andando calmamente no meio de toda aquela atividade. Portanto correram de cabeça baixa ou evitando que seus rostos fossem vistos quando passavam por uma luz. Miller praguejava contra aquele exercício desusado.

Passaram em volta de dois quartéis, à direita, depois pela central elétrica, à esquerda, a seguir um almoxarifado, à direita, e então a garagem da *Abteilung*, à esquerda. Estavam subindo agora quase na escuridão mas Mallory conhecia cada polegada do lugar. Havia decorado as descrições feitas por Vlachos e Panayis e mesmo que a escuridão fosse total tinha certeza de achar o caminho com absoluta segurança.

— Que é isso, chefe? — Miller segurava Mallory pelo braço e apontava para um edifício grande e retangular difuso no horizonte. — Serão os calabouços?

— É o depósito de água — disse Mallory rapidamente. — Panayis calculou que deve conter meio milhão de galões para inundar o depósito de pólvora numa emergência. Ele fica exatamente embaixo. — Apontou para uma construção de cimento, chata como uma caixa. — A única entrada para o paiol. Trancada e guardada.

Aproximavam-se dos alojamentos dos oficiais. O comandante tinha seu apartamento no segundo andar, diretamente sobre a maciça e reforçada torre de controle de cimento armado que controlava os dois grandes canhões situados embaixo. Subitamente Mallory deteve-se, pegou um punhado de terra, esfregou-a no rosto e disse a Miller que fizesse o mesmo.

— Disfarce — explicou. — Os técnicos considerariam um meio algo elementar, mas não dispomos de outra coisa. A iluminação deve ser um pouco mais forte aí dentro.

Subiu a escada do alojamento dos oficiais e empurrou a porta com tanta força que quase a arrancou das dobradiças. O sentinela o

olhou espantado com a ponta da metralhadora apontada para o peito do neozelandês.

— Abaixе essa arma, seu idiota! — disse Mallory furioso. — Onde está o comandante? Rápido, imbecil! É questão de vida ou morte!

— Herr... Herr Kommandant? — O sentinela gaguejou. — Saiu — todos saíram há um minuto atrás.

— O quê? Todos saíram? — Os olhos de Mallory o encaravam semicerrados e ameaçadores. — Você disse "todos saíram"? — perguntou suavemente.

— Sim. Eu... tenho certeza que... Interrompeu-se bruscamente ao ver os olhos de Mallory fixarem-se num ponto atrás de seu ombro.

— Então que diabo é aquilo? — perguntou Mallory selvagem.

O sentinela não seria humano se não caísse na armadilha. Exatamente quando se virava para olhar para trás, um feroz golpe de judô atingiu-o abaixo da orelha esquerda. Mallory arrebitou o vidro do quadro de chaves antes que o infeliz caísse ao solo, tirou todas as chaves (cerca de uma dúzia) de suas argolas e colocou-as no bolso. Gastaram mais vinte segundos para amordaçar a boca do sentinela com esparadrapo, atar as mãos e trancá-lo numa armário; depois continuaram seu caminho ainda correndo.

Mais um obstáculo para enfrentar, pensou Mallory quando corria na escuridão, a última das três defesas. Não sabia quantos homens estariam guardando a porta trancada do paiol de pólvora e nesse momento de grande exaltação tampouco se importava. Tinha certeza de que Miller também sentia o mesmo. Agora já não havia preocupações, nervos tensos ou ansiedades estranhas. Mallory seria o último homem no mundo a admitir ou mesmo acreditar, mas era para isso que homens como ele e Miller haviam nascido.

Estavam munidos de suas lanternas, as potentes luzes descrevendo nervosos arcos, enquanto corriam esquivando-se das enormes baterias antiaéreas. Para qualquer pessoa que observasse como se aproximavam, não podia haver nada melhor calculado para evitar suspeitas do que a vista daqueles homens que avançavam em sua direção sem tentarem ocultar-se, gritando um para o outro

em alemão, ambos com lanternas acesas cujos fochos de luz subiam e desciam seguindo os movimentos dos braços na corrida. Mas essas mesmas lanternas estavam com o protetor e só um observador muito perspicaz notaria que o descendente arco de luz nunca passava além dos pés dos homens que corriam.

Subitamente, Mallory viu duas sombras que se destacavam na obscura entrada do paiol de pólvora, e firmou a lanterna por um breve segundo para comprovar. Diminuiu a marcha.

— Certo! — disse baixinho. — Aí vem eles, são só dois. Um para cada; primeiro chegue o mais perto possível. Rápida e silenciosamente; um grito, um tiro e será o nosso fim. E pelo amor de Deus não comece a golpeá-lo com a lanterna. No paiol de pólvora não haverá luz e não vou começar a engatinhar por ali, com uma maldita caixa de fósforos na mão. — Transferiu a lanterna para a mão esquerda, tirou sua pistola Colt, pegou-a pelo cano e parou bruscamente a algumas polegadas dos sentinelas que corriam ao encontro deles.

— Estão bem? — perguntou Mallory com voz entre-cortada. — Alguém esteve aqui? Rápido, homem, rápido.

— Sim, sim, estamos bem — o homem se mostrava receoso e apreensivo. — Em nome de Deus por que este barulho todo?...

— Aqueles malditos sabotadores ingleses — praguejou Mallory ferozmente. — Mataram os guardas e estão aqui dentro! Tem certeza que ninguém veio aqui? Vamos, vamos ver.

Passou empurrando o guarda e iluminou com sua lanterna o maciço cadeado, depois endireitou suas costas.

— Graças a Deus!

Virou-se, deixou que o potente fecho de luz de sua lanterna atingisse em cheio os olhos do homem, resmungou umas desculpas e apagou a luz com um som agudo que foi confundido com um suave golpe de cabo de pistola ao atingir o homem atrás da orelha, bem abaixo do capacete. O senti-nela ainda estava de pé, começando a dobrar-se, quando Mallory cambaleou sob o ataque do segundo guarda, recobrou-se, atingiu-o com seu Colt e ficou repentinamente rígido e apavorado ao ouvir o sibilante ruído da automática de Miller, duas vezes em rápida sucessão.

— Que diabo...

— Pássaros espertos, chefe — murmurou Miller. — Muito espertos, realmente. Havia um terceiro tipo oculto na sombra. Era o único jeito de contê-lo. — Sem largar a pistola, inclinou-se sobre o homem por um momento, depois ergueu-se.

— Acho que foi contido em caráter permanente, chefe. Sua voz era sem expressão.

— Amarre os outros. — Mallory mal ouvira pois já estava examinando a porta do paiol e experimentando uma série de chaves no cadeado. A terceira encaixou, a fechadura se abriu e apesar de a porta ser de aço cedeu facilmente a seu toque. Deu um último e rápido olhar à volta, mas não havia ninguém à vista, nenhum som exceto o do motor do último dos caminhões que saíam da fortaleza, e o distante matraquear das metralhadoras. Andréa estava fazendo um esplêndido trabalho — contanto que não exagerasse e não deixasse de se retirar antes que fosse tarde demais... Mallory virou-se rápido, acendeu a lanterna e entrou no paiol. Miller o seguiria quando estivesse pronto.

Uma escada vertical de aço fixa na rocha descia até o solo da caverna. De cada lado da escada havia elevadores sem grade e sem nenhuma proteção, cabos engraxados brilhavam no centro e se viam também corrimões de metal polido de cada lado do quadro para fixar e guiar as roldanas laterais do elevador. Espartanos na sua simplicidade, mas inteiramente adequados, pois não havia dúvidas sobre o que eram: elevadores de projéteis que desciam para o paiol de pólvora.

Mallory chegou ao sólido piso da caverna e girou sua lanterna num arco de 180 graus. Esta era a extremidade daquela grande caverna cuja boca aparecia em baixo da alta e saliente rocha que dominava todo o porto. Não a verdadeira extremidade, reparou depois de uma rápida inspeção, mas um anexo feito pela mão do homem: a rocha vulcânica à volta dele fora perfurada por detonações. Nada mais havia aqui senão as duas bastes que desciam para a escuridão total e outra escada que também descia para o paiol de pólvora. Mas o paiol podia esperar: as duas necessidades vitais do momento eram verificar se não havia

nenhum guarda ali embaixo e garantir uma saída de emergência para escapar.

Rapidamente, Mallory percorreu o túnel, acendendo e apagando sua lanterna. Os alemães eram mestres na arte de armadilhas inocentes — inocentes armadilhas explosivas — para a proteção de instalações importantes, mas as probabilidades eram de que não houvesse ninguém no túnel, não com diversas toneladas de alto explosivo armazenadas a somente um pé de distância.

O próprio túnel, pingando de umidade e com o chão alagado, tinha cerca de sete pés de altura e ainda mais de largura, mas a passagem central era muito estreita — a maior parte do espaço era tomada pelos transportadores rolantes, um de cada lado, para os grandes projéteis. Subitamente, os porta-projéteis curvavam repentina e bruscamente para a esquerda e direita e o teto do túnel se elevava à quase absoluta escuridão da cúpula acima e, quase a seus pés, dois pares de trilhos com seu aço polido brilhando à luz da lanterna, incrustados na sólida rocha a vinte pés de distância; que se alargava até a débil penumbra na boca aberta da caverna. E logo antes de apagar a lanterna — os que voltavam da busca no Parque do Diabo poderiam ver o pontinho de luz na escuridão — Mallory teve uma breve visão das plataformas giratórias que coroavam a extremidade distante desses trilhos brilhantes e, solidamente agachados em cima, como monstros de um pesadelo pertencentes a um outro mundo, estavam as malignas, sinistras silhuetas dos dois grandes canhões de Navarone.

Lanterna e revólver nas mãos, só vagamente consciente do curioso formigueiro na ponta dos dedos, Mallory andou lentamente para a frente. Lentamente mas sem muita cautela, sem a ansiedade de um homem que espera problemas de um momento para o outro — pois agora Mallory estava certo de que não havia guardas na caverna — mas com estranha lentidão de um sonho, com a semi-incredulidade de alguém que conseguiu algo que de antemão sabia que não poderia conseguir, com a lentidão de um homem que por fim está face a face com um inimigo temível, mas há muito procurado. Estou finalmente aqui, repetiu-se diversas

vezes, estou finalmente aqui, consegui, e esses são os canhões de Navarone; esses são os canhões que vim destruir, os canhões de Navarone e finalmente cheguei. Mas, de certo modo, ainda não acreditava...

Ainda lentamente, Mallory aproximou-se dos canhões, rodeou metade do perímetro da plataforma giratória do canhão da esquerda e o examinou tão bem quanto a penumbra o permitia. Ficou espantado com seu enorme tamanho, a tremenda periferia e alcance do cano que avançava longe dentro da noite. Disse para si mesmo que os técnicos pensavam que se tratava de nove polegadas, que os estreitos confins da caverna exageravam seu tamanho. Ao dizer para si mesmo essas coisas, descontou-as: um calibre de pelo menos doze polegadas, aquele era o maior canhão que já havia visto. Grande? Santos Céus! Era gigantesco! Loucos, cegos e mais uma vez loucos os que enviaram o *Sybaris* contra esses...

A cadeia de seus pensamentos se quebrou de repente. Mallory ficou imóvel, uma das mãos descansando sobre a sólida carreta do canhão e tentando recordar o rumor que o havia feito voltar ao presente. Imóvel, esperou ouvi-lo de novo, fechou os olhos para escutar melhor, mas o som não tornou a voltar e viu então que não fora ruído algum e sim a ausência de rumores que interrompera seus devaneios, alertado por um inconsciente alarma. De repente, a noite tornou-se muito silenciosa, muito quieta; no coração da cidade, as armas tinham parado de disparar.

Mallory praguejou baixinho. Já tinha gasto muito tempo sonhando acordado e o tempo estava ficando curto. Devia estar ficando curto e Andréa tinha se retirado e era só questão de tempo até que os alemães descobrissem que tinham sido enganados. E então voltariam correndo — não havia dúvida para onde viriam. Velozmente Mallory se despojou de sua mochila e tirou de dentro dela um rolo de cem pés de corda. Seria o caminho de saída, em caso de emergência — tinha que assegurar isso.

Com a corda enrolada no braço, avançou cautelosamente, buscando onde amarrá-la, mas dera três passos quando seu joelho direito chocou-se contra algo duro e rijo. Conteve a exclamação de

dor, examinou o obstáculo com a mão livre e viu logo o que era: uma balaustrada de ferro da altura de sua cintura esticada na boca da caverna. Naturalmente! Tinha que haver algo assim, uma espécie de barreira para evitar que alguém caísse no vácuo, principalmente na escuridão da noite. Não pudera ver isso com os binóculos aquela tarde no alfarrobal — embora perto da entrada, estava oculta pela penumbra da caverna. Mas devia ter pensado nisso.

Rapidamente Mallory avançou para a esquerda, tateando até o final da balaustrada, atravessou-a, amarrou a corda seguramente à base do balaustre vertical próximo à parede e foi soltando-a à medida que avançava com cautela até a borda da caverna. E então, quase de repente, estava lá e não havia nada embaixo do pé que pesquisava o chão a não ser vinte pés de queda vertical até o porto de Navarone.

À sua direita havia uma mancha escura e informe, uma mancha que bem podia ser o cabo Demirci; em linha reta, sobre o brilho verde-escuro do estreito Maidos, podia ver o piscar de luzes longínquas, o que dava a medida de confiança do inimigo permitindo essas luzes, ou, o que era mais provável, essas choças de pescadores serviam de orientação para os canhões de noite. E à esquerda, surpreendentemente perto, apenas a trinta pés de distância num plano horizontal mas muito abaixo do nível em que estava, podia ver onde o extremo saliente do muro exterior da fortaleza se encontrava com o penhasco, os telhados das casas do oeste da praça mais adiante e, ainda mais além, a própria cidade numa curva brusca para baixo e para fora, primeiro para o sul, depois para o oeste, cercando a meia-lua do porto. Acima... mas não havia nada para ser visto acima, a fantástica saliência tapava mais da metade do céu; e abaixo a escuridão era igualmente impenetrável, a superfície do porto escura e negra como a noite. Sabia que ali havia barcos gregos e lanchas alemãs, mas poderiam estar a milhares de milhas pois não via nem sinal delas.

O breve e compassado olhar mal durara dez segundos, mas Mallory não esperou mais. Rapidamente inclinou-se, deu um duplo nó de bolina no extremo da corda e deixou-a deitada na

extremidade. Numa emergência podiam chutá-la para fora na escuridão. Ficaria a trinta pés da água, calculou, o bastante para alcançar qualquer barco ou lancha que pudesse estar se movendo pelo porto. O resto da distância podiam deixar-se cair, talvez quebrando algum osso sobre a coberta de um navio, mas teriam que correr esse risco. Mallory deu um último olhar para a infernal escuridão e estremeceu: confiava em Deus que ele e Miller não tivessem que sair por esse caminho.

Dusty Miller estava ajoelhado na lama no alto da escada que descia ao paiol, ocupado com os estopins, arames, detonadores e explosivos quando Mallory veio correndo pelo túnel. Ergueu-se quando ele se aproximou.

— Creio que isso dará conta deles, chefe — armou os ponteiros da bomba-relógio, ouviu satisfeito o zumbido apenas perceptível e começou a descer a escada. — Pensei em deixar aqui entre as duas fileiras de projéteis.

— Onde quiser — concordou Mallory. — Contanto que nem muito fácil, nem muito difícil de encontrar. Tem certeza de que não suspeitam que sabíamos que as bombas-relógio e os estopins não funcionavam?

— Absoluta certeza. — Disse Miller com segurança. — Quando acharem este artefato vão se congratular, batendo uns nas costas dos outros e não procurando mais.

— Tem razão. — Mallory estava satisfeito. — Fechou a porta de cima?

— Claro que fechei! — Miller olhou para ele reprovadamente. — Chefe, às vezes penso...

Mas Mallory não ouviu o que ele pensava. Um barulho metálico, vibrante, ressoou soturnamente na caverna e no paiol, abafando as palavras de Miller, depois se perdeu no porto. Novamente o som voltou enquanto os dois homens se olhavam atônitos, depois outra vez, outra vez, depois cessou por momentos.

— Temos visitas — murmurou Mallory — com marretas e tudo. Santo Deus, só espero que a porta agüente. — Já estava correndo

ao longo da passagem em direção aos canhões com Miller logo atrás.

— Visita! — Miller sacudiu a cabeça enquanto corria. — Como os diabos fizeram para chegar aqui tão cedo?

— Nosso finado e lamentado amiguinho — disse Mallory furiosamente. Saltou a balaustrada e chegou à boca da caverna. — E nós fomos uns idiotas em acreditar que ele nos dizia toda a verdade. Mas nunca nos disse que ao abrir aquela porta de cima disparávamos um alarma na sala da guarda.

XVI

Quarta-Feira à Noite

Das 21,15 às 23,45 horas.

Suavemente, com habilidade, Miller foi soltando a corda — com volta dupla ao redor da alta balaustrada — enquanto Mallory sumia na escuridão. Já se tinha ido uns cinqüenta pés, calculou, cinqüenta e cinco, sessenta e sentiu o esperado puxão duplo na corda de sinal que levava enrolada no pulso, parou, inclinou-se e amarrou-a fortemente ao pé do balaústre.

Depois endireitou-se novamente, foi-se agarrando à balaustrada com o extremo da corda, inclinou-se para fora sobre a borda, segurou a corda com ambas as mãos o mais baixo que podia e começou, a princípio lentamente, depois com maior rapidez, a balançar homem e corda de um lado para o outro como um pêndulo. Ao crescer o balanço do pêndulo, a corda começou a retorcer-se e a saltar em suas mãos, e Miller sabia que Mallory devia estar batendo nas saliências das rochas girando sobre si mesmo sem controle.

Mas sabia também que agora não podia parar, pois o barulho das marretas às suas costas era quase contínuo: só pôde inclinar-se mais para baixo sobre a corda e pôs nesse esforço toda a potência

de seus braços e ombros musculosos para levar Mallory mais para perto da corda que Brown já devia ter atirado do balcão da casa onde o haviam deixado.

Abaixo, na metade da distância entre a boca da caverna e as invisíveis águas do porto, Mallory se balançava descrevendo um grande arco na escuridão do céu eivada de chuva, com quarenta pés entre as extremidades dos balanços. A princípio dera com a cabeça numa saliência da rocha, quase perdendo os sentidos e a corda. Mas agora já sabia onde estava a saliência e se afastava cada vez que se aproximava, apesar de a manobra fazê-lo girar como um pião. Era até bom, pensava, que estivesse escuro assim: não podia ver nada; o golpe havia aberto a velha ferida que Turzig lhe fizera, seu rosto estava banhado de sangue e os olhos completamente pregados.

Mas não estava preocupado nem com a ferida nem com o sangue em seus olhos. A corda — isso era o importante. Estaria a corda ali? Teria acontecido alguma coisa a Casey Brown? Teria sido apanhado antes que pudesse enviar a corda? Se assim fosse, toda a esperança estava perdida e não havia nada que pudessem fazer, nenhuma outra maneira de poder transpor os quarenta pés que separavam a corda da casa. Tinha de estar ali. Mas se estava, por que não a achava? Por três vezes, já ao terminar o arco que descrevia para a direita, estendera o bambu com o gancho e só ouvira o frustrado e vazio arranhar do anzol contra a rocha.

E então, na quarta vez, esticara seus braços ao máximo, e sentira que o gancho se encaixara em algo! Imediatamente puxou o bambu e segurou a corda antes de cair na volta do pêndulo, puxou a corda de sinal e na descida do arco freou gradualmente. Dois minutos depois, quase exausto por ter escalado sessenta pés de corda úmida e deslizante, engatinhou às cegas sobre o rebordo da caverna e se jogou ao chão, sem respiração.

Rapidamente sem falar, Miller inclinou-se, tirou o nó duplo de bolina das pernas de Mallory, desfez o nó, atou-o à corda de Brown, deu à última um puxão e as duas cordas atadas desapareceram na escuridão. Dentro de dois minutos, a pesada bateria estava do outro lado presa a duas cordas, abaixadas por Casey Brown, depois

levantadas por Mallory e Miller. Mais dois minutos e com cuidado bem maior, a bolsa de lona com a nitroglicerina, fulminantes e detonadores tinha sido puxada e estava no chão de pedra ao lado da bateria.

Já não se ouvia nada, o martelar das marretas contra a porta de aço tinha parado completamente. Havia algo ameaçador, de mau agouro, naquela imobilidade, o silêncio era mais ameaçador do que o clamor que o precedera. Teria a porta cedido? A fechadura arrebitada? Os alemães estariam esperando por eles na penumbra do túnel, esperando com seus fuzis-metralhadoras para tirar-lhes a vida? Mas não havia tempo para pensar, para esperar, para pesar as probabilidades. A hora da cautela tinha passado e já não importava se viveriam ou morreriam.

O pesado Colt 45 na cintura, Mallory pulou a barreira de segurança, passou silenciosamente junto aos grandes canhões e através da passagem, com sua lanterna, acesa até a metade do caminho. O lugar estava deserto, a porta em cima ainda intacta. Subiu rapidamente a escada e, no alto, escutou. Pareceu-lhe ouvir um murmúrio de vozes e um rumor sibilante do outro lado da pesada porta de aço, mas não estava muito seguro. Inclinou-se para a frente para ouvir melhor, pondo a palma da mão sobre a porta e retirou-a no mesmo instante com uma surda exclamação de dor. Logo acima da fechadura a porta estava quase vermelho-vivo. Mallory desceu ao chão do túnel exatamente quando Miller chegava cambaleando ao peso da bateria.

— Esta porta está quente como brasa. Devem estar queimando...

— Ouve alguma coisa? — interrompeu Miller.

— Uma espécie de assobio...

— Uma lâmpada de oxiacetileno — disse Miller rapidamente.

— Estão queimando a fechadura. Vai demorar porque essa porta é feita de aço blindado.

— Por que não a explodem... com gelignite, ou o que quer que seja que se usa para esse trabalho?

— Nem pense nisso — Miller contestou com rapidez. — Nem sequer fale nisso, chefe. Detonação simultânea é uma coisa

engraçada, há sempre uma chance que todo o maldito lote pudesse voar. Quer dar uma mãozinha com essa coisa, chefe?

Em poucos segundos, Dusty Miller estava de novo absorto em seu próprio elemento, esquecendo por enquanto a viagem de volta que ainda tinha de fazer através da parede do penhasco e o perigo exterior. A tarefa tomou-lhe quatro minutos do começo ao fim. Enquanto Mallory deslizava a bateria até o solo do poço do elevador, Miller comprimiu-se entre as brilhantes roldanas de aço da própria haste do elevador, agachou-se para examinar com sua lanterna o que ficava atrás e resolveu-se pela abrupta transição do metal polido ao opaco, exatamente onde repousava a roda do elevador de projéteis. Satisfeito, tirou um rolo de fita isolante, passou-o uma dúzia de vezes ao redor da haste, deu um passo para trás para olhar; estava completamente invisível.

Sem perda de tempo enrolou com fita isolante os extremos dos dois fios recobertos de borracha à tira isolada, um de cada lado, e continuou enrolando todo o fio até que nada ficasse visível a não ser as extremidades; juntou os dois fios de arame farpado de quatro polegadas, uniu também à haste isolada, verticalmente e a menos de uma polegada de distância. Do saco de lona retirou o TNT, o fulminante e o detonador — detonador de mercúrio ajustado e preparado segundo suas próprias indicações —, encaixou e ligou um dos arames da haste de aço a uma das beiradas do detonador e atarrachou fortemente. Levou o outro arame da haste para o pólo positivo da bateria e um terceiro fio da haste para o pólo negativo do detonador. Bastava o elevador de munições descer ao paiol — como aconteceria assim que comesçassem a atirar — e a roda ligaria com os fios a descoberto completando o circuito que dispararia o detonador. Uma última verificação nos fios verticais e sentou-se satisfeito. Mallory acabara de descer a escada do túnel. Miller tocou-lhe na perna para chamar sua atenção, sacudindo negligentemente a lâmina de aço de sua faca a uma polegada dos fios expostos.

— Sabe, chefe — disse com tranqüilidade — que se eu tocasse com esta faca naqueles fios todo esse maldito lugar voaria em pedacinhos? — Sacudiu a cabeça pensativo — só um pequeno

descuido da mão, um toquezinho insignificante e Mallory e Miller estariam entre os anjos!

— Pelo amor de Deus, afaste daí essa coisa! — Mallory exclamou nervoso. — E vamos logo sair daqui. Eles já cortaram meia circunferência da porta!

Cinco minutos depois Miller estava a salvo — precisara simplesmente deslizar pela corda em ângulo de 45 graus até onde Brown o esperava. Mallory lançou um último olhar à caverna e sua boca contorceu-se. Perguntou-se quantos soldados teriam trabalhado nos canhões e no paiol durante os ataques. Uma coisa que sabia era que os pobres imbecis não desconfiariam de nada. E então pensou pela centésima vez em todos os homens em Kheros, e nos destróieres, e seus lábios se apertaram e mudou a vista. Sem olhar de novo, deslizou pela borda e mergulhou na noite. Estava na metade do caminho, no ponto mais baixo da curva e começando a subir novamente, quando ouviu o seco matraquear das metralhadoras que disparavam sobre sua cabeça.

Foi Miller quem o ajudou a subir sobre a balaustrada do balcão, um Miller com uma expressão apreensiva, que não cessava de olhar por cima do ombro na direção dos disparos; e a maior concentração de fogo, Mallory observou com súbito desalento, vinha do seu próprio lado, o lado oeste da praça, só três ou quatro casas além. O caminho de fuga estava cortado.

— Vamos, chefe! — disse Miller apressado. — Vamos sair dessa espelunca. Essas bandas estão ficando indigestas.

Mallory virou a cabeça bruscamente na direção dos disparos.

— Quem está lá? — perguntou rapidamente.

— Uma patrulha alemã.

— Então como diabos podemos sair daqui? — Mallory quis saber. — E onde está Andréa?

— Do outro lado da praça, chefe. É contra ele que aqueles sujeitos estão disparando.

— Do outro lado da praça! — Olhou para seu relógio. — Santo Deus, o que está ele fazendo lá? — Estava agora entrando na casa falando por sobre o ombro. — Por que o deixou ir?

— Eu não o deixei ir, chefe — disse Miller cuidadosamente. — Já tinha ido quando cheguei. Parece que Brown viu uma grande patrulha dando uma batida em todas as casas da praça. Começaram do outro lado e estavam revistando duas ou três casas de cada vez. Andréa, nesse ínterim, já voltara, achou que evidentemente revistariam todas as que estavam à volta da praça e chegariam aqui em dois ou três minutos, então voou pelos telhados como um morcego.

— Vai despistá-los? — Mallory estava ao lado de Lou-ki olhando pela janela. — Que louco! Desta vez vão matá-lo, vão matá-lo com certeza. Há soldados por toda a parte. Além do mais não se deixarão enganar novamente. Ele já os tapeou uma vez lá nas colinas e os alemães...

— Não tenho tanta certeza, capitão — interrompeu Brown excitado. — Andréa acaba de acertar um tiro no holofote de seu lado. Vão pensar certamente que vamos fugir pelo muro e... olhe, capitão, olhe! Lá vão eles! — Brown quase dançava de excitação esquecendo a dor da perna ferida. — Ele conseguiu! Ele conseguiu!

Com efeito, Mallory viu que a patrulha abandonara o lugar onde estava refugiada, na casa à direita, para atravessar a praça correndo e abrindo a formação, suas pesadas botas ressoando nas pedras, tropeçando, caindo, erguendo-se novamente quando os pés resvalavam na superfície molhada e desigual do calçamento. Ao mesmo tempo, Mallory via as lanternas oscilando nos telhados das casas em frente, as formas vagas dos soldados agachando-se para não serem vistos e indo rapidamente para o local onde estava Andréa quando destroçou o grande olho de ciclope do holofote.

— Eles o cercarão de todos os lados — falou Mallory bastante calmo, mas seus pulsos se apertaram até que as unhas cortaram as palmas das mãos. Ficou imóvel durante uns segundos, depois agachou-se e pegou uma Schmeisser que estava no chão. — Não tem chance. Vou ajudá-lo. — Virou bruscamente e se deteve com o mesmo modo repentino. Miller bloqueava o caminho para a porta.

— Andréa deixou dito que o deixássemos só, que acharia um meio de escapar. — Miller estava muito sereno, muito respeitador. — Disse que ninguém devia ajudá-lo, em hipótese alguma.

— Não tente me impedir, Dusty. — Mallory falou zangado, quase mecanicamente. Mal percebia a presença de Dusty Miller. Sabia apenas que tinha que sair imediatamente, ir para o lado de Andréa, dar-lhe a ajuda que pudesse. Estavam juntos há bastante tempo, devia muito ao gigante sorridente para abandoná-lo agora com tanta facilidade. Não se lembrava quantas vezes Andréa já correria em sua ajuda, e mais de uma vez quando havia perdido toda esperança... Pôs a mão contra o peito de Miller.

— Chefe, só vai atrapalhá-lo — disse Miller rapidamente. — Foi o que ele disse...

Mallory empurrou-o para o lado, dirigiu-se para a porta, e levantou o punho decidido a atingir quem com as mãos segurava seus braços. Parou a tempo, vendo o rosto preocupado de Louki.

— O americano tem razão — disse Louki insistentemente. — Não deve sair. Andréa disse que o senhor devia nos levar até o porto.

— Vão vocês sozinhos — disse Mallory bruscamente. — Conhecem o caminho, sabem os planos.

— O senhor nos deixaria ir, deixaria todos irem...

— Deixaria todo o maldito mundo ir se pudesse ajudar Andréa. — A voz do neolezandês refletia a mais absoluta sinceridade. — Ele jamais me abandonaria.

— Mas o senhor o abandonaria — disse Louki baixinho. — Não é assim, major Mallory?

— Que diabo você quer dizer com isso?

— Não fazendo o que ele desejou. Pode estar ferido, inclusive morto e se o senhor for atrás dele e se o matam também tudo terá sido inútil. Ele terá morrido em vão. É isso que o senhor chama de amizade?

— Está bem. Está bem, vocês ganharam. — Disse Mallory irritado.

— É assim que Andréa queria — murmurou Louki. — Agindo de outra maneira, o senhor estaria." .

— Basta de sermões! Está certo, senhores, vamos andando.

Voltara a recuperar a sua serenidade, sua calma, controlou-se dominando o impulso primitivo de sair e matar.

— Vamos pelo caminho alto... pelos telhados. Metam as mãos no fogão daquela cozinha e esfreguem as cinzas no rosto. Que nenhum lugar fique branco. E nada de conversas!

A marcha que durou cinco minutos até o muro do porto — marcha feita silenciosamente pé ante pé, Mallory reclamando até dos mais baixos sussurros — decorreu sem novidades. Não viram nem soldados, nem ninguém. Os habitantes de Navarone observavam prudentemente o toque de recolher e as ruas estavam completamente desertas. Andréa levara todos atrás de si. Mallory começou a recear que os alemães o tivessem prendido, mas quando chegava à beira da água ouviu novamente os disparos, desta vez bem mais longe, a noroeste do povoado, na parte posterior da fortaleza.

Mallory parou junto ao baixo muro sobre o porto, olhou para seus companheiros e para a escuridão oleosa da água. Através da espessa cortina de chuva distinguiu, apenas, à sua direita e esquerda, as vagas manchas das lanchas amarradas ao muro. Nada mais.

— Bem. acho que não vamos nos molhar mais do que já estamos — observou. Virou-se para Louki, interrompendo o que o homenzinho estava tentando dizer sobre Andréa. — Tem certeza de que poderá encontrá-la nessa escuridão?

Referia-se à lancha particular do comandante, uma nave de dez toneladas e trinta e seis pés sempre amarrada a uma bóia a cerca de cem pés das docas. O maquinista, que também era sentinela, dormia a bordo, dissera Louki.

— Já estou lá — gabou-se Louki. — Pode me vender os olhos e eu...

— Está bem, está bem — disse Mallory apressadamente. — Aceito sua palavra. Quer me emprestar seu chapéu, Casey? — Colocou a automática no forro do chapéu, enfiou-o firmemente na cabeça, deslizou cuidadosamente para dentro da água e começou a nadar ao lado de Louki.

— O maquinista — murmurou Louki — deve estar acordado, major.

— Também acho — disse Mallory. Novamente ouviu-se o matraquear dos fuzis-metralhadoras, e o disparo mais marcante de uma Mauser. — Assim como todo o mundo em Navarone, a não ser que estejam surdos ou mortos. Fique para trás logo que avistarmos a lancha. Venha quando eu chamar.

Dez segundos, quinze passaram-se, depois Louki tocou no braço de Mallory.

— Já a vejo — sussurrou Mallory. A esmaecida silhueta estava a menos de quinze jardas. Aproximou-se silenciosamente sem cortar a água nem com os pés, nem com as mãos, até ver a vaga forma de um homem em pé na popa, atrás da escotilha da casa de máquinas. Estava imóvel, olhando na direção da fortaleza e da parte mais alta da cidade; Mallory lentamente rodeou a popa do barco até ficar atrás do homem. Cuidadosamente, removeu seu chapéu, tirou o revólver, segurou-se na borda com sua mão esquerda. A uma distância de sete pés, sabia que não podia falhar, mas não podia atirar naquele homem, não naquele momento. As balaustradas eram simples adornos, só tinham no máximo dezoito polegadas de altura, e o barulho da queda de um homem na água certamente alertaria os guardas na boca do porto.

— Se mexer, eu atiro! — disse Mallory baixo em alemão. O homem ficou rijo. Mallory viu que ele tinha um fuzil na mão.

— Solte a arma. Não se vire.

Novamente o homem obedeceu e Mallory saiu da água e subiu ao convés em poucos segundos, sem tirar a automática ou olhos das costas do homem. Avançou sem ruído, inverteu o revólver e golpeou, segurando o homem antes que ele caísse na água e o colocou silenciosamente ná cobertura. Três minutos mais tarde, todos os outros estavam a bordo, em segurança.

Mallory seguiu Brown, que capengava, até a sala de máquinas, observou-o acender sua lanterna, olhar em volta com olhos de profissional, contemplar o grande e brilhante motor diesel de seis cilindros em linha.

— Isto — disse Brown reverentemente — isto é um motor. Que beleza! Funciona com quantos cilindros se queira. Conheço o tipo, capitão.

— Nunca duvidei disso. Pode fazê-la funcionar? Casey?

— Só um minuto até eu dar uma olhadela, capitão. — Brown possuía a tranqüilidade de um maquinista nato. Lenta, metodicamente, passou o facho de luz de sua lanterna em torno do imaculado interior da sala das máquinas e virou-se para Mallory.

— Controle duplo. Podemos dirigi-la lá em cima.

Fez a mesma inspeção minuciosa na casa da roda do leme enquanto Mallory esperava impacientemente. A chuva começava a diminuir, não muito, mas o suficiente para deixar ver os vagos contornos da entrada do porto. Imaginou pela décima vez que os sentinelas estariam alertados contra a possibilidade de uma fuga por lancha. Parecia improvável. — pelo barulho que Andréa armava, os alemães pensariam que aquela fuga não lhes passaria pela cabeça... Inclinou-se para a frente e tocou no braço de Brown.

— Onze e vinte, Casey — murmurou. — Se os destróieres chegarem cedo receberemos mil toneladas de rochas em cima de nós.

— Tudo pronto — anunciou Brown. Indicou um painel embaixo da tela. — É fácilimo.

— Ainda bem... — murmurou Mallory com fervor. — Ponha em movimento, está bem? Devagar e suave.

Brown tossiu em tom de desculpa.

— Ainda estamos amarrados à bóia. E poderia ser uma boa idéia, capitão, se verificássemos os canhões fixos, os holofotes, as luzes de sinal, os salva-vidas e as bóias. É bom saber se estão em ordem — terminou dizendo.

Mallory sorriu suavemente e bateu-lhe no ombro.

— Você daria um grande diplomata, chefe. Vamos fazer isso — Mallory sendo um homem tipicamente de terra, sabia perfeitamente a distância que o separava de um homem como Brown e não se incomodava o mínimo de reconhecer isso.

— Você vai pilotá-la, Casey?

— Certo, capitão. Quer pedir a Louki para vir aqui. Acho que é fundo de ambos os lados, mas pode haver recifes ou escolhos. Nunca se sabe.

Três minutos mais tarde, a lancha se achava na metade do caminho para a entrada do porto, navegando suavemente só com dois cilindros apenas, Mallory e Miller ainda vestidos com uniformes alemães, em pé, na coberta da frente da casa do leme e Louki abaixado dentro dela. Subitamente, cerca de sessenta jardas de distância, um sinalizador começou a fazer sinais para eles, seu apressado tique-taque bastante audível na quietude da noite.

— O grande explorador Miller vai agora mostrar como se faz — murmurou Miller. Foi-se aproximando da metralhadora que estava a estibordo na proa. — Com meu canhãozinho vou...

Interrompeu-se bruscamente, sua voz perdida no súbito ruído procedente do leme às suas costas; um tique-taque entrecortado de um sinalizador manejado por mãos profissionais. Brown entregara o leme para Louki e estava respondendo em morse à entrada do porto, as gotas da chuva fria perfuravam rapidamente os tremeluzentes raios de luz. A lâmpada inimiga parara mas agora começara a luzir novamente.

— Puxa, eles têm um montão de coisas para dizer um para o outro — Miller disse com admiração. — Quanto tempo vai durar essa troca de cortesias, chefe?

— Eu diria que estão quase acabadas. — Mallory dirigiu-se rapidamente para a casa do leme. Estavam a menos de cem pés da entrada do porto. Brown confundira o inimigo, ganhara segundos preciosos que Mallory jamais pensara ganhar. Mas não podia durar. Tocou no braço de Brown. — Dê tudo que puder quando o balão subir. — Dois segundos mais tarde estava de volta à sua posição no convés, a Schmeisser pronta nas mãos. — Sua grande oportunidade, explorador. Não dê aos refletores oportunidade de iluminar-nos, eles o cegariam.

Enquanto falava, a luz do sinalizador na boca do porto cessou abruptamente e dois ofuscantes raios brancos, um de cada lado da entrada do porto, perfuraram deslumbrantes a escuridão, banhando todo o porto com selvagem resplendor que durou um rapidíssimo segundo, mudando para uma contrastante e impenetrável escuridão, quando duas breves rajadas de metralhadora

estraçalhou-os e os inutilizou. De tão curta distância era quase impossível errar.

— Abaixem-se todos! — gritou Mallory. — Rente à coberta!

Os ecos dos disparos morriam, a reverberação dissolvendo-se ao longo do grande muro da fortaleza, quando Casey Brown pôs a todo vapor os seis cilindros da máquina, acelerou tudo, o rugir estrondoso do enorme diesel abafando todos os outros sons da noite. Cinco segundos, dez segundos e passavam pela entrada, quinze, vinte, ainda nem um tiro disparado, meio minuto e estavam a salvo, a proa elevando-se alta sobre o mar e a popa afundada deixando uma fita fosforescentemente branca quando o motor alcançou sua potência máxima e Brown virou a embarcação bruscamente para estibordo buscando a proteção dos íngremes penhascos.

— Uma batalha desesperada, chefe, mas os melhores ganharam. — Miller agora estava de pé, apoiando-se num canhão fixo ao sentir que a coberta gemia sob seus pés. — Meus netos ouvirão falar disso.

— Todos os guardas provavelmente estarão revistando a cidade. Ou talvez houvesse alguns pobres diabos atrás daqueles refletores. Ou, talvez, tenhamos pegado todos de surpresa. — Mallory sacudiu a cabeça. — De qualquer maneira que vocês encarem, tivemos mesmo uma sorte fenomenal.

Dirigiu-se para o timão, Brown no leme e Louki quase cantando de felicidade.

— Você foi magnífico, Casey — disse Mallory sinceramente. — Um trabalho de primeira classe. Pare as máquinas quando chegarmos ao final do penhasco. Nossa tarefa está terminada. Vou para terra.

— Não precisa, major.

Mallory virou-se.

— O que disse?

— Não precisa. Tentei dizer-lhe quando vínhamos para cá mas o senhor me mandava calar. — Louki parecia magoado e virou-se para Casey. — Diminua por favor. A última coisa que Andréa me disse, major, foi que devíamos vir para esses lados. Por que acha

que ele se deixou cercar contra os penhascos ao norte, em lugar de entrar pelo interior onde poderia facilmente esconder-se?

— Isso é verdade, Casey? — perguntou Mallory.

— Não pergunte a mim, capitão. Aqueles dois só falam em grego.

— Naturalmente, naturalmente. — Mallory olhou para os penhascos baixos rente à esteira que agora mal se movia a estibordo, pois os motores estavam parados, e olhou de volta para Louki. — Tem certeza que...

Parou no meio da frase e deu um salto abandonando a casa do leme. O mergulho — som que era inconfundível — viera de um ponto quase diretamente à frente. Mallory, com Miller a seu lado, esquadrinhou a escuridão e viu uma cabeça escura na superfície da água a menos de vinte pés de distância; debruçaram-se com os braços estendidos, enquanto a lancha deslizava lentamente. Cinco segundos mais tarde Andréa se encontrava na cobertura pingando loucamente e todo sorrisos em seu grande rosto de lua cheia. Mallory o levou para a casa do leme e acendeu a suave luz do abajur.

— Puxa, isso é maravilhoso, Andréa! Pensei que nunca mais ia vê-lo! Como foi a coisa?

— Já lhe conto — sorriu Andréa. — Logo depois de...

— Você foi ferido! — interrompeu Miller. — Seu ombro foi atingido! — Apontou para a mancha vermelha que se espalhava no casaco ensopado.

— Bem, acho que fui — Andréa simulou grande surpresa. — Só um arranhão, meu amigo.

— Oh, claro, claro, só um arranhão! Diria o mesmo se arrancassem o braço. Vamos lá para baixo, para o camarote; isso é jardim de infância para um homem com a minha experiência médica.

— Mas o capitão...

— Terá que esperar. E sua história também. O velho Doutor Miller não permite interferência com seus pacientes. Vamos!

— Muito bem, muito bem — disse Andréa docemente. Sacudiu sua cabeça com debochada resignação e seguiu Miller.

Brown acelerou novamente, levou a lancha para o norte quase no cabo Demirci, para evitar que as baterias do porto tentassem qualquer coisa, depois virou algumas milhas para leste, em seguida para o sul até o estreito Maidos. Mallory ficou de pé a seu lado, na casa do leme, contemplando as águas escuras e imóveis. Subitamente percebeu um raio de luz branco a distância, tocou no braço de Brown e apontou para a frente.

— Obstáculos à frente, Casey, acho eu. Recifes talvez?

Casey olhou longamente em silêncio, finalmente sacudiu a cabeça.

— Ondas de proa — disse sem emoção. — São os destróieres que chegam.

XVII

Quarta-Feira à Noite

Meia-noite.

O comandante Vincent Ryan, R.N. Capitão (Destróieres) e oficial comandante do *Sidar*, destróier último tipo classe S de Sua Majestade, olhou à volta da limitada sala de mapas e acariciou pensativo sua magnífica barba à capitão Kettle. Uma coleção dos piores e mais depravados tipos, com a aparência mais maligna que vira, refletiu, exceção feita talvez a uma tripulação de piratas de baía Bias que ajudara a recolher quando jovem oficial servindo na China. Olhou para eles inspecionando-os, acariciou sua barba novamente e pensou que havia mais do que mera falta de escrúpulos. Não lhe encantou nada que lhe confiassem a tarefa de recolher semelhante lote. Perigosos, extremamente perigosos, refletiu, mas impossível saber por quê; havia somente uma quietude, uma vigilância natural que o fazia sentir-se vagamente pouco à vontade. Jensen os havia chamado seus "verdugos"; e o capitão Jensen sabia escolher seus assassinos.

— Alguns dos senhores gostariam de descer? — sugeriu. — Há muita água quente, roupas secas e beliches confortáveis. Não os usaremos esta noite.

— Muito obrigado, comandante. — Mallory disse hesitante. — Mas gostaríamos de ver o fim disto.

— Certo, então para a ponte — disse Ryan animadamente. O *Sidar* estava começando a ganhar velocidade novamente e o convés palpitava sob seus pés. — Naturalmente é por sua conta e risco.

— Confiamos em nossos anjos da guarda — explicou Miller. — Nunca nos acontece nada.

A chuva parará e podiam ver o frio tremeluzir das estrelas entre as nuvens através de clareiras cada vez maiores. Mallory olhou à volta e pôde distinguir Midos a bombordo e a grande massa de Navarone deslizando a estibordo. Por trás, a uma certa distância, podia ver dois outros navios, cujas tenebrosas silhuetas se curvavam cortando as vagas brancas com suas proas. Mallory virou-se para o capitão.

— Nenhum transporte, comandante?

— Nenhum transporte. — Ryan sentiu uma vaga mistura de prazer e embaraço ao ouvir este homem chamá-lo de comandante. — Só destróieres. Vai ser um trabalho rápido. Não há tempo para folgedos essa noite, e já estamos atrasados.

— Quanto tempo para esvaziar as praias?

— Meia hora.

— O quê? Mil e duzentos homens? — Mallory não podia acreditar.

— Mais do que isso. — Ryan suspirou. — A metade dos habitantes quer também vir conosco. Ainda assim poderíamos fazer tudo em meia hora, mas provavelmente demoraremos mais. Vamos embarcar todo o equipamento móvel que conseguirmos.

Mallory assentiu e deixou seus olhos vagarem ao longo dos finos contornos do *Sidar*.

— Onde vai metê-los todos, comandante?

— Uma pergunta oportuna — admitiu Ryan. — O metrô londrino às cinco horas da tarde não é nada comparado com isto. Mas daremos um jeito.

Mallory concordou novamente e olhou para Navarone através das águas escuras. Dois minutos, três no máximo e a fortaleza se abriria por trás da montanha. Sentiu uma mão tocar seu braço,

virou-se um pouco e sorriu para o pequeno grego de olhar tristonho a seu lado.

— Falta pouco, Louki — disse tranqüilamente.

— O povo, major — murmurou. — O povo na cidade. Nada lhes acontecerá?

— Nada lhes acontecerá. Dusty disse que o teto da caverna voará direto. A maior parte dos escombros cairá no porto.

— Sim, mas os barcos...

— Quer parar de se preocupar? Não há ninguém a bordo deles... você bem sabe que têm de sair na hora de recolher. — Olhou à volta sentindo alguém tocar seu braço.

— Capitão Mallory, esse é o tenente Beeston, meu oficial de artilharia. — Havia uma leve frieza na voz de Ryan que fez Mallory desconfiar que ele não morria de amores pelo seu artilheiro. — O tenente Beeston está preocupado.

— Eu estou preocupado! — O tom era gelado, distante, com um indefinido toque de condescendência. — Quero crer que aconselhou o capitão a não oferecer resistência?

— Sua fala parece um comunicado da BBC — disse Mallory secamente. — Mas tem razão. Realmente eu disse isso. O senhor não localizaria os canhões, a não ser com refletores e isso seria fatal. O mesmo sucederia com o fogo dos canhões.

— Infelizmente não entendo suas palavras. — Podia-se quase ver na escuridão o erguer das sobrelanceiras.

— O senhor estaria dando sua posição — disse Mallory pacientemente. — Eles o acertariam na primeira. Dê-lhes dois minutos e o atingirão de qualquer maneira. Tenho boas razões para acreditar que a pontaria de seus artilheiros é fantástica.

— A Marinha também — interveio Ryan tranqüilamente. — O terceiro projétil atingiu o paiol B do *Sybaris*.

— Tem alguma idéia por que há de ser assim, capitão Mallory? — Beeston não estava convencido.

— Canhões controlados por radar — respondeu Mallory rapidamente. — Tem dois enormes exploradores no topo da fortaleza.

— O *Sidar* tem um radar instalado desde o mês passado — Beeston disse rígido. — Creio que poderíamos também marcar uns pontos...

— O senhor não poderia errar. — Miller pronunciou essas palavras num tom seco e provocante. — É uma ilha muito grande, meu chapa.

— Quem... quem é você? — Beeston estava atônito.

— Que diabo quer dizer?

— Sou o cabo Miller. — O americano estava imperturbável. — Esse seu instrumento deve ser muito especial, tenente, para encontrar uma caverna entre cem milhas quadradas de rocha.

Houve um momento de silêncio, Beeston murmurou algo, virou as costas e retirou-se.

— Feriu seus sentimentos, cabo — murmurou Ryan. — Está ansioso para fazer uma experiência. Mas não atiraremos... Quanto falta para passarmos daquele ponto, capitão?

— Não tenho certeza. — Virou-se. — Que acha, Casey?

— Um minuto. Não mais.

Ryan assentiu mas nada disse. Houve um silêncio na ponte, silêncio que intensificava o sibilante ruído das águas se abrindo e o estranho e solitário zumbido do detector de submarinos. No alto, o céu se aclarava firmemente e a lua palidamente luminosa lutava para aparecer através das tênues nuvens. Ninguém falava, ninguém se mexia. Mallory estava consciente da grande forma de Andréa ao seu lado, de Miller, de Brown e Louki atrás dele. Nascido no coração do país, criado aos pés da montanha nos Alpes meridionais, Mallory era um homem típico de terra firme, um estranho em questões de mar e navios: mas nunca se sentira tão à vontade em sua vida, nunca soubera até agora o que era "pertencer a algo". Estava mais do que feliz, Mallory pensou, estava realizado. Andréa e seus novos amigos, e terem conseguido o impossível... como poderia um homem não se sentir realizado? Nem todos voltavam para casa, Andy Stevens não estava entre eles, mas estranhamente não sentia pesar e sim uma leve melancolia... Quase como se adivinhasse o que Mallory pensava, Andréa se inclinou para ele na escuridão.

— Ele devia estar aqui — murmurou — Andy Stevens devia estar conosco. Não é isso que está pensando?

Mallory concordou e sorriu, mas nada disse.

— Mas não importa, não é, Keith? — Não havia ansiedade, nem mesmo era uma pergunta, somente a constatação de um fato. — Na verdade não importa.

— Não importa nada.

Enquanto falava, levantou os olhos. Uma luz, uma brilhante chama alaranjada havia se elevado do muro da fortaleza; haviam passado da ponta e não se dera conta. Houve um rugido sibilante — Mallory incongruentemente pensou num trem expresso saindo de um túnel — diretamente sobre suas cabeças e o grande projétil se estourou no mar, diante deles. Inconscientemente, Mallory apertou seus lábios e cerrou os punhos. Agora era fácil ver como o *Sybaris* fora atingido.

Ouviu o oficial de artilharia dizer algo ao capitão, mas não registrou as palavras. Olhavam para ele, e ele os olhava, mas não os via. Sua mente estava distante. Outro projétil viria a seguir? Ou viria o eco sobre a superfície do mar, o rugido daquele primeiro obus? Ou talvez... Novamente voltara para o escuro paiol situado nas rochas, só que agora podia ver os homens lá, homens que ignoravam estarem condenados, podia ver como as roldanas superiores levavam os projéteis até o poço do elevador, podia ver os obuses descendo lentamente, os fios elétricos expectantes e nós a menos de uma polegada de distância, a brilhante roda girando suavemente pelo reluzente trilho, o ligeiro baque quando o projétil

...

Uma branca coluna de chamas se elevou a centenas de pés dentro da noite até o céu quando a tremenda explosão arrancou o coração da grande fortaleza de Navarone. Nenhum fogo depois, nem escuras e ondulantes nuvens de fumaça, mas tão-somente a deslumbrante coluna branca que iluminou toda a cidade durante um breve instante, alcançando uma altura incrível até tocar nas nuvens, e sumiu como se nunca tivesse existido. E, então, pouco a pouco, vieram as ondas explosivas, o solitário fragor da explosão que os fez cambalear mesmo àquela distância, e, finalmente, o profundo

rumor de milhares de toneladas de rochas desmoronando majestosamente sobre o porto... Milhares de toneladas de rocha que arrastavam em sua queda os dois canhões de Navarone.

O rumor ainda estava em seus ouvidos, o eco se perdia na distância sobre o mar Egeu, quando as nuvens se abriram e a lua surgiu. Uma lua cheia prateando as águas escuras e frisadas a estibordo, brilhando fosforescente através da esteira do *Sidar*. E em frente, na proa, banhada no argênteo luar, misteriosa e remota a ilha de Kheros dormia sobre a superfície do mar.

{1} *Força Expedicionária da Austrália e Nova Zelândia. (N. do T.)*

{2} *Non Commissioned Officer: oficial subalterno. (N. do T.)*